



POVOS DE TERREIROS

2015

**CANDOMBLÉ
E UMBANDA
NO SERTÃO:
CARTOGRAFIA SOCIAL
DOS TERREIROS DE
PETROLINA/PE E
JUAZEIRO/BA**



Juracy Marques e Joaquim Novaes
ORGANIZADORES

POVOS DE TERREIROS

2015

**CANDOMBLÉ
E UMBANDA
NO SERTÃO:
CARTOGRAFIA SOCIAL
DOS TERREIROS DE
PETROLINA/PE E
JUAZEIRO/BA**

1ª Edição

Petrolina/PE
2015

CANDOMBLÉ E UMBANDA NO SERTÃO - CARTOGRAFIA SOCIAL DOS TERREIROS DE JUAZEIRO/BA E PETROLINA/PE (2015)

Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

Coord. Alfredo Wagner Berno de Almeida

Cartografia dos Povos e Comunidades Tradicionais da Bacia do São Francisco

Coord. Juracy Marques dos Santos

Publicação: **CANDOMBLÉ E UMBANDA NO SERTÃO: Cartografia Social dos Terreiros de Juazeiro/BA e Petrolina/PE**

Realização: **Povos de Terreiros de Candomblé e Umbanda de Juazeiro/BA e Petrolina/PE**

Coordenadores da Pesquisa

Juracy Marques

Joaquim Novaes

Equipe de Pesquisa

Alzení Tomáz, Antônio Carvalho, Aurilene Rodrigues, Auselita Brito, Carla Dantas, Carlos Alberto, Ceres Santos, Cleonice Vergne, Edivanea Granja, Elis Rejane, Glaide Pereira, Joaquim Ferreira, Joelma Reis, Luana Louse, Patrícia Lopes, Kerly Xavier, Luciano Bonfim, Marcelo Ribeiro, Márcia Guena, Pedro Diniz, Ricardo Bitencourt, Roberto Oliveira, Robson Marques, Silvia Nonata, Uilson Viana e Weligthon Amâncio.

Fotos

Juracy Marques e Pedro Diniz

Projeto Gráfico e Diagramação

Ana Paula Arruda

Apoio

Associação Espírita e de Cultos Afro-brasileiros, Akbantu, NECTAS, Sociedade Brasileira de Ecologia Humana (SABEH), PPGCOH, PPGESA, FACAPE e UNEB/CAMPUS III.



Dedicamos este livro a
Mãe Euzinha e Pai Tutu,
in memoriam.



CONSELHO EDITORIAL

Dr. Juracy Marques dos Santos – Brasil (NECTAS/UNEB/FACAPE) – Editor-Chefe
Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida (UFAM/PPGAS)
Dr. Martín Boada Jucá – Espanha (UAB)
Dra. Iva Miranda Pires (FCSH-Portugal)
Dra. Maria Cleonice de Souza Vergne (CAAPA/PPGEcoH/UNEB)
Dra. Eliane Maria de Souza Nogueira (NECTAS/PPGEcoH/UNEB)
Dr. Jairton Fraga de Araújo (CAERDES/UNEB)
Dr. Fábio Pedro Souza de F. Bandeira (UEFS/PPGEcoH)
Dr. José Geraldo Wanderley Marques (UNICAMP/UEFS/PPGEcoH)
Dr. Paulo Magalhães - Portugal (QUERCUS)
Dr. Júlio Cesar de Sá Rocha (PPGEcoH/UNEB)
Dra. Flavia de Barros Prado Moura (UFAL)
Dr. Sérgio Malta de Azevedo (PPGEcoH/UFC)
Dr. Ronaldo Alvim (UFS)
Dr. Artur Dias Lima (UNEB/PPGECO)
Dr. Feliciano de Mira (PPGECO)
Dr. Adibula Isau Badiu (Nigéria)
Dra. Alpina Begossi (UNICAMP)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Dr. Geraldo Jorge Barbosa de Moura - UFRPE
Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida (UFAM/PPGAS)
Dr. Marcelo Silva Ribeiro – UNIVASF
Dr. Edmerson dos Santos Reis - UNEB
Dr. João José de Santana Borges – UNEB
Dr. Josenilton Nunes Vieira - UNEB
Dra. Amazile López - PPGECO

Marques, Juracy.
M357c Candomblé e Umbanda no sertão: cartografia social
dos terreiros de Petrolina-PE e Juazeiro-BA/ Juracy
Marques; Joaquim Novais. Paulo Afonso/BA: Editora da
SABEH, 2015.
404p. :il.

ISBN 978-85-5600-0002

1. Antropologia 2. Religiões
I- Título

CDD 301



**CANDOMBLÉ E UMBANDA NO SERTÃO:
Cartografia Social dos Terreiros de Petrolina/PE e
Juazeiro/BA**

SUMÁRIO

Cartografia Social dos Terreiros de Petrolina/PE e Juazeiro/BA..... 7

**A Pele do Orixá: Infância, Educação e Ecologia nos Terreiros de
Candomblé e Umbanda de Petrolina/PE e Juazeiro/BA, Brasil 25**

Terreiros em Petrolina/PE 51

Terreiro de Pai Jorge 53

Terreiro de Pai Gildo 73

Centro Mãe Socorro 87

Edna Paula, 38 anos, Filha de Mãe Socorro 103

Pai Valter 111

Casa de Mãe Laurice 121

Terreiro de Júlia e João 143

Terreiro de Pai Adilson 153

Terreiro Ogum de Ronda de Mãe Quinha 173

Ilê Dará Axé Omo Logun Edé 181

Terreiro Abassá Senhor Oxóssi de Mãe Verinha 197

Terreiro Ilê Axé Odara Oxum Opará de Mãe Fátima 205

Herança no Terreiro de Mãe Euzinha 211

Terreiro Ilê Axé Ogun Opô Odundun de Pai Eduardo 219

Ecologia de Sangue: Interpretações Jurídicas dos Sentidos Sagrados dos Povos de Terreiros 225

**“Não tenho parte com a Umbanda. É couro mesmo, nada de palmas”:
Aproximação e Distanciamento de uma Ancestralidade Africana 251**

Terreiros em Juazeiro/BA 269

Ilê Asé Omynkayodé 271

Ioná Pereira da Silva – Makota Yalomifã 275

Terreiro Bandalecon de Mãe Maria de Tempo 293

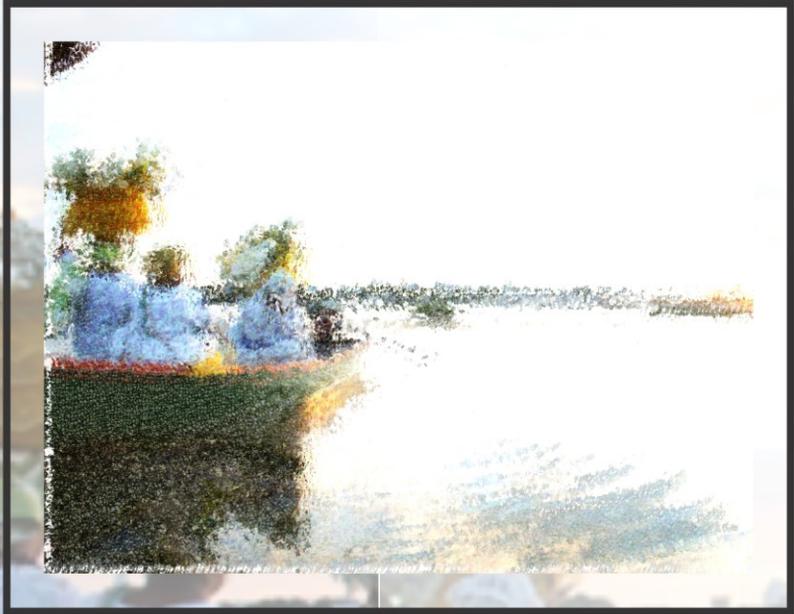
Ilê Timim Iguibali Tô Axé 307

Ylê Axé Airan Onidancô 321

**Rezadeiras e Rezadores: Práticas Tradicionais de Rezadeiras e
Rezadores no Semiárido Brasileiro 331**

Entrevista com o Sr. José Silvestre Sobrinho (Zé do Vira Beijú) . 353

Iconografia 359



**CARTOGRAFIA SOCIAL
DOS TERREIROS DE
PETROLINA/PE E
JUAZEIRO/BA**



Juracy Marques
Joaquim Novaes
Organizadores



Figura 1 - Diferentes gerações de Valorixás e Babalorixás de Petrolina (MARQUES, 2013).

A humanidade negra constitui a base da origem humana. A ciência tem mostrado que os primeiros seres humanos que ocuparam a Terra vieram da África onde estão, também, os primeiros registros da relação da civilização humana com as divindades, com as forças sagradas, com os princípios intraduzíveis da criação do Universo, com uma Natureza Integral onde atuam as tempestades, os trovões, os raios, a noite, a chuva, os mares, os rios, o sol, a lua, as estrelas, as plantas, as flores, as árvores, os animais, os metais, a lama, os mangues, as montanhas, a fertilidade da terra, os segredos das folhas, as

nuvens, os ventos, o tempo, ou seja, a força dos orixás, comumente interpretados como “espíritos da natureza”.

Segundo Pierre Verger (1997) na África, o culto de deuses como os orixás, feitos em famílias ou cidades, particularmente entre os povos de língua ioruba, direcionam-se a antepassados que se transformaram em energias, uma das traduções para essas entidades cultuadas em religiões de matrizes africanas. Orixá é energia.



Figura 2 - Omolú orixá da saúde, filho de Nanã e Oxalá (MARQUES, 2014).

Prandi¹ nos diz que “na aurora de sua civilização, o povo africano mais tarde conhecido pelo nome de Iorubá, chamado de Nagô no Brasil e Lucumi em Cuba, acreditava que forças sobrenaturais impessoais, espíritos, ou entidades

¹ PRANDI, Reginaldo. **Segredos Guardados: Orixás na Alma Brasileira**. CIA das Letras, 2006.

estavam presentes ou corporificados em objetos e forças da natureza”.

Quando falamos de orixás, nos reportando às tradições e heranças culturais dos povos africanos, devemos pensar sempre que se trata de uma religião que tem na natureza seus fundamentos e a ela devota intenso respeito. Portanto é, por princípio, uma religião ecológica. Pierre Verger, na sua obra “Orixás” (2002) afirma que:

O Orixá é uma força pura, àse imaterial que se torna perceptível aos seres humanos incorporando-se em um deles. Esse ser escolhido pelo orixá, um de seus descendentes, é chamado de elégun, aquele que tem o privilégio de ser “montado”, gun, por ele. Torna-se o veículo que permite ao orixá voltar a terra para saudar e receber as provas de respeito de seus descendentes que o evocaram.



Figura 3 - Balaios para Oxum na orla de Petrolina (MARQUES, 2015).

Quando falamos em Candomblé ou Umbanda, em qualquer parte do mundo, voltamos a este lugar que tem uma importância muito grande para todos nós: a África, a Terras dos Negros, dos Pretos. Na veia do povo brasileiro corre o sangue africano. Nos terreiros reencontramos a memória das nações africanas que vieram para o Brasil no período colonial; religamos-nos a uma memória de África reelaborada, vivida de um jeito muito especial nas terras brasileiras. No Semiárido essa ligação é fantástica!

Para **Pai Jorge** (2014) o Candomblé “é uma religião de trocas de energias, onde se busca a paz, a saúde, o equilíbrio e o amor, ou seja, a vida. É uma religião onde nós renascemos; onde estabelecemos laços de família; no fundo tudo é uma grande comunidade aqui”, diz.



Figura 4 - Pai Jorge, Presidente da Associação Espírita e de Cultos Afro-brasileiros (MARQUES, 2014).

As religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda, sempre foram perseguidas. Na época colonial no Brasil a religião oficial era o catolicismo, tendo sido o Candomblé muito perseguido. Ainda no ano de 1857, em Salvador, terra dos candomblés, eram proibidos batuques, danças e reuniões de escravos sob pena de oito dias de prisão (ARAÚJO, 2006). Passadas décadas, ainda em 1950, na Bahia, para se bater Candomblé era preciso autorização da Secretaria de Segurança Pública. Somente em 1988, com a Constituição Federal, é que se tornou “inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias” (ART. 5º., VI).

Pai Gildo, hoje o Babalorixá mais antigo entre as cidades de Juazeiro e Petrolina, e que tem mais de 50 anos vivendo ou no Candomblé ou na Umbanda, a partir de sua experiência fala que ambas as religiões são muito importantes e que se hoje está no Candomblé é apenas por uma questão de escolha, mas acha a Umbanda uma religião tão especial quanto o Candomblé. Ratifica: “o importante é você zelar pelos seus santos, pelos seus orixás. Tenho um amor enorme por meus guias. Sou muito feliz assim”.

Mãe Socorro, uma das Yalorixás mais antigas de Petrolina está nessa religião desde pequena. Fala que toda a sua dedicação à Umbanda e ao Candomblé é porque seu destino foi cuidar da saúde das pessoas e isso, acredita, é uma das coisas mais maravilhosas da sua religião: “aqui muita gente encontra a cura para seus problemas, todos nós, no fundo, buscamos a paz, a saúde, a harmonia, a alegria, a felicidade”.



Figura 5 - Pai Gildo e Mãe Socorro, baluartes do Candomblé na Região (MARQUES, 2014).

Conhecemos o processo de saída dos negros africanos para outros mundos no período colonial, sobretudo, quando parte deles foi escravizada. Então não devemos nos referir ao Povo Africano como “escravos”, pois a escravidão não é identidade de ninguém, mas uma maldição, uma das piores experiências que um ser humano experimenta com outro da sua espécie. Para a América foram trazidos cerca de 15 milhões de negros escravizados (CASMORE, 2000) e para o Brasil em torno de 3,5 milhões (ROGER BASTIDE, 1971).

Trouxeram os negros, mas o que os negros trouxeram? O que carregavam os negros nos sacos de suas almas, nos seus espíritos, quando seus corpos foram levados a mundos longínquos da África? Conhecida como “diáspora africana”, o processo de retirada de africanos para as Américas e outras partes do mundo, o entendemos como a

“revoada das almas negras”. A escravidão trouxe pássaros de asas longas para outros ninhos. Se pensarmos numa senzala, por exemplo, ali, na solidão de cada um dos escravos, em suas saudades, em suas dores inconfessáveis, evocaram as coisas mais nobres sobre suas lembranças das terras onde nasceram, foram crianças, amaram, sonharam com sua liberdade. Desses pedaços de suas almas é que nasceu, no Brasil, o Candomblé e a Umbanda. São religiões que surgiram da alma saudosa da mãe África. Os cantos evocados nas noites, nas entocas, nas matas, saíam do coração e atravessavam o Atlântico, trazendo para o Brasil um novo jeito de como os corpos e almas encontravam-se com a natureza. Pelos cantos, pelos toques, pelos ritos, as almas negras entravam na natureza e a natureza permitia-se entrar nas almas negras.



Figura 6 - “Com o Canto e o Tambor ligamos os Orixás a Terra”, Caio Ogan (MARQUES, 2014).

A costa brasileira foi o primeiro lugar de chagada do povo africano. Depois foram diversos processos de interiorização dessas pessoas no Brasil. Deveras como escravos, mas entrar dentro do coração do Brasil, nos Sertões, foram passos pela liberdade. As novas moradas feitas pelos negros que fugiram da escravidão era um lugar da esperança, da renovação dos sonhos. A maioria dos quilombos, por exemplo, são encontros por um sentido profundo de experimentar, novamente e em novas terras, a liberdade.

Há diferentes diásporas dentro da diáspora africana. A do Sertão do Brasil é uma delas. Nesse trabalho, que chamamos de **Cartografia Social dos Terreiros de Candomblé e Umbanda de Juazeiro e Petrolina**, estamos falando de uma delas, da forma como foram organizadas as religiões de matrizes africanas aqui nas beiras do São Francisco, mais precisamente, na cidade de Juazeiro/BA e Petrolina/PE.

As pesquisas sobre os terreiros de Candomblé e Umbanda na região do São Francisco são quase inexistentes. São grupos submetidos historicamente a violentos processos de invisibilização. As pessoas se assustam quando se dão conta que nessa região ha quase cinco centenas de casas que cultuam orixás, *cabocos*, pretos velhos, marujos, entre outras entidades.

Preliminarmente, a pesquisa da Cartografia Social dos Terreiros mostrou que nesses espaços sagrados juntam-se “casa de morada” e o “terreiro”. A maioria dos Yalorixás e Babalorixás tem seus terreiros associados a sua casa de morada, muitos deles em fase de construção. É admirável ver o amor devotado por essas pessoas ao Candomblé e a Umbanda. Entre os códigos que identificam esses terreiros está a presença de diversas plantas tidas como sagradas, particularmente o “acoco”.



Figura 7 - Akokô (MARQUES, 2014).

Relatos orais (JORGE, 2014) falam que tudo começou nos quilombos que deram origem a essa região. “Neles já se batia tambor, já se cultuavam os orixás, tudo derivado da história do povo negro que veio da África”, descreve Pai Jorge (2014).

Hoje, segundo dados da Associação Espírita e de Cultos Afro-brasileiro, fundada em 17 de dezembro de 2007, entre Petrolina e Juazeiro, **são mais de 400 terreiros** envolvendo Candomblé, Umbanda, tendas, casas brancas, casas de sessão, centros espíritas de orientação umbandista, mesas brancas, casas de orações, entre outras.

Por aqui as festas que tem mais visibilidades tanto no Candomblé quanto na Umbanda são: 01 de janeiro – festa de Oxalá, orixá da paz; 02 de fevereiro – festa de Yemanjá, orixá do mar; No carnaval – lavagem dos povos de terreiros e desfiles de blocos afros; em maio parte dos terreiros

comemoram as festas de Ogum, orixá dos metais; 23 de abril – festa de Oxossi, orixá das plantas e dos bichos; 13 de maio – festas para os pretos velhos; em junho os terreiros festejam Xangô, orixá do fogo, da justiça; 16 de agosto festejam-se os Olubajés de Omolú e Obaluaê - orixás da saúde; ainda em agosto fazem oferendas a Oxum Maré, orixá das águas doces, das cachoeiras; 27 de setembro – festas para Cosme, Damião, Ibejes e Erês, orixás crianças, da alegria; 08 de dezembro – festa de Oxum, orixá das águas do rio; 20 de novembro – dia da consciência negra; 04 de dezembro, festa de Iansã, orixá dos raios, das tempestades.



Figura 8 - Pai Teodoro em festa de Oxum na orla de Petrolina (MARQUES, 2014).

Prandi no seu livro **“Segredos Guardados: Orixás na Alma Brasileira”** ao falar do arquétipo de Onilé, Dona da Terra, apresenta-nos a beleza dos orixás:

Onilé era a filha mais recatada e discreta de Olodumare. Vivia trancada em casa do pai e quase ninguém a via. Quase

nem se sabia de sua existência. Quando os orixás seus irmãos se reuniam no palácio do grande pai para as grandes audiências em que Olodumare comunicava suas decisões, Onilé fazia um buraco no chão e se escondia, pois sabia que as reuniões sempre terminavam em festa, com muita música e dança ao ritmo dos atabaques. Onilé não se sentia bem no meio dos outros.

Um dia o grande deus mandou os seus arautos avisarem: haveria uma grande reunião no palácio e os orixás deviam comparecer ricamente vestidos, pois ele iria distribuir entre os filhos as riquezas do mundo e depois haveria muita comida, música e dança.

Por todo os lugares os mensageiros gritaram esta ordem e todos se prepararam com esmero para o grande acontecimento. Quando chegou por fim o grande dia, cada orixá dirigiu-se ao palácio na maior ostentação, cada um mais belamente vestido que o outro, pois este era o desejo de Olodumare. Iemanjá chegou vestida com a espuma do mar, os braços ornados de pulseiras de algas marinhas, a cabeça cingida por um diadema de corais e pérolas, o pescoço emoldurado por uma cascata de madrepérola. Oxóssi escolheu uma túnica de ramos macios, enfeitada de peles e plumas dos mais exóticos animais. Ossaim vestiu-se com um manto de folhas perfumadas. Ogum preferiu uma couraça de aço brilhante, enfeitada com tenras folhas de palmeira. Oxum escolheu cobrir-se de ouro, trazendo nos cabelos as águas verdes dos rios. As roupas de Oxumarê mostravam todas as cores, trazendo nas mãos os pingos frescos da chuva. Iansã escolheu para vestir-se um sibilante vento e adornou os cabelos com raios que colheu da tempestade. Xangô não fez por menos e cobriu-se com o trovão. Oxalá trazia o corpo envolto em fibras alvíssimas de algodão e a testa ostentando uma nobre pena vermelha de papagaio. E assim por diante. Não houve quem não usasse toda a criatividade para apresentar-se ao grande pai com a roupa mais bonita. Nunca se vira antes tanta ostentação, tanta beleza, tanto luxo. Cada orixá que chegava ao palácio de Olodumare provocava um clamor de admiração, que se ouvia por todas as terras existentes. Os

orixás encantaram o mundo com suas vestes. Menos Onilé. Onilé não se preocupou em vestir-se bem. Onilé não se interessou por nada. Onilé não se mostrou para ninguém. Onilé recolheu-se a uma funda cova que cavou no chão. Quando todos os orixás haviam chegado, Olodumare mandou que fossem acomodados confortavelmente, sentados em esteiras dispostas ao redor do trono. Ele disse então à assembléia que todos eram bem-vindos. Que todos os filhos haviam cumprido seu desejo e que estavam tão bonitos que ele não saberia escolher entre eles qual seria o mais vistoso e belo. Tinha todas as riquezas do mundo para dar a eles, mas nem sabia como começar a distribuição. Então disse Olodumare que os próprios filhos, ao escolherem o que achavam o melhor da natureza, para com aquela riqueza se apresentar perante o pai, eles mesmos já tinham feito a divisão do mundo. Então lemanjá ficava com o mar, Oxum com o ouro e os rios. A Oxóssi deu as matas e todos os seus bichos, reservando as folhas para Ossaim. Deu a Iansã o raio e a Xangô o trovão. Fez Oxalá dono de tudo que é branco e puro, de tudo que é o princípio, deu-lhe a criação. Destinou a Oxumarê o arco-íris e a chuva. A Ogum deu o ferro e tudo o que se faz com ele, inclusive a guerra. E assim por diante. Deu a cada orixá um pedaço do mundo, uma parte da natureza, um governo particular. Dividiu de acordo com o gosto de cada um. E disse que a partir de então cada um seria o dono e governador daquela parte da natureza. Assim, sempre que um humano tivesse alguma necessidade relacionada com uma daquelas partes da natureza, deveria pagar uma prenda ao orixá que a possuísse. Pagaria em oferendas de comida, bebida ou outra coisa que fosse da predileção do orixá. Os orixás, que tudo ouviram em silêncio, começaram a gritar e a dançar de alegria, fazendo um grande alarido na corte. Olodumare pediu silêncio, ainda não havia terminado. Disse que faltava ainda a mais importante das atribuições. Que era preciso dar a um dos filhos o governo da Terra, o mundo no qual os humanos viviam e onde produziam as comidas, bebidas e tudo o mais que deveriam ofertar aos orixás. Disse que dava a Terra a quem

se vestia da própria Terra. Quem seria? perguntavam-se todos? "Onilé", respondeu Olodumare. "Onilé?" todos se espantaram. Como, se ela nem sequer viera à grande reunião? Nenhum dos presentes a vira até então. Nenhum sequer notara sua ausência. "Pois Onilé está entre nós", disse Olodumare e mandou que todos olhassem no fundo da cova, onde se abrigava, vestida de terra, a discreta e recatada filha. Ali estava Onilé, em sua roupa de terra.

Onilé, a que também foi chamada de Ilê, a casa, o planeta. Olodumare disse que cada um que habitava a Terra pagasse tributo a Onilé, pois ela era a mãe de todos, o abrigo, a casa. A humanidade não sobreviveria sem Onilé. Afinal, onde ficava cada uma das riquezas que Olodumare partilhara com filhos orixás? "Tudo está na Terra", disse Olodumare.

"O mar e os rios, o ferro e o ouro, os animais e as plantas, tudo", continuou. "Até mesmo o ar e o vento, a chuva e o arco-íris, tudo existe porque a Terra existe, assim como as coisas criadas para controlar os homens e os outros seres vivos que habitam o planeta, como a vida, a saúde, a doença e mesmo a morte". Pois então, que cada um pagasse tributo a Onilé, foi a sentença final de Olodumare. Onilé, orixá da Terra, receberia mais presentes que os outros, pois deveria ter oferendas dos vivos e dos mortos, pois na Terra também repousam os corpos dos que já não vivem. Onilé, também chamada Aiê, a Terra, deveria ser propiciada sempre, para que o mundo dos humanos nunca fosse destruído. Todos os presentes aplaudiram as palavras de Olodumare. Todos os orixás aclamaram Onilé. Todos os humanos propiciaram a mãe Terra.

E então Olodumare retirou-se do mundo para sempre e deixou o governo de tudo por conta de seus filhos orixás.



Figura 9 - Beleza dos Orixás (MARQUES, 2014).

Ao nos debruçarmos sobre esse trabalho, queremos contribuir para que o racismo e a discriminação tão evidentes em nossa sociedade diminuam. Sabemos que parte do que chamamos “intolerância religiosa”, advém, também, desses estágios de ignorância e desconhecimento.

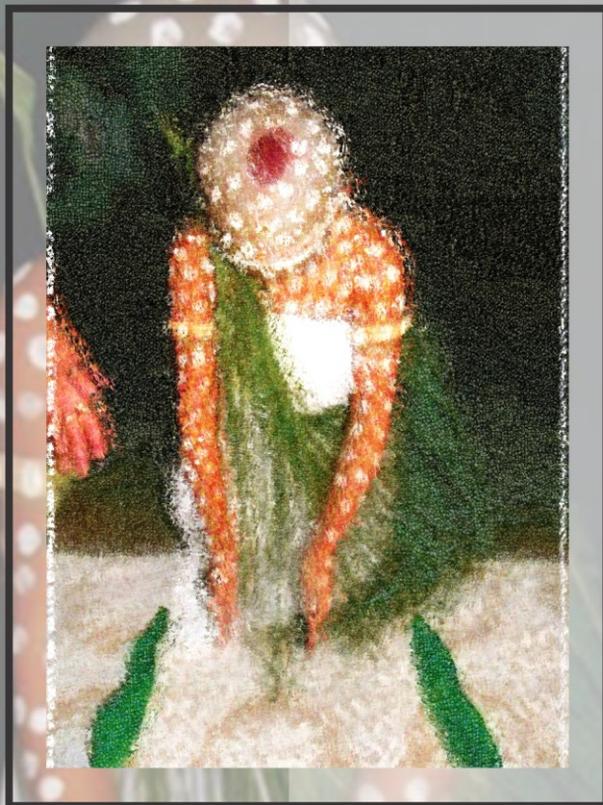
Este livro, diferente do de Paulo Afonso/BA e de Jaguarari/BA, ambos construídos com a fala dos Babalorixás e Yalorixás, somente, traz como marco diferencial a inserção dos artigos produzidos pela equipe de pesquisadores sobre problemáticas que iam emergindo no cotidiano dos terreiros de Candomblé e Umbanda das cidades de Juazeiro e Petrolina, destacando-se: a presença e iniciação de crianças nos terreiros, processos de criminalização de terreiros em virtude da matança de animais, a forma como os terreiros pensam a diferença entre Candomblé e Umbanda, o lugar das rezadeiras e dos rezadores e suas relações com a

Umbanda e o Candomblé, entre outros. Os artigos serão apresentados na forma como foram escritos e publicados.

Escrever a história dos povos de terreiros de Juazeiro e Petrolina permitiu-nos perceber a cultura de um fascinante processo de estruturação das identidades humanas no Brasil. Certamente, trabalhos como esses podem ajudar educadores e educadoras nas escolas que, conforme determinações legais, precisam trabalhar o ensino da história dos povos negros e indígenas nas escolas. Nada mais fascinante do que contar essa história a partir da vida de pessoas tão especiais como os povos de terreiros dessa região do São Francisco, a quem somos gratos pelas acolhidas nesses dois anos da nossa pesquisa.

PESQUISADORES VISITANDO OS TERREIROS





**A PELE DO ORIXÁ: INFÂNCIA,
EDUCAÇÃO E ECOLOGIA NOS
TERREIROS DE CANDOMBLÉ E
UMBANDA DE PETROLINA/PE E
JUAZEIRO/BA, BRASIL**

Artigo apresentado no II Congresso Internacional de Ecologia Humana realizado em Paulo Afonso, em 2014.



Juracy Marques

Doutor em Cultura e Sociedade, pós-doutor em Antropologia e em Ecologia Humana, Prof. da UNEB – Universidade do Estado da Bahia e da FACAPE – Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Petrolina, Presidente da Sociedade Brasileira de Ecologia Humana - SABEH – juracymarques@yahoo.com.br

Joaquim Novaes

Médico, especialista em Ginecologia e Obstetria. MBA em Gestão Empresarial – joaquim.novaes@gmail.com

Iva Miranda Pires

Professora do doutorado em Ecologia Humana da Universidade Nova de Lisboa – FCSH-UNL – im.pires@fcs.unl.pr

Kerly Mariana Marques Xavier

Graduanda em Engenharia Agrônoma na Universidade Federal do São Francisco – UNIVASF - kerlyxavier@hotmail.com

Wellington Amâncio da Silva

Mestrando em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental – UNEB/PPGEcoH. É vinculado ao grupo de pesquisa “Memória, Identidade, Territorialidade, Educação do/no Campo e Espaços de Sociabilidade” – OPARÁ – welliamancio@hotmail.com

Alzení de Freitas Tomáz

Bacharel em Direito; Coordenadora do LAPEC/NECTAS (Laboratório de Cartografia Social do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Povos e Comunidades Tradicionais e Ações Socioambientais - UNEB/Campus VIII - alzeni@nectas.com.br

Robson Marques

Formado em Educação Física; Membro do NECTAS. robsonmarquesambiente@yahoo.com.br



Figura 10 - Criança raspada e catulada² – Terreiro de Mãe Neta (TOMAZ, 2013).

RESUMO: Este artigo discute processos de aprendizagens e suas relações com a ecologia experimentados por crianças em terreiros de Candomblé e Umbanda em Petrolina/PE e Juazeiro/BA, Sertão do Brasil. Foi construído a partir do

² Incisões, cortes sagrados no corpo.

diálogo com pais, Yalorixás, Babalorixás, educadores e as próprios crianças sobre os sentidos de suas presenças nos terreiros, a partir dos quais se analisou os saberes tradicionais ancorados na oralidade e suas interfaces com a natureza, usando como ferramenta metodológica a construção da cartografia social dos terreiros pesquisados. Este trabalho está vinculada ao Projeto Nova Cartografia Social do Brasil, com sede na Amazônia. Sendo um dos produtos desse projeto, evidencia a complexidade e preciosidade do lugar da infância nos terreiros como uma escolha ancestral, mas também como uma construção da cultura dos povos de descendência negra e de práticas religiosas de matriz africana como o Candomblé e a Umbanda que, permanentemente, se ressignificam em solos brasileiros.

PALAVRAS-CHAVE: Ecologia, Candomblé, Umbanda, Infância, Educação.

ABSTRACT: This article discuss learning tactics and their relationships with the ecology experienced by children in Candomblé houses and Umbanda in Petrolina/PE e Juazeiro/BA, Brazil's backland. It was built from the dialogue with parents, Yalorixás, Babalorixás, educators and the children about the meaning of their presence on the Candomblé houses, their learning tactics and the relationships with nature, using as a methodological tool to build the social cartography of Candomblé houses and Umbanda from Juazeiro and Petrolina, situated on border between Bahia and Pernambuco, in Brazil's semiarid region, research linked to the project of The New Social Cartography of Brazil. This study is a product of this project and show the

complexity and preciousness of the childhood place on Candomblé houses as a ancestral choice, but also as a culture construction of descendant black people and religious practices of African origin as Candomblé and Umbanda, that permanently become Brazilian soils.

KEYWORDS: Ecology, Candomblé, Umbanda, Childhood, Education.

1. INTRODUÇÃO

Iroco, que na África é simplesmente o nome de uma grande árvore, aqui se transformou no orixá Iroco, que recebe oferendas na gameleira branca e desce em transe, ganhando, cada vez mais, independência em relação à árvore, situando-se, por conseguinte, mais longe da natureza. (PRANDI, 2006)

A análise presente neste trabalho é uma das folhas da grande árvore da diáspora africana. Para as Américas, estima-se (CASHMORE, 2000), foram trazidos cerca de 12 a 15 milhões de africanos. Roger Bastide (1971) ratifica que, para o Brasil, foram trazidos cerca de 3,5 milhões de negros escravizados. Dessa experiência produziu-se e enraizou-se em terras brasileiras o Candomblé e a Umbanda.

A discursividade presente neste artigo refere-se à presença de crianças em processos de aprendizagens das práticas ritualísticas em terreiros de Candomblé e Umbanda no Semiárido³ do Brasil. Ao mesmo tempo em que pensa a

³ “Um dos tantos ‘sertões’ presentes na territorialidade brasileira” (CARVALHO, 2012).

educação nesses complexos espaços, infere uma análise sobre uma ecologia profunda experimentada nos fundamentos dessas religiões de matriz africana. Para Júnior (2012:30):

Podemos dizer que embora tenham uma raiz comum, as duas religiões se opõem como dois polos de um mesmo imã: um representa o Brasil e o outro, a África. A Umbanda corresponde à integração das práticas afro-indígenas na moderna sociedade brasileira. O Candomblé, ao contrário, significa a conservação da memória coletiva africana no solo brasileiro. Dessa forma, se inscreve uma ruptura entre a Umbanda e o Candomblé: para a primeira, a África deixa de constituir fonte de inspiração do sagrado – o que é afro-indígena torna-se brasileiro – e, para o segundo, a África conota a ideia de um retorno nostálgico à mãe-terra.

Segundo Berkenbrock (in COUTO, 2012:42) “a palavra Candomblé provém provavelmente de *candom*, uma espécie de tambor. A terminação *blé* não é conhecida nas línguas sudanesas e seria provavelmente uma corruptela da língua no Brasil. Já em Silva (2006) encontramos a indicação etimológica de que o termo *Candomblé* é de origem Banto, região africana entre a Nação Gêge e Nagô e significa “casa onde batem os pés”.

Júnior (2012:43) diz que o Candomblé refere-se a universos complexos construídos pelos diferentes povos africanos que chegaram ao Brasil no período da escravidão quer seja os reinos de Angola e Congo, ou os reinos de fala ioruba, ou ainda do extinto império do Daomé ou de povos vindos da região sul do deserto do Saara. “Trata-se de uma incalculável diversidade que aqui recebeu denominações genéricas de congo, angola, malê, jêje, hauça, axante, ewe, fon, ijexá, nagô, e assim por diante”, descreve Júnior.

Pesquisadores como Ramos (2011) ratifica que o Candomblé é uma religião brasileira, embora possua fortes relações com as raízes africanas. Segundo Prandi (2006) :

No Brasil, com a concentração do culto aos orixás nos terreiros, sob a autoridade suprema do pai ou mãe-de-santo, antigas confrarias africanas especializadas desapareceram, uma vez que o pai-de-santo passou a controlar toda e qualquer atividade religiosa desenvolvida nos limites de sua comunidade de culto. Os orixás dessas confrarias foram esquecidos ou se transformaram.

Para Prandi (2003), a Umbanda é um ramo afro-brasileiro e se formou no século XX, no Sudeste, e representa uma síntese do antigo Candomblé da Bahia, transplantado para o Rio de Janeiro na passagem do século XIX para o XX, com o espiritismo kardecista, que veio da França no final do século XIX.

São múltiplas as definições e os sentidos atribuídos ao Candomblé e a Umbanda em nosso país como são infinitos os sentidos experimentados pelos sujeitos que vivenciam essas religiões de fortes relações com a história do povo negro. No Semiárido brasileiro essas realidades ganham contornos bem particulares.

Na obra “Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais” (2003) Stuart Hall analisa que o que existe é uma *metáfora da África*:

África é o significativo, a metáfora, para aquela dimensão de nossa sociedade e história que foi maciçamente suprimida, sistematicamente desonrada e incessantemente negada e isso, apesar de tudo que ocorreu, permanece assim. Essa dimensão constitui aquilo que Frantz Fanon denominou de “o fato da negritude”. A raça permanece, apesar de tudo, o segredo culposo, o código oculto, o trauma indizível, no Caribe. É a “África” que a tem tornado “pronunciável”,

enquanto condição social e cultural de nossa existência (2003:41).

Prandi (2006) aponta que “a religião dos orixás foi refeita no Brasil por africanos ou descendentes que, no século XIX, viviam nas grandes cidades costeiras, ocupando-se em atividades urbanas, fossem eles escravos ou livres”.

Há um oceano de novos sentidos que separa o Brasil da África e um continente de novos significantes que situa o Semiárido nessa fenda simbólica, metafórica, que separa e liga os terreiros brasileiros a uma ideia mítica de África.

2. MATERIAL E MÉTODO

Em virtude da construção da Cartografia Social dos Terreiros de Candomblé e Umbanda de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA), no Semiárido brasileiro, vinculada ao Projeto Nova Cartografia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, chamou-nos a atenção a forte presença de crianças nesses terreiros, algumas delas participando de processos de iniciação conforme a tradição de cada Casa. Após análise bibliográfica, observamos que as pesquisas que analisam a presença de crianças nos terreiros são quase inexistentes. A observação que fizemos em 20 terreiros de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA), nos anos de 2013 e 2014, intensificou a curiosidade em torno da questão “como são transmitidos os conhecimentos sobre o Candomblé e Umbanda no Semiárido e como as crianças aprendem, lidam com os fundamentos desses ensinamentos?”

Focando-se nesta questão de pesquisa foram feitos vários registros fotográficos da participação das crianças nas

atividades dos terreiros, analisadas nesse artigo, e 10 entrevistas semi-estruturadas, com Babalorixás e Yalorixás sobre esses processos. Também foram estabelecidas conversas informais com as crianças, adolescentes e membros do Candomblé e Umbanda já adultos, mas que entraram nessas religiões ainda crianças, o que nos permitiu produzir o presente trabalho a partir do qual inferimos reflexões em torno da educação e ecologia nesses complexos espaços de afirmação das identidades negras no Semiárido brasileiro.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Feitos de Nascimento

Mãe quero tirar meu coração. Eis o relato de uma criança negra do município de Juazeiro-BA, apresentado por sua professora na ocasião do oferecimento da disciplina História e Cultura Afro-brasileira, num programa de formação de Professores da Universidade do Estado da Bahia - UNEB (PAFOR). A infância de “Maria⁴”, como de muitas crianças negras do mundo, foi marcada pela violência simbólica que mutila, dilacera, rouba os sonhos dos filhos e filhas da diáspora africana e, de forma silenciosa, toma-lhes a alma e os faz ter vergonha da sua própria existência. O “autor” desse violento sentido foi outra criança, colega de classe, que não se cansava de acusar Maria de que ela “era do mal”, “tinha um coração negro”.

⁴ Nome fictício para preservar a identidade da criança.



Figura 11 - Davi, Ogan do Terreiro de Pai Adeilson (MARQUES, 2014).

Sempre fui apontada na escola como a filha da feiticeira. Desde criança eu e meu irmão sofremos porque todo mundo achava que minha mãe era bruxa, macumbeira. De fato, já nasci no Candomblé e, quando criança, não tinha como entender o valor e a preciosidade da nossa religião. Eu senti tudo isso na pele. Hoje Edna Paula de Souza, 38 anos (2014), filha de Mãe Socorro, que viu seu guia (Yemanjá⁵) com 5 anos de idade, já educa seus filhos para, na escola, assumir sua religião; prepara-os para afirmar: “sou do Candomblé sim, minha mãe é macumbeira? É! Mas macumba é coisa boa, o Candomblé é uma religião onde procuramos fazer o bem para as pessoas”.

Tive vários problemas na escola. Quando criança já recebia as irradiações das entidades na sala de aula. Lembro de quando uma professora minha colocou a gente para estudar

⁵ Orixá do rio Níger, dona das águas, senhora do mar, mãe dos orixás (SILVA, 2006).

as religiões e esqueceu de relacionar o Candomblé. Pedi que inserisse o Candomblé porque era minha religião e ela disse que não era religião, que não era coisa de Deus. Tive que buscar a autorização para estudar no órgão que fiscalizava a escola. Apesar de ter conseguido, nenhum dos meus colegas quis ficar comigo. Fiquei sozinho. Conte para minha avó que é uma das Yalorixás⁶ mais antigas de Petrolina de quem herdei a Casa, as responsabilidades com os orixás. Ela disse que eu iria sim falar sobre o Candomblé na escola. No dia da apresentação, levei tambores e coloquei no pátio e minha avó levou vários filhos de santos. Convidei a turma para ir ao pátio da escola, aí minha avó entrou de baiana, uma negra linda de olhos azuis, e atrás dela os filhos de santo, todos bem vestidos, imagine a emoção e a surpresa de toda a escola?! Apesar dos avanços, a escola ainda tem muito preconceito com as religiões de matriz africana, sobretudo o Candomblé e a Umbanda (Pai Jorge, 37 anos - 2014).

Essas afirmações são de fundamental importância para as pessoas das famílias de Candomblé ou Umbanda. Entretanto, mesmo com a intensidade do debate e combate ao racismo e a discriminação e do fortalecimento de mecanismos legais como é o caso da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório a temática “História e Cultura Afro-brasileira” no currículo oficial da rede de ensino, permanentemente vemos relatos onde essas religiões de matriz africana são apontadas como coisas demoníacas. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – 9394/96), no seu artigo 33, torna obrigatório o “ensino religioso” que, na prática, tem sido espaço para debates sobre fundamentos cristãos em detrimento de toda diversidade religiosa que há em nosso país.

⁶ Referente à Mãe de Santo.

A recente decisão (abril de 2014) de um juiz da 17^a. Vara da Justiça Federal do Rio de Janeiro, negando às religiões de matriz africana o status de “religião”, é mais uma face dos variados processos de discriminação sofrida pelos adeptos do Candomblé e da Umbanda no Brasil. Essa decisão negou a ação do MPF (Ministério Público Federal) que solicitava a retirada do Youtube de vários vídeos que pregam o desrespeito a essas religiões. Para ele “não há ofensa se não há religião”, à revelia do que estabelece como conduta criminosa o artigo 208 do Código Penal: “escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso”.

Em virtude das fortes pressões dos povos de terreiros de todo o Brasil e diversas partes do mundo, no dia 20 de maio de 2014, o juiz autor da decisão voltou atrás e reconheceu: “o forte apoio dado pela mídia e pela sociedade civil, demonstra, por si só, e de forma inquestionável, a crença no culto de tais religiões”.

Antônia⁷, professora que participava do curso sobre história e cultura afro-brasileiras da UNEB, foi taxativa: “*pelos meus princípios não posso dizer nunca na escola que orixá é coisa de Deus*”. Para os praticantes do Candomblé e da Umbanda, tanto os orixás quanto os caboclos e outras formas sagradas de manifestação dessas religiões, essas forças tem relação direta com o divino, com o sagrado. Para Mãe Palmira, do Ilé Omo Oya Leji, Rio de Janeiro:

Temos um Deus único, Olórun, e os Òrìsà são energias. A energia do vento, do trovão, das águas das cachoeiras, dos rios, das matas, das águas do mar. Isso são os Òrìsà. Olórun

⁷ Nome fictício.

quer dizer o senhor do infinito, Olódumarè, o senhor do destino, Alayè, o senhor da vida. Todas essas são referências para um único Deus, Olòrun” (in CAPUTO:52).

“Minha professora disse que minha religião é coisa do diabo e, por isso, eu era filho do demônio”. Esse é o depoimento de Ricardo Nery que com quatro anos já era *ogan* do Terreiro de Mãe Palmira e, aos seis, teve sua foto publicada numa matéria da *Folha Universal*⁸ intitulada “Os Netos do Demônio”. *O efeito dessa matéria foi arrasador. Me senti excluído por muitos amigos no colégio onde estudava, e essa é uma fase da infância que até hoje procuro esquecer.”* Ricardo foi um dos colaboradores principais da preciosa tese de Stela Guedes Caputo, depois publicada na forma de livro elegantemente chamado de “Educação nos Terreiros e Como a Escola se Relaciona com as Crianças de Candomblé” (Editora PALHAS, 2012).

Há um livro escrito pelo Pastor Edir Macedo⁹ intitulado “Orixás, Caboclos e Guias – Deuses ou Demônios?” (1996) que tratando da presença de crianças iniciadas no Candomblé, diz que elas “por terem sido envolvidas com os Orixás, certamente não terão boas notas na escola e serão filhos-problemas na adolescência”.

Há diferentes percepções sobre a presença de crianças em rituais de iniciação no Candomblé e na Umbanda, embora sejam quase inexistentes pesquisas sobre essa questão. Em virtude da realização da construção da cartografia social dos terreiros de Candomblé e Umbanda de Juazeiro e Petrolina, situados na divisa entre Bahia e

⁸ Jornal relacionado à Igreja Universal do reino de Deus.

⁹ Líder fundador da Igreja Universal do Reino de Deus.

Pernambuco, semiárido do Brasil, vinculada ao Projeto Nova Cartografia Social do Brasil, chamou-nos a atenção a intensa presença de crianças nesses espaços culturais de aprendizagens. Como são transmitidos os conhecimentos nos terreiros de Candomblé e Umbanda no Semiárido e como as crianças aprendem, lidam com os fundamentos desses ensinamentos? Essas foram questões guias dessa pesquisa.

As crianças são o futuro do Candomblé, que prima muito pela infância e pela velhice. A infância, porque o Candomblé só continuará através das crianças. E os mais velhos, porque nos orientam e nos passam as histórias importantes para nossa tradição (MÃE PALMIRA, in COUTO, 2012:75).

Este artigo é produto dessas observações e foi construído a partir do diálogo com pais, Yalorixás, Babalorixás, educadores e as próprias crianças sobre os sentidos de suas presenças nos terreiros, seus processos de aprendizagem e relações com a temática da ecologia. Destaca-se dessa última dimensão o fato do Candomblé e Umbanda terem forte vinculação com a natureza como bem define uma frase recorrente nos terreiros *kosí ewe, kosí òrìsà* (sem folha não há orixá). A ligação entre esses sentidos de uma ecologia do sagrado entre humanos e natureza são os orixás, os caboclos¹⁰, os encantos¹¹. A Educação experimentada pelas crianças nos terreiros de Candomblé e Umbanda é uma educação ecológica:

O Candomblé é a religião mais ecológica que existe, porque só conhecemos a nossa própria existência integrada à natureza... quando uma criança começa a lidar com isso desde cedo, ela não apenas se sente parte da

¹⁰ Termo usado para nomear os espíritos dos indígenas.

¹¹ Geralmente usados para identifica as forças da natureza ou espíritos de indígenas.

natureza, é mais que isso, ela entende que ela é a natureza. (MÃE PALMERINDA, IN COUTO, 2012:76)

Prandi (2006), no texto “Os Orixás e a Natureza”, do livro “Segredos Guardados: Orixás na Alma Brasileira” aponta que:

Embora a concepção de orixá esteja hoje bem distante da natureza, muitas celebrações se fazem em locais que lembram as antigas ligações, como as festas de Iemanjá junto ao mar, como os depachos feitos na água corrente, na lagoa, no mato, na pedreira, na estrada etc., de acordo com o orixá a que se destinam. Com a recente preocupação com o meio ambiente, o Candomblé tem sido muito lembrado como religião da natureza, apontando-se muitos terreiros como modelares na preservação ambiental.

Fica evidente nessa análise uma concepção de natureza “pura”. Elementos tratados no campo da Ecologia Humana como a relação entre cultura e natureza, por exemplo, é apontado como parte das desnaturalidades. O próprio autor indica que os cultos aos orixás, no caso do Brasil, foram se afastando da lógica natural, muito forte em alguns lugares da África e que os mesmos têm, cada vez mais, ganhado formas antropomórficas. Problematiza: “Os mitos falam de deuses que pensam e agem como os humanos, com os quais partilham sentimentos, propósitos, comportamentos e emoções”. Pensamos que aqui os orixás são levados para uma nova dimensão da natureza: a alma humana, onde eles são sentidos e reelaborados.

3.2. Mãe Cecília de Oxum Opará



Figura 12 - Cecília, 02 anos, mãe pequena da casa de Oxum Opará (MARQUES, 2014).

Entre os adeptos do Candomblé é sabido que é possível ser uma criança na idade, mas um adulto no santo. O caso de Cecília de Oliveira Silva, 02 anos, filha biológica e iniciada pelo Babalorixá Wadson de Souza Oliveira, da casa Ylê Axé Orogunjá, em Petrolina/PE, é representativo dessa dimensão. Com dois anos de idade foi escolhida pelo orixá para ser lakekerê¹² (mãe pequena da casa de Oxum Opará). Ela já no ventre da mãe foi iniciada como abiaxé (quando a mãe toma o axé no período da gravidez). Ela também tem caminho de abikun¹³ (pois a mãe perdeu a gravidez do seu irmão). Ela ficou 21 dias recolhida. Para Wadson, seu pai biológico e de santo, “o recolhimento de uma criança é uma brincadeira, uma festa, uma alegria”.

Era pequenininha. Um dia olhei para a mata e vi uma pessoa. Disse: “mãe olha aquele nego vindo para cá”.
Tinha uns 05 anos de idade. Foi a primeira vez que vi meu

¹² Os termos foram transcritos baseando-se nas falas dos entrevistados sem está relacionada à grafia específica de qualquer língua africana ou mesmo indígena.

¹³ “Pessoas que desde o ventre da mãe passam por desafios de morte” (Mãe Estela, 2014).

guia, Zé Pilintra¹⁴, mas todo mundo achava que tava doente. Minha mãe me levou num curandeiro e ele disse: “essa menina tem um dom”. Outra mãe de santo disse: “ninguém vai colocar a mão na cabeça dessa menina. Ela já é feita de nascença”. Tudo que aprendi foi com meu guia, com meus orixás. Foi meu guia que me ensinou tudo que precisava saber sobre Candomblé, sobre a Umbanda. O Invisível é coisa muito fina (Mãe Socorro, 67 anos - 2014).

Minha primeira incorporação com um Exú¹⁵ aconteceu quando tinha 07 anos de idade (Reginaldo Ferreira da Silva, 42 anos - 2014). *Já menino eu sentia a presença dos meus orixás. Recebi um Preto Velho quando tinha 11 anos de idade* (Pai Gildo, 63 anos - 2014). Esses relatos são provas da forte relação entre infância, o Candomblé e a Umbanda. Trata-se de uma escolha feita pelos orixás e ou encantos desses Babalorixás¹⁶, Yalorixás e outras autoridades do dessas religiões (Ekedes¹⁷, Ogans¹⁸, Assogun¹⁹, entre outras) ainda crianças.

¹⁴ Espírito de um homem boêmio.

¹⁵ “Orixá do mercado e da comunicação entre os deuses e entre estes e os humanos » (PRANDI, 2006).

¹⁶ Relativo à “pai-de-santo”.

¹⁷ Que cuida dos orixás.

¹⁸ Responsável pelos toques e cantos dos terreiros.

¹⁹ Responsável pelos cortes dos animais.

3.3. O Terreiro como Escola



Figura 13 - Elias com seu pai Ogan e sua Mãe Yalorixá (MARQUES, 2014).

Como as crianças chegam nos terreiros? As que observamos, na maioria dos casos, são filhos e filhas dos membros das famílias de Candomblé ou Umbanda. Outras, vindas para processos de cuidado e cura. Diz Caputo (2012:33):

Nas comunidades de terreiros existem inúmeras crianças e adolescentes. Elas ou são da família do pai ou mãe de santo ou estão ligadas aos filhos e filhas de santo dos terreiros. Assim como os adultos, as crianças são iniciadas no Candomblé, desempenham funções específicas, recebem cargos na hierarquia dos terreiros e manifestam orgulho de sua religião. Na escola, porém, essas crianças e adolescentes são invisibilizadas, silenciadas, discriminadas.

O que e como elas aprendem? O ogan Ricardo Nery diz que “aprendeu olhando²⁰”. De fato, apesar de termos diversos escritos sobre essas religiões, as mesmas ainda sustentam-se nas tradições orais. A educação dos terreiros é uma educação de pele. Aprende-se olhando, escutando, comendo, vestindo, fazendo, imitando, vivendo o Candomblé

²⁰ CAPUTO (2012).

ou Umbanda com o corpo e a alma. Como afirma Caputo (2012): “os terreiros são espaços educativos, de circulação de conhecimentos, saberes e memória... [onde] se afirmam identidades, constroem-se laços de pertencimentos e parentesco (...) espaços produtores de subjetividades”. A relação com o que se precisa aprender é, antes, uma escolha ancestral, feita pelos orixás e demais encantos.



Figura 14 - Talisson bate tambor desde os 5 anos. Hoje com 10, sustenta as festas de sua Casa (MARQUES, 2014).



Figura 15 - O ogan Fabian com seu filho Cristian e Gustavo segurando o tambô (MARQUES, 2014).

Observamos que os processos de aprendizagens nos terreiros para as crianças são espontâneos, salvo em caso de indicação e escolhas dos orixás e outros forças sagradas.

As crianças fazem do terreiro um espaço de alegria, de festa, de brincadeira, de interatividade. Elas são respeitadas na sua condição de criança, mesmo em tempos de obrigação. Às vezes temos a impressão que o orixá tá no DNA, tá no sangue, como podemos observar na fala do ogan Fabian a respeito do seu filho Cristian: *Me tornei ogan vendo meu pai tocando tambor. Vejo meu filho como eu, no pé do tambor, escutando, já tocando. Espero que ele seja como o Pai* (2014).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há um paradoxo que precisa ser problematizado quando olhamos para os processos educativos formais, oficiais e hegemônicos nas sociedades modernas. O que se ensina ou se aprende nos terreiros deve ser considerado nos espaços formais de educação como é o caso da escola? As crianças dos terreiros estão lá, esse encontro deve revelar algo dessa necessidade. Os terreiros estão chegando às escolas. Importante também seria, se as escolas chegassem aos terreiros. Mas de onde vem o saber que se ensina sobre o Candomblé e a Umbanda? Caputo (2012:78), narrando o aprendizado de uma criança iniciada ogan descreve:

Os braços do menino eram asas, os cabelos eram flores, os olhos eram todos os pássaros que derramavam em nós antigas luzes. A música que o menino tocava parecia transmutar tudo em água e diluir a todos numa mesma e diferente substância. E, mesmo na água que provocava, todo o menino ardia em fogo quando ele tocava para o Òrisà seguindo um caminho incendiado por suas forças.



Figura 16 - A intensa alegria de Micaelli, aprendendo as coisas sagradas dos terreiros (MARQUES, 2014).

Como se aprende sobre estas forças? Como ensinar sobre os caminhos do sagrado? Kaio (2014), ogan da Casa de Umbanda de Mãe Euzinha, Petrolina/PE, que nasceu num terreiro de Umbanda, “nos braços de Oxóssi²¹”, com a propriedade de uma das maiores autoridades desses espaços sagrados nos diz: “o ogan é aquele que faz a ligação entre os orixás e a Terra”. Trata-se de uma educação sobre o invisível e, como diz Mãe Socorro (2014), “o invisível é coisa muito fina”.



Figura 17 - Crianças nas atividades dos terreiros (MARQUES, 2014).

²¹ Orixá das matas, dos animais.

Este trabalho, guiado pelos passos das crianças nos terreiros, seus jeitos tão singulares de experimentar o sagrado, nos permitiu perceber como a história do povo negro, como o espírito da diáspora africana, se reelaborou em terras tão longínquas da África, onde estão parte das raízes do Candomblé e da Umbanda. Prandi (2006) fala de uma árvore que virou orixá no Brasil : “Iroco, que na África é simplesmente o nome de uma grande árvore, aqui se transformou no orixá Iroco, que recebe oferendas na gameleira-branca [*ficus dolíaria*] e desce em transe, ganhando, cada vez mais, independência em relação à árvore, situando-se, por conseguinte, mais longe da natureza.” Para nós, as crianças são essas “árvores que viraram orixás”, tonando-se, por isso, parte da alma da natureza.

5. CRIANÇAS NOS TERREIROS EM PETROLINA E JUAZEIRO





6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Jorge; JUNIOR, Vilson Caetano de Souza. **A Umbanda e a Quimbanda na Terra da Jurema**/Jorge Arruda. **O que é Candomblé**/ Vilson Caetano de Souza Junior. Brasília: FCP, 2012.

BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1971.

CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos Terreiros e como as Escolas se Relacionam com Crianças de Candomblé**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

CARVALHO, Luzineide Dourado. **Natureza, Território e Convivência: Novas Territorialidades no Semiárido Brasileiro.** Jundiá: Paco Editorial, 2012.

CASHOMRE, Ellis. **Dicionário de Relações Étnicas e Raciais.** São Paulo: Summus, 2000.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MACEDO, Bispo. **Orixás, Caboclos & Guias. Deuses ou Demônios?** Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, 1996.

MARQUES, Juracy. **Ecologia da Alma.** Petrolina: Franciscana, 2013.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologias dos Orixás.** São Paulo: CIA das Letras, 2003.

_____. **Segredos Guardados: Orixás na Alma Brasileira.** CIA das Letras, 2006.

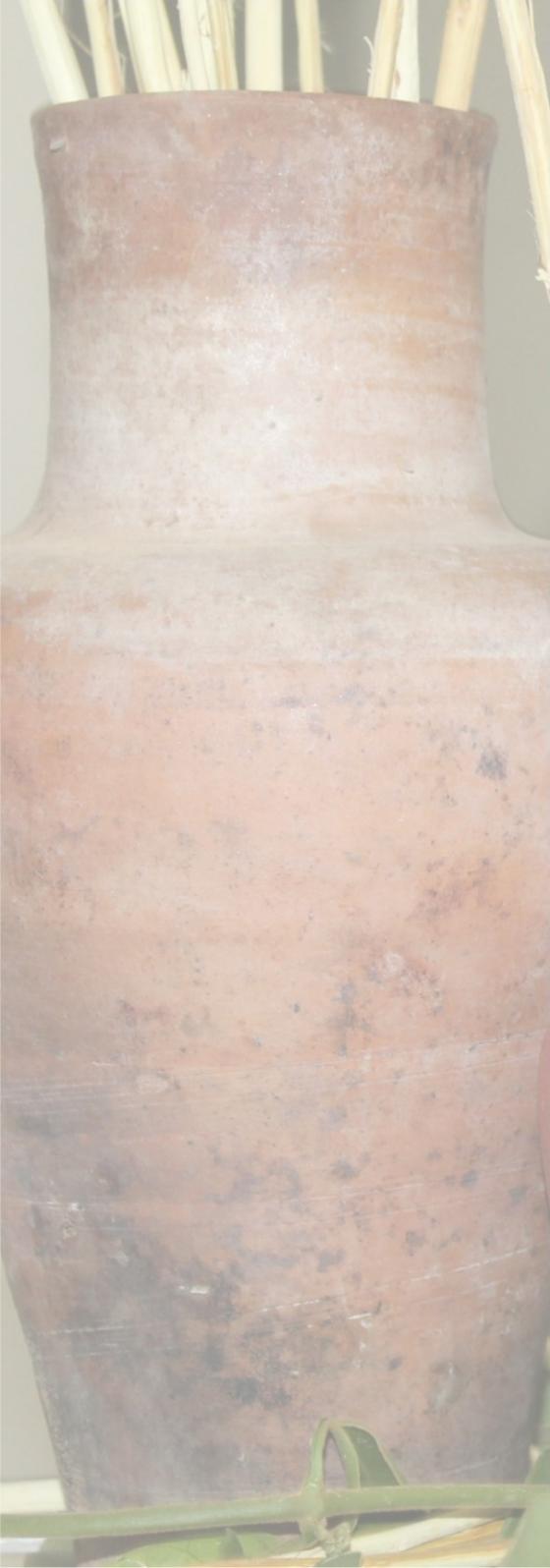
RAMOS, E. **Reverendo o Candomblé: Respostas às Mais Frequentes Perguntas sobre a Religião.** Rio de Janeiro: Mauad X. 2011.

SILVA, Maria Conceição da. **Conhecimento Científico e o Saber Popular Sobre os Moluscos nos Terreiros de Candomblé de Recife e Olinda, Estado de Pernambuco.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba.





**TERREIROS EM
PETROLINA/PE**



TERREIRO DE PAI JORGE



Figura 18 - Pai Jorge (MARQUES, 2014).

ENTRADA NO TERREIRO

Me chamam de Pai Jorge. O nome do meu terreiro é Ilê Asé Opô Oya Sidè, que significa casa de axé pilastra de Oya. Minha espiritualidade afro é herança familiar, que veio da minha bisavó Maria Águída da Conceição, eu herdei o terreiro da minha avó paterna Antonia Maria da Conceição, nascida em 19 de Julho de 1910, filha de Oxum Opará. No Candomblé o nome dela era Oromin, segundo a minha avó, a mãe dela naquela época fazia oferendas aos santos da Igreja Católica, pois não podia tocar Candomblé, nem muito menos cultuar os Orixás abertamente, e a minha avó cultuava Nossa Senhora das Candeias, como Oxum. A minha

avô morava em um povoado com a sua família chamado Roseira em Lagoa Grande/PE, onde todo povoado eram negros e todos conhecidos como negros da Roseira. Neste povoado ela começou a fazer previsões, olhando para as pessoas fazendo revelações e assim começaram a chama- lá de bruxa, e com isso ela foi quase sendo expulsa do povoado, tendo que deixar a família para trás e dar continuidade a vida em Petrolina/PE. Chegando em Petrolina, foi trabalhar em casas de famílias, depois casou e teve 3 filhos, comprou uma casa na Dr. Pacífico da Luz de nº 819 no centro da cidade. Passou a trabalhar para si próprio fazendo petas, cocadas, assando porcos, galinhas e brevidades. Assim ela conheceu Dona Jandira onde foi trabalhar com ela em sua pensão em Juazeiro/BA. Um certo dia, ela cantando músicas de Orixás, Dona Jandira perguntou o que ela estava cantando e daí passou a ajudá-la a fortalecer aos cultos aos Orixás, que ela já fazia em sua residência(sala de casa). Através do seu próprio trabalho e ajuda de Dona Jandira e outros, começou a construir seu Terreiro qual nome era Terreiro Nossa Senhora das Candeias, vizinho a Delegacia Palácio das Mangueiras. Qual o nome foi dado por conta dos pés de mangas que minha Avó plantou com fundamentos de Orixás, eles tem tantos fundamentos que sempre que eu preciso e quando estou passando por alguma situação, vou bater cabeça e conversar com aquelas mangueiras, onde a mesma executou vários rituais. A Oxum de minha avó é de nação Keto, mas por não ter conhecimento e nem dominar as músicas em Yorubá, e não ter alguém que passasse os conhecimentos da Nação para os mais velhos de nossa cidade de Petrolina, tocava-se Angola misturado com Umbanda. Inaugurando a casa com o Babalorixá que a iniciou no Candomblé Lourenço Bispo dos

Santos, onde aconteceu uma grande festa em comemoração a Oxum e assim a cada ano que se passava, a movimentação do Terreiro crescia. Em 02 de Fevereiro de 1992, Oxum já começava a me citar como herdeiro da casa e eu resistindo, pois não queria ser raspado, as festas aos Orixás passavam a ser frequentados por pessoas de um poder aquisitivo maior, assim sendo aceito e respeitada por toda vizinhança. Quando há alguém que tem dinheiro sendo chamado de doutor, a sociedade já tem outra visão, então a mesma aproveitou destes para divulgar e mostrar sua religião a sociedade como um todo. Quando acontecia algum problema ou alguns vizinhos implicavam, os mesmos tais de um poder aquisitivo não mostravam a cara, mas ajudava resolver da melhor forma possível sem se apresentar, tentaram fazer abaixo assinados para expulsar o Terreiro, mas graças a Olorum e Oxum não deu em nada. Minha avó foi a primeira pessoa a habitar naquela rua, e então os vizinhos que iam chegando, via que ela já estava ali, e que ali era um Terreiro de Candomblé. Tinha um freira (irmã) que cuidava da capelinha do Hospital Dom Malan, e eu a ajudava. Um certo dia, ela juntou-se alguns vizinhos, e foram na casa de minha avó, falar para ela que Candomblé não era coisa de Deus, mas minha avó como sempre persistente e guerreira, não se intimidou-se e a respondeu: É minha religião se quiser me aceitar é desse jeito, também sou filha de Deus, mesmo assim não deixou de ir as missas na capelinha celebrada pelo Padre Bernardino da Luz, sendo um sacerdote de outra religião, que nunca a desrespeitou, sempre passou na casa de minha avó e ela pedia sua benção. Sempre nas manhãs, minha avó estava presente nas missas, mas continuava com sua vida religiosa. Dentro da

comunidade do Candomblé, iniciando os filhos e dando a continuidade a família que crescia cada vez mais. Então fui escolhido pelo Orixá para dar continuidade a casa, só que eu tinha uma grande ligação com a Igreja Católica e a Umbanda, não aceitava a raspagem, por motivo das pessoas da Igreja Católica e da Umbanda, falar que a raspagem era para dar sangue ao demônio, é tanto que ainda existe pessoas com esta mesma fala. Eu fazia e acontecia com a minha avó, mas corria para a Igreja. Um determinado dia a Irmã Josefa falou: “Jorge você vai ter que decidir, ou você fica na casa da sua avó, com o demônio, ou você vai vim para Jesus.” Aí eu parei e perguntei pra ela: “A senhora disse que o demônio é a minha avó?” Ela disse: “É! A sua avó é o demônio e além de ser demônio, ela cultua o demônio também. Só que ela é um demônio mais fraco.” Aí eu disse: “Irmã Josefa, se ela é o demônio então eu sou o demoniozinho, porque eu sou sangue dela”. Com essas palavras eu falei. Porque me doeu aquilo que ela falou. E eu não via a minha avó fazer nada de mal a ninguém. Eu via ela atender as pessoas, eu via ela fazer o bem. Eu havia atender as pessoas doentes e caída lá em casa, que já tinha passado por vários médicos, ela fazia banhos com ervas, fazia um tratamento, passava por um ritual, preparado de várias sementes, e com isso as pessoas se curavam. Então não acho que o demônio iria fazer isso. Pois abandonei a igreja e passei para o Candomblé, fiquei realmente no Candomblé onde eu nasci, mas ligado a Umbanda. E eu sempre perguntava: “Minha Avó, por que a senhora é Candomblé? Por que a senhora não fica na Umbanda?” Ela dizia: “não meu filho porque a minha descendência não é de Umbanda, eu não sou de Umbanda, eu sou de Candomblé. Eu sou de Nação Ketu. Só que aqui a gente não pratica o Ketu. Pois a gente não tem o domínio da

linguagem Ketu. E na Bahia é muito caro pra gente ir buscar o conhecimento de Ketu. Porque lá sim, tem Pais e Mães de Santo que tem o fundamento de Ketu.” Aí eu perguntei: “Por que tem que raspar a cabeça?” Ela respondeu: “Porque a raspagem representa o nascimento do Orixá dentro do Candomblé. E quando a gente raspa a cabeça, fazemos um ritual de ligação direta com o sagrado. Aí eu dizia: “mas o sagrado para senhora quem é?” Porque quando ela falava isso eu achava que era o demônio que a Irmã Josefa falava, então eu tinha medo desta palavra o sagrado. Quando ela dizia: “Vá para o sagrado, vá para o quarto do sagrado”. Eu perguntava: “o sagrado para a senhora quem é?” Ela disse: “o sagrado pra mim é tudo aquilo que é bom. É a natureza, é Deus, é Olurum, é Oxalá, são os Orixás.” Eu perguntei? “E Deus?”, Ela respondeu: “Deus é a força suprema na vida da gente. Deus é tudo de bom.” “Deus é o sagrado!” “Deus pra senhora é um homem?” “Não, Deus para mim é energia, é a força, é tudo que há de bom, é o amor.” Mesmo assim, eu preferi continuar na Umbanda. Um determinado dia, ela disse que eu teria que ser feito porque o meu Orixá estava cobrando que eu fosse feito, e o Orixá dela também, pois queria me passar a direção do Terreiro e para que isso acontecesse eu teria que realmente ser iniciado no Candomblé com a raspagem. Eu falei: “Eu sou preparado!” Ela disse: “Não, você fez o ritual na Umbanda.” “Mas o que é Umbanda minha avó, não é Candomblé?” Ela: “Não, Candomblé é uma religião trazida pelos escravos para o Brasil, onde há rituais que na Umbanda não pratica. “Eu tenho uma devoção por Nossa Senhora das Candeias, mas antigamente eu tinha que ter Nossa Senhora das Candeias para poder ter Oxum na minha casa. Porque se eles

chegassem em minha casa e encontrasse Nossa Senhora das Candeias eles não diriam nada. E se eles chegassem e encontrassem a imagem de Oxum, eles me desrespeitavam” “Eles quem? Meus parentes católicos, meus familiares”. Eu perguntei: “Mas eu vou ter que raspar santo?” Ela disse: “Vai ter que raspar santo, fazer santo, ser realmente iniciado no Candomblé.” Eu perguntei: “Quer dizer que assim, tudo que eu fiz na Umbanda não vale?” Ela disse: “vale para a Umbanda, mas para o Candomblé não.” Depois disso foi se passando um tempo, e teve uma festa de Oxum, que ela comemorava dia dois de Fevereiro. Em dois de Fevereiro de 1998, a Oxum anuncia que eu tomarei a direção do Terreiro, alguém disse: “E eu vou me reverenciar a um menino?” Ela disse: “é a um menino escolhido por nós. Ele é escolhido e vai conduzir sim, com luta e responsabilidade”. Disseram: “Mas ele não é feito, não é raspado no santo”. “Mas ele vai fazer o santo”. Mesmo com o que as pessoas falavam, do que eu ouvia, a minha própria mãe não aceitava, pois ela era Cristã Católica. Já na direção do Babalorixá mais velho de Petrolina, Edval Martins do Carmo, conhecido como Tutuzinho, no ano de 2000 me iniciei no Candomblé, daí recebi meu Oyé, cargo de Babalorixá e herdeiro do trono de Oxum Opará das mãos de Pai Tutú, filho também Oxum Opará, tendo como mãe pequena Yalorixá Maria Amália e como pai pequeno o Babalorixá, Josafá dos Santos Silva ambos de Feira de Santana/BA. Dei continuidade a casa, na Nação de Ketu, buscando conhecimentos e me aprofundando no Ketu. Continuo na batalha, na luta, sou de Candomblé, amo Candomblé, sou negro, descendentes de negros que foram escravizados, passei minha vida dedicada aos Orixás, minha vida é Orixá, escolhido pelo Orixás, nasci

para o Orixá, vivo para o Orixá, tudo que sou e que tenho é graças as energias dos Orixás.

CANDOMBLÉ E UMBANDA



Figura 19 - Ogans da Casa (MARQUES, 2014).

Umbanda é Brasil, nasceu no Brasil através dos negros, porque não se podiam cultuar os orixás, então através dos Santos da Igreja Católica, eles associaram os orixás. Santa Barbará como Yansã, São Jorge como Oxossí, Santo Antonio como Ogun e assim sucessivamente. A Umbanda é uma mistura de religiões como, por exemplo: Candomblé, Catolicismo, Islamismo, Budismo. A Umbanda utilizam os atabaques, as vestes de baianas, as guias dos orixás e alguns dos orixás tais como: Ogun, Oxossí, Xangô, Yansã, Oxum, Yêmanjá e Oxalá. O Candomblé veio da África

trazidos pelos negros escravizados com rituais seguimentos e costumes das regiões da África, sendo assim religiões de matriz africana e passou a ser cultuados no Brasil, tornando religião de preservação e resistência da cultura africana.

ORIXÁS, INKICES E CABOCLOS

Orixá são as forças da natureza. Inkice são Orixás. Caboclo são espíritos de pessoas que morreram como: Boiadeiros, Vaqueiros, índios e encantados.

FILHOS E FILHAS DE SANTO



Figura 20 - Filhos de Santo reunidos (MARQUES, 2014).

Hoje tenho aproximadamente uns 40 filhos raspado. Meu terreiro é formado por Yalaxé, aquela que cuida de

todo o axé da casa, ela sabe até onde tá uma agulha, Yakekerê e Babakekerê são a segunda pessoa do Babalorixá. Duas Ekedes (mulheres não rodantes, que sempre estão ao lados dos orixás) Ogã Alabê, Otum Alabê e Osi Alabê, o Asogun que é a pessoa que faz as imolações, Pedigã que é o herdeiro da Casa, Yadagã que é a cozinheira dos orixás, Yabassé que é a cozinha os alimentos das festas. Yagbonã e Babajibonã são pessoas preparadas para cuidar das pessoas recolhidas.

FESTAS



Figura 21 - Fogueira de Xangô (MARQUES, 2014).

As festas e datas comemorativas do Terreiro: Janeiro, As águas de Oxalá; Oxum e Yêmanjá em Fevereiro; Abril: Ogun e Odé; Junho, Xangô; Agosto, Tempo, Obaluaê,

Oxumaré; Setembro, Ibejis; Outubro, a festa do bate folha da casa Caboclo Boaideiro Mata Virgem; e Dezembro, Oyá.

A ESCOLA



Figura 22 - Plantas que ensinam (MARQUES, 2014).

Tenho muita coisa para falar de escola, começando do tempo em que eu caía na sala de aula e os professores e colegas de sala ficavam todos transtornados sem saber o que fazer. Não sabiam o que fazer, a primeira ideia era me levar para o hospital e a outra chamar minha mãe. Algumas pessoas que sabiam que eu era de Candomblé, dizia que era espiritual e outros dizia que era doença, porque esta coisas de espíritos não existia. Muitas vezes eu acordava todo sujo e assim um espírito de criança (Erê) me pegava e começava a brincar, correr, se molhar e molhar as pessoas, assim ficava um longo tempo incorporado em mim, e alguns professores

sentados rezando pedindo para aquele espírito fosse embora. Em diversas vezes quando vinha em mim, um monte de pessoas me arrodando, me fazendo vários tipos de perguntas e eu ainda em transe, meio atordoado sem saber o que dizer e morto de vergonha e assim se repetia por várias vezes. Em outra determinada escola, uma professora de História pediu para fazer uma pesquisa sobre religiões, incluiu todas as religiões, menos o Candomblé.

Perguntei a ela: E a religião de Candomblé, não colocou por quê? Ela disse que Candomblé não era religião, era coisa de bruxaria e Satanás, imediato falei que minha avó era de religião do Candomblé e que não via nada de Satanás e nem bruxarias. E que eu queria falar sobre esta religião do Candomblé. Ela disse que se eu quisesse falar de macumba, eu buscasse outra escola e que na aula dela jamais iria falar sobre isso. Meus colegas de sala de aula começaram me apontar de macumbeiro, o incentivo de tudo isso foi a tal professora. Outra determinada aula de religião, também houve o mesmo tema, pesquisa sobre religiões, como sempre não tinha a religião do Candomblé, mas graças a Oxalá consegui incluir a religião do Candomblé nesta pesquisa. Mas para que isso acontecesse, precisei fazer um grande revira e volta tanto na escola com na Secretaria de Educação Estadual em Petrolina. O problema maior que nenhum colega de sala não quis fazer parte do meu grupo, então a professora olhou para eu e perguntou: “Você vai apresentar sozinho?” Eu respondi: Vou dar um jeito. Ela disse: “Não pode só falar, quero apresentação. Como vai apresentar se seus colegas não querem fazer parte da macumba?” Cheguei em casa e falei para minha avó e perguntei se ela poderia ir, ela me

respondeu: “Um não! Pois Candomblé não é brincadeira e jamais, vou estar brincando com o sagrado.” Resolvi contar para ela todo o acontecido, ela revoltada com a discriminação que eu passei, resolveu mobilizar o Terreiro, todo povo do santo que ela tinha aproximação, indignada ela disse: “Vamos tocar macumba até o dia amanhecer nesta escola.” Eu fiquei todo contente em um pé e outro, não via a hora disso tudo acontecer, imaginado mil e uma coisa. Chegando o dia da apresentação todos apresentaram na sala, na hora de minha apresentação a professora me perguntou: “Jorge, e você que vai apresentar?” Eu falei: Já, já a senhora vai ver, quero apresentar no pátio.” Ela disse que não precisava, tinha que ser na sala mesmo. Eu disse a ela que o pátio também fazia parte da escola. Chegando no pátio se depararam com os atabaques, microfones e mesas postas com comidas baianas. A professora pegou o microfone ela riu e perguntou: “Só você?” Os colegas começaram a rir. Respondi: A senhora vai ver! Fui em direção a praça e chamei o pessoal e lá vem minha avó, negra com os olhos azuis. Aí ela pergunta: “mas meu Deus, o que é aquilo?” Ela chegou com aquela fila de baianas. “Não precisa de tanta gente!” Precisa! Eu vou fazer minha apresentação. Então foi feito a minha apresentação e minha avó foi explicar, a professora virou e disse: “Eu quero que Jorge fale e que ele explique.” E eu não tinha o entendimento seguro daquilo, mas falei. A farofa de Exú, que a gente fez, foi feito para agradar Exú, abrir caminhos, trazer coisas boas, dar segmentos e fazer que nossos trabalhos sejam em paz. Uns mangavam e poucos aplaudiam, mas a apresentação foi um sucesso, abalou toda a escola. Eu fiz toda a movimentação e tudo aquilo. Aquela repercussão toda. A escola já passou a me ver como

macumbeiro. Tudo que tinha: “Oh, vou chamar o macumbeiro lá da sala tal”. E assim teve uma vez que fiz comidas. Acarajé, Abará, Omolocun, Lelê, Caruru e Muqueca (comidas baianas). Eu acho que este momento foi no ano de noventa e três. Isto aconteceu no turno da manhã. Todos comiam as comidas dos outros mas a minha como era comida relacionada ao Candomblé ninguém comia. Meu pai Oxalá e agora, o que é que eu vou fazer? Fui na beira do rio, chamei os meninos de rua e dei a eles, e começaram a comer. Quando eles começaram a comer, o pessoal começou a olhar e perguntar: “E aí, é feito de quê?” Olhe e leia, não sabe ler!? “Ah me dê um!?” Não, eu já dei para os meninos. Tinha uma amiga que ela estava sempre comigo, mas nessas horas ela sempre se afastava. Mas mesmo assim, eu preparei um acarajé com camarão para ela, bem recheado de tudo. Quando ela comeu, um chegava e pedia: “Você faz um pra mim?” Eu digo: não, faço não! Teve um rapaz que me ajudou. Ele disse: “Dá rapaz, uma ela”. Eu disse: Dou não! Agora eles vão ter que comprar. Eu vou fazer e vou vender aqui na porta da escola. Mas acabei não fazendo.

Tinham pessoas que me conheciam, que sabiam que eu era de Candomblé, quando andavam sozinhos, falavam comigo, quando eles estavam acompanhados com alguém, não falavam. Até de calçada mudavam. Minha avó e eu fazíamos peta, sequilhos e outras coisas para eu vender. Quando eu vendia para alguém que sabia que eu era do Candomblé falava: “Olhe cuidado, não tem feitiço não.” Até nisso existia preconceito. E gente sabe, que o preconceito não vai se acabar. O que tem que acabar é maldades nas pessoas e passar amar e respeitar seu próximo.

DISCRIMINAÇÃO

Tenho certeza que todas as pessoas ligadas ou relacionadas a movimentos negros e terreiros de candomblés, com certeza sofrem discriminações. Eu mesmo, passei por vários tipos de discriminações. Desde o primeiro terreiro que sofremos discriminações. Quando criança, com os colegas de rua, várias vezes as mães proibiam que eles brincassem comigo, pois só em ser negro e neto de uma Yalorixá, muitas mães me queria longe dos filhos. Neste Terreiro localizado na Vila Eduardo, minha vizinha chamou a polícia e eles pediram que eu parasse e eu não parei e disse que só parava quando eles viessem com a ordem judicial, pois ainda estava dentro do meu horário. Uma ou duas horas depois, veio a polícia civil, perguntaram se eu tinha ordem para tocar, eu falei que estava dentro do horário permitido e que a lei da Constituição Federal, me dar direito de tocar Candomblé, me deram uma intimação para eu comparecer no dia seguinte na Delegacia, disseram que sempre que eu fosse tocar Candomblé, teria que pedir uma ordem ao delegado e que eu procurasse combinar com os meus vizinhos, mas não fiz nada disso, pois eu sei que não estou fazendo nada de ilegal e assim procurei saber de meus direitos e deveres. Garantida pela Lei de Nº 10.639/03, Art. 3º, 5º, Decreto 6040.

ORGANIZAÇÃO

As pessoas ainda estão um pouco dispersos, apesar de já termos uma associação como a que presido. A gente tem lutado para nos organizarmos para dar mais força aos

nossos terreiros. Aos poucos eu vejo que está melhorando, mas o povo de Candomblé precisa se unir mais, para contribuir com a religião na nossa região.

É importante que a gente se assuma como candomblecista. Muitos ainda se definem como espíritas, mas nós somos mesmos é candomblecistas. Espiritismo é uma coisa totalmente diferente de Candomblé e Umbanda.

Precisamos incentivarmos os professores a pesquisarem sobre as culturas afros, a religião do Candomblé e as histórias africanas, procurassem visitar os terreiros antes de passarem suas mensagens para os alunos, para que possam ajudar a tirar esta imagem ruim e demoníacas, que as pessoas criaram sobre o Candomblé e assim as pessoas pudessem ver o Candomblé com bons olhos. Os Professores marcam muito a vida das pessoas, como marcou a minha, sobretudo os professores primários, que podem ensinar as crianças a respeitar os outros do jeito que eles são, suas escolhas religiosas, mesmo que elas não façam parte do mesmo segmento, porque o mais importante é respeito. Assim peço a todos os moradores de Juazeiro e Petrolina que antes deles atirarem qualquer pedra, possam conhecer nossa religião.

Algumas pessoas do Candomblé e da Umbanda também precisam ter alguns cuidados, de não passarem a ideia que têm poderes sobrenaturais. Nós não temos, quem tem são os orixás. O que temos é um dom diferente, uma energia especial, que outras pessoas não tem. E assim as energias nos permite a entrar em contato com elas e ajudar outras pessoas.

A NOVA CASA



Figura 23 - Folha de Oiá, no novo Terreiro (MARQUES, 2014).

Devido tudo que aconteceu por aqui na cidade com nosso Candomblé eu resolvi vender e construir em outro local. De primeira mão começaram a dizer: “ah tem que vender, tem que vender, tem que dividir”. Então eu comecei a olhar um espaço e comecei na Vila Eduardo na Rua Presidente Castelo Branco. Só que eu sabia que o espaço lá não dava para fazer, para eu plantar tudo que o Candomblé pedi, fazer todos os segmentos precisos. Mesmo que eu fizesse só o terreiro eu não teria espaço suficiente. Então continuei a minha busca e sempre Oxum dizia: “calma, nós vamos ter um lugar maior”. Então eu comecei a pesquisar e fazer projetos. Até que um dia um senhor me ofereceu uma roça na beira de rio. Só que eu não tinha condições de comprar porque com a venda da casa teria uma parte dos irmãos (filhos de minha avó). Então um cidadão me ofereceu

um local na beira do rio e esta roça não dava para eu comprar. E quando eu vinha de volta, avistei um terreno com uma placa de venda, não deu tempo par e seguir para o terreiro, pois tinha uma reunião com os filhos, no meio da reunião, me veio uma coisa na cabeça: “Vá lá e tire a placa do terreno”. Imediatamente chamei um Ogan Gueguei, entramos no carro e voltei no terreno que estava a placa e tirei e falei com Gueguei: Aqui será o Terreiro de Oyá! Gueguei tirou a placa e disse: “Com fé em minha mãe Oyá!” Assim não consegui contato com o proprietário do terreno e no dia seguinte voltei lá, ele estava colocando outra placa de venda, na área ribeirinha, e perguntei o preço. Ele respondeu que era XXXXX. Eu perguntei se ele fazia por XXXXX. Ele falou: “Não!” Eu falei: Pegue meu telefone. Se o senhor mudar de ideia, o senhor me liga. E nisso eu vi uma coruja lá e uns meninos tentando matá-la. E eu disse: Não faça isso, meninos... Não mate a coruja! Deixe a bichinha. Ela deve estar com filhote. “Ah que nada, não sei o quê, não sei o quê”. Eu digo: É! Quando isso aqui for meu, aqui será moradia delas. No dia seguinte, ligue para o senhor e perguntei, se eu poderia dar uma metade e no prazo de trinta dias para dar o restante do valor. Ele respondeu que não. Horas depois o telefone tocou. O senhor falando que concordava com a minha proposta. Então comprei. Aí eu disse: Agora os trinta dias, onde vou arranjar dinheiro? Botei a placa no carro pra vender, mas graças a Olorum, com trinta eu consegui o dinheiro e paguei, quitei toda a dívida. E assim, continuo na luta com os Orixás.

CONHECIMENTOS

Falar em conhecimento é muito profundo, pois só a palavra conhecimento, já diz tudo. Nunca podemos falar que já conhecemos tudo, principalmente dentro de uma religião, como o Candomblé, que os nossos registros e históricos de nossos ancestrais foram todos destruídos. Então, dentro do Candomblé não podemos definir quem é certo ou errado, por sermos descendentes de negros escravizados, vindo de várias tribos africanas, com rituais diferentes, costumes diferentes e segmentos diferentes e fundamentos diferentes. O que sabemos de certeza é que os orixás são os mesmos e as energias são as mesmas. Não existe orixá maior ou menor dos que os outros, todos tem a mesma energia. O que existe, são pessoas que cuida melhor do seus orixás e tudo que é bem cuidado é sempre preservado e bonito. Tenho certeza de uma coisa, tudo dentro do Candomblé que você for fazer, tem que saber o que realmente está fazendo, jamais fazer uma coisa, porque ver os outros fazendo e achar aquilo bonito. Também como um sacerdote da religião de matriz africana jamais devemos induzir alguém a fazer santo, pois Omo Ty Orixá (filho de orixá), são pessoas escolhidas pelo orixás. Tem algumas cantigas que a gente sabe mais ou menos o que ela quer dizer, mas a palavra correta o que ela significa, nem sempre sabemos. Por falta de busca, por falta de estudos. Hoje junto com meus filhos, começamos a estudarmos e fazemos pesquisas, sobre nossa religião e acredito, que só assim, faremos com que este conceito de conhecimentos evolua cada vez mais. Candomblé é poço fundo, quanto mais buscamos, mais aprendemos e mais coisas que temos a aprender. Quando vou iniciar uma pessoa na religião, explico

todos os pontos chaves do Candomblé, da iniciação até o momento de morte.

CANTIGA DE OXUM

Quando eu canto esta música, lembro muito da minha avó, pois a Oxum dela flutuava nesta cantiga:

*Ô Inaina Que Me xorodô,
Ô Inaina Que Me cedeuá,
Ô Inaina Que Me xorodô,
Saudade de Oxum é Que me faz chorar!*

*Mamãe yê,
Papai yê,
Saudades de Oxum é que me faz sofrer!*

Outra cantiga que os yaôs rodam no santo:

*Orô é makum orô,
É makum yjêjá,
Orixá makum orô,
Orô, orô.*



TERREIRO DE PAI GILDO



Figura 24 - Pai Gildo em festa de Omolú (MARQUES, 2014).

Sou Gildo Fernandes, moro na Rua 39, loteamento Geovanda, sou da nação de Ketu, sou mulato, só estudei seis meses, mas aprendi a ler a vida, as coisas da vida, como os fundamentos do Candomblé. Também sou cozinheiro, comerciante, cantor, alfaiate, churrasqueiro, confeiteiro, entre outras profissões.

A dona do meu terreiro é Oyá, de Ketu e a qualidade Topé, Oyá Topé, que chamamos de lansã, é o guia principal do terreiro, a dona da casa, do meu mutuê escolheu Ogum Bejê para ser o dono da cumieira porque o dono do chão não pode ser o mesmo dono do teto. Não é uma coisa que a gente escolhe é o orixá da casa.



Figura 25 - Pai Gildo recebendo seu decá (ACERVO DE PAI GILDO).

Meu terreiro foi fundado em 1975, Ilê Axé Oyá Guerê. Entrei nos terreiros por necessidade, porque eu precisei. Eu já nasci com o espírito no sangue, sou neto de africano de um lado e do outro de caboclo pelo lado de meu pai. Hoje minha família é do Candomblé, meus filhos e alguns irmãos, todos somos descendentes de africanos com indígena. Eu não herdei meu terreiro como foi o caso dos meus meninos Jean, que herdou da avô, minha mãe, e Caio, que é ogan e é meu herdeiro. Eu mesmo formei meu terreiro. Tinha um problema de saúde muito sério que nem

os médicos descobriram. Me falavam que era problema espiritual, minha mãe sempre dizia isso, mas eu por ser muito católico não acreditava, achava que essa coisa de espiritismo era coisa do demônio, coisa que não é, era muito jovem com 11/12 anos de idade, mas por causa do agravamento tive que buscar ajuda no Candomblé, aí me entreguei de corpo e alma.



Figura 26 - Mãe biológica de Pai Gildo (ACERVO DE PAI GILDO).

Eu fui preparada praticamente de esmola, não tinha nada, a verdade é esse. Minha mãe tinha que lavar roupa para sobreviver. Eu vendia cocada, engraxava sapato, carregava frete. Não tinha de onde tirar, mas tive a ajuda de Deus e de minha Mãe de Santo. Vou completar 46 anos de santo e nunca pensei em mim afastar. Eu quero viver e não quero ter minha vida ceifada por ter me afastado dos meus santos, eu não quero isso.

Frequentei quatro anos a Umbanda, um pé dentro e outro pé fora. Um dos primeiros guias a incorporar foi o preto-velho. Ele mesmo me levava. Dizia “não vou”, mas quando dava fé já tava lá. Fiz os primeiros preceitos da Umbanda, fui borizado juntamente com Pai Tutu, meu segundo Pai de Santo, que Deus o tenha. Mas eu tinha mesmo que ser preparado no Candomblé.

CANDOMBLÉ E UMBANDA



Figura 27 - Recebendo lansã em seu Terreiro (MARQUES, 2014).

A Umbanda tem seus preceitos, o qual é mais velho que o Candomblé. Tendo um pai de santo que saiba conduzir a Umbanda é muito bonita e tem muita força. O Candomblé tem outros preceitos também profundos, tem raiz e isso não desmerece a Umbanda. Existe muita diferença entre um e outro, mas todos tem relação com os espíritos. A nossa nação é que nos define, aí você pratica os fundamentos daquela nação. Quem é do Candomblé não vai praticar as coisas da Umbanda, e quem é da Umbanda não vai fazer as coisas do Candomblé. Tenho muito a agradecer o tempo que fiquei na Umbanda. Tem meus preto-velhos que são as primeiras entidades que tive contato e ainda tenho até hoje. Na Umbanda não tem as nações como Ketu, Jejê, Nagô, tem um fundamento só, toca-se mais Angola. Na Umbanda é aquela mistura, cultuam o orixá e também canta-se para caboclo, preto-velho, erê, marujos, canta para tudo, a única coisa que não vem ali é egum, que é mais para mesa-branca, é espírita. No Candomblé não. Em qualquer xirê, toda festa do candomblé, temos que primeiro despachar Exú, dar comida a Exú, para depois cantar para os orixás. Em muitas casas de ketu se cultua Exú, mas não recebe Exú, mas na minha casa a gente recebe Exú. Nós damos obrigação para eles duas vezes no ano, fevereiro e agosto, para que eles não fiquem na frente dos orixás, ou colocando os filhos da casa para fazer coisas erradas. Quando o Exu está mal alimentado ele coloca. Quando eles estão bem assentados, bem alimentados eles dão conselhos, eles ajudam. Aqui mesmo na minha casa trabalho com o Exu Capa de Aço, o apelido dele é Loirão, a festa dele é em outubro e o pessoal diz que ele é muito bom, trabalha muito bem. Até remédio ele passa. Como ele é de herança e já passou por outros

babalorixás que já se foram, talvez ele esteja assim. Ele diz que só me deixa quando eu morrer.

No Candomblé geralmente se canta em Yourubá, mas tem algumas pessoas que cantam e não sabem o que estão cantando, isso é errado, tem que saber o que tá cantando. No Candomblé pai ou mãe e filho ou filha de santos não pode ter contato, contato amorosos, aqui na minha casa é assim e vai ser assim até quando eu morrer. Outra coisa! Eu posso até receber marido e mulher na minha casa, mas se coloco minha mão na cabeça de um não posso colocar na cabeça dos dois. Sigo os regulamentos de 40 a 50 anos atrás e irei levá-los para o túmulo e também irei passá-los para meu herdeiro.

Da maneira que respeito um babalorixá da kibanda que é o Candomblé, respeito também os que são preparados na Umbanda. Mas os preceitos da Umbanda são bem diferentes dos preceitos do Candomblé. Cada coisa tem seu lugar. Cada cosia de sua vez.

Os orixás são todos africanos, por quê? Os africanos são povos que sofreram muito. Os caboclos são daqui e não se unem com a história dos orixás. Aqui, o caboclo é o bate-folha da casa. Ele vem dá o recado e o orixá não pode fazer isso. Porque quando tem saída de orixá não cantamos para caboclos, porque caboclos são espíritos “mortos” e os orixás são encantados sobre a justiça do Pai. Orixá para se manifestar precisa da matéria pura, o médio não pode ter o corpo cheio de cachaça, precisa tá puro para receber essas energias.



Figura 28 - Pai Gildo em oferenda a seu Caboclo (MARQUES, 2014).

Orixá para mim que sou espírita é como um santo, sob a indulgência que recebeu de Deus. Olorum é como se fosse Deus e Orumilá Jesus. O pessoal tem a mania de dizer: “eu fiz meu santo”, tá errado, “eu me preparei para o santo”, orixá já tá feito sob a indulgência de Deus. Ai nós temos que nos preparar para os fundamentos. Tem a catulagem, a raspagem, os cortes, as pinturas, aí temos que receber os orixás para estar preparado para esses fundamentos.

MUDANÇAS QUE O CANDOMBLÉ TROUXE

Em primeiro lugar eu agradeço por causa da minha saúde, hoje tenho saúde. Em segundo lugar porque “quem foi eu”? Com dez anos eu pedi até esmola. Passei 3 meses e

17 dias para chegar em São Paulo. Dormindo na rua, tomando sol e tomando chuva. Eu vim de Arco Verde para cá. Tivemos muitos problemas, teve o problema de saúde da minha mãe, cirurgias que fiz, ajudei também muita gente, sempre gostei de ajudar o próximo. No espiritismo temos que viver de pés no chão, temos que ser simples. O verdadeiro espírita é aquele que é humilde. Vivi e vou morrer assim. E é o que passo para meus filhos: o espírita tem que ser humilde. Minha Mãe de Santo era assim. Pergunte dentro de Juazeiro: quem foi mãe Filhinha. Uma grande Mãe de Santo! O lema é dá de comida a quem tem fome e de beber a quem tem sede. Dentro do espiritismo é assim que tem que ser: fazer o bem sem olhar a quem.



Figura 29 - Com amigos no Terreiro (MARQUES, 2014).

FESTAS DO SEU TERREIRO

Em fevereiro faço a festa de Oxum e Iemanjá. Depois é a dos Marujos em março. Em julho faço a feijoada do meu Pai Ogum. Também faço o Olubajé de Omolú, junto com a jurema dos caboclos. Em setembro faço a festa para Cosme e Damião com o caruru dos ibejes, dos erês e em dezembro a festa da minha Mãe Iansã que chamo de Oyá.



Figura 30 - Caboclo Pena Preta (MARQUES, 2013).

Passado pelos preceitos, preparado por minha mão tenho 40 filhos e filhas de santo. Aqui tem primeiramente a minha pessoa que sou o Babalorixá da casa, depois o pai pequeno e a mãe pequena que dá o nome de Yakekerê e Babakekerê, eles assumem a casa na hora que não estou, para jogar um búzio, para tirar um ebó, para preparar alguém para a camarinha. Tem as Ekedes e os Ogans que não podem

receber os orixás. Se um ogan começa a receber e já é ogan da casa, o pai de santo tem que dá o deká dele para ele também ser pai de santo, na minha concepção. As ekedes cuidam do barracão, cuidam da casa, dos orixás quando estamos virados, tomam conta da campa que se chama adjá, o adjá tem que tá na mão dela. O Adofan é responsável pela limpeza do barracão. Terminou o toque ele deixa tudo limpinho, organizado. A labacê é responsável pela cozinha, por lavar, passar, entregar o prato na mão de cada um juntamente com a adagan. Aqui também tem o ogã coriobó que é o ogã somente do Exú. Tem o Assogun que é para os cortes, mas corta apenas bicho de quatro pés. Assogun não pega em bicho de pena. Tem o ogã de sala que é só para cantar e o ogã de atabaque que é responsável pelos toques.



Figura 31 - Jean e Caio, os herdeiros (MARQUES, 2013).

Caio é o herdeiro do meu terreiro. Ele é gêmeo ebácio, gerado da mesma placenta. A irmã dele é rodante e

ele vai ser também, breve ele está sendo preparado para receber e assumir a casa.



Figura 32 - Gêmeos, filhos de Pai Gildo (MARQUES, 2014).

Jean chorou na barriga da mãe o que é um bom sinal que vai ser um bom adivinho. Ele vai jogar bem o ifá. Orixás como Omolú/Obaluaê, Xangô, trabalham bem na linha da adivinhação.

Minha mãe era Maria Roza da Conceição, também era Yalorixá e o Jean, meu outro filho, é herdeiro dela.

DISCRIMINAÇÃO

Antes meu terreiro era perto do Exército. Quando era no começo eles queriam indagar. Era soldado e sargentos na minha porta. Algumas vezes quando tocava

vinha uns sargentos tentar fechar aí eu dizia o senhor vai deixar eu tocar ou eu preciso procurar seu comandante. Comigo era assim, ele tentavam, mas eu sempre procurei meus direitos. Hoje tou aqui e em frente do meu terreiro tem uma Igreja Universal. Só teve uma vez que soube de uns comentários e aí eu mesmo procurei o pastor e a mulher dele e falei que eles me respeitassem como eu respeito a religião deles. Depois disso tá tudo bem, eles me respeitam e eu respeito eles.

Sou de Ketu, mas sou um admirador de angola. Foi toque para angola, todos os cantos para orixá eu me sinto muito bem e para caboclo então eu me solto!

CANTOS PARA OXUM

*Oxum da lavra
Ela é mulher e orixá
Oxum da Lavra
Ela é mulher e orixá*

.....

Olha a menina, olha a menina que brinca na areia

.....

Menina lá vem a onda, menina onda te leva

.....

CANTO PARA OXOSSI

*O que é de Deus só o túmulo tira
Mata a serpente
Tira a espinha e fica a ira*

.....

SEMPRE APRENDENDO

Tenho 50 anos de Candomblé e Umbanda, 46 preparado no Candomblé e 4 passei na Umbanda, mas não conheço todos os fundamentos. É como cavar um poço que não tem fundo.

ORGANIZAÇÃO

A gente vai para Juazeiro e eles vem para Petrolina. Os terreiros, alguns, se dão muito bem. Alguns já estão bem organizados, mas outros ainda precisam se organizar mais. Conheço praticamente todos os terreiros. Ajudei a fundar a organização. Queriam que assume a presidência, mas como minha leitura é pouca pedi que Pai Jorge assumisse. O Que mais a gente quer é que os terreiros esteja organizados, mas é um desafio muito grande, mas a Associação tá ai para lutar por isso.

MENSAGEM



Figura 33 - Sempre com sua Mãe Oyá (MARQUES, 2013).

Em primeiro lugar para as pessoas que estão iniciando, que vejam as coisas boas e deixe as coisas ruins de lado que não vale a pena. Sejam humildes e façam o bem sem olhar a quem. Que os professores procurem os pais de santos que possam explicar algo para eles para eles entenderem melhor o Candomblé e a Umbanda. Como é que alguém pode ensinar alguma coisa que não aprendeu direito? Não pode! Ou eu passo a coisa certa ou eu não passo. Não pode ficar no meio da estrada, em cima da parede. Tem que ficar de um lado ou do outro. Que vão em busca, que corram atrás da informação de conhecer essas e outras religiões. Existe o bom e o ruim em todas as religiões e em todas as profissões.

CENTRO MÃE SOCORRO



Figura 34 - Mãe Socorro (MARQUES, 2014).

Meu nome é Cícera Maria de Jesus (Mãe Socorro), nascida em 1944 – 70 anos, moro na Chácara St^o. Antônio, Avenida dos Carneiros, nº 1171. Ylê Axé Ogum de Ronda, terreiro com 42 anos, fundado na década de 80. Primeiramente eu comecei a trabalhar em São Paulo e eu fazia vários atendimento. Nesse tempo eu nem tinha filhos. O povo chegava lá com as carteiras de trabalho pra eu benzer, eu já venho com o de São Paulo.

No documento está Centro Espírita Ogum de Ronda, como aqui tudo modificaram, então, na linguagem do Candomblé hoje Ylê Axé Ogum de Ronda – Centro espírita já era um preconceito. Em 1962 eu já trabalhava em Brasília.

Em 1964 em São Paulo eu comecei a trabalhar, nesse período eu recebia Seu Zé, um dos meus guias de trabalho.



Figura 35 - Mãe Socorro em Festa de Caboclo (MARQUES, 2014).

Quando eu tinha 13 anos eu ajeitando as imagens na parede, com oratório de minha mãe, eu recebi e me ajudaram, me colocaram dentro de uma Rural, e me levaram pra um Centro, o povo tudo com roupa branca, beriló (expressão, que se refere a pessoa que já faleceu), aí o povo desta casa disse que eu seria uma mãe de santo muito famosa, porque meus orixás eram diferentes, elas disseram, que a mãe de Santo que botasse a mão na minha cabeça deixava de ser zeladora, porque meus orixás eram diferentes. Eu tinha que fazer todo mês uma limpeza, viu, por causa dos Exu.

Eu entrei na Umbanda por necessidade de saúde, é como eu já disse com sete anos eu já recebia. Nessa época ninguém falava em Candomblé, em centro espírita, nada

disso não. Tinha era curandeiro, aquele povo que rezava. Mas, não tinha esse negócio de filho de santo, nunca ouvi falar de pai ou filho de santo naquela época, isso no Estado de Alagoas. Eu nasci em Alagoas, mas, me batizei em Inajá/PE. Aí o tempo foi passando ele baixando em mim de ano em ano e não tinha controle, então foi assim, eu nunca girei em terreiro de ninguém. Comecei minha trajetória espiritual por necessidade.

Eles incorporavam em mim e eu não tinha controle. Em 1958 pra 1960 eu já recebia esses espíritos, como Zé Pelintra, entre outros, aí veio Oxum, depois Ogum, mas, Ogum tomou a frente de Oxum aí ele ficou de frente e ela ficou como juntó. Eu tinha treze anos quando aconteceu uma cheia muito grande e meu irmão era muito artista e fez um sobrado de madeira em cima, ele ficava em cima e eu e mãe ficávamos embaixo, então chegou Ogum e disse que mãe ia ganhar um terreno e mesmo assim aconteceu ela ganhou o terreno. Nenhum orixá tem permissão de falar, apenas Ogum de Ronda. Minha mãe também era média e não se assustava com meus orixás. Ela já ficou muito tempo trancada num quarto mordendo todo mundo, aí foram atrás de um curandeiro, eu era menina, meu pai era muito sabido, ele entrava assim numa porta e se encantava, ele era cangaceiro de Lampião, o nome dele era João Marcelino de Fuisco, da família de Matinha de Água Branca. Meu pai se vultava também, abria as portas de cadeias, porque ele era cangaceiro de Lampião e a polícia prendia os bandos naquela época. Tinha também meu padrinho que era delegado em Delmiro Gouveia que era muito sabido também, aí fumava aqueles charutos e sabia que era meu

pai se vultando, uma vez meu pai chegou com a cabeça toda queimada.

PRIMEIROS TRABALHOS

Mas, eu sempre trabalhando assim, eu tinha uma barraca onde vendia coisas, aí quando eu chegava em casa, estava com um monte de gente vários carros, tudo me esperando pra eu consultar. Era de graça! Eu recebia meus guias, mas, não cobrava. Mas, meu Pai Ogum disse que eu não ia mais trabalhar em lugar nenhum ai para me dedicar tive que cobrar. Eu tinha várias obrigações, aí foi tempo que foram aparecendo filhos de santo aí eu coloquei o terreiro, mas, Ogum disse que era pra eu tocar atabaque já aqui em Juazeiro, lá eu trabalhava com os Guias e as cartas. Eu não tinha zeladora, a tia de minhas filhas é que deu comida pra meus Orixás, e aí preparou a mim e meus filhos. A primeira filha que eu coloquei de quarto foi uma de Abaluaê e outra de Iansã. Meu guia veio a noite e me disse como deveria ser feito o trabalho. Assim fiz os dois Orixás diferentes e até hoje nunca parei.

A origem da minha entrada eu não tenho, todo filho de santo tem um pai ou uma mãe, né?! Mais eu não tenho porque quem deu comida pros meus guias hoje é evangélica. E a outra que me entregou deu o decá, beriló, beriló, já se foi, era, Mãe Filhinha de Juazeiro, mulher de seu Zé Luiz. Era uma mãe de santo muito conceituada em Juazeiro, trabalhava com muita responsabilidade. Ela trabalhava para um prefeito em Juazeiro, enquanto ela foi viva ele nuca perdeu as eleições em Juazeiro. Hoje o que importa no que você vai fazer é a responsabilidade e se você faz aquilo com

amor e respeito. Olhe se eu corto pra meu caboclo tem gente que bebe, faz besteira, eu não, eu respeito fico de resguardo e meus filhos também ficam pra poder segurar a oferenda, a oferenda fica sete dias arriada.

A OBRIGAÇÃO



Figura 36 - Mãe Socorro com algumas filhas de santo (MARQUES, 2014).

Olhe eu não queria ser yalorixá, queria ser zeladora mais sem ter casa aberta. Eu nunca frequentei um centro espírita, pra eu abrir minha casa minha vó de santo vinha pra minha casa me ensinar indorozã dos Orixás que é quando você reza de Ogum a Oxalá. Ela cantava os cantos todos pra mim aprender. Rezava Malene que era pra mim aprender. Olhe eu já fiquei doida, eu quebrei hospital, corri nas matas, fiquei perdida um bocado de vezes. Pra mim não dar a

obrigação deles, pra mim não ser yalorixá. Eu queria assim, ficar dando obrigação todo ano, sem ser mãe, mas, eles não aceitaram. Eu tinha que cuidar de filhos, eu tinha que aceitar filhos. E é por isso que hoje eu sou uma zeladora como precisa. Mas, eles castigam muito quando você tem uma missão e não quer cumprir, eles pegam muito pesado.

ANGOLA

Meu terreiro era de Umbanda, hoje sou angoleira. O que diferencia minha angola das demais é que eu não raspou, pinto e nem catulo. E a Umbanda-Umbanda é aquela que só reza e recebe as entidades. Na minha casa é Umbanda cruzada com Angola, porque minha zeladora era angoleira. Ela só não fez tirar meu cabelo, mas, os preceitos ela passou, então nós ficamos com Umbanda Cruzada e logo depois passando a ser uma angola. Ela também cruzava, mas, fazia assim, ela cruzava sete cortes, raspava e catulava, catular é o corte e pitava com a pemba. Então eu cruzo a pessoa na pemba, mas, não corto. Essa é a diferença da Angola, do Ketu, para minha Umbanda que é uma Umbanda Cruzada. Agente tem alguma coisa que fala na língua, mas não é obrigado. Por exemplo: mutumbá é quando você diz “Bença minha mãe”, mas, você não quer que o povo entenda o que está dizendo aí eu respondo “mutumbá axé”.

Em Candomblé pode existir exu, orixá, ciganos, marujos. Se existem todas essas entidades porque não cultuar no Candomblé. Agora eles isolam algumas partes, eles dão comida a Exu, mas, não faz aqueles toques que se faz aqui. Por exemplo, na Angola você raspado, pintado e catulado – é uma nação. E o Ketu é outra nação, que não

cultua algumas dessas entidades. Mas, só eles podem falar sobre isso. Porque aqui é cruzado como expliquei.

ORIXÁ, CABOCLOS E INQUICES



Figura 37 - Assento do Caboclo de Mãe Socorro (MARQUES, 2014).

Orixá representa uma Entidade Santa, por exemplo, Ogum é Santo Antônio, Oxossi é São Jorge, Xangó é São Gerônimo. Agora os Caboclos são aqueles que tem nas matas, que viviam naquela época antiga e hoje baixam nas pessoas. Quando são pessoas realmente médias que recebe essas entidades. Os Inquices são eguns, parecido com Caboclo que caboclo é egum evoluído, são espíritos de mortos. Agora, aqui se trabalha mais com Orixá, Caboclos, Marujos. O que são marujos? São aqueles homens que viviam no mar, nas balsas, no rio, e muitos ficaram com a

missão de descer nos outros para trabalhar. Porque nós todos temos uma missão na vida não é?!

MUDANÇAS NA VIDA

Os Orixás trouxeram todas as mudanças de vida pra mim. Porque eu já morei na rua, em estação, eu só nunca me prostitui nem nunca roubei, mas, já passei por tudo. Eu vestia uma roupa porque o povo me dava, aí quando passei a zela deles tive tudo que eu precisava. Eles disseram que eu não ia mais ser empregada de ninguém, que eu ia trabalhar só pra eles e eles iam me dar as coisas. Hoje me considero uma mulher rica, rica das graças de Deus.

AS PRINCIPAIS FESTAS DO TERREIRO

A festa principal é a de Ogum, mas, todas são importantes, as dos Erês, essa de Seo Zé Pilintra mais seu Juremeira são festas grandes. Quando diz que vai ter festa em Mãe Socorro todo mundo em Petrolina pergunta quando é. A festa de Ogum acontece no dia 13 de Junho aí eu dou a feijoada que é sua comida predileta e faço o Candomblé homenageando. É sempre no segundo sábado de junho, um mês após ter a festa do Caboclo Juremeira e no dia seguinte a de Zé Pilintra. As festas acontecem assim, Seo Juremeira (festa de caboclo) é segundo sábado de julho e a do Seo Zé é terceiro sábado de julho. Os Exus tem festa em Agosto. A festa de Erê é dia 27 de Setembro Oito de Dezembro tem a festa de Oxum, Dois de Fevereiro é a Festa de Iemanjá. Aí eu tomo uma folga até junho de novo.

FILHOS DE SANTO



Figura 38 - Edson (Babakekerê) e Edinha (Yakekerê) filhos de Mãe Socorro (MARQUES, 2012).

Eu tenho mais de mil filhos de santo. No outro Ylê Axé que era localizado na Cidadeeu tirava barco de oito Yaô. Quando Ivoneide Fialho, ela tinha um caderno e anotava, naquela época eu tinha mais de 500 filhos. Eu já preparei mais de mil filhos de santo. Hoje que ficam no dia a dia do terreiro é em torno de 30 a 40 filhos presentes.

A HIERARQUIA DO TERREIRO

Eu tenho mãe criadora, mãe pequena (hoje já tem casa aberta), axogum, tem pai pequeno, tenho três ogans, tem equede de Ogum, a Equede de Oxum, tem os yaôs, tem a adagan, tem a pessoa que passa as roupas do santo. Aqui eu tenho um Ogan de Juremeiro, Ogan de Seu Zé. Tenho o

Ogan de faca, onde cada um tem o seu. Os Ogan de Atabaque são os que cuidam do atabaque. Cada um cuida das coisas do Pai Juremeira e aí vai. O Ogan de sala recebe as pessoas que chegam.



Figura 39 - Margarete, Ekede da Casa (MARQUES, 2014).

DISCRIMINAÇÃO

A minha pessoa mesmo, nunca foi discriminada. Eu sempre fui bem recebida em prefeitura, fórum é tanto que eles já tive o privilégio de participar de grandes eventos com governadores, senadores, deputados, prefeitos entre outras autoridades. Se eu já cheguei no lugar e alguém fez crítica ou me repudiou por eu ser espírita nunca chegou ao meu conhecimento, mas, minhas filhas sim, já passaram por isso. A minha filha mais nova lá em Areia Branca já sofria, o povo dizendo “lá vai a filha de macumbeira!”. Aqui tinha dois

presidentes de Federação espírita, um já morreu “beriló para ele” e o outro se mudou pra Recife, então a gente é legal. Então nunca ninguém invadiu aqui pra fazer baderna não. Logo, eu gosto das coisas muito organizadas, meu terreiro, por exemplo, é todo na cerâmica, então não fica mancha de sangue, porque fica tudo muito limpinho. Nunca passei de meia noite na rua tocando, posso dar festa que der, eu nunca passei de meia noite, quando tem festa vai todo mundo pro salão, aí todos podem comer e beber até o dia amanhecer, cantando um pontinho e outro alí, mas, sem bater o atabaque. Então, nunca recebi uma reclamação, nem nunca teve uma briga na minha casa.

CANTOS MAIS FORTES

O canto mais forte assim para mim é o canto de Ogum, porque é o que abre o Terreiro. Ogum é o Orixá das estradas, então todo Terreiro primeiro canta para Ogum. Então, eu acho que ele chama mais atenção. Tem vários que me tocam, por exemplo:

*“O meu pai é Ogum,
Vencedor de demanda,
Ele veio de Aruanda,
Pra saldar filhos de Umbanda.
Ogum, Ogum Yara
Salve o campo de batalha
Salve as sereias do mar.
Ogum, Ogum Yara!”*

Um que me toca muito:

*“No campo do Maitá
Ogum guerreou e venceu,
Sua divisa de general
Foi Zâmbi e foi Maria que lhe deu!”
[o meu, que me toca, é esse!]*

Para Juremeira é aquele que diz assim:

*“Seu Juremeira nasceu na Umbanda
E minha mãe Oxum acabou de criar.
Mas, ele é o rei da Hungria,
Ele filho da filha da cobra coral [bis]!”*

ORGANIZAÇÃO DOS TERREIROS DE JUAZEIRO E PETROLINA

Em primeiro lugar eu não frequento muito os terreiros dos outros. Cada um tem o seu. Cada um tem sua maneira e eu não posso dizer que está certo ou errado. Eu não posso julgar nenhum terreiro, porque eu não conheço. Eu tenho a Carteira da Federação, meu Centro é da Confederação e tenho meu Centro Registrado em Cartório, porque eu fazia uma distribuição de leite para as famílias carentes, então, eu fui obrigada a registrar meu Centro em cartório. E gora, Jorge criou uma Associação, mas, meu terreiro não é ligado a ela. Eu tenho ligação com a Confederação que já se acabou, mas, eu tenho a Carteira. Então meu terreiro é documentado e legalizado pela confederação de Recife.

COMO ME DEFINO – COMO ME SINTO?



Figura 40 - Mãe Socorro recebendo o Cigano Fantalin (MARQUES, 2013).

Em termos de cor eu sou mulata, morena, como é que eu sou?! Mas, ah, eu me sinto Cigana. Eu me sinto sim Cigana, porque minha mãe era Cigana. Eu sou descendente de Cigano, olhe só eu leio mão, jogo carta através da vidência, portanto, eu sou Cigana. Você já viu meu Cigano? Carta com vidência é assim, tem gente que joga tarô, aí tem um livro que estuda, assim como os búzios que tem gente que estudo e outros aprende ensinado, as Cartas com vidência é assim, eu nunca lhe vi e sou capaz de dizer sua vida todinha. Eu olho pra pessoa e vejo o que aconteceu e o que vai acontecer.

ESCOLARIDADE

Eu nunca estudei. Naquela época eu só estudei a Cartilha, era a carta de ABC. Mas eu aprendi a ler. Hoje a escolaridade é muito chique. Mas, eu não sou analfabeta, eu sei escrever e ler. Ora eu faço as macumbas escrevendo. Eu sei mexer no computador, na internet (risos).

OUTRAS ATIVIDADES

Antes trabalhava fora, já fiz de tudo. Fui agricultora, sempre fui criada na roça. Mas, hoje sou do Centro. Mas, o Mestre de consulta que atende o Povo todo é o Zé Pilintra. O Santo é Ogum da casa, mas, quem atende nas consultas é o Zé Pilintra. Ele já sempre ganha muitas oferendas.

MENSAGEM

Eu quero deixar dito o seguinte: que todos acreditem mais em Deus. Que acreditem no espiritismo porque tem muita gente morrendo à mingua, porque não procura, as vezes é até uma bruxaria colocada, e pode ser resolvida. Outra coisa, é que o Espiritismo traz muita luz no caminho de muita gente, traz muita paz. O que você não pode querer do Espiritismo é o mau ao seu próximo. Mas, se você ali, tomar um passe, um banho de erva, tudo isso eu aconselho. E digo principalmente, aos professores que vem debatendo com todo tipo de gente que use isso a nosso favor. E a todos que sempre frequentou minha casa ou me procurou todos

eles deram um passo a frente, porque eu sempre deixei muita energia positiva para vocês.



Figura 41 - Detalhe do altar de Mãe Socorro (MARQUES, 2014).



EDNA PAULA, 38 ANOS, FILHA DE MÃE SOCORRO



Figura 42 - Edinha incorporada (MARQUES, 2014).

MINHA HISTÓRIA NO CANDOMBLÉ

Eu já nasci no Candomblé, quando eu nasci minha mãe já tinha o Candomblé, eu com cinco anos já rezava nas pessoas, aí quando eu tinha nove anos, eu tinha meu cabelo grande, minha mãe cortou meu cabelo, e eu adoeci, minha mãe não sabia, aí os guias disseram que eu era de lemanjá e não podia cortar o cabelo. Então, minha mãe rezou uma malemba²² e eu fiquei boa. Mas, quando eu tinha nove anos foi quando eu comecei a ficar irradiada, irradiada é quando

²² Reza forte na língua Yorubá.

você roda e fica sem noção, e eu me batia muito, me machucava, mas, foi quando Mainha confirmou o santo e aí quem incorporou primeiro foi minha Erê que é Janaina e depois lemanjá. Só que na época eu ficava meio que envergonhada, aí Mainha fazia as confirmações, mas, eu não girava, eu acompanhava tudo e ajudava. Ela achava que eu era muito nova para já ter aquela responsabilidade. Eu tinha uma responsabilidade, mas era lutando por fora. Até que chegou um tempo que não tinha mais como correr, foi aí que veio as outras entidades lemanjá, Oxossi, Boiadeiro. Mesmo assim, eu fiquei ainda querendo fugir dessa responsabilidade, eu era somente Abian²³, apesar que Abian já tem uma responsabilidade. Aí meu irmão que é mais novo que eu fez a obrigação dele. Minha Santa pediu obrigação ao meu irmão, daí eu também estou aos pés de meu irmão. Foi explicado porque que eu queria, mas ao mesmo tempo não. Eu estava ali, mas não era feita, não estava preparada. Porque no tempo certo eu era para ser preparada, mas, eu tinha que ser filha de meu irmão, quando lemanjá deitou nos pés dele, pediu obrigação aí eu entrei de camarinha. A gente esperou o tempo, ele me preparou. E hoje eu sou a Mãe Pequena da casa e ele é o Pai Pequeno.

Eu me casei e mais tarde foi que fomos entender, porque o meu esposo é filho da minha mãe e é o Axogun²⁴ da minha casa. E eu sou filha de Santo do meu irmão. Os Orixás já sabiam, mas, eu não sabia. Quando eu comecei com cinco anos, minha mãe ajeitava, mas não podia me fazer, meu irmão quando chegou na idade é que pôde fazer,

²³ Pessoa que é só lavada no Candomblé, depois de iniciada que der obrigação, passa a ser um Yaô.

²⁴ É a autoridade responsável pelo sacrificio dos animais.

aí tudo estava preparado. Na nossa Nação, irmão de sangue minha mãe não pode fazer, assim, quando se trata de marido e mulher, ou faz um ou faz o outro, mas, nunca os dois. Eu é que era pra ser mais velha no Candomblé, mas, não fui, porque eu era pra ser filha de meu irmão que é de Xangó. E meu Santo de cabeça é Iemanjá, meu ajuntô é Oxossi e meu terceiro é Oxumaré. Tenho também o Manoelzinho que é um marujo, tenho Boiadeiro e tenho o caboclo Gentio e ainda tenho Preto Velho e Erê.



Figura 43 - Edinha e Cícero, seu esposo (MARQUES, 2014).

O CANDOMBLÉ É A MINHA HISTÓRIA

O Candomblé para mim é a minha religião. E pra mim é tudo. A gente é católico, minha mãe sempre foi católica, mas, eu sou mais Umbanda e Candomblé apesar de

frequentar a igreja católica em alguns momentos, mas, eu sou mesmo é do Candomblé. Pra mim o Candomblé é tudo, eu não tenho mais vergonha. Desde pequena tive que ter muita força pra enfrentar as pessoas que discriminava. As pessoas não apontavam pra dizer fulana é Mãe de Santo ou Zeladora, dizia assim, “aquela macumbeira”, “aquela é filha da macumbeira”, ali “moram na rua da macumbeira”, então você tinha que ter força pra ser da religião, se não as pessoas humilhavam, diminuía. Colocavam como se a gente não fosse nada. Então pra mim, é assim, eu já me assumo, em todo lugar que perguntar eu digo que sou filha de Mãe Socorro e o Candomblé pra mim é a minha história. Todos da minha família são do Candomblé, meu esposo é Axogun, meus filhos não são feitos ainda, mas, sempre estão presentes. Assim como minha mãe fez comigo eu estou fazendo com eles, deixando que eles conheçam pra depois decidirem, eu já percebo que um é mais dedicado e o outro é mais na dele, mas, os dois estão aqui presentes assim como eu estive. Eu deixo eles seguirem o curso natural. Tem muitos Candomblés que é normal fazer criança, mas, eu prefiro fazer como a minha mãe, que ela deu o livre arbítrio pra eu decidir no momento certo. Se eles decidirem hoje ir pra uma igreja evangélica eu apoio, porque eu quero é que eles sintam o amor pelos Orixás, pelos Santos, pela Casa.

DISCRIMINAÇÃO

Eu nunca dei espaço pra discriminação, exceto nesta questão da escola, quando eu era criança. Quando você não baixa a cabeça, quando você não tem vergonha de ser e fica firme e não tem vergonha e conhece sua religião, fica mais

difícil o povo discriminar. Eu tenho clareza que nós não fazemos mal a ninguém, o que a gente busca aqui é a paz, é saúde, é prosperidade, a gente pede muito pra o mundo mais do que pra gente.



Figura 44 - Festa no Terreiro de Mãe Socorro (MARQUES, 2014).

OS CANTOS QUE MARCAM

Tem um hino da Umbanda que eu gosto muito:

*Refletiu a luz divina
Com todo seu esplendor,
Veio o reino de Oxalá
Onde há paz e amor
Luz que refletiu na terra
Luz que refletiu no mar*

*Luz que vem lá de Aruanda
Para todos iluminar.
Umbanda é paz e amor
É um mundo cheio de luz
É força que nos dar vida
E a bandeira nos conduz.
Avante filho de fé
Onde a nossa lei não há
Levamos ao mundo inteiro
A bandeira de Oxalá*

Eu acho muito bonito esse hino e me emociono muito. O canto passa exatamente aquilo que a gente busca.

MENSAGEM FINAL



Figura 45 - Festa para Oxum (MARQUES, 2014).

Quando tiverem lendo esse livro, abram seus corações, abram sua mente e que não leia já com um certo preconceito, leiam com o coração e a mente aberta, porque, se for procurar vai encontrar muita paz. E talvez muita coisa da sua vida, você vai poder encontrar a explicação, porque tem muita gente que por conta de não conhecer muita coisa na vida, não tem explicação. Há coisas que não se encaixam, e as vezes a explicação está bem aqui na nossa Umbanda, no nosso Candomblé, nos Orixás, que se pode explicar. Uma vida que pode até ser diferente e você as vezes por se incomodar com o vizinho deixe de procurar. Então, abra seu coração e leia com amor, com carinho e se houver dúvida que venha atrás, que venha a gente pra procurar.



PAI VALTER



Figura 46 - Pai Valter com sua alegria levada aos terreiros (MARQUES, 2014).

Sou Valter Sol Posto. Meu nome de Candomblé, tenho uma dijina que eu não digo. No Candomblé mesmo eu sou Valter d'Oxum. Me conhecem também como Pai Valter. Esse ano faço 60 anos. De Candomblé, que eu vivo de Candomblé, desde 66, quer dizer que vai fazer daqui a dois anos, para o ano, faz 50 anos que tou nessa religião. Desde 76 que eu convivo com o Candomblé.

Eu dava ataque de epilepsia. Tinha problema de saúde, e um dia uma tia me levou escondido de minha família para um terreiro de Candomblé, que era um terreiro de Candomblé misturado com Umbanda. Com dez anos, mais ou menos, eu já dava santo. Como falei, antes tinha sintoma de epilepsia. Me levaram várias vezes no médico

mas eu não melhorava. Melhorei mesmo aos 14 anos porque eles não aceitavam a pessoa com menos de 14 quando entrá para o Candomblé.

Já recebia e não sabia dizer por quê, não é? Porque tinha medo, porque eu ficava inconsciente (eu sou médio inconsciente) e eu ficava com medo e tudo e dali prá cá não pude mais sair do Candomblé. Primeiro recebi um caboclo chamado Sete Flechas. Uma vez eu tive uma crise convulsiva na escola e vim embora. Do jeito que eu tava eu deixava livro, eu e deixava tudo.

Não tenho ninguém na minha família da tradição do Candomblé. Só tinha uma tia que ia escondido, levava seus filhos escondidos, mas tradição eu não tenho não. Meu pai não suportava e minha mãe era muito católica.

Eu fiz o primeiro bóri com um vizinho, casa de uma senhora chamada Odília, em 69. De lá pra cá eu fiquei com ela. Quando ela faleceu, eu fui pra casa de Mirinha, realmente fazer todas as iniciações. Tudo. Mirinha do Portão é uma mulher muito conhecida; trabalhou pra dois filmes de Jorge Amado: “Pastores da Noite” e “Tenda dos Milagres”. Os primeiros filmes foram ela como protagonista. E ela teve um Pai de Santo muito famoso que colocou o Candomblé na mídia chamado Joãozinho da Goméa. Dá época dele pra cá é que o Candomblé teve um aspecto de educação. Que ele já colocou no fim dos anos 60 pra 70, a partir dele o Candomblé foi visto como cultura. Ele dava entrevista e colocava os santos vestidos. Dava entrevista na Manchete e no Cruzeiro, que eram os únicos meios de divulgação escrita na época. Ele fez muitos trabalhos para Getúlio Vargas.

O nome da minha casa esta registrado na Federação com Terreiro Nossa Senhora das Candeias, que é Oxum pelo que se pensa do sincretismo. Sou de Oxum. Eu sou feito no

terreiro de Angola, de Dona Mirinha do Portão, Terreiro de São Jorge. É Angola que chamam também de kikongo, mas quando eu fui eu já tinha Oxum, eu sou de Ketu.

Olhe esse negócio de Ketu é o seguinte: eu quando fui eu já tinha iniciações com o Ketu. Mas eu fui feito num terreiro de Angola, mas com o tratamento diferenciado de Ketu, ela soube respeitar isso da minha história.

Venho do Candomblé em Salvador da Casa de *Mirinha* do Portão. A filha de Joãozinho da Goméia, que colocou o Candomblé na mídia. A casa dela é de Angola. *O terreiro dela hoje* é tombado como patrimônio histórico de Salvador. Minha mãe de santo era uma pessoa sociopolítica muito forte. Ela reivindicava os interesses do bairro dela, do Portão. E é tanto que assim que ela morreu, o prefeito fez um terminal turístico “Mãe Mirinha do Portão”. Por que ele viu a influência que ela teve, porque ela fez dois filmes com Jorge Amado. Era amicíssima de Jorge Amado. Teve “*Tenda dos Milagres*” e “*Pastores da Noite*”. Quem vê, vai encontrar a presença da minha Mãe lá.

Com ela iniciei, fiz o santo, mas sempre morei aqui em Petrolina. Ela veio dar a minha cuia, o meu direito, me diplomar em Petrolina. Eu não vivia na casa dela. Ela veio *dá aqui*.

Para aqui trouxe vários aprendizados do Candomblé. Eu trouxe muita alegria, trouxe muito samba, trouxe muita cantiga, tá entendendo? As pessoas é que não souberam aproveitar, sabe? O akokô, essa planta de poder que tem em todo Candomblé aqui, quem trouxe fui eu. O primeiro pé de akokô. Inicialmente coloquei uma muda em casa, depois sai distribuindo.

TERREIRO



Figura 47 - Mostrando seu baralho (Tarô) de Salvador Dali (MARQUES, 2015).

Hoje não estou com terreiro. Dei um tempo por questões particulares. Não foi nada do Candomblé, não foi nada. Foi coisas minhas. A depender do meu Santo, posso abrir novamente. Se ele pedir para voltar, reativar eu voltarei, senão eu não vou. Eu tou me sentindo mais tranquilo. Eu contribuo com o Candomblé na casa dos outros. Tá? Faço minha parte. Preciso, eu vou lá: posso fazer alguma coisa? Posso ser útil? Aí eu vou lá, faço. É pra fazer alguma coisa? Faço. Agora, eu acho a minha utilidade no Candomblé assim.

Sou abcum. Abcum é uma expressão que se usa para falar da tendência das pessoas de ficarem sozinhas. Sabe? Ficar sozinho. O verdadeiro abcum de nascimento “são filhos únicos”. E não pode ser feito. Eu sou abcum de folha.

ILHA DO MASSANGANO

Meu santo mora na Ilha do Massangano. Tenho meus assentamentos. Como sou de Oxum, meu santo está na Ilha. É uma casa de um filho meu. Ele construiu um roncó só pá botá o santo.

UMBANDA E CANDOMBLÉ

A Umbanda ela não tem assim uma certa doutrina mais fechada, porque se você pegar cinco umbandistas, cada um vai dar uma *informação*. É uma coisa mais própria, é individual. O Candomblé não, ele tem princípio e fim. É formalizado, né? Uma pessoa que é do Candomblé, ela fala uma coisa, eu que estou aqui entendo o que ele está falando porque é uma coisa assim unificada. Mas já a única variação que existe no Candomblé, são variações de casa: minha casa faz isso, minha casa faz isso, mas as adorações, as iniciações dos santos todos são quase iguais. Agora, já Umbanda não, a Umbanda é uma coisa mais misturada, faz questão de infiltrar a igreja católica no misticismo.

ORIXÁ E CABOCLO

Olha o caboclo é uma coisa que é mais pra Umbanda; o inkisse ele é do Angola; o “vodum” é Jêje, né? Na casa grande de Ketu não se admite nem que se receba caboclo. Hoje elas estão mais abertas, para não perder filhos de santos, porque o filho de santo que não receber lá vai

receber em casa, e *caboclo não tem pátria*²⁵; ele não tem disciplina porque caboclo não aceita ter pai nem mãe. Se um caboclo faz referência a alguém, a um pai de santo, tudo, é questão de educação dele, porque ele não é obrigado a fazer aquilo. O orixá não, o orixá respeita as hierarquias e é disciplinado.

FILHOS DE SANTO

Tive vários. Um deles eu fiz em Salvador mesmo. Tem um de Oxossi, um de Oxaguiã, um de Xangô, um de Tempo; um de Iansã, um de Obaluaê. Tenho 4 filhos de santo em Salvador e 6 aqui.

DISCRIMINAÇÃO

É um negócio assim, tão chato né? Não ligo pra essas coisas não, e acho que cada um deve ter os seus conceitos, o que acha que deve achar. A pessoa tem que ser respeitada. Um dia desses uma pessoa conhecida minha, para quem já

²⁵ Na perspectiva de uma “pureza étnica”, os misturados são expatriados, desterrados. No plano espiritual, caboclos, assim como os mestiços de pai branco e mãe negra do século 18, no Brasil, não é recebidos em casa de branco nem em casa de preto. O caboclo é obrigado a se descobrir no espaço inabitado, nas matas fechadas, nos entremeios dos campos sem veredas, e ali fundar sua pátria. Podemos ver melhor esses conceitos de territorialidade e desterritorialidade no belíssimo livro *Mitologia dos Orixás*, de Reginaldo Prandi, especificamente sobre o mito de Exu, “Exu ganha poder sobre as encruzilhadas” (p. 40). Disso, poderíamos pensar que encruzilhadas são, por assim dizer, o ponto de onde se delimitam as cercas, os muros, as propriedades espirituais (e materiais, pois repercutem na vida real para além do seu imaginário). No livro indicado, é possível compreender uma Geografia dos Orixás.

fiz trabalho me encontrou e perguntou: “com licença. Você é feiticeiro?” Imagina? Sempre fui feiticeiro do bem!

Já sofri várias vezes, porque é um preconceito, né? Hoje tá menos. Tem pessoas que é da minha amizade, independente de Candomblé, e às vezes elas até me evitam no meio de alguém por eu ser do Candomblé.

ORGANIZAÇÃO DOS TERREIROS

Falta mais união. Ainda acho as pessoas desunidas. Tem uma Federação, uma Associação aqui pra defender, mas acho que ela tem que ser mais forte. Porque em relação a Salvador, eles têm um poder muito grande. Por exemplo: a polícia militar não pode fechar um terreiro de Candomblé em Salvador. Tem que ser a polícia federal. E ela não tem fogo pra ir lá e fechar. Segundo: quando se tem qualquer festa, qualquer festa carnavalesca ou então qualquer festa cultural, uma manifestação do povo, a federação tem de ser consultada se for usado os orixás, tem que ser pedido a Federação. Na Federação tem advogado para defender *todos de qualquer tipo* de discriminação, de preconceito, de tudo do Candomblé.

Não existe uma formalização em Petrolina. Os Candomblés em Petrolina é assim: as pessoas fazem o que querem fazer. Porque Candomblé *obedece* critérios; não é assim não aleatório. Se você for em Salvador, lá se *obedece* critérios, não é uma coisa que você faz de qualquer jeito. Você faz de um jeito outro fulano faz de outro. Aqui tá acontecendo muita falta de respeito. Quando a gente faz um santo é quase uma “lavagem cerebral”. É todo dia: desde a

hora que faz um santo que você aprende que é pra respeitar os velhos, que é uma hierarquia. O que está acontecendo em Petrolina? Ninguém respeita os mais velhos.

Diante dos fundamentos da religião você tem que respeitar. O Candomblé é dogma! Cê tem que entrar sabendo que tem que respeitar aquilo. Que aquilo é um critério sagrado.

Em algumas coisas, em algumas situações, o Candomblé tem uma tendência a evoluir. Mas ele vai evoluir de uma forma desorganizada. Uma coisa que eu aprendi, passei trinta anos para aprender de ouvido, hoje um adepto entra na Internet e vê. Que é absurdo isso. É tirando o valor do sincretismo. Que tem pessoas que entram não para dar o valor do conhecimento da religião. Entra para questionar e competir com outra pessoa. Isso não é competição. Você aprende, aprende os fundamentais, aprende as coisas; você não pode repassar. É um segredo. É uma religião. Não é uma seita; é uma religião. E tá assim, crescendo *desorganizadamente*. Veja: eram 16 *Oduns*. Eu sei dos 16 *Oduns* de muitos anos atrás. Mas, não era permitido dizer a ninguém de 1 a 16. Hoje em dia qualquer *pessoa abre* a Internet e acha lá.

ODUNS

Oduns são as regências dos orixás sobre a pessoa. Cada *odum* representa um orixá, tá? Então *parte do nosso* trabalho é feito pelo jogo de búzios, “pelas quedas”. São 16 búzios. Pela os que caem aberto e o os que caem fechados você sabe quem (orixá) vai responder ao jogo.

Cada orixá tem a sua característica. E pelo orixá eu sei. Só que para eu colocar esse búzio, eu tenho que ter uma

iniciação e alguém antigo tem que me dá esse búzio. Num é um búzio que você vai lá na feira e compra, normal. É um búzio preparado, com adestramento, com sincretismo, tá entendendo? Bem fortalecido, com muita propriedade. Hoje em dia você vê todo mundo botando búzio, sem passar pelos ditames do Candomblé.

PLANTAS

Olhe! Todas as plantas são fundamentais no Candomblé, particularmente as fruteiras. Mas o akokô, eles identificaram como sendo, não uma planta frutífera, mas como uma planta de axé que existia na África. É como a gameleira, tá entendendo? Como o mulungu. Por exemplo, o pé-de-jaca é uma planta de fundamento. Tem de manga, tem de abacate, mas aí são plantas frutíferas; agora, as plantas que não davam frutos o akokô está incluído como numa das plantas de axé, de crescer. Apesar de ser um segredo em si, ela tem um santo, que não vou dizer o nome, ela tem uma identidade com um santo, ela tem muito fundamento, tanto pra banho como para outros fins. Eles chamam *bejereçú*, uma daquelas coisas secreta no Candomblé.

MENSAGEM

Nosso Candomblé tem que ser fortalecido. Eu acho que tem que ser mais fortalecido, mais divulgado. É uma religião que foi trazido com a nossa ancestralidade africana. É a nossa cultura praticamente. Por causa da miscigenação,

do cruzamento dele é que está aqui nossa população. O Candomblé não é o lado negativo da coisa não. Nem exu é o lado negativo. Exu é o Senhor dos Caminhos. As pessoas é que fazem atribuições negativas e fica fortalecendo o lado negativo *pá* distorcer o sentido. Mas o Candomblé é muito bonito. A história dos orixás é uma história muito bonita. Em nenhuma circunstância o orixá manda Ihe fazer nenhum mal. Se você pegar qualquer livro de orixá vai vê que houve alguma desordem. Como ouve castigo para eles porque eles fizeram alguma coisa. Iemanjá foi castigada por isso; fulano foi castigado por isso. Então espero que se repasse a história do Candomblé de uma maneira correta e mais sincera para poder, no futuro, que seja apagada essa imagem do Candomblé. É isso que eu tenho a dizer.



Figura 48 - Pai Valter (MARQUES, 2015).

CASA DE MÃE LAURICE



Figura 49 - Mãe Laurice (MARQUES, 2014).

PRIMEIROS CONTATOS COM A UMBANDA

Meu nome é Maria Filha de Souza, tenho 75 anos, sou natural de Iguatu, Ceará. Sou conhecida como Mãe Laurice. Na Umbanda a minha dijina²⁶ é lafi, filha de Oxum.

Primeiro eu adoeci, como eu comecei a lhe contar. Foi por necessidade, não foi nem porque eu quisesse. Que

²⁶ Dijina, palavra de origem kimbundu, Rijina, dialeto bantu que significa "nome". Nos candomblés de origem Bantu, o nome do Nkisi da pessoa deve ser secreto, se diz em público no dia da saída, mas raramente alguém consegue ouvir, somente o pai ou mãe de santo deve conhecer, e a(o) madrinha/padrinho da pessoa, que é escolhida pelos mesmos. Os iniciados após a feitura recebem uma dijina (apelido) que a partir de então é conhecida por todos no dia do nome, sendo conhecido e chamado somente por este nome dentro do culto religioso.

muitas coisas a gente não entende... Quando a gente entra no santo, a gente não sabe como é que é. É como quem a gente renasce, se chama renascer. Porque a gente começa a frequentar, depois começa as radiações, depois das radiações o zelador vai ver o que é que a gente tá precisando. Se a gente está precisando de preparar aquele santo ou se é fazer uma limpeza espiritual. A gente tem que fazer assim, no começo é assim.

Quando eu comecei mesmo foi cedo. Eu comecei a adoecer com vinte e cinco anos, comecei a sentir as coisas agressivas. A doença era assim: eu tava assim, com pouco me dava aquele negócio, e eu queria andar, queria correr, uma vez eu me perdi na mata. E meu povo não acreditava, pensava que fosse uma doença ou tava querendo ficar doida, mas, deixa que era mediunidade.

O primeiro terreiro que tive contato foi o terreiro da finada Sinhá, mas eu ia só visitar. Mas, quando eu chegava lá eu sentia a corrente chegando. Eu me sentia mal, mas eu não queria ficar, eu saía. Isso era aqui em Petrolina. Quando eu vim pr'aqui eu já ia fazer quarenta e poucos anos. No Ceará eu não comecei nada, eu vim começar aqui. Já era médium, já vinha de lá, só que meu povo não acreditava. Quando eu cheguei aqui agressou, porque aqui tem muitos terreiros, daí começou. Mas, eu frequentei primeiro em Juazeiro, num homem, um pai de santo que se chamava Seo Geraldo, trabalhava em mesa branca, e eu comecei na mesa branca.

Comecei em Juazeiro da Bahia, com Seo Geraldo. Ele já se foi. O centro dele era no Tabuleiro. E ele era mesa branca pura. Ele não tinha esse negócio de corte. Ele não fazia corte. Ele desenvolvia o médio. A gente recebia a entidade na mesa, entendeu? Ele chamava as correntes e a

gente recebia, aqueles que já tava desenvolvido recebia. Tinha aqueles médios de dá passe nos que chegava. E os guia ia chegano e se aproximava, era muito bonito. Aí quando eles, os médio da mesa já era preparado, que eles se incorporava, aí já ia dá passe naqueles outros, naquelas pessoas que tava precisando, né? Aí ele se levantava e começava a dá passe, e aquelas pessoa que tava precisando, que acreditava, ia lá falava com aquele guia, ele dava passe, e assim por diante. E a mesa branca nós começava rezano, dava defumação, começava as prece, as orações. Pros doentes, pras pessoas nos hospitais, para as pessoas carentes. De vício, de embriaguez, dessas coisas. Aí quando terminava, ele começava a chamar as correntes, começava as corrente. Aí, o que já era desenvolvido, recebia, os que num era, num recebia. E aqueles que já era acostumado recebê, incorporá, já ia recebendo aquele guia, já ia dando passe nos outros, atendendo aquelas pessoas, e ele era o dirigente da mesa.

Eu fui desenvolvida lá, na mesa branca. Quando foi pra eu praticar essas outras correntes aí ele disse: “Dona Laurice, vou explicá uma coisa pra senhora. A senhora deve procurá uma pessoa, de outras linhas, de outras mediunidades, porquê a senhora num tem só essa, a senhora num tem só os guia de mesa branca, a senhora tem outras correntes que precisam ser desenvolvidas. E eu não desenvolvo essas corrente aí. E eu queria tanto ficar com ele, ele disse: “eu só assento o copo da mesa, mas ôta coisa eu num faço.”

E tinha aqueles assentamentos, aquelas tigelas brancas, daqueles médios assim comum, aquele assentamento, que colocava perfume, essas coisas, mas nada de corte. E quando

era pra ele fazê festa, tinha aquele povo, aquelas pessoa que matava o bode, matava carneiro, matava galinha e tudo, era uma festa grande, a festa de marinheiro, mas era cortado fora, entendeu? Era uma coisa muito sera, a mesa branca dele. E eu fui desenvolvida nessa mesa branca. Eu nunca deixei.

Aí as ôtas corrente atacaram, aí ele foi e disse: “a Senhora pode procurá, eu num fico com queixa da senhora, só que eu não posso, eu não tenho condições de abrir essas ôtas correntes da senhora. Então a senhora procure um zelador que entenda de tudo, que o meu trabalho é só esse”. Aí pronto! Aí eu procurei esse pai de santo do Recife, eu fui assistí um trabalho dele no Recife, e gostei muito da doutrina dele, do jeito dele trabalhar e fiquei, parece que o santo admirou ele, e aí com o tempo fui buscá ele pra minha obrigação. Aí ele fez minha obrigação aqui, eu foi quem inaugurei esse salão a mais de trinta anos atrás, mas dêxa que eu já frequentava, eu já recebia, já trabalhava na Jurema e tudo, como eu trabalho aí e tudo, né? Aí ele foi preparar meu santo, veio preparar meu santo aqui. Ele disse: “bom, você já tá desenvolvida em ôtas correntes, e agora vamos entrá na minha”. “Agora, só meu Pai, que eu vou dizê uma coisa ao sinhô, eu nunca vou deixá minha mesa branca”. Ele disse: “você num é doida de dexá! Porquê você é Umbanda, você era pra sê Umbanda pura, mas quando você vai entrá na nossa nação, aí vai misturá. Você faça sua mesa branca separada, e as ôtas correntes que você vai ficá Umbanda, Jêjo e Nagô”. Jêjo por causa dele, né? Que chamava ele João Jêjo porquê a Mãe de Santo dele entrava muito no Jêjo, agora ele era um Nagô puro, meu Pai era Nagô puro. E é muito bonita as cantigas, os ponto do Nagô. E aí, como é que diz? Eu fiquei com ele, graças a Deus! Me dei bem, e o que acontece é que ele já era de idade, era diabético, tem uns dez ano que Deus

levou. Agora eu senti muita falta, porquê o véio era sabido. Ói, ele tinha uma mestra, mestra dele, era compositora de músga. Muitas músgas que a gente tem aqui de Pomba-gira, de Luziara²⁷, dos mestre, era tudo ela que fazia.

Agora tem esses otos povo aí, como você vê, é kêtu, é Angola, cada uma tem sua nação diferente, trabalha diferente, né? Aí a gente, como é que diz? Eles muitas vez ficava assim, sem entrá, assim no nosso, eles num entra no nosso Orí, né? Num entra no nosso Orí, porquê eles num são da nação, e nem eu também entro na deles porquê eu num sô raspada, num sô do Kêtu, nem sô Angola, eu sô Umbanda, Jêje e Nagô.

No Jêjo as cantigas são mais diferentes, né? Eu num entro muito no Jêjo do meu Pai porquê quando ele vinha praqui ele só entrava na Umbanda e no Nagô. O Pai só puxava mais Nagô. Eu digo meu Pai dêxe seu Jêjo aí, que eu, essas musgas daí eu num é muito comigo não. Logo ele trabalhava lá com os filhos de santo dele, e quando ele vinha pra cá, ele dizia: “Maria eu num vou puxá no Jêjo, porquê seu povo aqui não é muito do Jêjo”. O Nagô é, como é que diz? Puxa Jurema, puxa tudo, vem tudo, né? E os Exú de Nagô, os Exú que é Nagô, que a gente trabalha com eles no Nagô é muito bonito, as cantiga deles no Nagô, né? Quando a gente vai cantá no nagô pra Ogum salva ele e canta:

Pelé é Ogum ajô, é marô²⁸
Pelé é Ogum ajô, é marô
Ogum ajô é marô
Euá panin pãñã, ajô é marô

²⁷ Mestra Maria *Luziara* está para o Catimbó como Oxum esta para o Candomblé.

²⁸ *Ogúm adjo, è mariô.*

*Babá tuniên... aí o povo... Era um tôtô
Era um tôtô, era um jeje
Era um tôtô
Era um tôtô, era um jeje
Obi ô sô
Obi ô sô... a resposta... Obi ô sô
Obi ô sô
Obi ô sô
A coroa é podí dé
A coroa é podí dé
A coroa é podí dé
Ogum olojô
Ogum in nagô
Ogum ilojô
Ogum in nagô, balé
Ogum, Ogum, nossa filha elájubô, é lá ore
Ogum é lá ore
Ogum é lá oré.*

A HISTÓRIA DO TERREIRO

Eu comecei recebendo o guia e o povo acreditando, porque ele fazia aquela consulta e passava a medicação pro povo e o povo se dava bem, e daí começou. Começou, começou, aí eu vi que eu tinha que abrir uma casa, abrir um terreiro. Aí eu parti pro Recife. Lá foi que eu encontrei o meu zelador, que é João Vicente Ferreira, e não precisava mais ele desenvolver, só eu fazer minha obrigação. A inauguração daqui foi eu, quem inaugurei o meu terreiro. Não lembro a data. O nome do terreiro é Centro Espírita de Umbanda Oxum Iafi.



Figura 50 - Altar do terreiro de Mãe Laurice (MARQUES, 2014).

DOS FILHOS DE SANTO



Figura 51 - Mãe Laurice com filha de Santo (MARQUES, 2014).

Eu tinha cinquenta filhos de santo. Mas, uns foram passando pra lei de crente, outros foram simbora que Deus levou, e agora tá pouquinho. Eu não tô conseguindo mais assuntar agora. Tá chegando novamente, mas eu não tô nem querendo mais, porque eu já tô cansada de tanta luta. Trinta anos de luta não é brincadeira, não é?!

JUREMA

Jurema é minha madrinha, Jesus é meu protetor. Jurema é um pau sagrado, onde Jesus descansou. Você que é um bom mestre, me ensine a trabalhá, com a força da Jurema e o galho do ajucá²⁹.

ORAÇÕES

“Em nome de São Bartolomeu, Santo André, São Caetano e Avelino, eu te renego anjo do mal, Obsessor. Permita-me, pelo poder da cruz de Cristo e a sua divina chaga. Eu te renego maldito, sete vezes, para que não possa sentar o meu corpo. Meu corpo num é a tua morada, minha sombra não é o teu descanso. Com o pudê de Deus Pai todo poderoso, vai embora, o sangue de Cristo tem pudê. Vá pras onda do mar sagrado e pra casa de quem li mandou. Axé!”

²⁹ Ajucá (Adjunto da Jurema) - é o culto iniciático de Toreh Jerubari (Jerubari - Nosso Pai Celestial) ou simplesmente Toré. Conforme os seguidores, o *Ajucá*, também chamado "Anjucá", ou vinho da Jurema é o fogo líquido que traz luz e calor ao espírito dos juremeiros durante os rituais da ordem. (Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Adjunto_da_jurema. Acessado em 19/11/2014).

“Deus nosso Pai, que tem podê de bondade, daí a força aqueles que passa pela provação, a luz aquele que procura a verdade, põe no coração do homem a compaixão, a caridade. Deus dá ao viajô a estrela guia, o doente a consolação e o repouso. Pai, daí ao culpado o arrependimento, dá a criança o guia, ao órfão o pai. Sinhô, que a vossa bondade se estenda sobre tudo que criaste. Piedade meu Deus para aqueles que não te conhece, esperança para aqueles que sofre. E derramai por toda parte a paz, a esperança e a fé. Deus um raio, uma faísca do vosso amor poderá abrasar a Terra. Deixai-nos bebê na fonte desta bondade, fecunda e infinita, todas lágrima secarão, todas as dores se acalmarão, um só coração pensamento subirá até vós, como um grito de reconhecimento de amor, como Moisés sobre a montanha, nós esperamos com os braços abertos para vós. Ó podê, ó bondade, ó beleza, ó perfeição. E queremos de alguma sorte alcançar vossa misericórdia. Dá caridade pura, a fé e a razão, a simplicidade que fará das nossas almas o espelho onde se deve refletí a vossa imagem. Assim seja em nome de Deus Pai todo poderoso. Amém!”

DOS TRABALHOS NO TERREIRO

Na Jurema a gente começa a desenvolver aqueles filhos de santo, mas às vezes não vem logo, o santo. Eles vem puxando essa linha de Jurema. A gente marca aquele dia que a gente vai fazer aquela reunião – primeiro eu faço uma reunião com todos filhos – aí ele ficam frequentando e vão se desenvolvendo, até chegar o dia de fazer alguma

obrigação. As entidades da Jurema são: Preto Velho, Caboclo, as Pretas Velhas, os Pretos Velhos, tem vários.

A mesa branca a gente começa com oração. Começa a fazer as orações e cantar os hinos da Umbanda, na palma – não era tambor quando eu comecei. Ainda hoje eu faço assim: no dia de festa eu toco tambor, mas, na mesa branca é só palma. Cantar pros orixás, pra eles descerem. Com a cantiga é que eles vão ficar se manifestando. Eles vão incorporando e a gente vai fazendo os trabalhos.

DOS CANTOS

Na mesa branca a gente começa na defumação, canta pra defumação e depois a gente prepara o incensozinho da mesa, que é um perfume, uma alfazema. Aí a gente coloca nos médiuns vai na porta do terreiro pra os fluidos mal se arretirar. E a gente começa abrir a mesa, cantando.

1. Canto para Defumação

*Vou abrir os meus trabalhos
Com o rei Sebastião
É com a força de Deus
E São Cosme e Damião.*

2. Canto para Defumação

*Quem pode mais é Deus
Jesus e Maria José
Quem pode mais é Deus
E é de ser o que Deus quiser.*

O canto que gosto muito é Orumilá da minha mãe
Oxum:

*Orunmilá, ôoo mamãe
Orunmilá, ôoo mamãe
Taladê talá bomiô
Oxum ossoró
Ôh mamãe cheô*

*Até um dia
Ficuiabá olomim obé, oberi vodô
Orunmilá e mamãe êe
Ôh minha lodê, ôh minha lodô, mamiô
A Oxum do Ilê, com mamã cheô
E Odé a procura de abá
Oramin, oberé, oribodô.*

*Iê, iê, iê, iê, iê ôooo
Oramin Oxum axé toriôfan
Afidé, afideré Oxum
Anaju, arerê, irê, irê Oxum
Anaju, arerê, irê, irê Oxum*

*Simbaleô imaxó, simbaleô
Simbaleô imaxó, Oxum marerô
Ora ieiê, minha ogan
ora ieiê minha Oxum, Oxum marelô.*

Iê, iê Oxum.

DA NAÇÃO

A minha nação é Umbanda e Nagô. Meu pai chamava Jeje por causa da nação dele, ele tinha esse nação de Jeje por causa da mãe de santo dele. Quando eu me preparei com ele, me preparei com a Umbanda, o Jeje e o Nagô.

DA DESCRIMINAÇÃO E PRECONCEITOS

Já sofri demais. Para me desrespeitar assim, dizer alguma coisa na minha vista, não. Mas, por trás, a falsidade... A gente não se livra da falsidade. Sempre diz que a Umbanda não tá com nada. Não é todos que fala isso, mas, muitos deles gostam de rebaixar nós. Acha que nós que não somos raspados, não tamos com nada. Mas, o axé da Umbanda é muito forte. Muitas vezes, esses que são raspados do Ketu, de outras nação, cai e a Umbanda levanta, em nome de Deus, em nome de Orixalá, em nome de Obatalá, em nome de Oxalá Guian, em nome de Oxalufã, em nome de Babarobô. O importante é fazer o bem. Não adianta ser raspado ou não, e fazer mal ao próximo.

Preconceito na família, eu vou começar por a minha família, que eles não gostam. Mas, eu não vou fazer os gosto a eles, que se eu fazer o gosto a meu povo de não levar minha nação àquilo que eu quero, eu vou me prejudicar. Porque eu entrei – foi como eu falei – foi por doença, não pra me mostrar, por amostração. Eu entrei foi por necessidade de doença. E quando eu comecei, logo eu fiquei boa, graças a Deus. Não senti mais essas loucuras, de jeito nenhum, fiquei boa, fiquei curada. Aí, como eu fui curada, eu gosto de pedir força a Deus para Ele me dar força e dar

força aos guias para curar também. Eu não fui curada? É dando que se recebe. Porque se eu fizer o mal ao próximo, eu recebo. Não é dando que se recebe? Se eu mando pra você, se você conhece a folha, não adianta eu mandar pra você porque você manda muito mais pra mim, porque você conhece do preceito, do fundamento. Se eu lhe der um presente bom, você quer me dar outro, e acho que você quer me dar um melhor. E assim por diante.

E eu me dou com todo mundo aqui, eles na casa deles e eu na minha. É tempo de festa, eu convido meu povo. Você vai ver! Acho que aqui vai ter muita gente, porque eu não tenho inimizade com ninguém. E quem falar de mim eu não ligo.

Tem muita gente que não acredita nessas coisas. A gente sai trajado – eu não gosto muito de andar trajada, não! Eu gosto de me vestir e ficar bonita na hora do santo. Mas, pra andar na rua toda enfeitada, coisa pra o povo saber que eu sou zeladora, que eu sou mãe de santo, não. O que eu sou, o mundo diz. Muitas vezes a gente assim, o povo fica olhando.

ALGUNS CUIDADOS

Agora, também tem uma coisa. A gente cuida dos espíritos, cuida dos orixás e tem também o povo da rua. Porque se nós não se cuidar, eles vem invadir. Eles nunca tiveram força de invadir minha casa, sabe porquê? Porque eu sei cuidar deles. Eu sei o que é que eles querem, dou o que eles precisam e vão-se embora. Povo da rua são os exus, os eguns que andam vagando. Esses aí a gente deve ter

cuidado. A gente tem cismas, porque se você não tem coragem de fazer o mal a mim – nem outra pessoa – mas, é você que não tem essa coragem de me fazer o mal, mas, tem muitos que tem. Tem deles que queima o terreiro um do outro, pra não ir pra frente; com inveja porque tem muito filho de santo; às vezes porque tem aquelas pessoas, aqueles clientes bom. Tem muita gente faz isso, eu não. Não quero ser melhor que ninguém, eu só cuido da minha casa, só cuido daquilo que me pertence.

UMA ORIENTAÇÃO AOS LEITORES

Tem muitos que vão buscar a história, mesmo. Porque os professores pedem apresentação da gente pra ver o que é o Candomblé. E os alunos ficam ali para assistir. Acho que ali eles preparam aquele livro. E muitas vezes eles vão buscar na biblioteca aquilo que eles estão querendo aprender e saber o que é, justamente o Candomblé.

DIFERENÇA ENTRE O CANDOMBLÉ E A UMBANDA

Do Candomblé para a Umbanda não tem muita diferença, não. É quase a mesma coisa, só que a Umbanda é diferente porque não é raspada, nós não somos raspados. Vem o Ketu, a Angola, eles são raspados, é outra nação. E a nação da gente se torna a mesma, mas é diferente. A Umbanda não raspa, mas tem os mesmos preceitos. Recolhe; tem o dia de recolher; faz primeiro a limpeza; material e espiritual; prepara aquela pessoa com banho de

limpeza, com banho de abô³⁰; leva na rua pra se defender daquelas coisas ruins, para quando ele [noviço] entrar ser de corpo limpo, para poder se preparar para fazer o obori³¹, começar, entrar no santo e fazer os preparos. É quase a mesma coisa. A Umbanda não raspa, mas a Umbanda traçada com Nagô corta. Nós corta pra Exu, nós corta pro santo, nós corta pra egum. E se você vem perturbado por eguns, a primeira coisa que eu faço é retirar aqueles eguns, fazer aquele preparo, aquele sacudimento, tirar aquele ebó. É muitos ebó que a gente tira pra preparar um orixá. Porque não se entra com o corpo sujo.

Filho de santo, quando eu vou cortar, eu preparo aquele amaci³² – no ritual dos raspados eles chamam banho de abô, mas no nosso é amaci – preparo aquelas folhas do santo, todas folhas, junta tudo, faz o amaci. Antes de cortar aqueles bichos que a gente vai cortar, é tudo

³⁰ ÁBÒ, que se pronuncia Abô, é a designação de efusão de ervas maceradas, e é este seu significado. Portanto todo banho com ervas é Abô. Disponível em: <<http://umbandalivre.forumeiros.com/t890-banho-de-abo-na-umbanda#bottom>> Acesso em: 01.Nov.2014.

³¹ Da fusão da palavra bó, que em ioruba significa oferenda, com ori, que quer dizer cabeça, surge o termo bori, que literalmente traduzido significa " Oferenda à Cabeça". Do ponto de vista da interpretação do ritual, pode - se afirmar que o bori é uma iniciação à religião, na realidade, a grande iniciação, sem a qual nenhum noviço pode passar pelos rituais de raspagem, ou seja, pela iniciação ao sacerdócio. Sendo assim, quem deu bori é (lèsè órìsà). Disponível em: http://www.novaera.blog.br/index.php?option=com_content&view=article&id=224:bori-na-umbanda&catid=12:tenda-espirita-de-umbanda-pai-tome-de-arunda&Itemid=7.

³² AMACI vem da palavra 'amaciar', 'tornar receptivo', é um ritual, uma espécie de iniciação que todos os médiuns umbandistas, iniciantes ou não, devem, pelo menos uma vez ao ano, passar. É um líquido preparado com folhas e águas sagradas escorado por alguns fundamentos específicos da Umbanda e que tem como objetivo a lavagem da cabeça/coroa do médium. Disponível em: <<http://www.minhumbanda.com.br/blog/?p=5906>>. 01.Nov.2014

defumado. A gente faz aqueles preparos, aquela defumação, porque o bicho vem lá da rua, lá de fora. Quando chega, a gente prepara, lava os pés, lava o bico e dá defumação no salão e defuma tudinho antes de cortar. Na nossa Umbanda é desse jeito. Os animais para corte pode ser: galinha, bode, carneiro, depende do orixá, porque cada orixá pega um bicho de quatro pé, se for obrigação grande. Se não for, for só um obori, é pombo, fruta, galinha branca, esse tipo de coisa.

PRINCIPAIS FESTAS ANUAIS DO TERREIRO

Principais festas do terreiro são a festa de Oxum, em 8 de dezembro, e a festa de Preto Velho, em 13 de maio, e tem a festa das crianças, em Setembro.

INICIAÇÃO DE CRIANÇAS

Crianças também se iniciam na Umbanda. É assim, depois de sete anos de idade começa a frequentar, antes dessa idade, eu não aceito, não. E precisa também que os pais estejam presentes, se aquela criança estiver precisando se desenvolver, porque criança não é como o adulto. E é proibido criança no salão. Assim, quando vai começar, o terreiro que vai abrir com Exu, vai dar comida a Exu, criança não pode estar presente, porque ainda não tem consciência e às vezes se perturba. Você está ali tirando um egum, despachando um Exu, e aquele Exu vem receber as oferendas dele e pode pegar uma criança, que Deus o livre. Aqui nunca teve esse problema porque eu não aceito.

Criança não pode ficar na hora de uma limpeza, criança não pode ficar em trabalhos pesados. Criança pode ser desenvolvida depois de sete anos, se ele já tiver sentindo alguma coisa, porque isso aí a gente trás de nascença, como eu truce de nascença. Quando a gente nasce, já traz aquela raiz, aquela coisa. Depois que a gente vai aumentando, aquilo também vai aumentando. Tem muita gente que não se cuida e torna doido, porque não aguenta a mediunidade, é muito forte, não aguenta.

E muitas vezes o povo diz: - Que nada! Isso aí é os pai de santo que inventa pra ganhar dinheiro, por isso, por aquilo. Mas, não é não. A gente entra porque a gente não entende, se a gente entendesse, ninguém queria. Ninguém queria, não! Sabe porquê? É muito trabalho, a gente abrir uma casa dessa. Entra um e entra outro; cada um tem uma natureza; tem que lhe tratar igual, eles não tratam; tem deles que não quer respeitar. E aquele que não me respeita eu não quero na minha casa, porque se eu lhe dou respeito é porque eu quero respeito.

TRABALHOS DA JUREMA

Na Jurema a gente prepara a casca de jurema, a casca de jatobá, e várias cascas que servem de remédio, também. A gente cozinha ou bota de molho, e prepara depois dela cozinhada. A gente bota canela, erva-doce e mais algumas para tirar o travo. Açúcar, mel, vinho, pra preparar a jurema.



Figura 52 - Malonguinho, mestre da Jurema, muito cultuado em Pernambuco (MARQUES, 2014).

MAIS ALGUMAS LEMBRANÇAS

Agora eu lembrei de um assunto que eu não falei. Quando a gente começa a tomar jurema, o cabra sofre. Porque vem aqueles guias que vai tá com aquelas correntes, chamando... Mas, a gente sofre, viu?! Para desenvolver aquela corrente. Quando aquela corrente vem, que você já tá desenvolvido nela, já vem outro [guia]. E assim por diante: vem um, vem outro e você passando por aquilo tudo. É sofrimento, viu? Eu caia, bolava pelo chão. Teve uma vez que eu caí, disminti o pé, meu Deus do céu. Pensei: - Nunca mais que eu vou ali. Aí o guia me mandou um recado, que eu só ia ficar boa se fosse lá. Eu fui, e ele me rezou, e eu fiquei boa.

Fiz muito trabalho na mata porque eu não tinha lugar para fazer, e tinha que trabalhar na mata, mesmo. Era com os espíritos da jurema, tinha que trabalhar mais. Fazia limpeza tudim lá e lá mesmo deixava. E hoje a gente faz uma limpeza aqui, faz um sacudimento, faz lá fora, ou faz aqui dentro. Mas, tem que preparar o salão depois, tem que descarregar, tem que desfumar, tem que lavar tudo. E lá na mata, lá mesmo faz a limpeza e lá mesmo deixa aquilo tudo, e já vem limpo de lá.



Figura 53 - Mãe Laurice e Alex, em Festa de Caboclo (MARQUES, 2014).

Quando eu descobri a mediunidade eu tinha catorze anos de idade, mas, meu povo não acreditava e eu venho sofrendo esse tempo todinho. Eu via, eu sentia as coisas, mas, não adiantava falar pra meu povo, minha mãe, meu pai, que eles não acreditavam. É sofrimento, viu? E eu tinha era medo. Eu corria! Tinha um senhor lá no Belmonte-PE,

que ele trabalhava, o nome dele era Serra Branca, era dos lados de Serra Talhada/PE. E ele fazia um toré na Jurema, toré só de caboclo, de índio. Ele fazia aquele toré e consultava muita gente. Ele era bom, era bom de curar. E de vez em quando eu ia lá. Era aquele negócio que me chamava pra ir. Um dia eu cheguei lá e ele tava na pisada dele. Ele cantava:

*No pé do cruzeiro, Jurema
Eu brinco com meu maracá na mão
Pedindo a meu Jesus Cristo
A força pra nós trabalhar.*

E dá aquele trupé e eu abria com medo. Mas, deixa que era as coisas já me chamando. Isso aconteceu em Belmonte.

1. Canto para Sultão da Mata

*Sultão, Sultão
Sultão, meu bom irmão
Ele é um caboclo brabo
Mas, tem um bom coração.*

*Tem muito tempo que eu não venho no canzuá
Tem muito tempo que eu não venho no canzuá
Sultão, ei lá
Sultão ele é de chechuá
Sultão, ei lá
Sultão ele é de chechuá*

2. Canto para Chamada dos Caboclos

*Na mata eu vi um apito
Na mata eu vi um apito
Meu Deus, quem será, quem é?
Meu Deus, quem será, quem é?
Era os caboclos de pena
Era o rei dos Canindé
Era os caboclos de pena
Era o rei dos Canindé*

3. Canto para Jurema

*Jurema, ô juremê, Jurema
Jurema, ô juremê, Jurema*

*Sou uma cabocla de pena
Filha de Tupinambá
Tenho o corpo bronzeado
Os olhos cor de anil
Eu piso na folha seca
Ninguém escuta o meu pisar
Sou uma cabocla de pena.*

4. Canto para Ubirajara

*Traz minha flecha
Traz minha guia
Traz minha flecha
Traz minha guia
Sou Ubirajara do peito de aço*

*Ele é cacique do sertão do Norte
Sou Ubirajara do peito de aço
Ele é cacique do sertão do Norte*

TERREIRO DE JÚLIA E JOÃO



Figura 54 - Pai João e Mãe Júlia (MARQUES, 2014).

O nome do nosso terreiro é Ogum de Ronda, ele é de Umbanda com Angola, fundado a aproximadamente 12 anos atrás. Os guias principais do nosso terreiro é Ogum, orixá de cabeça de João, e Oxossi, meu orixá. Meu nome é Júlia Maria Soares da Silva, tenho 65 anos e o dele é João Santiago, 56 anos.

Bem, a história do nosso terreiro é cumprida, mas eu, na faixa dos 19 anos tive uma perturbação danada e nenhum médico sabia o que fazer. Tinha 03 filhos, já era casada, e as coisas só pioravam, até que me levaram num pai de santo Senhorzinho de Ogum de Ronda, e ele disse que meu problema era espiritual e que tinha que fazer obrigação. Pensei que era só uma e pronto, até vim, deixei

meus três filhos com a vizinha, até que quando cheguei aqui descobri que ia ficar mais de 03 dias e que ia ficar fazendo sempre essas obrigações. A primeira tive muita ajuda, mas ficava pensando nas próximas. Pedi para ir pegar meus filhos. Primeiramente eles negaram, mas depois aceitaram. Me levaram para pegar meus filhos me livrando das encruzilhadas. Meu marido já tava arretado, disse que eu até podia trazer meus filhos, mas que tinha que trazer tudo deles: roupa de dormir, de tomar banho, que não era para eles usarem nada dos terreiros. Assim fiz. Minha Mãe de Santo é Mãe Euzinha, beriló, tenho muitas saudades dela e ainda não achei alguém para colocar a mão na minha cabeça, estou esperando meu orixá mostrar.

Recentemente meu Oxossi escolheu Pai lata de Juazeiro para ser meu Tatetu. Ele é de Oxossi.

Depois disso fiquei boa, mas tive que zelar do meu santo. Passou os tempos e eu tinha que construir o terreiro. Tava na casa de Mãe Euzinha, na rua 43 do São Gonçalo e o homem veio cobrar o dinheiro do meu aluguel, não tinha, e ele pediu a casa. Sai muito aperrriada, com o juízo fervendo e disse: hoje eu vou encontrar meu terreno e fazer meu terreiro, meu barracão!

Morava na rua 43, com meus filhos, todos evangélicos, ninguém aceitava, vim procurar um terreiro para cá. Vi um terreno na rua 11 do Jardim Petrópolis, chamei o povo e disse: “bora cavar e fazer o barracão aqui”. “E se o dono aparecer?: Perguntaram. “Aparece não, aqui é invasão”. Não é que logo logo o homem apareceu! Fiquei com aquele aperto no juízo, desde que era meu orixá me guiando. Cheguei aqui e vi um tapete de grama, disse: “é aqui!” “E se tiver dono?”. “Tem não! Bora cavar! Quero uma casa aqui em 4 dias”. Parece que tava doida. Não é que em

pouco tempo, uma pessoa disse: “esse terreno é de fulano, ele vai se arretar, mas disse que tava vendendo”. Tava com 100 reais da feira da semana no bolso. Disse: “vou atrás dele! Vou comprar esse terreno!”. Sai feito uma louca. Achei o homem: “aquele terreno é seu?”. “É. Mas tou vendendo. Me dê 300 reais, ou se você tiver geladeira, televisão ou outra coisa eu aceito”. “Tenho, mas é para meu uso. 300 não vale não”. “Me dê 250?”. “Dou 150 e negócio tá fechado!” “Tá bom! O terreno é seu!”. Dei os 100, depois minha filha providenciou os outros 50. “Bota no papel!”. Hoje o terreno dessa história virou nosso barracão, meu e do João.



Figura 55 - Mãe Júlia e Flávio, seu Pai Pequeno (MARQUES, 2014).

Seo João: Comigo foi assim: vivia em Bodocó, tinha 14 anos, ai comecei a sentir aquelas coisas, irradiação e ouvir vozes, uma vozes do povo do mato. Me mandaram para o rezador Espedito Ferreiro, em cima da Serra do

Tucano, ele só trabalhava com mesa branca. Quando fui, em pouco tempo já tava recebendo, cuidando das pessoas. Ninguém acreditava. Até zombavam de mim: “olha o macumbeiro”, até meu tio. Um dia a esposa dele ficou doente e ele me procurou: “é João, sei que você não vai me atender porque zombei de você, mas minha esposa tá precisando, já fomos em vários médicos”. “Pode vim, atendo todo mundo. Fazer o bem sem olhar a quem, não é mesmo?!”. Ela ficou boa. Sempre trabalhei recebendo o médico Dr. Jesteiro. Esse médico é de Juazeiro do Norte. Quando fui desenvolver a linha ele se apresentou para a minha corrente. Até hoje trabalho com ele. Fiquei trabalhando muito tempo na Umbanda e não gostava desse negócio de Candomblé, bater tambô. Ai atendendo o povo, com pouco tempo vim para Ouricuri, fiz meu terreiro lá. Ai a coisa começou a pegar até que fiquei doidinho, os orixá pedindo obrigação e eu negando, deu nisso, fui amarrado para a casa de Dona Lindalva no Ouro Preto, Rua 05, Petrolina. Tive que fazer as obrigações, fiquei bonzinho e hoje tenho o maior amor por minha religião, por meu Pai Ogum. Fiz Santo com Mãe Socorro. Júlia frequentava meu terreiro e como eu também tava separado já, acabamos nos casando e estamos até hoje. Temos nosso barracão juntos. Fomos unidos pelo Candomblé (risos).

Estive sempre dividida. De um lado minha vida com minha família biológica, meus filhos, e do outro minha vida espiritual. Cuidei das duas partes. Deixei meus filhos amparados e depois parti para a luta, para cuidar da vida espiritual. Eu mesmo não queria meus filhos envolvidos com o Candomblé, era, na verdade, meu destino, não o deles. Mas teve um, o Berg, que hoje está comigo na religião. Ele entendeu minha sina.

Berg: “Eu entendi a vida da minha mãe. Meus irmãos não entendia. Eu sentia o que ela sentia. Quis cuidar dela. Sei o que são as coisas do Candomblé, hoje também recebo, também trabalho. No tempo que eu não queria não me sentia bem. A corrente dela sempre me avisava e eles diziam que eu tinha o dom espiritual. Eles falavam para mim que minha mãe ia ser uma zeladora, mas eu queria mesmo que eles cuidassem dela. Eu via os tambô batendo, dava a ripunança, mas eu seguia. Quando as coisas começaram a apertar, vi que minha mãe tinha mesmo que cuidar e eu, por ser muito apegada a ela, resolvi ficar do lado dela. Entrei e o hoje estou aqui. Através dela queria entender, mas eu não sabia que eu também tinha um problema espiritual para resolver. Fui me aprofundando na questão dos terreiros, fui escutando vozes, tendo visões. Depois disso tudo resolvi zelar também, resolvi cuidar antes. Hoje estou bem, estou feliz, não me falta nada em casa. Nunca passei apherreio. Cativei meu orixá, Iansã. Tenho orgulho de ser do Candomblé e por aí falam: “olha Pai Berg de Pai João”. Isso me faz feliz. Hoje sou Pai Pequeno de Ogum de Ronda!”

CANDOMBLÉ E UMBANDA

Nosso terreiro também é de Candomblé, porque nós somos de Umbanda com Angola. Na Umbanda não se bate tambor, não se faz imolações, só no Candomblé. Umbanda é só palma, mesa branca e nós, por ser da casa de Mãe Euzinha, cruzado com Angola, também somos do Candomblé.



Figura 56 - Festa no Terreiro de Mãe Júlia (MARQUES, 2014).

ORIXÁ, CABOCLO

Júlia: Orixá é uma força, uma energia muito forte, que nos toma. Caboclo é uma força que responde. Ele é o bate-folha do terreiro, ele que fala pelos orixás. O Caboclo é o mensageiro do orixá.

João: Orixás é como um vento, um sopro. Orixás não são do Brasil, são africanos. Na Umbanda é que se trabalha com espíritos dos caboclos, dos índios, dos preto-velhos, dos Legua Bogi do Codó do Maranhão.

MUDANÇAS

Candomblé mudou tudo nas nossas vidas. Primeiramente nos devolveu a saúde, nós dois estamos bons

e hoje nós ajudamos a curar os outros. E Se temos o que temos hoje é graça aos nossos guias, nossa religião. Somos muito felizes no Candomblé! Somos agradecidos por eles.

PRINCIPAIS FESTAS



Figura 57 - Altar do Terreiro (MARQUES, 2014).

A primeira festa é de OGUM, do dia 01 até o dia 13 de junho; Depois é a de Oxossi, de 01 a 18 de julho. Fazemos também a festa de Exu em agosto; depois vem o caruru para os erês da casa, para as crianças, dia 12 de outubro, dia da nossa Senhora Aparecida.

FILHOS E FILHAS DE SANTO

Júlia: Tenho 36 filhos. Minha Mãe Pequena é Ivonete que tem 22 anos comigo, filha de Omolú, minha filha mais velha; na nossa casa também tem Flávio, meu Pai Pequeno de Oxossi; temos Mãe Lucineide de Oiá; tem Cícera de Oxum, outra Ekede minha.

João: Tenho 40 filhos. Tenho Berg de Iansã, meu primeiro Pai Pequeno de Ogum de Ronda. Minha Ekede chama-se Neuma dos Passos; Mãe Rita de Oxum, Mãe Cleide de Oxum Opará e Pai José de Oxossi, são filhos de peneira (receberam o decá) dados pela minha mão.

DISCRIMINAÇÃO

Júlia: A coisa que mais me dói é a discriminação. Todo mundo pode ter sua religião; o pastor, o padre, e nós? Será se não vai ter um poder, uma autoridade que olhe por nós? A gente sai vestida e o povo, às vezes até fala “olha os macumbeiros”. Isso dói muito!

CANTO

Júlia: É o canto do meu Pai Oxóssi:

*Viva meu Pai Oxossi na Aruanda
Aê, Aê, Aê, Sindolelé
Viva meu Pai Oxossi na Aruanda*

Quando a gente canta, quem é de Oxóssi, vira!

João: Canto do meu Pai Ogum:

*Ogum é quem abre os caminhos
São Benedito é quem fecha as porteiros
Santo Antônio é o santo de mesa
Circulai este Terreiro*

ORGANIZAÇÃO DOS TERREIROS

Somos associados na Associação que Jorge é o Presidente. Ele luta muito, mas uma andorinha só não faz verão. São quase 400 terreiros ao todo e porque esse povo não tá junto? Tem que se organizar mais. Temos que buscar mais nossos direitos, mas sabemos que Jorge Sozinho e com mais dois gatos pingados, não vai conseguir não.

MENSAGEM



Figura 58 - As três irmãs - Júlia, Auxiliadora e Pedrina, Mãe Pequena de Pai João (MARQUES, 2015).

Nós queremos que as pessoas não vejam mais o Candomblé como coisa ruim. É nossa religião e aqui só procuramos fazer o bem. Será se nunca vamos ter alguém por nós? Chega de discriminação. Queremos a paz, o bem!

TERREIRO DE PAI ADILSON



Figura 59 - Pai Adilson (MARUES,2014).

Meu nome é Adilson Carrera Costa, nasci em 11 de maio de 1972, o nome do meu terreiro é Ilê Axé dos Orixás, fundado em 1996.

Em 1987, eu entrei numa casa de Umbanda, daí então, comecei a cuidar dos orixás e sempre fui filho de Oxossi com Oxum. Em 1987, entrei, fiquei de 87 até meados de 92 na Umbanda. Em 1993, fui para São Paulo e fiz o meu santo que é Oxossi, raspei na Nação Ketu. Em 95, recebi o meu oyê, porque o Babalorixá teve consideração aos orixás da Umbanda, que hoje não se faz mais isso. Ele me deu oyê e abri a casa aqui em Petrolina. A luta foi muito grande, esse barracão não existia, era só a casa aí na frente. Enfrentei muitos preconceitos por morar no centro da cidade, muitas

pedras, polícia vinha bater na minha porta, poucos vizinhos que não aceitavam na época, hoje não existe mais nada disso, pois fazem questão que eu toque meu Candomblé, posso tocar até o dia que eu quiser, enfrentei muitas coisas e fui construindo passa a passo. Primeiro, lembro que dei casa a meu Exú, era uma casinha com blocos soltos, construí encostado na parede, coloquei uma fileira do lado e outra com 3 tijolos e cobri com uma lona e, ali, eu plantei o meu Exú que se chama Baralogi, fui dando comida, alimentando e tendo fé. Depois, plantei Ogum na minha casa, que é o Ogum de Porta, que fica no portão. Fui dando força, até que construí, fiz a casa do meu Caboclo Juremeira.

A primeira festa que teve aqui foi uma de caboclo, depois veio outra de Exú. Aqui tinha um pé de coqueiro, um pé de mangueira, um pé de laranjeira e, logo em seguida, comecei a construir e só tinham dois quartos. A casa de Exú foi a que eu fiz primeiro, de um trabalho que eu peguei de um policial de Juazeiro. Lembro que ele veio aqui para resolver um problema. Eu disse que resolvia o problema, mas, para isso, gostaria que ele construísse a casa de Exú, que passaria pela aprovação e assim foi feito. Depois, eu construí o barracão com apenas dois quartos, esse que nós estamos e o roncó e esse aqui que é o meu palácio. Mas foi com muita luta, ainda tem muitas coisas para resolver, nunca perdi a fé e estou aqui.

Para a minha felicidade, minha avó deixou o legado dela, porque foi minha avó que me deu isso aqui, foi ela quem permitiu que construísse esse Candomblé, foi ela quem me levou para o Candomblé e seguisse a minha vida no Candomblé e, hoje, estou com ele até o fim da minha vida. O nome dela é Dona Libória Maria das Neves que, para os íntimos, as pessoas carinhosamente a chamavam de Dona Boinha. Ela era do Candomblé, nunca fez santo, porque não

teve coragem. Ainda chegou ao roncó, mas, na primeira semana, ela pediu ao Babalorixá para sair, porque não queria ter a responsabilidade. Os Orixás já sabiam que quem iria tomar conta era eu.



Figura 60 - Cumieira Barracão de Pai Adilson (MARUES,2014).

O meu primeiro contato com o Candomblé, eu morava na Areia Branca, na Rua do Umbuzeiro, nº 26. Tenho até vontade de comprar aquela casa de volta, porque foi ali, onde ele me fez. Eu tinha um sonho, acho que tinha uns 10 anos de idade, eram sonhos com estátuas em cima da mesa, que minha vó sempre foi muito católica. Ela tinha um sincretismo, colocava os orixás e os santos da igreja católica, ela tinha vidência, tinha bola de cristal, atendia e era rezadeira muito boa e eu sonhava muito com essa mesa, quando viajava, quando estava com ela. Morei com minha avó, foi ela quem me criou, então, eu sonhava com essa

mesa e algumas coisas e não sabia o que era. Como ela já sabia, então me levou numa mãe de santo aqui em Petrolina, que vocês conhecem e essa mãe de santo disse que eu tinha que frequentar e desenvolver as minhas correntes. Não me dei conta da importância disso, mas, depois, procurei um outro Babalorixá que, na época, era de quimbanda, muito antigo aqui em Petrolina. Ele é de Iansã e fiquei de fazer santo com ele. Só que eu não fiz santo com ele e retornei para a Umbanda e lá resolvi minhas energias positivas dos meus orixás, fiquei lá um certo tempo até chegar na Nação Ketu, onde estou até hoje.

Meu terreiro hoje é de Candomblé, aliás, eu nunca fui de Umbanda porque nunca consegui abrir o terreiro de Umbanda. Quando estava na Umbanda, em São Paulo, eu tentei, acho que em 92, abri o Candomblé de Umbanda lá. Porque foi uma época que teve uma invasão dos terrenos e, uma filha de Umbanda pediu para invadir, na época era Maluf que estava na prefeitura e mandou que tivesse a reintegração de posse e o barracão foi derrubado, não chegou a inaugurar. Cheguei a ficar dormindo na rua com meu filho biológico e esposa. Então foi aonde eu tive uma certa revolta, fiz na Nação Ketu, até mesmo porque quando vim para Petrolina, Ketu não era citado. Eu trouxe o rugebre, que é um fio de cargo, trouxe muitas coisas que se usa até hoje, por exemplo batas, os fios de cargos, as caftas, o ipadê (ritual para Exú).

Como eu falei no início da entrevista, eu senti necessidade, porque via coisas, sonhava com certas situações e achava muito estranho e não entendia, então minha avó me levou para o Candomblé e foi um dos maiores motivos. Depois, conheci a Umbanda primeiro, depois o Candomblé. Me apaixonei, minha fé aumentou mais e estou aqui. É muito bonito ser do Candomblé. Tendo fé e respeito.

CANDOMBLÉ E UMBANDA



Figura 61 - Festa de Oxalá na Casa de Pai Adilson (MARQUES, 2014).

A diferença entre Candomblé e Umbanda e entre outras nações, é que na Umbanda tem muito sincretismo: Nossa Senhora da Conceição, eles tem como Oxum; Oxalá seria Deus, São Jorge seria Ogum ou Oxossi, Santa Bárbara seria Iansã. Então, para mim não existe isso, existe um otá que é a pedra do fundamento, existe o ferro, existe a força da natureza, existe a força do rio, do mar, a energia do fogo que rege Xangô e Iansã nos raios da tempestade, a força da terra de Obaluaê, a força do trovão de Xangô e isso é que faz a diferença entre a Umbanda e o Candomblé. Não se pode misturar o Candomblé com a Umbanda e nem a Umbanda com o Candomblé. Umbanda é Umbanda e Candomblé é Candomblé, cada um com sua fé.

ORIXÁ, INKICE, CABOCLOS

Orixá é uma energia da natureza, que incorpora ou não, aqui na terra. O que seria um orixá para pai Adilson. Para mim, um orixá é esse ar que estou respirando o exalá. Um orixá é quando eu entro na mata e sinto aquela energia positiva, energia boa. Quando eu vou à beira do rio São Francisco, ou até mesmo qualquer um outro rio, sinto aquelas águas molhando, quando chego a beira do mar e sinto a presença de Iemanjá. Orixá, para mim, são as forças da natureza. Inkice, isso muda de nação. A palavra inkice vem de Angola. Inkice é um orixá.

Um caboclo para mim é uma energia muito boa, apesar de eu conhecer várias casas de Candomblé que não cultuam caboclos. Porque caboclo para o pessoal de Candomblé não é um orixá, mas é um ancestral, tipo um ente querido da gente que vai e volta porque não terminou a missão aqui na Terra, fazendo bem às pessoas que aqui vivem.

MUDANÇA PARA SUA VIDA

O benefício que trouxe para a minha vida, primeiro saúde e paz. Hoje me sinto uma pessoa, desde o início, quando eu era de Umbanda, e depois no Candomblé, sempre fui uma pessoa realizada na minha religião, porque faço, cultuo algo, porque gosto de fazer. Então, tudo aquilo que você faz com o coração aberto, com amor e respeito, você se sente bem. A partir do momento que você não está fazendo com o coração aberto e não tem respeito, então não traz coisas boas. Não tenho nada de ruim a dizer do Candomblé, porque se situa da seguinte forma: se você faz o bem, você vai ter o bem, se você faz o mal, você vai ter o mal, se você tem respeito, você vai ter

respeito. O Candomblé é uma religião que não tem preconceito com nada: nem com cor, com religiões, a gente não fala de outras religiões, não tem preconceito com sexo, com status, é uma religião que não tem preconceito com nada. O único problema que, particularmente, não vejo como problema, mas como lição de vida, tudo demasiado na vida do ser humano, nos faz mal. Se você come demais, você vai passar mal, se bebe demais, vai passar mal, se você ama demais, alguma situação, alguma situação negativa vai vir por esse amor ser muito grande. Se você faz algo sem pensar, ou demasiadamente não é bom, então, esse é o preceito do Candomblé.

PRINCIPAIS FESTAS



Figura 62 - Omolu no Olubajé de Pai Adilson (MARQUES, 2014).

Começa o ano com Exú, mas quando o Exú pede para dar a festa, eu dou. Depois, a segunda que é em março, a feijoada de Ogum, em seguida a festa da cumieira da casa, que é, no caso, Oxossi, depois o Olubajé que é importantíssimo, a festa de caboclo e das yabás e dos Erês, são festas realizadas todos os anos.

FILHOS E FILHAS DE SANTO



Figura 63 - Filho de santo de Pai Adilson (MARQUES, 2014).

Muitos. Hoje tenho filho de santo que me toma a benção na rua e como são muitos, às vezes não me lembro, e demoram de vir à roça, viagem, tenho muitos filhos de santo no Brasil, na Europa e nesse mundo afora. Acima de 150 filhos de santo.

OUTRAS AUTORIDADES DO TERREIRO

Em casa tem babaquequerê, iaquequerê, ogan, iabassé, ialassé, já tem uma herdeira na roça, eu tenho abeassé, alabê, assogum.



Figura 64 - Comida ofertada aos Orixás (MARQUES,2014).

A função do babaquequerê e da iaquequerê, é como se eles fossem babá Ebê, que seria o lado direito ou o lado esquerdo. A função deles, na minha ausência, é de poderem tomar uma decisão e com a minha ordem dentro do terreiro, apesar que todos eles fazem com a minha permissão, mas cada um tem uma função diferente. Iaquequerê e Babaquequerê são para tomar conta do barracão, dizer o que está certo e o que está errado. A função das ekedes é o de cuidar dos orixás incorporados, o de cuidar das roupas do Babalorixá, das roupas do Candomblé, cuidar do Candomblé.

Os Ogans têm vários cargos. O Alabê é o que toca atabaque, o Ogan que cuida do sacrifício e da emolação dos animais e do sacrifício deles também é o assogum, Ogan de barracão é o que cuida da segurança do barracão, o Ogan do atabaque que é o Alabê. Iabassé que toma conta da cozinha, é ela quem cozinha todas as comidas do Candomblé, acarajé, abará, que cuida das comidas do axé. Ialaxé é a Iasmin que é a herdeira da minha casa. Ele é uma menina que tem 9 anos e está sendo preparada para o cargo de Ialaxé, a herdeira. Já Abiassé, tem um rapaz que eu fiz na barriga da mãe. Existem outros cargos que têm o Babá Jibomã que é o que cuida dos laôs e, dos roncós, tem pessoas específicas que cuida dele. Existem outros cargos como o Baba Efun que cuida da pintura dos laôs, Babá Ossain que cuida da sassanha, de fazer os trabalhos com as folhas.

DISCRIMINAÇÃO

Muitas discriminações em relação ao Candomblé, muitas discriminações pelo fato de ser uma pessoa aberta e não esconder que sou da religião, por ser do Candomblé e depois por ser um Babalorixá. Eu sempre fui a lugares públicos, às faculdades, aos mercados, à feira, de ir passear. E já sofri discriminações por olhares, por comentários, ou cochichos, cutucões. Já sofri preconceito de vizinhos, dizendo que vinham acabar meu Candomblé, já fizeram abaixo-assinado na minha rua, a polícia já veio na minha porta pedir para não soltar mais fogos, porque estava incomodando. A mesma coisa com Exú solto na rua, algumas vizinhas estavam incomodadas no começo. Hoje, não existe mais não. Já sofri preconceito no Shopping por fazer ação

social, tipo ir jogar búzios por um quilo de alimento e chamar a atenção até dos lojistas, tiraram pessoas de dentro das lojas para irem conversar comigo e reclamarem por consequência disso, já sofri preconceito em aeroportos, já viajei várias vezes e, de repente as pessoas ficarem olhando, mas eu estou aqui!

Para isso acontecer primeiro, eu pedi muito a meu pai Oxossi, que é o dono dessa casa, que me desse discernimento nos ensinamentos e que me ajudasse a manter esse Candomblé. Eu sou de respeitar o ser humano, sempre deixei bem claro isso, o que eu não queria para eles ou para mim, eu não daria para eles. Então, se eles querem o respeito, teriam que me respeitar. Eu tenho vizinhos que eram evangélicos, moravam em frente a minha casa, faziam cultos e, no dia que eles iam fazer, que eu sabia, eu não fazia os rituais aqui, como uma forma de respeitar eles, para que quando eu fosse fazer os meus rituais, eles também me respeitassem. Isso a gente entrou num consenso e conseguimos ficar bem, não só com eles, mas com outras pessoas. Sempre procurei tratar as pessoas bem, foi isso que fez o preconceito acabar e o Candomblé permanecer.

O TERREIRO NO CENTRO DA CIDADE

Como eu disse, é uma questão de respeito ao espaço de cada um. Então, procuro tocar, mesmo eu podendo ir além, porque aqui é um templo de Candomblé, até um certo espaço e horário, procuro até mesmo, se não for necessário, diminuir um certo carregamento no meio da rua, manter a discricção em termos de convidados, fazer com que a minha

casa seja bem vista de uma forma que não venha incomodar os meus vizinhos, nem na rua e a sociedade em si, aqui no centro da cidade. Eu não tenho um “pingo” de vontade de sair daqui. E meus vizinhos, hoje, me adoram.



Figura 65 - Adilson com o Xere de Xangô (MARQUES, 2014).

CANTO DE CANDOMBLÉ

Existem muitos cantos do Candomblé de Ketu que me emocionam, fico emocionado só em pensar. Eu não saberia dizer qual o principal. Canto para Oxalá no Ketu, as cantigas de Ogum na Umbanda, de Oxum na Umbanda me deixam emocionado. Mas, não dá para discernir e falar de uma única, pois são várias.

Uma de Umbanda que me encanta muito é “O meu pai Ogum, com sua bela coroa pelo amor de Deus, pai Ogum não me deixa atoa”. Isso nós guardamos. A minha primeira

mãe de santo, Deus há de lhe dar muitos anos de vida, fico emocionado. Outro canto que me emociona:

*Ôri miô, Ôri miô á né dê Orixá
Ôri miô, au ê dê Orixá, Ôri miô*

ORGANIZAÇÃO DOS TERREIROS

Existe um ditado que eu aprendi com os mais velhos “Eu sou igual alêxo, torto acho, torto deixo”. Em relação à organização dos terreiros de Candomblé, muitas casas em Petrolina, na minha concepção, são bem organizadas. Mas, para mim, 80% não. São pouquíssimos, porque os antigos Babalorixás de Petrolina já se foram e, hoje, os que sobraram e resistem, eles já estão feitos e os novos não querem acompanhar. Não vou culpar os antigos, pois eles não querem mais ter respeito pelo roncó, não querem mais tomar a benção ao pai, à Ekede, ao Ogã, não querem mais deitar e bater a cabeça no chão, nem fazer o santo, não querem vestir o branco na sexta-feira, nem respeitar o dia dos orixás. Então, por consequência disso, 80% dos terreiros não estão bem em relação ao respeito, ao amor, ao que há de ser. Muitos estão seguindo a linha, mas muitos também não estão, a falta de respeito é muito grande.

Quando comecei meu barracão do Candomblé, as pessoas me pediam isso, porque eu nunca tive nem um tipo de alvará, não tive permissão de nenhuma entidade política, ou prefeitura ou alguém que permitisse que tocasse meu Candomblé. Quem me deu permissão para eu tocar meu Candomblé foi meu caboclo Juremeiro. Eu toco até hoje.

Não tenho nada contra a Associação que existe em Petrolina. Não me associei ainda porque não tive oportunidade de encontrar com meu amigo que é presidente, acho muito bonito, nada contra nenhuma associação, nunca procurei me envolver com política, em termos gerais, porque não concordo com certas situações, não boto minha casa à disposição de nenhum partido político, aqui não é lugar para isso. Não acho certo, nunca ganhei nem presente de político, para mim é irrelevante.

SOBRE EXÚ



Figura 66 - Opadê para Exú (MARQUES, 2014).

As pessoas que cultuam muitos entes, chamam Exú de diabo que não tem nada a ver. Exú é o orixá do caminho, ele é o orixá quatro, que rege os quatro cantos do mundo, dos caminhos e das encruzilhadas. Os orixás comiam pelas

mãos de Exú, por isso que hoje para realizar um ritual a Exú, não se faz nada dentro do Candomblé, Exú dá caminho, dinheiro, paz e saúde. Exú, para mim, é tudo. Essa história de dizer que Exú é diabo, pra mim não existe. Na minha casa não se cantam certas cantigas que se diz assim “Exú é pobre e ele não tem nada, a morada dele é na encruzilhada”. Se Exú é pobre, para essas pessoas, como é que Exú pode abrir caminhos? Como pode dar uma vida, se ele não tem para oferecer? É o que eu digo, usando o preço de sua resposta, é o que digo a algumas pessoas, não generalizando, nem fortalecendo essa tese, mas tem a ver. Se eu não posso, não tenho meus caminhos abertos, não posso abrir caminhos de meus filhos, nem de meus clientes, se não tenho a vida amorosa em paz, eu não posso fazer um ebó, dar um caminho a meus clientes, se não tenho uma vida financeira estabilizada, não posso dar estabilidade a uma outra pessoa. Tem que se ter algo, então confunde muito. “Há Exú é pobre, ou não é pobre?” Quem faz orixá ficar pobre são os seres humanos. É assim que as pessoas comentam. Existe um orixá mais poderoso do que outro? Existe um filho que cuida bem dele. Não existe um Ogum mais poderoso que outro, nem Iansã mais poderosa que outra, existe um filho que cultua melhor, que respeita melhor, que tem mais fé. Se cultuo melhor o meu Oxossi, ele vai ter mais força com certeza, do que aqueles que não são cuidados, não acendem velas, não coloca uma comida para esse santo. E também concordo pela lei do retorno. Tenho uma fé que diz o seguinte: “Nós viemos ao mundo e morreremos porquê?” Pessoas me perguntam o que acho da vida e porque morreremos? Eu acho que tudo que a gente come vem da terra, tudo começa pela terra. Nascemos da terra e para a

terra voltaremos. Mas, não profetizando com outras religiões que dizem que vivemos e voltaremos à terra, mas a minha é assim: Quando comemos arroz e feijão que vem da terra, nós precisamos morrer para lá voltar. Vamos devolver tudo, virarmos tudo de novo, para que alimente e a terra e assim seja.

MENSAGEM



Figura 67 - Pai Adilson jogando búzios (MARQUES, 2014).

O legado que deixo é o respeito acima de tudo e o amor, acima de tudo tem que existir na religião. Que as pessoas que leem os livros tenham como exemplo um pedaço, porque eu acredito que tem algum erro, mas procure tirar as coisas boas dessas obras, vocês estão trabalhando e é para isso que estamos aqui. Uma mensagem boa de cada pedaço que se segue e aos professores,

universidades que chegarão as palavras, que saibam definir bem cada palavra de cada babalorixá, cada entrevistado e quero parabenizar o trabalho, porque sempre é válido dar ênfase a nossa cultura, a nossa religião.

Eu gostaria de acrescentar o seguinte: que fé, não só no Candomblé, mas em todo ser a nossa vida é primordial. Ela vai ter que existir sempre, porque se eu for contar exemplos sobre a minha vida aqui, eu estaria sendo hipócrita em dizer que eu nunca perdi a minha fé. Eu perdi a fé durante um tempo em minha vida tive alguns sofrimentos, mas meus orixás sempre provando o contrário. Então fé é uma coisa que tem que ter. Eu já vir uma pessoa chegar aqui para resolver problemas, que demorou um mês, dois meses e com seis meses chegou em tempo do que a pessoa estava esperando. Primeiro mês a pessoa perdeu a fé, e no sexto mês a pessoa já tem fé, só que não voltado para o santo, porque tem um bom material ou porque conseguiu algo, mas porque tem que ter fé e amor, em todas as religiões, em todas as etnias.

Existem muitas coisas da minha vida, da minha história no passado, um tanto triste de minha vida, que fez a minha fé aumentar mais e talvez tenha feito com que eu continuasse, foram duas pessoas. Desde o ano de 2000, a minha avó que é o ser que eu amo tanto, quando ela adoeceu, uma de minhas entidades de caboclo, veio a mim e tinha se manifestado em meu corpo e disse que a casa estava muito cheia de gente, “diga a meu filho que não tem mais o que fazer que ele aproveite cada momento da vida dele com ela, porque ela está partindo”. E quando eu voltei do transe, eu quis abandonar o Candomblé e disse que eu ele era mentiroso, que ele não podia fazer isso, que não era

Deus que estava mantendo o meu corpo. E com alguns meses depois, minha avó faleceu. Eu tentei sair do Candomblé, quis me matar, pensei por três vezes, fiz coisas erradas na minha vida, mas Deus e os orixás me abraçaram novamente e viram que eu não tinha terminado minha missão aqui e estou continuando. E a outra passagem que me emociona muito, que é por isso que eu falo de fé, é porque uma vez um filho de santo meu que me amava demais, ele era Abiã, isso existe hoje nas casas de Candomblé, pelo fato do pai de santo ser o mais velho, não ter fé, às vezes entidades, pessoas novatas que estão chegando, até mesmo de clientes, enfim de qualquer pessoa, mesmo que não seja do Candomblé, isso aconteceu dentro da minha casa. Eu não acreditava muito nas entidades desse rapaz, em certas entidades, e o Erê disse a mim que ele precisava fazer o Santo e eu disse tá certo. O Erê disse a mim “pai se você não fizer ele agora, você não vai vê-lo mais”. Eu dei o recado para meu filho, mesmo sem acreditar e, na noite do Natal, meu filho se matou. Hoje, qualquer pessoa que chega aqui, se quiser santo, mesmo que eu não saiba de onde vem, eu acredito na energia. Mesmo que eu não saiba de onde vem, eu acredito na energia. Mesmo que não esteja se manifestando, mas eu vou acreditar na força da palavra, que está saindo. Eu contei duas coisas tristes, faltam as alegres. Vou contar uma interessante, pois sempre digo as pessoas que vêm a minha casa, meus clientes, filhos, você acredita em sonhos. As pessoas dizem “Ah não, sonho é uma coisa que não existe”. “Quem sonha não realiza”. Muitos sonhos se realizam, se você tiver foco e fé naquilo que você quer, eles se realizarão. É mais fácil acreditar que o ser humano pode pegar uma diabete, câncer, uma AIDS, e porque esse mesmo

pensamento negativo não pode tornar um pensamento positivo, tipo se eu posso pegar uma AIDS, porque eu não posso ganhar 130 milhões na mega-sena da virada? Se a intensidade pode vir em forma de uma doença, porque é que ela não pode vir em felicidade, se eu posso ter minha saúde abalada, porque eu não posso manter essa saúde até 100 anos. Se eu posso ter uma diabete, ainda diz que vai morrer daqui a pouco, porque não diz que vai controlar a diabete. Vi nas redes sociais a Europa, e pensei: “Será que um dia vou visitar esse lugar?” Aí, um dia, as pessoas da Europa começaram a me achar nas redes sociais. E eu já fui 4 vezes. Lugares que não via antes de ir, já pisei várias vezes, isso é uma coisa boa e digo aos meus filhos e clientes não pensem negativo, pensem positivo e sonhos se realizam sim. Isso foi uma das coisas que conquistei, assim como amores, que nunca pensei em ter e tive, assim como objetos pessoais, como fases boas da minha vida, como minha saúde, as amizades, ver pessoas boas. Não existe coisa melhor do que o cliente chegar aqui, eu jogar, falar a verdade para ele, depois continuar trabalhando e voltar, me pagar e dizer: “muito obrigado, eu vim te dar um abraço, porque aquele problema consegui resolver através da força e dos orixás”. Isso é uma felicidade que não tem preço, um cliente vai agradecer pelo que foi realizado. Pense sempre positivo!



TERREIRO OGUM DE RONDA DE MÃE QUINHA



Figura 68 - Mãe Quinha (MARQUES, 2014).

MEU TERREIRO

O nome da minha casa é Ilê Axé Ogum de Ronda. Fundei esse terreiro por problema de saúde. Minha Mãe Euzinha falava que era problema espiritual que eu tinha, mas eu não queria acreditar. Tinha 29 anos por ai, eu ia pro médico e ele dizia que não era coisa de médico. Comecei então a frequentar os terreiros e ficar boa, ai comecei a trabalhar para meus orixás.

Às vezes eu ia dormir e acordava dizendo coisas que “não existia”; via coisas que “não existia”, mas agora eu compreendo o que é porque agora vivo dentro e entendo um pouco. Aí fui fundando meu terreiro, cuidando das

minhas obrigações, fiz Umbanda. Do meu lado sou Umbanda e sou angola. Fiz meu bori e depois recebi minha cuia, hoje sou uma zeladora. Em 2003 abri meu terreiro.

Meu terreiro é de Umbanda com Angola. Fiz minhas obrigações com minha Mãe Euzinha que também é de Umbanda com Angola.

UMBANDA E CANDOMBLÉ

Para mim Candomblé e Umbanda é tudo uma coisa só. A Umbanda é aquele termo que a gente usa mais a direita, tem mais oração, reza, essas coisas. Candomblé tem outros fundamentos, é mais do Ketu. Mas para minha religião é tudo uma coisa só, não tem diferença não.

ORIXÁ E CABOLCO

Orixá é uma identidade que chega na gente, que dá força a gente, que dá sabedoria a gente junto com Deus pra gente saber andar, saber rezar e saber ajudar o próximo.

Caboclo é diferente do orixá. O orixá é do outro lado, ele vem e dança e o caboclo fala, reza, faz remédio. O Orixá na nossa religião não fala.

MUDANÇAS NA VIDA

A Umbanda trouxe um pouco de saber, saber andar e mais e mais. Me dá vida, hoje abaixo de Deus só minha vida, sempre peço e eles me ajudam, me socorrem.



Figura 69 - Mãe Quinha (MARQUES, 2015).

PRINCIPAIS FESTAS

Minhas principais festas são: de Ogum de Ronda que é no mês de junho; Festa do Caboclo Boiadeiro de Mina, esta varia; o Caruru dos Erês faço em setembro; a Festa dos Exus realizamos em agosto.

EXÚ

Aí é onde vem a confusão da cabeça do povo. Porque a parte da esquerda eles acham que é o demônio, mas não é demônio, porque se fosse não livrava a gente, não ajudava a gente. A gente faz os pratos deles para poder eles proteger a

gente. A gente pede as coisas aos orixás, mas quem corre é o escravo, o Exú.

O Exú é o escravo do orixá. Pense numa pessoa que trabalha: se eu tou aqui sentado com você ai chega uma pessoa lá fora e pede algo ai eu digo “vá lá meu filho” ajudar! São vários exus.

FILHOS DE SANTO

Tenho uns 40 filhos de santo. Tenho no meu terreiro ekedes, ogan de faca, ogan de atabaque, pai de folha (pai criador ou ogan de sala).

Agora foi criada uma lei que não pode ter ogan virante. Ai meus ogans eles não podem virar. Então um dos meus é o pai da folha.

FRANCIORLANDO FEITOSA DA SILVA – PAI DAS FOLHAS



Figura 70 - Pai de Folha (MARQUES, 2014).

“Sou ogan de sala, pai das folhas. Eu canto para o orixá, eu danço para o orixá, eu danço com o orixá e eu chamo o orixá. Então eu tenho o poder de virar os filhos da casa, de desvirar, o poder de chamar os exus, a pomba-gira, os erês e a minha obrigação na casa é fazer banhos, cuidar das iaôs, até mesmo cuidar da mãe de santo; eu mesmo posso cuidar dela. Nas obrigações tenho que estar sempre presente porque eu sou quem chama e o ogan de faca é o que corta. Eu chamo o orixá e o ogan de faca faz a amolação para ele.”

NILSON CARLOS PEREIRA – OGAN DE FACA



Figura 71 - Mãe Quinha e seu Ogan de Corte (MARQUES, 2014).

“Sou ogan de faca a quase dois anos e vivo no Candomblé no terreiro de Mãe Quinha a cerca de 04 anos.

Tenho a responsabilidade de cuidar dos animais e fazer a amolação, junto com os outros irmãos daquela pessoa que tá de obrigação, até da Mãe de Santo, no que diz respeito a cortar os animais. Eu só não posso botar a mão na cabeça dela. O filho não pode botar a mão na cabeça da mãe”.

ADRIANO, PAI PEQUENO DA CASA



Figura 72 - Adriano, Pai Pequeno da Casa (MARQUES, 2015).

“Sou o Pai Pequeno da Casa de Mãe Quinha. Tenho um respeito profundo pelos orixás. Já estive em diversos lugares, mas foi aqui que me senti bem, foi para cá que meus orixás me trouxeram. Orixá é essa força boa, poderosa, difícil de explicar, são as forças secretas da natureza. Sei do sentido de estar aqui. Somos uma família guiada pelas forças dos orixás e outras forças sagradas.”

DISCRIMINAÇÃO

Sofri em termos da pessoa chegar em minha casa e dizer que ia atirar. Porque eles não gostavam, mas eu não temia, colocava meu barco pra frente. Até hoje não temo. Aconteceu de incendiarem meu salão. Chegaram ao ponto de fazer isso. Quem faz isso são pessoas do mal, eu não sou do mal, ai eu deixo para lá. Hoje tá mais calmo.

MENSAGEM

Eu diria assim para eles ir olhar e vê, observar direitinho e entender um pouco que o Candomblé não é isso que as pessoas pensam que é.



ILÊ DARÁ AXÉ OMO LOGUN EDÉ



Figura 73 - Pai Dedé recebendo o Caboclo Flecha Dourada (MARQUES, 2014).

O nome do meu terreiro é Ilê Dará Axé Omo Logun Edé. Foi fundado em 2003, tem onze anos que tenho esta casa. Na verdade eu não sabia ao certo se ia ser babalorixá. Há muita gente que escolhe ser babalorixá e outros são escolhidos. Na verdade eu não pensava muito em ser babalorixá. Eu tinha vontade de ser cozinheiro, montar um restaurante e de repente as coisas foram para um outro lado e eu resolvi dá uma festa de caboclo, um toque de caboclo. E aí, depois desse toque de caboclo que foi nesse mesmo barracão, só que era de palha de coco, começou a aparecer pessoas pra poder eu atender e querer tomar obrigação comigo e aí eu resolvi fazer o primeiro “iaô” e depois do

primeiro veio dezenas e dezenas, foi assim que me tornei “Pai de Santo”.

A primeira visão minha foi muito novinho, acho que eu tinha sete anos, que tinha uma mãe de santo aqui chamada Mãe Cisinata, em Petrolina, e eu fui assistir e quando eu fui assistir eles me colocaram numa mesa no meio do barracão, que era uma festa de Cosme e Damião; me colocaram nessa mesa eu pequenininho e, depois dessa mesa, uma das divindades lá me levantou e me rodou, me rodou, eu lembro nitidamente, ela me rodou e falou algo que eu não me recordo pra pessoa responsável que tinha me levado e aí me despertou a vontade de começar a frequentar e eu fiquei frequentando durante esse período todo mas eu só vim fazer minha cabeça em 1995. Dei minha cabeça pra Logun Edé. Isso foi em São Paulo, num axé lá de São Paulo, num terreiro de Ketu. Depois fui muito bem acolhido pelos braços de Oxum Eyn, no Terreiro do meu Pai Cido, mas foi em um terreiro de Umbanda, daqui de Petrolina, cuja Mãe de Santo ainda é minha querida amiga, quando tinha entre 17 e 18 anos que manifestei as primeiras vezes. Ainda não era feito. Sou na verdade do Candomblé.

CANDOMBLÉ E UMBANDA

Candomblé é uma nação que veio da África. É uma nação africana e a Umbanda é uma coisa mais regional, coisa mais criada no Brasil. O Candomblé é muito mais velho do que a Umbanda, então eles já tem diferença. A Umbanda cultua os Orixás e também outras entidades. Já o Candomblé cultua os Orixás como divindades. Aí tem essa diferença entre entidades e divindades. Divindades são os orixás

africanos: Oxóssi, Ogum, Ossain, Iansã, Oxum Maré, Euá, Obá, Nanã. E entidades são Zé Pilintra, alguns exus, que são forças que o Candomblé não cultua. Só a Umbanda cultua entidades, como os caso dos Pretos Velhos. As divindades são os orixás do Candomblé.



Figura 74 - Pai Adeilson com Fabiano de Oyá (MARQUES, 2014).

Entre Candomblé e Umbanda os cânticos, a forma de cultuar, as danças, os ritmos de atabaques, algumas vestimentas, são diferentes.

ORIXÁS, CABOCLOS E INKICES

Caboclo é entidade. O Inkice é orixá também no Candomblé sendo nação Angola. O orixá é nossa divindade maior de cada pessoa. É uma energia vital, que a gente

sente, é uma energia que transforma nosso corpo, a nossa vida. Que a gente na hora sente uma emoção maior, uma força que toma nosso corpo. Essa é a energia do orixá que domina nosso corpo, o que a gente sente é isso. É uma coisa difícil de explicar o que acontece, essa transformação, é muito forte e é quase que difícil dizer assim o que é que acontece na hora. Eu sei que é uma coisa que vem e dá uma emoção, da vontade de chorar, a gente acha que não vai suportar aquilo e ao mesmo tempo dá aquele prazer de manifestar, de ver aquela força. Eu falo assim, o que eu sinto é mais ou menos isso.

MUDANÇAS NA VIDA

Olha, eu me completo dentro do Candomblé, porque eu tinha tudo pra ser uma outra pessoa, viver de outra coisa. Sou de uma família humilde, mas tinha condição de viver de outra profissão. Eu abracei o Candomblé e, pra mim, eu não sei hoje viver sem tocar meu Candomblé, sem viver do Candomblé. Eu gosto de cultuar os orixás, de reverenciá-los, gosto dessa energia, então o que mudou pra mim, é que na verdade, tudo isso, faz com que eu viva dentro do axé, eu não sei, é uma coisa muito especial para mim. Foi, portanto, uma mudança muito boa.

FESTAS DO TERREIRO

O Candomblé, aqui na minha casa, se divide em quatro partes. A gente cultua as energias da natureza, as forças da natureza, o ar, o fogo, a terra e água, então, são

quatro festas fortes. Tem a festa de Oxalá, que são as águas de Oxalá, ou pilão de Oxalá, geralmente em janeiro, onde celebramos com Oxaguian, Oxalufan e alguns orixás que tá no meio do branco, porque tem Oxum que também veste branco e também pode sair Yemanjá. Esses orixás dessa festa estão relacionados ao ar, como é o caso de Oxalá, Oxaguian, tem outros orixás que não manifestam que é Oduduá, Dadá, Orumilá. Aí vem o Olubajé, que é a festa da colheita, a festa de Obaluaiê, que a gente faz mais ou menos no mês de agosto. A família Jêje: Obaluaiê, Omolu, Oxumaré, Nanã, Euá. Vem sempre nessa família, aí é feita várias comidas para todos esses orixás e é ofertado pra as pessoas no dia do Candomblé. Obaluaê é o pai de Omulú. O-ba-luaiê e Omo-lu, Omolú é filho de Obaluaiê. Um é mais velho e outro é mais novo. Obaluaiê é o mais velho, que é o pai, e Omolú é o mais novo. Obaluaiê, “pai da terra”. Obaluaiê é terra. Tem também a festa do fogo, que é a festa de Xangô, que é em junho. Nessa festa Yansã vem, domina também o fogo, Obá, Xangô, o próprio Xangô que é o dono do fogo e alguns orixás relacionados com essa energia. Depois a festa das labás, geralmente as pessoas fazem em dezembro, 8 de dezembro, por aí, que é a festa das águas, festa das iabás, das mulheres. Iabá quer dizer mulher, voltado para o sexo feminino. Então todas as labás entram nessa festa: Yemanjá, Oxum, Euá, Nanã e Obá.

A gente começa com ar, depois vem terra, depois fogo e depois água. Tem outras festas também. Como a gente é da nação Ketu, fazemos uma reverência a Oxossi, porque ele é o patrono da nação Ketu. Algumas casas colocam ele na cumeeira porque reverenciam essa Nação, outras colocam Xangô porque é o único orixá que come no

alto. Nós fazemos a festa pra louvar Odé, louvar Oxossi, que é o patrono da nação Ketu, em março ou abril.



Figura 75 - Autoridades da casa de Pai Dedé (MARQUES, 2014).

SOBRE EXÚ

A gente dá um toque pra Exú, mas é fechado, porque, geralmente Exu é uma energia muito forte. O Exú orixá, não o exú entidade. O exÚ entidade é diferente do Exú orixá. Então fazemos uma festa, mais de portas fechadas, quando a energia tá pedindo, quando a divindade me mostra quando ela quer. Ela é quem define, não tem uma data específica.

O Exú divindade se manifesta nas pessoas como vem Oxossi, Ogum, Yemanjá, Iansã. Já o Exú entidade tem outro tipo de manifestação. Existem vários Exus na nação Ketu: Exu Alaketú, Exu Lalú, Exú Tiriri, Exú Lonã, Akesã. Na

Umbanda há o Exú Tranca Rua, que é o mais famoso, Asa Preta, entre outros. A gente não cultua essas entidades.

FILHOS DE SANTO



Figura 76 - Pai Dedé com seus filhos de Santo (MARQUES, 2014).

Tenho. Nunca parei pra calcular, mas nesses 12 anos de casa aberta, tenho mais de 50 filhos e filhas de santo.

Na minha casa, eu como babalorixá sou o regente principal. Tipo pastor, do rebanho (risos), simbolizando um líder religioso, como um padre, o padre sou eu: o babalorixá. Aí vem o Babakêkêrê, a segunda pessoa (Pai pequeno); Yakêkerê que é a mulher (Mãe pequena); existem outros cargos na casa: ogãs, Ekedes.

Existe outros cargos que auxiliam nas funções da casa: o Babaefun ou Yaefun, Yagibonã. O Babaefun ou

Yaefun estão designados para cuidar do laô, a pintar os laôs quando eles estão recolhidos. A Yagibonã quer dizer Mãe Criadoura, que tá ali criando, ensinando as rezas pro iniciado. Tem também o Alabê, Axogum. Os alabês são ensinados a tocar os atabaques e o Axogum ajuda o pai de santo na hora dos Orôs, na hora dos rituais de “imolações” da casa. Ele é o dono da faca, ele pode. Se ele é o dono da faca ele pode cortar qualquer bicho, bicho de pena, bicho de quatro pé, ele recebeu aquela responsabilidade pra poder na hora que o pai de santo precisar, independente se for bicho de quatro pé ou bicho de pena, ele tá pronto pra isso.

O Candomblé é cheio de cargos. Tem pessoas que cuida da cozinha, que se chama labassé, tem outra que tá pronta só pra fazer as entregas pra Exú que é a Yamorô. O Elêmachó cuida do quarto de Oxalá e, tem mais outros cargos: as Ekedes são pessoas que cuidam dos orixás, elas não manifestam. Nem Ogã e nem Ekedes manifestam. Os orixás é que os escolhem. Tem muita gente que diz “ah! Tenho vontade de manifestar, tenho vontade de receber santo e tudo.” Mas não é assim, o orixá é que vai escolher. E outra, pra ser feito de orixá não é obrigado a manifestar, mas é obrigado a ser feito. Pra ser do Orixá, o orixá escolhe, mas ele não vai forçar você a entrar em transe, a ter a manifestação. Pra ser feito é obrigado passar por estes rituais na casa de Candomblé, mas isso não quer dizer que ele vá vim e manifestar. A manifestação pode vim na feitura ou como ela pode vim depois com um ano, com três anos depois, tem gente que passa até dez anos, quinze anos pra poder o Orixá escolher aquela forma legal e se manifestar. Tem crianças que são feitas e só vem a manifestar quando ela tá na puberdade, quando ela tá adulta. Já aconteceu com várias pessoas assim.

CRIANÇAS NO CANDOMBLÉ



Figura 77 - Davi, uma das crianças iniciadas na Casa (MARQUES, 2014).

Tenho uma recém nascida que é iniciada. Quando um pai é iniciado, a mãe é iniciada, as crianças tendem a seguir o pai ou a mãe. Eu sempre pergunto ao pai e a mãe: “você está de acordo a iniciar seu filho? Porque ela não tá sabendo praticamente de nada, mas futuramente pode ser que ela não queira acompanhar vocês”. Mas aí eles falam: “enquanto eles tiverem comigo eles vão me acompanhar”. Então, eu concordo. Mas, a criança às vezes sai da casa, quando tá adulto, mais o que eu acho é que tem que ser feito. Se o pai é feito e a mãe é feita a criança também tem que entrar na mesma religião.

Pai Célio: “É que a nossa educação pede, né? Que os nossos filhos tem que ser da nossa religião. Uma criança de uma casa de católicos, os pais não esperam eles crescerem

para perguntarem se eles querem, escolhem a religião do filho. Já batizam. Então a minha tese é essa: se o pai é e a mãe é, vivem daqui, vivem do nosso meio, a comunidade só cresce se a gente fizer isso, que a gente não pode deixar oito ou dez crianças sem ser feitas por ignorância de minha parte ou da parte do pai ou da mãe: “Ah! Não, eles não podem ser feito porque deixa eles crescerem”. Não! Se eles são do Candomblé eu acho que é legal iniciar logo pequeno, porque aí se eles tiverem maiorzinho já tão, já podem participar, depois da feitura, participar de algumas coisas aqui dentro, e outra, a casa de Candomblé não tem, aqui em casa principalmente assim, a gente não tem aquela coisa voltada pra coisas que assustam tanto o povo. A criança já pega na galinha, já pela a galinha”.



Figura 78 - Pai Célio com o Caboclo Sete Flechas (MARQUES, 2014).

Os filhos dos meus filhos de santo já foram feitos pequenos em minha casa. As crianças já ficam mexendo com

galinha, mexendo com comida de santo, participando das rezas e tudo, então ele cria uma coisa natural que favorece a nossa religião e a nossa religião só sobressai, só cresce, se for dessa forma.

CRIANÇAS QUE INCORPORAM



Figura 79 - Jenifer (MARQUES, 2014).

Tem crianças que já manifestam. Maira tá manifestando. Quando ela foi iniciada não entrava em transe, mas aí ela começou a sentir algumas reações do orixá e agora ela começou a manifestar. Mas existe em outras casas. Basta você ir a Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro, tem crianças com oito anos, eu já vi crianças com seis anos, sete anos, incorporando orixás em vários lugares, eu já presenciei e também já vi na internet. Pra gente é uma

alegria danada, ele não tem maldade com nada, a criança não tem maldade, é uma coisa que realmente passa pra gente que é uma coisa pura. Muito emocionante ver uma criança manifestando, dá alegria. Dá uma forte emoção e eu acho muito legal.

DISCRIMINAÇÃO

Já sofri várias. Algumas famílias de pessoas evangélicas e católicas não aceitam, por ignorância, por eles não saberem praticamente nada sobre o Candomblé, eles acham que a nossa religião é voltada pra maldade, pro mal, pro negativo, feitiçaria, bruxaria. E fica difícil a gente discutir o Candomblé com pessoas que não sabem o que ele é, porque a gente vai falar uma coisa e eles vão interpretar outra, então, pra discutir Candomblé tem que estudar Candomblé. Eu não discuto Candomblé com evangélico, com católico, com pessoas que não entendam. Até com pessoas que são do Candomblé eu não discuto porque cada um tem sua forma de trabalhar na sua casa, no seu terreiro. No meu terreiro a gente trabalha de uma forma, no terreiro de Pai Fernandino ele trabalha de outra forma e ele pode discordar da forma que eu faço aqui e eu posso discordar das coisas que ele faz lá. Então, eu prefiro nem discutir, mas, eu sei que é, estudei muito, tenho mais de vinte anos de Candomblé feito e eu sei muita coisa que acontece tanto em Petrolina, como em outros lugares, o que provém acontecer de correto e o que provém acontecer de errado. Tem muita gente que tá um pouco despreparada pra dizer que é pai de santo, dizer que é mãe de santo e fazem as coisas conforme elas querem, e não é dessa forma que as coisas acontecem.

Apesar de saber que isso existe, aqui na minha casa eu nunca tive problema com vizinhança, com toques, eles me respeitam muito, meus vizinhos todos. Eu nunca tive problema nenhum, nunca, nunca tive. Já fiz televisão, já fiz entrevistas em alguns lugares, mas a discriminação é no geral.

CANTO

Todos os orixás trazem uma emoção pra gente. Quando canto pra Oxum, a gente sente uma emoção muito grande; quando canto pra meu santo eu me sinto muito bem. Cada orixá traz uma coisa diferente. Pra Oxum eu me emociono muito, quando canta pra oxum, não sei se porque é por causa do meu pai de santo que é de Oxum, pra Logun Edé eu fico felicíssimo, me dá uma alegria, uma alegria! Pra Xangô dá uma emoção assim de força, de fogo, da um negócio; pra Iansã todo mundo fica maluco de alegria, de querer dançar no ritmo! Mas escolho esse:

*Osun Ya Mi Ô
Osun Sola Ni Fo Mi
Osun Ya Mi Ô
Osun Sola Ni Fo Mi
Elouodô Já Fun La Yó
Jakunan Yo Guerê
Elouodô Já Fun La Yó
Jakunan Yo Guerê*

Esse cântico eu me emociono muito com ele e eu canto ele sempre aqui, porque eu escutei ele na primeira vez

que eu tomei a obrigação na casa do pai Cido e ele começou a cantar essa cantiga pra poder o santo me tomar e aí eu fui escutando essa cantiga na voz dele e eu não esqueço desse cântico nunca. Ficou na minha mente e vai ficar na minha mente pro resto da minha vida.

ORGANIZAÇÃO DOS TERREIROS

Tem que falar a verdade! Eu vou pedir a ajuda dos meus filhos aqui porque eles também tem a liberdade, já são Ebomi e assim podem me ajudar a falar sobre isso. Eu falo no geral, não vou citar casa de ninguém, mas eu acho que tá tendo um avanço na organização mas ainda tem muita desorganização. É preciso tomar a frente de algumas coisas que tão acontecendo em Petrolina, Juazeiro ou até mesmo em vários lugares do Brasil. Alguns babalorixás e yalorixás, ou algumas pessoas que se dizem babalorixás, estão fazendo absurdos e isso faz com que diminua a posição dele ou daquele outro que já tem mais idade. Tem pessoas muito mais novas fazendo coisas que não podem, não tá na época de fazer, não pode. Existem muitos terreiros de Candomblés que não estão adequados a fazer determinados rituais, como tirar santo sem ter telhado, sem ter cumeeira, sem ter lugares adequados, sem ter quartos adequados, pra fazer santo, sem ter equipe adequada pra poder organizar tudo, então, existe essa carência ou existe essas coisas que acontece, que deixa a desejar. Quando eu falo que não tão preparados, é porque não tem total conhecimento de fazer determinados rituais.

HISTÓRIA QUE ME MARCOU NO CANDOMBLÉ



Figura 80 - Pai Dedé em atividade no Terreiro (MARQUES, 2014).

Aconteceu várias coisas maravilhosas na minha vida. Mas uma das coisas que eu fiquei muito feliz, mais muito feliz, foi na minha obrigação de 14 anos que eu consegui atrair minha mãe carnal, meu pai e uma boa parte da minha família. Na hora eu não enxerguei muito bem, na hora que eu saí, mas quando eu deparei meu pai com 80 e tantos anos, minha mãe, eu fiquei muito emocionado nesse dia. Então eu, o que veio na minha mente, o encontro do meu Babalorixá, Pai Cido, com meu Pai, minha mãe, tudo junto aqui. Meus dois pais, foi bom. Foi lindo!

MENSAGEM

Humildade acima de tudo pra aprender. Porque a vida é um livro com páginas infinitas. Tenha humildade pra aprender e sempre escutar os mais velhos. Porque as pessoas não estão muito afim de pedir orientação e não tem essa humildade pra aprender, então humildade acima de tudo. Amor no coração, falta muito amor. As pessoas não tão muito ligada a essa coisa. Porque se você amar as outras pessoas tudo vai ocorrer muito bem. Agora viver em guerra, em ódio, a gente não consegue ir pra lugar nenhum. Então é humildade e amor no coração.

TERREIRO ABASSÁ SENHOR OXÓSSI DE MÃE VERINHA



Figura 81 - Mãe Verinha (MARQUES, 2015).

O nome do meu terreiro é Abassá Senhor Oxossi. Foi fundado no dia 05 de outubro de 2005. Me chamam de Mãe Verinha. A primeira casa fundada aqui no loteamento Horizonte foi essa, a minha casa. Faz 9 anos que eu moro aqui.

Entrei no Candomblé por doença, com idade de 22 anos. Com 25 anos eu raspei o santo. Com 7 anos que tinha raspado o santo, recebi *decá*. Eu tenho 36 anos de *decá*. O que me motivou a ir para o Candomblé é que eu desmaiava, brigava com o marido todo dia, toda hora, os orixás me perturbando. Fiz as obrigações no terreiro de Ana Maria Leite Fraga, conhecida por Mãe Sinhá, aqui em Petrolina,

num bairro chamado Espinho, que hoje em dia é o bairro Maria Auxiliadora.

CANDOMBLÉ E UMBANDA

O meu terreiro é de Candomblé, mesmo. Angola, angoleira. A diferença básica entre o Candomblé e a Umbanda é que no Candomblé a gente raspa, e a Umbanda não raspa.

ORIXÁ E CABOCLO

Orixá é muito importante, muito bom. Abre os caminhos das pessoas e faz tudo de bom pras pessoas. Orixá é uma entidade. No Candomblé, Oxossi é São Jorge, e ele é uma entidade muito boa, muito forte. Todos os orixás são bons, e Oxossi é o rei da caça, por sinal é ele que vai governar nesse ano que vai entrar (2015), ele que vai tomar a frente, abaixo de Deus.

Caboclo é um *egum*³³, *egum* dos mortos. E *inquice*³⁴ também pertence ao Candomblé.

³³ **Egum** (do *ioruba egun*) é um termo das religiões de matriz africana que designa a alma ou espírito de qualquer pessoa falecida, iniciada ou não. O termo "egum" pode se referir tanto a um espírito considerado "evoluído", "de luz", como a um espírito de um parente, ou a um espírito desorientado obsessor que precisa ser afastado, por exemplo. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Egum>>. Acesso em: 20.Jan.2015.

³⁴ **Inquices**, (de *nkisi*, plural *minkisi*, "sagrado" em quimbundo, termo usado para objetos, fetiches e estatuetas que contém espíritos chamados *mpungo*), são divindades de origem angolana, cultuadas no Brasil pelos candomblés das nações angola e congo. Disponível em: <<http://pt.fantasia.wikia.com/wiki/Inquices>>. Acesso em: 21.Jan.2015.

CANDOMBLÉ NA MINHA VIDA

Entrar no Candomblé mudou muito minha vida. Eu era muito violenta, muito bagunceira, tinha pomba-gira³⁵ de frente, que eu era muito danada, era muito valente, era muito brava. Não nego, não! Agora estou calma, casei, tem festa e eu não vou. Eu gostava muito de dançar. Uma festa saudável eu gosto de ir, dançar um pouquinho, mas, não bebo, eu não fumo, não participo de bebida, eu não gosto de bebida. Melhorou minha situação [financeira]. Eu trabalhava em casa de família [empregada doméstica], hoje eu trabalho só pra mim. Se eu ganhar R\$ 5,00 (cinco reais) é meu, não tenho que dividir com ninguém, e assim vou levando.



Figura 82 - Mãe Verinha sambando (MARQUES, 2014).

³⁵ **Aluvaiá, Bombo Njila, Pambu Njila:** - Intermediário entre os seres humanos e o outros inquices. Na sua manifestação feminina, é chamado **Vangira** ou **Panjira**. Sincretizado com o Exu do Candomblé nagô. Seu nome deu origem ao da Pombagira da Umbanda. Disponível em: <<http://pt.fantasia.wikia.com/wiki/Inquices>>. Acesso em: 21:Jan.2015.

A principal festa do terreiro é a do meu pai Oxossi, que é dono do terreiro, dono do Abassá, que acontece no último sábado de abril. Dou festa de Oxossi, Santa Bárbara que é lansã, dou a festa dos dois juntos. Mãe Nanã, eu não trajo ela, não, mas, dou uma coisinha no cantinho dela. Todas estas celebrações acontecem em abril. Além destas festas tem outras no terreiro: a de Pai Juremeira, que é da jurema e acontece no último sábado de julho. Em outubro, dou o caruru a Crispina [erê]. Dou a Crispina e todos os erês que participar, come. Em 31 de agosto a [festa] de Seo Zé, que tem a bebida, o cigarro, essas coisas. Que caia na terça, no domingo, na segunda, na sexta, não importa, eu tenho que dar. Se for na quinta-feira eu peço agô³⁶ a meu pai Oxossi e faço a festinha de Seo Zé. Também as festas da beira do rio pra Oxum.

FILHOS DE SANTO

Eu tinha 21 filhos de santo, 7 raspado, mas me abandonaram todos. Estou só e Deus, mas, é assim mesmo, é melhor só do que mal acompanhada. Quando eu faço uma festa, vem duas, três de outros terreiros, me ajuda e nós faz a festa, graças a Deus.

Tem ogans, ogans raspados. O filho de pai Gildo, Jean Carlos, é meu filho de santo, também me ajuda. Não tenho ekeke preparada não, só ogan.

³⁶ É um termo utilizado na Umbanda e significa pedir licença ou permissão, em outros momentos este termo traduz perdão e proteção pelo que se está fazendo. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/ag%C3%B4/10117/>>. Acesso em: 22.Jan.2015.



Figura 83 - Mãe Verinha e amigos do Candomblé (MARQUES, 2014).

DISCRIMININAÇÃO

Já sofri discriminação por ser do Candomblé. Eu ia dar uma festa, ainda morava no bairro São José, e me disseram assim: - Isso é idolatria de feitiço. Eu disse: - deixa minha vida, importa com tua vida e deixa a minha de mão. Eu não sei quem é você e não me interessa. Siga o seu caminho que eu sigo minha estrada.

UM CANTO

Um cântico que me chama atenção e eu gosto muito, é assim:

*Quem manda nas matas é Oxossi
Oxossi é caçador, Oxossi é caçador
Eu vi meu Pai assoviar, eu já mandei chamar
É na Aruanda êeee, é na Aruanda êee
Meu pai Oxossi é rei de Umbanda
É na Aruanda.*

ORGANIZAÇÃO



Figura 84 - A força da mulher negra (MARQUES, 2015).

Os terreiros de Juazeiro e Petrolina são organizados, sim, agora, são muito desunidos. Comentam: – Eu não vou pra casa de fulano porque fulano não vem pra minha; eu não vou em festa na casa de fulano porque não vem pra minha! E não pode ser assim, tem que ser unido, minha gente! Não ir por um motivo importante pode. Tem que se unir também. Agora, a falsidade é grande, tem muita falsidade.

MENSAGEM



Figura 85 - Verinha: “faço Candomblé para a Paz” (MARQUES, 2015).

Desejo que as pessoas nos aceitem, os evangélicos, os estudantes na faculdade também, sei, eles deveriam acompanhar nós também, porque nós também somos filhos de Deus. Muitos trabalham para o mal, mas, outros trabalham para o bem.



TERREIRO ILÊ AXÉ ODARA OXUM OPARÁ DE MÃE FÁTIMA



Figura 86 - Mãe Fátima (DINIZ, 2014).

QUEM SOU E MINHA RELIGIÃO

Maria de Fátima Rodrigues Lucas, 50 anos – minha Djina é Oxum Omin Opara – Mãe Fátima, tenho 43 anos que sou do Candomblé, mas, eu iniciei na Umbanda e depois vem Angola, aí dependendo do Orixá passa pra o Ketu, eu mesmo, a minha nação já é Ijêxá, eu sou de Araketu, uma mistura de Ketu com Angola. Minha raiz é de Feira de Santana, foi quando tudo começou. Começou quando eu tinha oito anos de idade e eu não sabia nem o que era Candomblé. Comecei deitada numa cama e depois apaguei e

não vi mais nada, me transformei numa pessoa conturbada sem se quer minha família entender o que era. Minha primeira Yalorixá foi uma mulher de Iansã de Feira de Santana chamada Oyá Balocidã, ela já se foi, “beriloá” para ela. Aí veio ela, veio Pai Toninho, veio Mãe Zefinha, veio Pai Tutu, e agora meu Tatetu é Pai Jorlando de Salvador, que hoje também está em Juazeiro. Então agora eu estou na família de Sanga Mongo, Ojoxum de Pai Jorlando.

Desde que eu fiz o Santo com 12 anos de idade e quando eu recebi oiê, foi na faixa de 16 anos. Eu nunca saí da minha religião. Eu sou católica, acredito em outras religiões, mas eu nunca abri mão do Candomblé. Desde criança que minha religião foi o Candomblé.

SANTO DE CABEÇA

Eu sou filha de Oxum Opará, meu juntó é Oxossi e meu terceiro Santo o Veio Xangô. Mas, eu sou de Ijexá que é minha nação. Porque mesmo eu sendo de Oxum, ela vem na Umbanda, vem e dança na Angola, ela dança no Ketu, né?! Então ela é da nação de Ijexá, porque a dança dela é uma coisa mais lenta. Vem uma dança mais lenta e em seguida uma mais rápida. É a força das águas e a força do fogo que se agitam no Ijexá.

DIFERENÇA DA UMBANDA E CANDOMBLÉ

A diferença é que na Umbanda se trabalha muito com invocação, invocando os espíritos que já se foram. Eu acredito, e digo o seguinte, o Pai de Santo não pode discriminar a Umbanda, porque possui também uma força

muito grande. Eles mexem muito com frutas, com rezas, pretos velhos, ali eles invocam os espíritos que já se foram, aí passam aquela mensagem. Entendeu!? E nós na Angola usamos as folhas, só que as folhas para a Umbanda são os caboclos que são os eguns. Na nação de Ketu já não tem caboclo é só Orixá e Erê, agora já na Araketu existe de tudo um pouco, existe o santo de cabeça e outras misturas de Ketu com Angola. Aqui em Petrolina eu não vejo Ketu puro, está difícil existir, existe ali pro lado de Salvador, mas, aqui não. Porque na casa de Ketu não existe caboclo, assim como não existe bandeira do Tempo, existe Yroko.



Figura 87 - Mãe Fátima (MARQUES, 2014).

O TERRITÓRIO DO TERREIRO

Eu morei em São Paulo vinte anos, lá eu já tocava meu Candomblé. Aí por causa de herança de família já estou aqui faz vinte anos e sempre toquei aqui nesta mesma casa, à Rua Campina da Taborda, 199, Petrolina/PE, bairro Gercino Coelho.

O PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO

De norte a sul tem preconceito, as pessoas veem agente como um monstro que faz maldade. Entendeu!? Então, nós somos discriminados, na nossa religião isso nunca vai acabar, vai ser sempre assim. A gente veste uma roupa de baiana, o povo olha, uns se admiram, outros criticam, então o preconceito não acabou. De norte a sul isso existe porque morei também em São Paulo e fui conhecida também como mãe Fátima e por isso que o preconceito nunca vai acabar. Repare nós do Candomblé não temos o espaço que os evangélicos têm por exemplo, em muitas cidades o prefeito dar espaço para eles, nós temos hora marcada para fazer nossas cerimônias, aí se passar da hora vem vizinhos que chamam a polícia e aí fica o constrangimento, nas horas que passam as vezes somos interrompidos com a polícia, na hora de nossos atos com os bichos por exemplo, porque nossos Orixás se alimentam do sangue, do agé, então são alimentados por estes e ai já teve vizinho que chamou a vigilância sanitária pra vir na minha casa. Eles vieram, entraram, perguntaram se eu fazia isso direto, perguntaram porque os caperê, que são as cabeças dos bichos, eram tirados e se eu fazia direto. Então eu disse que era levada a isto e que é parte de nossos rituais. Aí os

vizinhos se incomodam com isso, com nossos batuques, com tudo e nós não temos sossego para fazer nossos rituais em paz. Aí eu não sei o que fazer porque já teve debate sobre isso aqui né?! E nós não podemos ficar sem fazer nossas obrigações e se fizer fica aí aquele constrangimento. Aí a gente é invadida pela lei, porque eu não sei até hoje como vai ficar isso. Olhe no Candomblé não há riqueza, nós somos pessoas que cultuam os Orixás, faz o bem e não faz o mal e, fazemos nossas oferendas e nós não temos nossa liberdade como as Igrejas tem! Qual é o Candomblé rico que você ver por aqui em Petrolina? As casas são sempre nos fundos de quintais, são todos humildes. Veja que nós não temos nenhum tipo de recursos e incentivo de nada.

MENSAGEM PARA TODOS



Figura 88 - Mãe Fátima, sempre com sorriso alegre (MARQUES, 2014).

Que as crianças não veja nossa religião como uma monstruosidade, porque nós damos comida para os Ibejis – os Erês. Que nós somos do bem. Que nós somos pessoas de Deus. E que dentro do Candomblé cuidamos dos Ibejis. Que as crianças estudem e não sejam rebeldes e que não veja a nós como umas pessoas monstruosas. Para o Povo eu quero dizer, que nós somos educadores, nós estamos aqui pra educar, que todo mundo tem seus problemas pessoais e nós estamos aqui pra ajudar e que não somos monstros e que temos Deus no coração e estamos aqui pra educar. Só que nós chamamos Deus aqui de Orumila, é Oxalá que é o Deus da paz. Dizer não tenham preconceito, entendam melhor sobre o Candomblé e procure ver que estamos aqui até para ajudar a você mesmo e que nós estamos aqui para educar e ajudar, somos educadores pra ajudar e explicar as coisas boas, porque nós somos pessoas do bem.

HERANÇA NO TERREIRO DE MÃE EUZINHA



Figura 89 - Toinho recebendo o cargo de Babatotebejita (MARQUES, 2015).

Meu nome é Antônio Matos. Antes, no Terreiro de Mãe Euzinha, eu era ogan de sala. Depois de sua morte fui escolhido como um dos herdeiros do seu terreiro, recebi o cargo de babatotebejita, depois de 12 anos de ogan e 17 anos de iniciado no Candomblé. Trata-se de um cargo que me autoriza a cantar, tocar, tirar ebó, fazer trabalhos dentro do Candomblé, fazer vários serviços dentro do Candomblé, só não pode dá uma cuia, um oiê, um deká, porque o *decá* é recebido pelas pessoas que estão rondando no santo a um certo tempo, ou seja, 07 anos. Só se pode dá oiê quem recebe oiê. Então o cargo babatotebejita é o cargo do homem que pode fazer quase tudo no Candomblé.

Eu me iniciei na casa lansã *Deleumá de Umzambi* (dijina de lansã de Mãe Euzinha), como todo mundo a conhece; eu nasci e me criei, me firmei e pretendo encerrar meu ciclo de vida dentro daquela casa se assim Deus e os Orixás me permitirem. Eu nasci lá, fui feito pela mão dela, sou o primeiro filho homem de lansã da casa, sou o primeiro ogan de orixá de lansã da casa. E sou um dos herdeiros da casa de lansã, hoje o orixã da minha mãe de santo, lansã *Deleumá de Umzambi*, está comigo, assim como os orixás que a ela pertencia. Eu tenho esse compromisso de zelar pelo altar de lansã, que é minha mãe (lansã *Deleumá de Umzambi*). A minha dijina é *Oiá Balé Sileuí*. Mas levo comigo além da minha lansã a missão de cuidar, de zelar como herdeiro de lansã *Delemade Umzambi*. Eu herdei os orixás de minha Mãe de Santo!

MÃE EUZINHA

Mãe Euzinha, pra mim foi não, ela é, uma grande mulher, uma grande *Yalorixá*, uma grande amiga, uma grande mãe de santo, uma mãe carnal, todos os filhos de Mãe Euzinha de axé não só tinha ela como *Yalorixá*, tinha ela como mãe realmente, ela era a nossa mãe carnal pra gente. Mãe Euzinha foi **o poder do Candomblé no Vale do São Francisco**. Ela foi a mulher com referência de poder, seriedade e compromisso com os orixás do Candomblé. Mãe Euzinha foi e é a mãe de santo que quando chegava impunha o respeito ao Candomblé. Mãe Euzinha acreditou, zelou, difundiu, valorizou, fez-se respeitar o Candomblé no Vale do São Francisco. É tanto que ela é a única mulher que teve a coragem de dizer, de falar perante o Ministério Público o seu

amor, a sua fé e a sua coragem ao Candomblé. Então a Mãe Euzinha é a referência do que se refere ao Candomblé no Vale do São Francisco; é o respeito, ela é o poder do Candomblé. Ela é uma mulher que jamais será esquecida; ela é digna: como teve títulos – e com certeza virão mais títulos e mais homenagens porque realmente ela é o Candomblé de Petrolina; ela nasceu, viveu, morreu no Candomblé.

NASCENDO NO CANDOMBLÉ



Figura 90 - Recebendo o cargo de Babatotebejita (MARQUES, 2015).

A casa que eu nasci é de Umbanda cruzada com nação angola, casa de Mãe Euzinha. Hoje eu pertença à nação Ketu. Mas não vou abandonar tudo que eu aprendi da Umbanda nem na angola porque pra mim o ketu só vem somar na minha vida, de conhecimento, dos fundamentos

do Candomblé. Hoje eu tenho conhecimento no que é de Umbanda, no que é angola. Estou me adentrado cada vez mais dentro do ketu que hoje é realmente a minha nação, que é nação do orixá *Oiá Balé Sileuí*. Ela de nação ketu, minha lansã, ketu puro! E aí eu nasci nessa casa de Umbanda cruzada. Hoje eu estou numa casa de ketu, mas não vou deixar nenhum ensinamento pra trás; a casa que eu nasci era de Umbanda cruzada com angola.

MÃE DANDA



Figura 91 - Mãe Danda, herdando o terreiro de Mãe Euzinha (MARQUES, 2015).

Danda, Rosângela Casula, 49 anos, filha de Oxossi, é a mulher que senta no trono de lansã. É a mulher escolhida pelos orixás para sentar no trono de lansã *Delemade Umzambi*. É uma mulher importante para aquela casa; foi uma filha fiel, dedicada, especialmente fiel, Danda chegou e

ficou naquela casa. Então Danda é uma grande mulher que está vivendo um novo momento, um momento em que ela sai de uma missão de Ekedí, 30 anos mais ou menos, de Ekedí, e passa a assumir o Candomblé da casa de Mãe Euzinha, ela foi a escolhida. Você sai de um trampolim para outro mais alto. E você percebe a dimensão da altura para esse grande salto ornamental que é esse processo que ela está vivendo. Então, ela é merecedora, ela está no lugar certo, ela está lá porque tem condições e, com certeza, ela será uma grande Yalorixá!

Hoje Oxossi reina na casa com toda a sua força, filho de Iansã *Delemade Umzambi*, estando hoje regendo a nossa Casa. Oxossi é merecedor desse momento e nos trará com certeza todas as forças da natureza, das florestas. Okêarô!

NOVO PAI DE SANTO



Figura 92 - Pai Jorlando (MARQUES, 2015).

Hoje meu pai de santo é Jorlando, de Salvador. Ele é rama. Ele fez santo nos anos 60. Ele é um sacerdote do Candomblé hoje, pela idade, é um homem de 57 anos de santo feito, de barracão aberto. É um nome de peso e de respeito; é um homem conhecido em Salvador. Tem um nome, tem um respeito. Ele tem em torno de 1800 filhos de santos feitos, em Salvador, pelo Brasil, no exterior também. Eu tenho muito orgulho de hoje pertencer a esta casa. Esta casa que é uma casa grande, que é uma casa conhecida, uma casa rígida, e acima de tudo ser rama do *Batifolha* que é a primeira casa de Candomblé de Angola do Brasil. Pai Jorlando ele é rama do *Batifolha* de Salvador.

Ele também tem um terreiro em Juazeiro. Meu Pai de Santo está vindo aqui a Juazeiro já em torno de 14 anos atrás. E agora ele se fixa realmente como terreiro. Ele vai ficar entre Juazeiro e Salvador, abrindo essa ponte. E aí é isso: o axé do Pai Jorlando chegando ao Vale do São Francisco, é pai Jorlando ganhando espaço no Vale do São Francisco e absorvendo cada vez mais filhos.

CANDOMBLÉ E UMBANDA

Olhe, tem toda uma diferença entre Candomblé e Umbanda. Umbanda tem um princípio. Tem muito sincretismo, é uma religião como queiram chamar. A Umbanda é pura, a nação Umbanda não tem matança, não tem sangria. A Umbanda é bem pura, ela é bem limpa; aí o Candomblé não; o Candomblé já há muitas variações nos rituais. Tem os sacrifícios. Por todo um ritual de derrubada de cabelo, chamado de mucunã. Enfim, tem toda uma

diferença. A Umbanda é um princípio, mas é um princípio que é puro demais, comparando ao Candomblé.

ORIXÁ

Para mim o orixá é a força, é a natureza; o orixá é o vento. Você não pega no orixá, mas você acredita que ele existe. Eu não preciso pegar Iansã, Obaluaê e Ogum para acreditar. O orixá ele é a força, ele é o vento, ele existe. O orixá ele é a vida, ele é a força que nos sustenta e sustenta o povo do axé. Ele é a natureza. Eu acredito no orixá a partir da premissa da natureza: do puro, do forte, do belo, do energeticamente positivo. Eu acredito no orixá como fonte da natureza: as águas, os ventos, os raios, a areia, as plantas, os animais. Eu acredito nos orixás dessa forma, como forças da natureza. Entendo também que o orixá ele pode estar atrelados aos nossos ancestrais. Acredito que Ogum, Iansã e Oxossi, foram reis e rainhas lá do passado e que hoje são cultuados dentro dos terreiros de Candomblé.

CABOCLO

O caboclo é um ancestral, não é? Eu acredito, eu, estou falando eu, eu acredito em caboclo que vem por natureza, que é uma fonte da natureza, existe o caboclo que é um egum, que é espírito que viveu na Terra e que volta incorporando com um ancestral nosso, que traz outro nome, traz outro dijina, traz outro parecer, mas ele foi uma pessoa que pisou na Terra, foi um ancestral nosso.

MENSAGEM



Figura 93 - Babatotebejita (MARQUES, 2015).

Por serem Educadores que eles partissem da premissa que o preconceito é um conceito de conhecimento de causa; enquanto educadores eles devessem se apropriar desse conhecimento para desmitificar esse preconceito em torno do Candomblé. Que o Candomblé é uma religião, é uma religião bonita, é uma religião real, é uma religião que engrandece as pessoas, que engrandece o ser humano e que, acima de tudo, nos permite e nos ensina a humildade e a conviver com os seres humanos.

TERREIRO ILÊ AXÉ OGUN OPÔ ODUNDUN DE PAI EDUARDO



Figura 94 - Pai Eduardo (MARQUES, 2014).

FUNDAÇÃO DO TERREIRO

O terreiro foi fundado por meu pai biológico, José Wilson, que é conhecido como Pai Zé. Quando eu nasci, já nasci dentro do Candomblé, dentro da casa dele. Então, este terreiro tem muito mais de vinte anos.

Quando meu pai procurou o Candomblé foi por problema de saúde. Ele era muito novo e fazia parte do exército, mas, ficava mais tempo em casa doente, com problema espiritual, do que trabalhando. E aí foi quando ele conheceu seu Pai de Santo. Começou a frequentar a casa,

fez a iniciação também nessa casa, e todos os problemas dele, de saúde, acabaram. Então o problema dele era espiritual. E quando eu nasci, ele já estava trabalhando dentro do espiritismo.

Então, fui crescendo, crescendo, crescendo e com treze anos eu frequentei outra casa de Candomblé, porque eu não podia ser filho biológico e filho de santo dele, e fiquei nela durante sete anos. Não deu certo e então procurei a casa de Pai Jorge em 2004, faz onze anos que eu frequento a casa dele e vou fazer nove anos de santo feito. Tomei minha obrigação com Pai Jorge, tomei meu decá³⁷ e até hoje estamos por aqui.

CANDOMBLÉ E UMBANDA

Meu terreiro é um terreiro de nação, terreiro ketu, porque eu sou raspado. Meu pai biológico é de Umbanda. Mas, o pai de santo dele faleceu, então na época ele tirou a mão fria com Vô Tutu, isso alguns anos atrás. Vô Tutu faleceu e ele tirou a mão fria com Pai Jorge. “Tirar a mão fria” é um ato que tem no Candomblé, quando o Pai de santo dá uma obrigação para um filho e chega a falecer. O filho não pode ficar com aquele preparo, aquela iniciação [energia] que foi plantada no ori dele, pela pessoa que morreu. Então é feito um ato no Candomblé para retirar essa mão da cabeça, cortar esse vínculo que a pessoa tinha

³⁷ Deká ou Decá (recebimento do): cerimônia ritual através da qual o iniciado é investido, após a Obrigação de Sete Anos, na condição de pai ou mãe de santo. O decá é o reconhecimento da aptidão para este cargo e a transmissão de obrigações religiosas. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv1_2005/p_baptista.pdf>. Acesso em: 18.Jan.2015.

com o pai/mãe de santo [falecido]. Mas, não deixa de ser filho/a de santo de quem fez o santo, só vai renovar obrigações com o pai de santo que fizer este caminho, ou seja, que fizer este procedimento.



Figura 95 - Pai Eduardo com Ossain, seu Orixá de cabeça (MARQUES, 2014).

A diferença entre Candomblé e Umbanda é porque o Candomblé raspa e tem suas nações, como Ketu, Angola e as demais. E a Umbanda não raspa.

QUEM É OSSAIN

Ossain é o orixá que representa as folhas e a natureza. É um orixá cultuado no ketu como uma força masculina, porém em outras nações, por ele ser uma árvore, a folha, ele é cultuado também como força feminina. Ele é o

orixá da cura, senhor das ervas onde extraímos os remédios para curar as pessoas. Para mim ele é uma energia boa, que traz tranquilidade e paz.

DISCRIMINAÇÃO

Hoje não sinto isso. Aqui no bairro todo mundo nos respeita. Talvez tenha alguém que ainda seja preconceituoso, mas eu já não sinto isso. Ando com minhas roupas de Candomblé e não vejo mais problema nenhum nisso.

MENSAGEM



Figura 96 - Pai Eduardo (MARQUES, 2014).

O Candomblé é uma religião muito bonita, de muita responsabilidade também. Não me vejo mais sem minha

vida ligada ao Candomblé. Acho que as pessoas que ainda tem alguma dúvida ou receio da nossa religião que procure conhecer. Nós estamos aqui para fazer o bem. Orixá é uma força para o bem. Então desejo que as pessoas possam conhecer melhor o Candomblé para ver o quanto ele é bom para a vida das pessoas.





**ECOLOGIA DE SANGUE:
INTERPRETAÇÕES JURÍDICAS DOS
SENTIDOS SAGRADOS DOS POVOS
DE TERREIROS**

Publicado no livro “Psicologia Jurídica: Ensaio sobre a Violência”, organizado pelo Prof. Marcelo Ribeiro em 2012.



Juracy Marques

Pós-Doutor em Antropologia;
Professor da UNEB e FACAPE.

Alzení Tomás

Estudante de Direito;
Coordenadora do
LAPEC/NECTAS.

Leonardo Sousa

Estudante de Direito; Técnico do
NECTAS/UNEB.

Bruno Heim

Advogado; Professor da UNEB.

Luiz Educarado

Advogado; Professor da FACAPE.

Robson Marques

Estudante de Educação Física;
Integrante do NECTAS.

RESUMO: A humanidade sempre se impressiona com o que faz. Há um mecanismo analítico, a negação, que permite a qualquer pessoa conviver com o que lhe incomoda: fingido que viu, mas não acredita existir sabendo de sua existência. Eis o sentido para as incômodas interpretações sobre o sacrifício de animais quer para sobrevivência biológica, quer associado a práticas sagradas, duas dimensões abismais. Este ensaio, baseando-se num processo de violação de direitos e judicialização de um terreiro na cidade de Petrolina (Tenda de Umbanda Estrela da Guia, da Yalorixá Renilda Bezerra Barbosa), analisa como em nome das interpretações jurídicas se estabelece formas judiciais de negação de direitos.

PALAVRAS-CHAVE: Candomblé, Ecologia de sangue, Sacrifício de animais.

INTRODUÇÃO

O que surpreende o humano? Estamos, plasticamente, analisando o espanto e, para alguns, a incômoda estética dos corpos sacrificados dos animais nas culturas humanas. Como no tempo dos suplícios, genialmente analisado por Foucault em “A Verdade e as Formas Jurídicas” (2002) e “Vigiar e Punir” (2010), se evitadas suas teatralizações e publicidades, pouco se tem a

dizer se alguma espécie foi tolhida da sua condição de existência, quer seja animal, vegetal ou mineral.

Radicalmente: se estamos ancorados numa dimensão ética, precisamos nos valer dos seus mais nobres fundamentos, dantes lavas a serem erodidas dos adormecidos vulcões das verdades jurídicas. Não podemos, nem devemos, imaginar que nos corpos dos vulcões há apenas lavas adormecidas, nem terminalmente, interpretar seus sistemas a partir de suas cinzas. Portanto, temos que nos apartar das comoções frente a morte dos animais dos adoradores de carne: “não suporto vê sangue, não consigo entrar num açougue, acho um absurdo sacrificarem um animal, mas adoro um churrasco”. Há uma dimensão abismal, portanto oceânica, entre o sacrifício de animais em rituais sagrados e as demandas alimentares das sociedades de consumo. A morte como produto de uma ação, quer seja de animal, de um vegetal ou de um ser humano, não pode ser relativizada pela hipocrisia discursiva das auto-ideologias. Antes, morte é morte. Discutimos, pois, seus sentidos, significados e justificativas.

Do ponto de vista ético, qual a efetiva diferença da morte de um animal abatido nos frigoríficos do mundo para alimentar as pessoas e um animal abatido em práticas ritualísticas de sociedades culturalmente diferenciadas? Encolher essa complexa resposta à ideia de reduzir o sofrimento do ser que morre ou apenas mobilizar forças para proibi-la em cultos religiosos, quer de grupos afrodescendentes, mulçumanos, judeus, ou de qualquer outra cultura, deságua num fundamento racista.

Se o abate do animal for a questão a ser superada pela humanidade, o princípio é proibi-la na sua totalidade. Se apenas se prima para a redução de sofrimento dos

animais a serem abatidos, a questão é normatizar as práticas nos diferentes espaços onde estas acontecem. Neste nosso estágio civilizacional, as normas jurídicas rezam que só é proibido o abate de animais silvestres e proibidos por lei. Apenas o espírito antropocêntrico das leis é capaz de encarnar nas letras das verdades jurídicas de que uma morte sem dor seja legítima frente ao desaparecimento da vida, mesmo a dos animais. Como, nestes casos, tipificar a crueldade? Estamos diante de um complexo sentido ético com rebatimento sobre o campo jurídico-formal.

ECOLOGIA DE SANGUE

O sacrifício de animais é uma prática cultural que segue a humanidade desde os primórdios. Não sabemos precisar quando essa atividade se vincula à uma dimensão do culto ao sagrado. Nem de longe é uma atividade exclusiva das tradições africanas. Observamo-na entre os mulçumanos e judeus, além de outros povos, em sociedades tradicionais, capitalistas e socialistas. Em Cuba, por exemplo, o sacrifício de animais é “livre”³⁸. Em países da Europa, essa atividade é tipificada, em alguns casos, como crime.

Quadro 1 - Nota: Invisibilidade dos povos de Terreiros no Brasil. Fonte: Recenseamentos demográficos do IBGE de 1980, 1991, 2000.

Religião	1980	1991	2000
Católicos apostólicos romanos	89,0	83,0	73,6
Evangélicos	6,6	9,0	15,4

³⁸ Destaca-se que, fora das discussões da Santeria, o abate de um bovino sem autorização do Estado, pode ser punido com pena de 10 anos de cadeia. Isso tem a ver com a escassez desse tipo de alimento na Ilha.

Sem religião	1,9	5,1	7,4
Espíritas	0,7	1,1	1,3
Afro-brasileiros	0,6	0,4	0,3
Outras Religiões	1,2	1,4	1,8

Segundo as leis observadas no Antigo Testamento, o sacrifício animal era uma exigência de Deus aos humanos como forma de obtenção do perdão do “pecado”. No livro de Gênesis observamos passagens onde a morte dos animais serviram para cobrir o pecado de Adão e Eva. Das suas ofertas a Deus, Caim foi rejeitado porque apresentou a Ele frutas, enquanto Abel foi agraciado pois ofereceu ao Criador partes de animal. Noé, após o dilúvio, sacrifica animais para Deus. É, portanto, a substituição do sacrifício de Isaac a ser feito por seu pai Abraão para Deus por um cordeiro, a história mais “nobre” da imolação de um animal que “salva vida”. Segundo a tradição cristã, Deus deixa de exigir sacrifícios de animais, quando seu Filho, Jesus Cristo, é crucificado para curar a humanidade dos pecados: “eis o Cordeiro de Deus, que tiras o pecado do mundo” (JOÃO: 1-29).

Mas há algo que se confunde quando estamos falando de matança animal: quando ela está associada à demanda de alimento para a sobrevivência material, biológica, e quando ela ancora-se na dimensão simbólica, nas expressões humanas sobre o sagrado. Segundo Yannick Alves, «existe uma sutileza entre matar e sacrificar um animal. O sacrifício ritual de animais é uma prática com fundamentos milenares e mágicos, representando um dogma para estas religiões. Este não ocorre a qualquer momento ou por qualquer motivo».

Em algumas culturas o sagrado tem forte relação com o sangue, também conhecido como «amenga» ou «ajé». É o caso de algumas tradições de matriz africana, como o canbomblé: «para haver o sagrado tem que haver sangue, mas sangue não é apenas a força dos animais, mas também a seiva das plantas e a água dos rios» (Babalorixá Toni, 2010). Fernandes Portugal³⁹, alerta que “para a Religião Africana tudo o que a natureza produz é "sangue", é o Axé. Utilizamos vários tipos de sangue para formar o Axé, visando ampliar, acumular e distribuir o mesmo, que é essencial para existência humana”.

A Ecologia do Candomblé é uma ecologia de sangue? O filme “Jardim das Folhas Sagradas”, de Pola Ribeiro, serve para respondermos a esta pergunta: esta obra de arte do cinema baiano, discute a instituição, em Salvador, de um terreiro de Ossain, orixá das matas, das folhas, com um certo “tom de modernidade” e “discordante” das tradições. Bonfim, babalorixá responsável pelo terreiro, radicaliza opondo-se à matança de animais e pendura-se na crença de que seu Orixá, por ser da natureza, não pode ser a favor de tais sacrifícios. A trama do filme desenrola-se nesse limiar entre a possibilidade ou não de que o Candomblé, possa, um dia, nas suas práticas sagradas, evitar o sacrifício de animais. Portugal, que também é babalorixá, fala sobre essa possibilidade:

Eu acho que imaginar, pode-se imaginar tudo, mas não vejo, esses cultos perderiam todo o sentido sem o sacrifício animal. O Sacrifício Animal é um dogma da cultura Yorubá, que foi transplantado no Brasil pelos Africanos. É inviável, jamais vai se atingir esse ponto. Não consigo imaginar o que as pessoas imaginam quando

³⁹ In Sacrifício de Animais em Rituais de Religiões de Matriz Africanas (Yannick Yves Andrade Robert).

anunciam “Candomblé sem sacrifício”. O sacrifício da pessoa em dormir na esteira? o Candomblé sem o sacrifício animal, não é Candomblé.

INTERPRETAÇÃO JURÍDICA DOS SENTIDOS SAGRADOS

Enquanto essas reflexões não ganham novos contornos, apesar dos avanços jurídicos na proteção dos direitos culturais, imateriais, práticas tradicionais que fazem uso do sacrifício de animais em seus rituais sagrados têm sido motivo de muitas ações judiciais em diversas partes do Brasil e do Mundo. Nestes casos, direitos e garantias fundamentais, com substratos diversos, entram em conflito.

a. O Caso da Yalorixá Renilda Bezerra Barbosa (Tenda de Umbanda Estrela Guia)

O caso interessante a ser analisado é o da Yalorixá Renilda Bezerra Barbosa, cujo Templo de Candomblé encontra-se inserido no município de Petrolina/PE. Seu Terreiro, Tenda de Umbanda Estrela da Guia, no dia 10 janeiro de 2012, foi invadido pela Vigilância Sanitária do município de Petrolina/PE, após denúncias. Em visita ao local, o servidor Jarbas Costa de Oliveira, afirmou ter encontrado animais abatidos, com carcaças completas de caprinos e um garrote, sendo que a pele de um dos garrotes estava estendida no portão de entrada.

Mãe Estela (2012), integrante do Terreiro, relata que estava no local na hora da chegada do referido Servidor e que, perguntando a ele sobre que autorização ele tinha para

entrar no Terreiro, teve a resposta de que ele tinha “19 denúncias”. Diz que o mesmo entrou e começou a fotografar partes dos animais que tinham sido abatidos no Terreiro. Desabafou: **“nos sentimos invadidas”**.

A narrativa do Servidor da Vigilância Sanitária descreve que o chão do ambiente possuía sangue dos animais e havia bacias de alumínio e plástico com as vísceras em cima da carroceria de uma caminhonete Ranger. Com relação às pessoas presentes, informa que estas estavam descalças e com suas roupas sujas de sangue provenientes do abate. Mãe estela disse que já havia sido feita a limpeza da “amenga” e que os bodes estavam para ser guardados no refrigerador.

A proprietária, senhora Renilda Bezerra (2012), afirmou que o local era um templo religioso, uma casa de Candomblé, cujo abate fazia parte do ritual, sendo este uma oferenda religiosa. Ocorre que mesmo tendo a proprietária afirmado o caráter sagrado dos abates dos animais, a vigilância sanitária informa ao Ministério Público sobre o acontecido e este notifica a “Yalorixá” Renilda Bezerra, para prestar esclarecimentos acerca de suposto “maus tratos e abatimento clandestino de animais”.

Dona Renilda relata que quando menos esperou o Servidor da Vigilância Sanitária já estava em sua sala e que, além de fotografar tudo, entrou em lugares sagrados do Terreiro afirmando que ali era um “abatedouro clandestino”.

Em decorrência dessas observações da Vigilância Sanitária, a Yalorixá foi intimada a comparecer no Ministério Público de Petrolina para prestar esclarecimentos. Relatou que a Promotora disse que ela, a partir daquela data não ira mais fazer sacrifício de animais sob pena de sofrer processo judicial. Diz que, naquela circunstância, ela não tinha o que

fazer a não ser concordar com a Doutora. A Promotoria de Justiça encaminhou ofício à Vigilância Sanitária do Município solicitando que esta realizasse visitas periódicas ao local e enviasse-lhe relatórios sobre a situação. Indignada, afirma perante vários terreiros de Petrolina: “se eu não cortar mais, nenhum terreiro vai também matar”.

Esse procedimento motivou os Terreiros de Petrolina a discutir com órgãos de proteção de direito humanos, particularmente povos de terreiros, universidades e o próprio Ministério Público, sobre os rumos e sentidos de tal decisão. Vera Baroni (2012), Yalorixá e Bacharel em Segurança do Trabalho, afirma que este caso pode ser pensado dentro da lógica do racismo institucional: “sabemos que a Vigilância Sanitária de Petrolina não invadiu um “abatedouro clandestino”, invadiu um Templo Sagrado. Não podemos mais aceitar práticas de racismo institucional.” Diz que, ao que lhe ocorre, a interpretação do Ministério Público de Petrolina sobre o caso deságua num entendimento pessoal e não traduz o entendimento institucional do Ministério Público de Pernambuco, por exemplo. Como Povo de Santo diz: “a proibição instituída ao Terreiro de Mãe Renilda é uma proibição instituída a todos nós, Povos de Terreiros”.

b. A Proteção Constitucional das Religiões Afrobrasileiras

A Carta Magna de 1988 atribuiu diversos instrumentos que são aplicáveis às religiões afrobrasileiras. O primeiro direito à qual se pode alertar é o direito a liberdade religiosa. Tal direito é aplicável a toda e qualquer religião e está previsto no artigo 5º da Constituição, em seu inciso VI, que assim prescreve: “[...] é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre

exercício dos cultos religiosos e garantida na forma da lei, a proteção aos locais de cultos e a suas liturgias”.

Perceba que tal direito, atualmente, subdivide-se em três formas de manifestação: a liberdade de crença; a liberdade de culto; e a liberdade de organização religiosa (SILVA, 2005). A liberdade de crença é o direito que o indivíduo possui de crê (ou não) em algo com fé e convicção.

A liberdade de culto vai além do aspecto subjetivo do ser em crê em algo, estando mais ligado à possibilidade do indivíduo de exteriorizar seus atos de fé em casa ou fora dela. Citando Pontes de Miranda, “Compreende-se na liberdade de culto a de orar e a de praticar os atos próprios das manifestações exteriores *em casa* ou *em público*, bem como a de recebimento de contribuições para isso” (*apud* SILVA, 2005, p. 249).

Já com relação à liberdade de organização religiosa, pode-se afirmar que é a possibilidade a instituição de templos religiosos e de como estes se relacionam com o Estado, podendo o Estado ter uma relação de confusão, separação ou de união. O Estado Brasileiro desde o Decreto 119-A, promulgado em 7 de janeiro de 1890, de autoria de Ruy Barbosa, separação a religião do Estado, afirmando ser o Brasil um Estado laico (SILVA, 2005).

Valer ressaltar que para os Constituintes de 1987, não bastou à previsão do livre exercício dos cultos religiosos, pois estes tiveram ainda o cuidado de, no artigo 19, em seu inciso I, vedar expressamente, o Poder Público de realizar qualquer atitude que viesse a embaraçar o funcionamento de algum culto religioso.

Em se tratando de Candomblé, Umbanda, ou quaisquer outras manifestações afrobrasileiras religiosas, é

imprescindível destacar o fato de que além da proteção à própria religião, estas são patrimônios culturais, proporcionando assim, uma dupla proteção constitucional. Deste modo, afora os dispositivos acima mencionados, é também aplicável aos cultos afro-brasileiros o artigo 215, parágrafo 1º, que estabelece como dever do Estado a proteção às manifestações culturais populares, especificamente as manifestações afrobrasileiras, tendo em vista que estas compõem o patrimônio cultural brasileiro, conforme previsto no artigo 216 da Constituição Cidadã.

Ratificando tal entendimento, afirma FIORILLO (2011, p. 437) que:

Claro está que a liberdade de crença vinculada ao livre exercício dos cultos religiosos se adapta a toda e qualquer religião que, na condição de bem de natureza imaterial, seja portadora de referência à identidade, à ação, à memória de quaisquer dos grupos formadores da sociedade brasileira mencionados no art. 215, § 1º, da Carta Magna.

A dupla proteção constitucional não está restrita somente as religiões afrobrasileiras, sendo aplicável, portanto, a todas as formas de cultos religiosos realizados por grupos participantes do processo civilizatório nacional.

Entretanto, a proteção jurídica da religiosidade, bem como da manifestação cultural não é irrestrita, pois inexistente em nosso ordenamento um direito em absoluto. Especialmente com relação ao direito à religiosidade, merece destaque a afirmação de BRANCO (2009, p. 460) que “A lei deve proteger os templos e não deve interferir nas liturgias, a não ser que **assim o imponha algum valor constitucional concorrente de maior peso na hipótese**

considerada” (Grifo nosso). Portanto, caberá aos interpretes do direito em cada caso realizar a sua mensuração.

c. A Proteção da Fauna no Direito Brasileiro

A fauna brasileira era tratada como *Res nullius*, fato que atribuía a mesma a natureza de direito privado, pois se observava o animal apenas como objeto passível de ser propriedade. Contudo, esta concepção privatista da fauna é superada, a partir do momento em que o direito passa a proteger não o animal em si, mas as características e funções que este animal possui para a manutenção do meio ambiente sadio, adquirindo assim, uma natureza jurídica de bem ambiental (FIORILLO, 2011).

Os Constituintes de 1987 deixaram uma lacuna na Constituição com relação à proteção da fauna. Veja que o Texto Maior, em seu artigo 225, § 1º, VII, afirma que é tarefa do Poder Público “proteger a fauna e a flora, vedadas, **na forma da lei**, as práticas que coloquem em **risco sua função ecológica**, provoquem **a extinção** ou submetam os animais a **crudeldade”** (Grifos nossos) (FIORILLO, 2011).

A Constituição ao afirmar “na forma da lei”, deixa para o legislador infraconstitucional preencher a lacuna normativa da definição do que é a fauna. Tal lacuna é preenchida com a Lei 5.197/67 (Lei de Proteção à Fauna), que determina em seu art. 1º, *caput*, que:

Os animais de quaisquer espécies em qualquer fase do seu desenvolvimento e que vivem naturalmente fora do cativeiro, constituindo fauna silvestre, bem como seus ninhos, abrigos e criadouros naturais são propriedades do Estado, sendo proibida a sua utilização, perseguição, destruição caça ou apanha.

Fica evidenciado pelo artigo acima transcrito, que o conceito de fauna previsto na legislação infraconstitucional não engloba a fauna doméstica, restringido seu âmbito de aplicação à fauna silvestre. O objetivo do legislador infraconstitucional de proteger apenas à fauna silvestre, deriva do fato de que somente esta corre o risco de modificar a função ecológica do habitat ou entrar em extinção. Contudo, o aspecto de proteção à crueldade de que trata o artigo, diferente do que acontece com a função ecológica ou a extinção, é uma proteção de todo e qualquer animal, sendo este silvestre ou não (FIORILLO, 2011). Mas, o que é ser cruel?

d. O Conceito de Crueldade no Art. 225 da Constituição

De acordo com o dicionário Aurélio Buarque de Holanda o termo crueldade “significa aquilo que se satisfaz em fazer o mal, duro, insensível, desumano, severo, rigoroso, tirano” (*apud* FIORILLO, 2011, p. 273).

Há, portanto, um aspecto doloso na caracterização de um ato cruel, tendo em vista que a pessoa que pratica a crueldade **se satisfaz** com isso. Tem-se aqui o prazer de um ser humano em maltratar simplesmente porque assim o quer.

Fato a ser destacado, é o de que a previsão do art. 225, 1º, VII, da Carta Magna que proíbe os atos cruéis contra os animais, deriva do fato do ser humano, ao buscar planificar as suas relações sociais, valorou que o ato de submeter o animal a um mal além do necessário, afronta a “saúde psíquica do ser humano”, pois este não consegue ver, “em decorrência de práticas cruéis, um animal sofrendo”. Com isso a “tutela da crueldade contra os animais *fundamenta-se no sentimento humano*” (FIORILLO, 2011, p. 273).

Assim, como poderíamos interpretar o caso da Yalorixá Renilda Bezerra? Veja que este é um caso polêmico, haja vista tratar, **aparentemente**, de um conflito de direitos “fundamentais”, ou seja, no caso em questão tem-se de um lado da balança a proteção da vida dos animais, previsto no artigo 225, ao vedar às práticas que submetam os animais a crueldade; do outro lado tem-se o direito à religiosidade de um povo tradicional, previsto no artigo 5º, inciso VI, no artigo 19, conjuntamente com o artigo 215, em seu parágrafo 1º e o artigo 216, todos estes Constitucionalmente previstos.

e. O Novo Paradigma Interpretativo do Direito

O ser humano sempre teve a utopia de, através do método científico, chegar ao conhecimento verdadeiro sobre um objeto. Este sonho também impregnou o modo de pensar e conceber o direito, sendo esta filosofia jurídica denominada de positivismo jurídico.

Com o objetivo de alcançar a neutralidade e objetividade contidas nas ciências exatas e naturais, o positivismo jurídico utilizava-se do método da subsunção como forma de se definir qual o direito aplicável ao caso concreto. Este método, basicamente, consiste em identificar os fatos do caso, levantar as normas jurídicas aplicáveis a este, e a partir de um raciocínio silogístico, colocar as normas como premissa maior, os fatos como premissa menor e a conclusão é o direito.

No entanto, a neutralidade tão almejada pelos positivistas começa a perder credibilidade com os estudos sobre o papel do intérprete e a necessidade de relacionar o todo com a parte e a parte com o todo, constituindo assim,

um círculo hermenêutico. Essa mudança decorre do fato de que a partir dos estudos hermenêuticos, em especial a contribuição de Hans-Georg Gadamer, o ser humano passa a entender que

O mundo não nos revela suas estruturas, sua natureza, simplesmente para que nossas teorias as reproduzam ou “representem”; a verdade de nossas teorias não era um reflexo das entidades objetivas da realidade do mundo, mas sim o resultado de um ato interativo de nossas faculdades interpretativas enquanto dedicávamos à atividade prática de viver no mundo e pertencer ao mundo (MORRISON, 2006, p. 498).

Além do fato da impossibilidade desse método objetivo e neutro que tanto buscava o positivismo, essa prática ao ser aplicado ao direito acabava neutralizando a sua vinculação com os valores da justiça e eticidade, gerando assim, atos abomináveis do ponto de vista humanístico; no entanto, do ponto de vista jurídico, totalmente legais. Exemplo histórico destes fatos é o caso do fascismo na Itália e do nazismo na Alemanha. Segundo Barroso (2009), estes foram os fatos emblemáticos para a decadência do positivismo jurídico.

Surge assim, uma nova corrente teórica que busca estabelecer uma relação adequada entre o direito, os valores, os princípios e as regras da sociedade, utilizando-se para tanto dos estudos da nova hermenêutica constitucional e dos direitos fundamentais, de forma que a aplicação do direito retome aos laços anteriormente cortados com a justiça e com a ética. A esta nova forma de pensar o direito foi dada a nomenclatura de pós-positivismo (BARROSO, 2009).

Esse novo paradigma jurídico utiliza das regras para garantir a segurança jurídica e dos princípios para a

flexibilização do direito, de forma que possibilite a aplicação da justiça ao caso concreto (BARROSO, 2009). Diante disso, o método subjuntivo da tradição positivista não é adequado para realizar tal atividade, sendo necessária a construção de um novo método aplicável a esta nova forma de pensar o direito.

Na busca da construção de um método que comportasse tais objetivos, merece destaque as contribuições de Ronald Dworkin, sendo posteriormente desenvolvidas por Robert Alexy. O primeiro teve a grande contribuição ao mudar de foco o olhar do filósofo do direito, de modo que não observasse somente o direito em si, mas o intérprete na aplicação do direito nos *hard case*. Nas lições de Morrison (2006, p.503-504):

Dworkin define a tese positivista como uma concepção de direito como “simples questão de fato” (...) na verdade, em busca de uma resposta à pergunta “o que é direito?” ao se defrontarem com um certo conjunto de fatos simples que dão uma resposta já pronta e de fácil entendimento. De maneira instigante, Dworkin pergunta se essa é uma imagem adequada ou realista do direito. Em seguida nos leva a outra questão, esta mais profissional, à qual se chega através da pergunta “de que modo, nos tribunais, os advogados argumentam com os juízes, e de que modo um juiz ‘descobre o direito?’” Dworkin afirma que, em particular, nos “casos difíceis”, juízes e advogados [...] utilizam critérios que não funcionam como regras, mas operam diferentemente, como princípios, políticas e outros tipos de critérios. (DWORKIN *apud* MORISSON).

Desta maneira, Dworkin a partir da interpretação de diversos casos difíceis chega a conclusão do papel dos princípios e dos valores contidos em uma ordem jurídica que orienta toda a sua aplicação. Exemplo clássico é fato do fracasso do positivismo jurídico em responder a demandas que

entram em conflito dois direitos igualmente constitucionais, a exemplo o caso ora analisado no presente artigo.

Robert Alexy, desenvolvendo a teoria de Dworkin, cria um método de aplicação dos princípios no caso concreto, sendo este denominado de ponderação de interesses,

Tal método caracteriza-se pela sua preocupação com a análise do caso concreto em que eclodiu o conflito, pois as variáveis fáticas presentes no problema enfrentado afiguram-se determinantes para a atribuição do “peso” específico a cada princípio em confronto, sendo, por consequência [sic], essenciais à definição do resultado da ponderação.

A relevância conferida às dimensões fáticas do problema concreto, porém, não pode jamais implicar na desconsideração do dado normativo, que também se revela absolutamente vital para a resolução de tensões entre princípios constitucionais. Afinal, a Constituição é, antes de tudo, norma jurídica, e desprezar a sua força normativa é desproteger o cidadão da sua garantia jurídica mais fundamental. (...)

Por outro lado, a ponderação de interesses constitucionais não representa uma técnica amorfa e adjetiva, já que está orientada em direção a valores substantivos. Estes valores, que não são criados mas apenas reconhecidos e concretizados pela ordem constitucional (dignidade da pessoa humana, liberdade, igualdade, segurança etc.), guiam o processo de ponderação, imprimindo-lhe uma irrecusável dimensão axiológica. (...)

Pode-se então afirmar que a ponderação de interesses, pelo menos na versão ora defendida ostenta uma estrutura tridimensional, pois compreende os três elementos em que se decompõe o fenômeno jurídico: fato, norma e valor. (SARMENTO *apud* BARREIROS NETO, 2011, p. 134)

Portanto, o intérprete, ao utilizar a teoria da ponderação de interesses, deve passar por três etapas (BARROSO, 2009). A primeira e segunda etapas são comuns a todo processo interpretativo, devendo o hermenêuta primeiramente definir o sistema de normas relativas ao conflito e estabelecer uma interação dos fatos com as respectivas normas.

Aplicando estas etapas no caso do sacrifício de animais em cultos de religiões afrobrasileiras e entre os direitos dos animais, em especial, ao caso da lalorixá Renil B. Bezerra, é possível ter duas visões diferentes.

A primeira visão é que, apesar de problematizado anteriormente, não há conflito de interesses, pois não possui nenhum elemento normativo que impeça o ser humano de sacrificar um animal. O sacrifício nos rituais sagrados incorpora um contexto totalmente diverso da proibição ora cominada.

Repetimos: o sacrifício ritual de animais é prática com fundamentos milenares e religiosos, de cura espiritual, numa conexão entre o sujeito e o animal. Desta forma não ocorre o sacrifício de qualquer jeito ou por qualquer motivo. Está contido o elemento da troca de energia com finalidade de tirar as forças negativas que passa do sujeito para o animal a ser entregue para a entidade religiosa, ou mesmo, sendo feita com a finalidade precípua de alimentar a comunidade. Neste último caso, não se refere a um tratamento associado ao orixá, mas estrutura-se pelos mesmos fundamentos de demanda de proteína para os corpos biológicos, também simbólicos.

No caso de religiões de matriz africana, o sacrifício de animais não é feito por qualquer pessoa, mas pelo

“axogum”, autoridade indicada pelos orixás, responsável pelo “corte” com os cuidados necessários, preparado para não cometer erros. Desse modo, percebe-se que há uma grande distância do sacrifício para fins religiosos e a concepção de crueldade, prevista no artigo 225, 1º, VII, da Constituição que conforme dito no item anterior, busca a defesa de um interesse coletivo em proibir a crueldade com os animais, o que não é o caso.

Já a segunda visão seria de que seria uma crueldade o sacrifício dos animais, independente da forma como estabelece a morte do animal, entrando em conflito aqui a proteção à fauna e o direito a liberdade religiosa, bem como o da manifestação cultural, um caso típico de conflito de interesses constitucionalmente protegidos. Assim, pergunta-se: Como identificar qual a norma que deve ser aplicada neste caso?

Resposta a tal pergunta é a terceira etapa do método ponderativo. Esta é a grande novidade do método proposto por Alexy, já que nesta fase, dedicada a decisão,

[...] os diferentes grupos de normas e a repercussão dos fatos ao caso concreto estarão sendo examinados de forma conjunta, de modo a apurar os pesos que devem ser atribuídos aos diversos elementos em disputa e, portanto, o grupo de normas que deve preponderar no caso. Em seguida, é preciso ainda decidir quão intensivamente esse grupo de normas – e a solução por ele indicada – deve prevalecer em detrimento dos demais, isto é: sendo possível graduar a intensidade da solução escolhida, cabe ainda decidir qual deve ser o grau apropriado em que a solução deve ser aplicada (BARROSO, 2009, p. 361).

A diferença basilar deste método é que diferente da análise do conflito de normas-regras, aonde se aplicava à máxima tudo ou nada, a inserção dos princípios dá uma abertura para a interpretação do direito em conformidade

com o contexto em que ele está sendo aplicado, de forma a possibilitar o ideal de justiça. Assim, diante de um caso pode uma norma-principiológica retirar, momentaneamente, a aplicação de outra norma, sendo ela principiológica ou regra, para que os objetivos maiores tratados na Constituição sejam alcançados. Para realizar tais ponderações, o direito possui princípios instrumentais cujo objetivo é auxiliar na ponderação de tais direitos. Um destes princípios é o da dignidade da pessoa humana.

A dignidade da pessoa humana funciona como princípio legitimador de toda a ordem jurídica constitucional brasileira. Nas lições de SARLET (2011, p. 91), vê-se que,

[...] o princípio fundamental da dignidade da pessoa humana, destaca-se, pela sua magnitude, o fato de ser, simultaneamente, elemento que confere unidade de sentido e legitimidade a uma determinada ordem Constitucional, constituindo-se, de acordo com a significativa fórmula de Haverkate, no “ponto de Arquimedes do estado constitucional”.

Desta maneira, no conflito de interesses igualmente protegidos constitucionalmente, deve-se realizar uma atividade interpretativa que terá como parâmetro de que a pessoa é o fundamento e o fim da sociedade e do Estado, típica noção kantiana de dignidade humana, ou seja, tratar o homem e a mulher como o fim em si mesmo (SARLET, 2011). Óbvio que esta percepção, antes antropocêntrica, está na contramão dos novos constitucionalismos vivenciados em alguns países da América Latina que assegura direitos à Natureza e não apenas uma espécie dela: os humanos.

Volta-se então, ao conflito do sacrifício de animais e da preservação das religiosidades afrobrasileiras. Ponto crucial para a ponderação destes interesses é observar o

papel da espiritualidade para a constituição do ser humano. Definindo o direito à vida, afirma SILVA (2005, p. 198) que:

A vida humana, que é o objeto do direito assegurado no art. 5º, *caput*, integra-se de elementos materiais (físicos e psíquicos) e imateriais (espirituais). [...] Por isso é que ela constitui fonte primária de todos os outros bens jurídicos. De nada adiantaria a Constituição assegurar outros direitos fundamentais, com a igualdade, a intimidade, a liberdade, o bem-estar, se não erigisse a vida humana num desses direitos.

Pode-se afirmar assim, que o direito à religiosidade está intimamente ligado ao direito à vida, de modo que garantir a religiosidade para o ser humano é garantir o seu direito a existência, sem mencionar a garantia do direito à religiosidade e das manifestações culturais, anteriormente tratados.

Já do outro lado, ao analisar a proteção à fauna, com a vedação ao tratamento cruel aos animais, no caso do sacrifício nos cultos afrobrasileiros, deve-se lembrar que atualmente são utilizados somente animais domésticos, normalmente animais cujo consumo é comum para a maioria dos seres humanos, a exemplo, do boi, da galinha, do bode, não havendo aqui nenhuma desequilíbrio na função ecológica da fauna nem a possibilidade de extinção de alguma espécie. Aliás, cabe destacar que a defesa dos animais é reflexo indireto da defesa do homem (FIORILLO, 2011), de modo que não é racional estes direitos se sobreporem ao direito à vida, à religiosidade e à defesa ao patrimônio cultural imaterial.

Tensão análoga foi motivo de ação judicial no Rio Grande do Sul. Ao ser criado o Código de Proteção Ambiental do Estado do Rio Grande do Sul (Lei n. 11.915 de 2003), não havia referência às práticas de sacrifícios de animais para rituais religiosos. Todavia, em 22 de julho de

2004, entre em vigor a lei n. 12.131, que acrescentou ao Art. 2º. da lei 11.915, um parágrafo único que expressamente diz : "não se enquadra nessa vedação o livre exercício dos cultos e liturgias das religiões de matriz africana".

Esta inovação legal foi alvo de uma Ação Direta de Inconstitucionalidade de Nº 70010129690 perante o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul. Após amplo debate sobre esse assunto, chegou-se a conclusão, por maioria, de que o sacrifício de animais não pode ser comparado à ética dos maus tratos aos animais, como prevê o Art. 32 da lei 9.605 de 1998, devendo ser analisado especificamente em cada caso se há ou não a crueldade, o que não é o caso da situação em tela.

CONCLUSÃO

Percebe-se que as tensões da passagem das tradições culturais para as tradições jurídicas é algo que requer muita habilidade quando da interpretação jurídica dos sentidos sagrados associados às práticas religiosas dos Povos de Terreiros.

Apesar de preocupados com o que aconteceu com Mãe Renilda Bezerra, percebe-se que há uma crença das pessoas de Terreiros de Petrolina nos instrumentos jurídicos. Dona Alda (2012), também integrante de Povo de Terreiro, diz que “somos livres para produzir os milagres que queremos e desejamos e a lei deve nos garantir isso”.

Tudo que foi pensado aqui está assentado sobre a percepção sagrada, ou não, dos sacrifícios de animais. A Yalorixá Edneusa (2012) esclarece:

E o sacrifício da fome? Você tem que matar o animal para alimentar a fome. Os mais antigos já fazia sacrifício e

somente Deus recebia o sacrifício, então tem que mudar os tempos passados pra corrigir o futuro? O sacrifício para nós é homenagear o encantado. O sangue é a vida para um deus. Além, de matar a fome dos encantos, alimentamos e doamos pra comunidade. A vida tem valor para nós. Não se dar um animal cego, nem emprenhado, nem doente, tem que ter uma carne saudável e ainda podemos alimentar a comunidade. Precisa conviver com o povo de terreiro pra poder julgar. Nós sacrificamos o animal para o bem do humano, doamos o sangue para salvar muitas pessoas e liberta de doenças contagiosas e do mal lhe causado. Damos uma vida para salvar a vida de um ser humano, quando o ser humano precisa... Mau trato é no matadouro pra o mercado... Para estes animais agente não entrega seu sangue aos espíritos. O que fazemos, fazemos para agradar aos espíritos e nos curar.

Enquanto não existe jurisprudência sobre a questão legal a respeito desse assunto, aguarda-se pronunciamento do Supremo Tribunal Federal sobre o mesmo, sabe-se que, esta lacuna, deixa, de certa forma, margens para diversas interpretações e práticas discriminatórias. O caso analisado no Rio Grande do Sul, tonou-se uma referência nacional para análise de tensões como a que é analisada neste ensaio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARREIROS NETO, Jaime. **Ponderação de Interesses e Meio Ambiente no Direito Brasileiro**. Salvador: Juspodvim, 2011.

BARROSO, Luís Roberto. **Interpretação e Aplicação da Constituição**. 7. ed. rev. São Paulo: Saraiva, 2009.

BRANCO, Paulo Gustavo Gonet. Direitos Fundamentais em espécie. *In*: MENDES, Gilmar Ferreira. COELHO, Inocêncio

Mártires. BRANCO, Paulo Gustavo Gonet. **Curso de Direito Constitucional**. 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2009.

FIORILLO, Celso Antonio Pacheco. **Curso de Direito Ambiental Brasileiro**. 12. ed. rev. atual. E ampl. São Paulo: Saraiva, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

_____. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

MARQUES, Juracy (Org.). **Candomblé e Umbanda no Sertão : Cartografia Social dos Terreiros de Paulo Afonso**. Paulo Afonso: Gráfica Fonte Viva, 2009.

_____. **Candomblé e Umbanda no Sertão : Cartografia Social dos Terreiros de Jaguarari**. Paulo Afonso: Gráfica Fonte Viva, 2010.

MORRISON, Wayne. **Filosofia do Direito: dos Gregos ao pós-modernismo**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. Revisão Técnica Gildo Sá Leitão Rios. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ROBERT, Yannick Yves Andrade. **Sacrifício de Animais em Rituais de Religiões de Matriz Africanas**. Departamento de Direito:PUC-Rio.

SARLET, Ingo Wolfgang. **Dignidade da Pessoa Humana e Direitos Fundamentais na Constituição Federal de 1988**. 9.

ed. rev. atual. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2011.

SILVA, José Afonso da. **Curso de Direito Constitucional Positivo**. 24. ed. São Paulo: Malheiros, 2005.



**“NÃO TENHO PARTE COM A UMBANDA.
É COURO MESMO, NADA DE PALMAS”*:
APROXIMAÇÃO E DISTANCIAMENTO DE
UMA ANCESTRALIDADE AFRICANA**

*Fala de mãe Raimunda (2014);
Trabalho apresentado no II Seminário Internacional de
Ecologia Humana, realizado em Paulo Afonso-Bahia em 2014.



**Antonio Carvalho dos Santos
Júnior**

Professor de história; Especialista em Educação Contextualizada; Aluno do Programa de Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos.

Patrícia Lopes

Pedagoga, especialista em Educação Contextualizada; Coordenadora pedagógica da Rede Municipal de Ensino de Juazeiro/BA.

Juracy Marques

Doutor em Cultura e Sociedade; Pós-doutor em Antropologia e em Ecologia Humana; Prof. Adjunto da UNEB – Universidade do Estado da Bahia e da FACAPE – Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Petrolina; Presidente da Sociedade Brasileira de Ecologia Humana - SABEH –
juracymarques@yahoo.com.br.

Jairton Fraga

Professor Titular da UNEB; Coordenador do CAERDES.

RESUMO: Este trabalho nasceu de aproximações iniciais com grupos específicos de terreiros de Candomblés na cidade de Juazeiro/BA. A pesquisa com os terreiros de Candomblé e Umbanda na cidade de Juazeiro pretende objetivos mais amplos, como por exemplo, a construção de cartografia social desses espaços religiosos. Com isso, neste artigo, inferimos reflexões sobre os primeiros dados obtidos em entrevistas feitas com os chefes religiosos de quatro terreiros de Candomblé do bairro Quidé. Analisamos como os religiosos entrevistados percebem sua religião. Observamos então, a demarcação de fronteiras com a Umbanda, para eles marcada por ritualidades que dialogam com outros aspectos da espiritualidade indígena e cristã. Ratificamos que o Candomblé está mais ligado a uma “origem ancestral africana”. A África, vivificadas nos discursos analisados, está muito próximo do que Hall (2003) aponta como “uma metáfora da África”. Fica claro que as fronteiras estabelecidas entre o Candomblé e a Umbanda, antes de serem sólidas são líquidas e míticas.

PALAVRAS-CHAVES: Candomblé; Umbanda; Ancestralidade; Juazeiro/BA.

RESUMEN: En este trabajo se desarrolló a partir de aproximaciones iniciales con grupos específicos Candomblés metros de la ciudad de Juazeiro/BA. Una encuesta de

Candomblé y Umbanda en la ciudad de Juazeiro quieren objetivos más amplios, como la construcción de la cartografía social de estos espacios religiosos. Por lo tanto, en este artículo, se infiere reflexiones sobre los primeros datos obtenidos en las entrevistas con los líderes religiosos de cuatro membros terreiros de Candomblé del barrio quide. Analizamos cómo los encuestados perciben su fe religiosa. Hemos observado, la demarcación de fronteras con Umbanda para ellos marcados por ritos distintivos que el diálogo con los demás aspectos de la espiritualidad indígena y cristiana. Confirme que el Candomblé es más parecido a un "origen ancestral africana." África, amenizado el discurso analizado, es muy cercano a lo que señala Hall (2003) como "una metáfora de África." Está claro que los límites que se establecen entre el Candomblé y Umbanda, antes de ser líquidos y sólidos son míticas.

PALABRAS CLAVE: Candomblé; Umbanda; Ascendencia; Juazeiro / BA.

1. INTRODUÇÃO

O Candomblé é, certamente, uma das mais significativas e perceptíveis construções negras. Seu culto é uma espécie de reconstrução mítica da África no Brasil, que foi possível através da reunião de variados e diferentes elementos místicos de distintas nações africanas; além de ser um importante espaço de resistência cultural. Os terreiros são assim, "um *continuum* cultural, isto é, a persistência de uma forma de relacionamento com o real, mas reposta na História e, portanto com elementos

reformulados e transformados em relação ao ser posto pela ordem mítica original” (SODRÉ, 2005, p.91).

Devido ao seu grande arsenal simbólico, o Candomblé é palco de variados estudos acadêmicos. Desde muito tempo tem-se levantado uma série de investigações acerca dos terreiros. Vários pesquisadores se debruçam a entender o culto aos orixás. O livro “O Antropólogo e sua Magia” (SILVA, 2000), por exemplo, nos apresenta vários desses estudiosos. Sendo assim, essa religião é uma fonte inesgotável de problematização, pois constantemente novas questões são por elas suscitadas, e velhos e novos pesquisadores propõem-se a melhor conhecer suas teias de signos e significados.

Queremos então, com esse estudo inicial, perceber como os líderes religiosos entrevistados se posicionam frente a algumas questões. Com isso, nesse trabalho, apresentaremos noções gerais acerca do Candomblé; verificando também, como nossos sujeitos pesquisados definem sua religião; como demarcam seus vínculos de ancestralidade com a África a partir de comparação entre o Candomblé e a Umbanda.

2. MATERIAL E MÉTODO

Esse trabalho é fruto dos primeiros dados de pesquisa de um projeto maior de construção da Cartografia Social dos Terreiros de Candomblé e Umbanda de Juazeiro e Petrolina. Pretendemos, também, além de mapear os espaços religiosos, investigar como os membros dessa

religião se relacionam com a instituição escolar, assim como essa instituição os percebem no seu cotidiano pedagógico.

Com isso, é preciso salientar que nos aproximamos de terreiros específicos, de sacerdotes específicos, através de questões que já foram postas por outros pesquisadores, os quais, alguns deles, são acionados para construção dos debates aqui suscitados. Escrevemos então, a partir de falas que se localizam na perifeira da cidade de Juazeiro/BA, no bairro Quidé, essa que é uma comunidade com alto grau de concentração de terreiros de Candomblés. Estimamos a existência de cercar de dez terreiros nesse bairro, no entanto, esse trabalho é fruto de diálogos com apenas quatro desses. Para tanto, entrevistamos os quatro sacerdotes responsáveis por esses espaços. Sendo eles: Pai Raimundo (2014); Pai Edison (2014); Mãe Maria de Tempo (2014; Mãe Raimunda, 2014).

Queremos então, com esse estudo inicial, perceber como os líderes religiosos entrevistados se posicionam frente a algumas questões. Com isso, nesse trabalho, após diversos movimentos de observação participante (fevereiro a julho de 2014), apresentaremos noções gerais acerca do Candomblé; verificando também, como nossos sujeitos pesquisados definem sua religião; como demarcam seus vínculos de ancestralidade com a África a partir de comparação entre o Candomblé e a Umbanda.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. O Candomblé em alguns de seus aspectos

Os negros chegaram ao Brasil, no início do século XVI, trazidos da África pelos europeus para trabalharem como escravos nos empreendimentos mercantilistas além mar. Esses indivíduos foram tirados à força de seus lugares de origem, comprados e revendidos como “coisas”, como mercadorias. Viviam em condições sub-humanas, tendo seus direitos confiscados e sua humanidade usurpada. Suas vidas em terras brasileiras eram marcadas “por jornadas de trabalho que começavam nas primeiras horas da madrugada e terminavam quando seus donos permitissem”. (SILVA, 2005, p.29).

Entretanto, os negros africanos trouxeram consigo seus valores, sua história e suas tradições culturais, e diante da dominação católica portuguesa conseguiram manter suas práticas religiosas no além mar, mesmo que para isso elas tivessem que ser ressignificadas/ocultadas e sintetizadas em um mesmo culto. O Candomblé é então fruto da conjugação de várias referências religiosas africanas e indígenas. Dessa forma, essa religião vem se desenhando ao logo dos vários momentos históricos do Brasil.

O nome mais frequente para as religiões de origem africana no Brasil até o século XVIII parece ter sido *calundu*, termo de origem banto, que ao lado de outros como *batuque* ou *batucajé* designava e abrangia imprecisamente toda sorte de dança coletiva, cantos e músicas acompanhadas por instrumentos de percussão, invocação de espíritos, sessão de possessão, adivinhação e cura mágica (SILVA, 2005, p.43).

Pai Raimundo (2014), ao ser interrogado sobre sua religião, nos diz que:

Quando os negros vieram para o Brasil trouxeram a religião africana que é o Candomblé, muitos vieram da nação de Kêto de Angola, cuja linguagem é Yorubá. Veio esse povo pra cá e aqui tiveram a injeção da Igreja Católica, na época dos jesuítas, do Catolicismo (pai Raimundo, 2014).

Essa fala, de algum modo, sugere que os elementos demarcadores das diferenças litúrgicas dos Candomblés estão ligados à incorporação de elementos de cultos específicos de diferentes etnias africanas. Silva (2005) nos apresenta que a divisão dos Candomblés em nações se explica a partir desse argumento. Pois,

No Candomblé, a forma de cultuar os deuses (seus nomes, cores, preferências alimentares, louvações, cantos, dança e música) foi distinguida pelos negros segundo modelos de rito chamados de nação, numa alusão significativa de que os terreiros, além de tentarem reproduzir os padrões africanos de culto, possuíam uma identidade grupal (étnica) como nos reinos da África. (SILVA, 2005, p.65)

Segundo Silva (2005), a palavra Candomblé é de origem Banto, região africana entre a Nação de Gegê e Nagô, e significa casa onde batem os pés. Os calundus antecederam às casas de Candomblé e aos atuais terreiros de Candomblé. Tinham como território os espaços escuros das fazendas, pois as mesmas eram diuturnamente vigiadas por capatazes o que colocava os cultos em constante perigo e dificuldade.

3.2. Estado de Violência

Atualmente a prática do Candomblé acontece, geralmente, em “terreiros” que ficam localizados, na sua grande maioria, como é o caso dos aqui visitados, afastados dos centros das cidades, pois as festas são sempre entoadas ao som de atabaques, os rituais são prolongados e, por vezes, adentram a madrugada, convocando as atenções de toda a vizinhança. Por isso, os povos de terreiros chegaram a ser vítimas de toda sorte de perseguições, inclusive policiais. Assim como nos diz mãe Maria de Tempo (2014):

Falar de Terreiros é falar da convivência dos pais de santo com as pessoas, pois nem todo mundo aceitava. O terreiro de pai Henrique⁴⁰, mesmo eu criança, mas ouvia as pessoas comentando, foi fechado com policiais, entendeu? Pois não gostavam do Candomblé, tinham preconceito, era fechado, não podia tocar Candomblé até tarde.

No Vale do São Francisco os povos de santo sofrem até hoje com diversas manifestações de violências emanadas do Estado. Como, por exemplo, a recente tentativa de interdição de um Terreiro da Rua 21 de Setembro, nº 97, Bairro Maria Auxiliadora, na cidade de Petrolina. A vigilância sanitária justificava a tentativa de interdição a partir do argumento de que, naquele local, animais estavam sendo maltratados. Desse modo, com a possível interdição, os sacrifícios de animais, extremamente essencial ao ritual, seriam proibidos naquele espaço sagrado. Este caso foi estudado e denunciado em um artigo intitulado “Ecologia de Sangue: interpretações jurídicas dos

⁴⁰ Proprietário do terreiro mais antigo do bairro, essa casa se encontra fechada desde a morte de pai Henrique.

sentidos sagrados”. Nele os autores percebem a complexidade jurídica de questão, pois para eles:

Parece, mas, descortina-se outros sentidos para além da questão da morte e maus tratos de animais nessa questão. Este tem sido um tema polêmico haja vista tratar de “conflito de direitos”: proteção da vida dos animais (A Carta Magna protege a fauna e a flora vedando às práticas que submetam os animais a crueldade - Art. 225, §1,VII) e dos processos de reprodução simbólica de grupos humanos brasileiros de tradições africanas (CF, Art. 5o, VI ; e Art. 215, §1o.). Ambos legítimos! (MARQUES et Al, 2012).

Isso nos leva refletir sobre como poderão as religiões de matrizes africanas serem regidas por leis assentadas em cosmovisões que não comportam a complexidades de seus rituais. Ou fiscalizadas por instituições que não são organizadas, interculturalmente, para o respeito à multiplicidade de formas de ser no mundo.

3.3. As Estruturas organizacionais dos Candomblés

Os espaços dos terreiros são muitas vezes chamados de “roça”, mesmo tendo uma dimensão espacial reduzida. Os espaços sagrados são também o lugar de moradia dos chefes religiosos e/ou de membros do ylé. Onde, em muitos casos, temos dificuldades em perceber as demarcações do espaço doméstico e o espaço das atividades sagradas. Na cidade de Juazeiro também iremos encontrar terreiros onde o culto ocorre no espaço doméstico, devido às pequenas dimensões das propriedades dos sacerdotes.

As dependências dos terreiros de Candomblés são organizadas respeitando o lugar de importância de cada Orixá. Dentro do Candomblé, assim como em muitas

religiões, existe uma organização social hierárquica, que tem sua essência centrada na ocupação ritualística dos seus membros, ocupações essas que são determinadas pelos Orixás. Pois, segundo pai Edison (2014), “Quem traz o filho de santo ao terreiro de Candomblé é o próprio orixá, não o zelador, o sacerdote não tem esse direito de ficar convidando, de ficar chamando pra que você seja filho de santo da casa dele”. Os orixás são assim, na visão desses grupos, responsáveis pela composição do que é chamado de família de santo. Família essa que é organizada tendo o babalorixá ou a yalorixá como autoridade maior. Mãe Maria de Tempo (2014) nos apresenta algumas outras ocupações nos terreiros:

Axogun é responsável para fazer o sacrifício dos animais. Um Ogã é responsável por tudo, pelo som dos atabaques, se está bom pra tocar. A Ekedí é responsável pelas vestes dos Orixás, na sala ela cuida do Orixá. Jibonã é a mãe criadeira, é ela que cria as pessoas que são iniciadas no Candomblé, ela cuida do café da manhã, do banho, do almoço, da roupa de cama que ela vai trocar, vai lavar para aquelas pessoas que estão ali iniciando e lhe ensina tudo, como chamam uma cadeira, uma faca, ela vai ensinar tudo a eles. Como se comportar diante de um Pai de Santo mais velho, de uma Yalarorixá, de um Babalorixá (Mãe Maria de Tempo, 2014).

As posições na hierarquia nos terreiros são extremamente essenciais no funcionamento do culto, a tal ponto que essas posições são chamadas de cargos. Esses cargos são destinados respeitando um pré-requisito de gênero, homens e mulheres desempenham funções diferentes, salvo a condição de iaô (aquele ou aquela que incorpora a entidade), e/ou a posição de sacerdote ou sacerdotisa. Assim, os sujeitos ocupam suas posições para

garantir a manutenção do axé. “Axé é a autoridade emanada de uma vontade coletiva, do consenso atingindo por uma comunidade” (SODRÉ, 2002, p.94). É a energia vital que perpassa a vida, gerada e geradora do ritual.

3.4. “O Candomblé puro mesmo, africano, só existe na África”⁴¹: uma demarcação de lugar

Pai Raimundo, quando provocado a diferenciar o Candomblé da Umbanda, diz que o Candomblé é uma religião africana, ou melhor, a que mais se aproxima do culto africano, pois sofreu menos influência do cristianismo ou de qualquer outra referência religiosa. Sendo assim, para ele, a Umbanda é percebida como mais autenticamente brasileira, haja vista que ela incorpora elementos de vários outros cultos. Para pai Raimundo, a Umbanda foi de fato estruturada no Brasil.

Então, a Umbanda é uma mistura, a verdadeira religião brasileira, que tem um pouco da cultura indígena, um pouco da cultura africana. Acredito também que isso aconteceu por que os descendentes de africanos não sabiam como era o Candomblé mesmo africano. [...] O Candomblé puro mesmo, africano, só existe na África (Pai Raimundo, 2014).

Percebemos que, na fala de pai Raimundo, ele justifica o surgimento da Umbanda argumentando que essa é fruto dos novos encontros que as tradições vindas com os negros e negras africanos estabeleceram com novas culturas no Brasil. Evidenciamos em sua fala, a problematização sobre a busca por uma pureza religiosa que, de algum modo, garantiria uma

⁴¹ Fala de pai Raimundo (2014).

maior aproximação com a África. Porém, acreditamos que esse lugar pretendido se realiza a partir da construção de uma África mítica. Desse modo, o Candomblé poderia ser pensado como um lugar de maior proximidade dessa metáfora que reelabora o significado de uma “origem africana”.

No entanto, assim como Hall (2003) nos apresenta nos seus estudos sobre o Caribe, nos é impossível pensar as construções culturais modernas sem levar em consideração os processos de hibridismos, haja vista que os contatos entre povos diferentes foram, extraordinariamente, intensificados a partir do sistema mundo/mercado erigido pela dominação colonial. Desse modo, pensar as religiões negras no “novo mundo” passa, inevitavelmente, pelos dinâmicos processos culturais, onde novos arranjos de significados precisaram ser operados em espaços de disputas simbólicas. Pois, “não se quer sugerir aqui que, numa formação sincrética, os elementos diferentes estabelecem uma relação de igualdade uns com os outros” (HALL, 2003, p. 34).

Mãe Maria de Tempo (2014), em alguma medida corroborando com o posicionamento de pai Raimundo, nos diz que existem diferenças importantes entre a Umbanda e o Candomblé, isso seria perceptível na forma como se realiza o culto. Desse modo, para ela, a Umbanda é caracterizada pela “mistura”, uma “ordem” que se diferencia da “ordem” ritualista que ela percebe nos rituais do Candomblé.

Há uma grande diferença entre Umbanda e Candomblé, primeiro porque a Umbanda mistura tudo, uma hora eles estão cantando pra Exu, aí mistura tudo. Já no Candomblé, não, no Candomblé, o ritmo é diferente, a legenda já é direitinha: Canta pra Exu, depois canta pra Orixá, primeiro vem os aborós, que quer dizer Orixás masculinos, depois canta para iabás, Orixás femininos, e ai vai. Na Umbanda é

tudo misturado, Caboclo, com Erê, com Exu, com Orixá (mãe Maria de Tempo, 2014).

Pai Edison (2014) ao nos apontar as diferenças entre o Candomblé e a Umbanda, apresenta o primeiro como prioritariamente um culto aos ancestrais. Enquanto que o segundo se dedicaria ao culto de entidades espirituais mestiças, abasileiradas, se assim podemos dizer. Reforçando com isso, a ideia de proximidade mais íntima do Candomblé com uma certa africanidade: “A diferença da Umbanda para o Candomblé é que a Umbanda lida com espíritos mestiços, recentes. E o Candomblé com os ancestrais. Ai vem a linha dos pretos velhos, várias linhas de Caboclos, a Umbanda ela os cultua.”

Silva (2005) observa que a Umbanda nasce de uma espécie de desdobramentos do Candomblé, a partir da incorporação de elementos Kardecistas, cristãos e indígenas. Desse modo, os rituais presentes no Candomblé precisaram ser reinventados, surgindo então uma nova religião que se estabeleceu com características próprias. Essa nova religião tem sua origem em meados das décadas de 20 e 30. Isso,

Quando kardecistas de classe média, no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, passaram a mesclar com suas práticas elementos das tradições religiosas afro-brasileiras, e a professar e defender publicamente essa “mistura”, com o objetivo de uma nova religião. (SILVA, 2005, p. 106)

Desta forma, a Umbanda, se comparada ao Candomblé, é uma religião historicamente mais recente. Com isso, a Umbanda não nasce do desconhecimento do culto original, do qual, como argumentam nossos entrevistados, o Candomblé estaria mais próximo. Nela percebe-se uma forte influência do espiritismo/cristianismo,

nos possibilitando então dizer que, “as misturas” estão na base do surgimento do seu culto; elas são o meio pelo qual ela se institui. Da mesma forma que o Candomblé, pois, como dissemos no início desse trabalho, ele é uma síntese de vários cultos africanos e indígenas. Candomblé e Umbanda são frutos dos hibridismos culturais/religiosos.

Pai Raimundo (2014) ainda nos apresenta uma narrativa sobre seus vínculos familiares, onde nos diz que a avó de sua avó era uma negra africana trazida para o Brasil, sendo que ela era praticante de Candomblés africanos, dos verdadeiros cultos.

A avó de minha avó era africana e sabia cultuar a nível de África, sem mistura de santos abasileirados, europeus, por que é uma mistura. Então, na educação cultural dela, ela tinha que ser católica, já tinha sido imposto aos escravos, pelos jesuítas, de orar (pai Raimundo, 2014).

Com isso, pai Raimundo, ao se aproximar parentalmente de uma mulher africana, constrói uma maior aproximação simbólica de suas práticas religiosas com as práticas religiosas africanas, conferindo uma espécie de *status* de legitimidade ancestral ao Candomblé; ao tempo em que percebe as forçadas influências cristãs como algo que também tocou os processos organizativos dos Candomblés no Brasil.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que, vários elementos distinguem o Candomblé da Umbanda, isso fica bastante perceptível nas falas dos sujeitos entrevistados. Notamos também que, a

Umbanda tem seu surgimento em um momento histórico mais recente, haja vista que essa manifestação religiosa aparece no Brasil nas décadas de 20 e 30 do século XX.

Observamos também que, quando solicitamos uma definição do Candomblé através da construção de quadro comparativo com a Umbanda, os sujeitos entrevistados recorrem a argumentos que acionam aproximações ou distanciamentos de um “culto original”, esse que é localizado em uma África mítica, essa que é erigida no momento mesmo em que se constroem essas relações de aproximações/distanciamentos, embora também entendam que não se pode falar de uma “África pura no Brasil”. Acreditamos assim, que isso funciona como uma estratégia discursiva, se assim podemos dizer, para construção de um lugar de legitimidade ancestral do culto. Pois com isso, o Candomblé é apresentado como a religião que busca, de forma mais contundente, uma certa religião com as ancestralidades africanas, embora também reconheçam suas influências na consolidação da Umbanda no Brasil.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Hall, Stuart. **Pensando a Diáspora**: reflexões sobre a terra no exterior *IN*: Da Diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

MARQUES, Juracy; et al **Ecologia de Sangue**: Interpretações Jurídicas dos Sentidos dos Povos de Terreiros, in. RIBEIRO, Marcelo (org.). Psicologia Jurídica: Ensaio sobre a Violência. Petrolina: Franciscana, 2012.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia:** trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras, São Paulo, Edusp, 2000.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda:** caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2005.

SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade:** a formação social negro-brasileiro. Salvador: Fundação cultural da Bahia, 2002.

SODRÉ, Muniz. **A Verdade Seduzida:** Por um Conceito de Cultura no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

Fontes Orais:

Edison Rosa (Entrevista concedida no ano de 2014).

Raimundo Junior (Entrevista concedida no ano de 2014).

Raimunda Pereira Lima (Entrevista concedida no ano de 2014).

Maria da Paixão (Entrevista concedida no ano de 2014).



Peço Delho



**TERREIROS EM
JUAZEIRO/BA**



ILÊ ASÉ OMYNKAYODÉ

Meu nome é Erivaldo da Silva Rosa. Minha dijjina é Odéjomyn. Em 1989 fui iniciado no Onyndancor pela Yalorixá Mãe Filhinha, que é a mesma mãe de meu pai biológico (Manuel Rosa, mais conhecido como Manuel de Flora, fundador do Ilê Asé Ayrá Onyndancor), entrei na vida do Axé por problemas de saúde e até hoje aqui estou, tenho 26 anos de Axé e 38 anos de vida.

Entre no candomblé criança, me preparei para a vida sacerdotal desde muito cedo, o contato com os mais velhos me fez aprender cedo a responsabilidade que é ser um Babalorixá.

Com o Axé aprendi a compartilhar minha vivência, me tornei uma pessoa acolhedora, aprendi a lutar sempre pelo humano. Me tornei forte e capaz de acolher, de abraçar o meu próximo que necessita de ajuda. Minha roça, minha casa, meu axé é para todos. Ele está aberto independente de cor, religião, seja visitante, seja do axé, se precisar da minha pessoa, estarei sempre aqui para ajudar.

CANDOMBLÉ E UMBANDA

O Candomblé tem a sua forma religiosa e a Umbanda tem a sua forma religiosa (RISOS). No Candomblé se inicia o Yawo. É um grande processo de recolhimento não só do mundo lá fora, mas recolhimento interno, momento de encontro com seu orixá, você e ele, um descobrindo o outro. É o nascer para o seu Orixá, para a vida do Axé. Os atos são

diferentes entre Candomblé e Umbanda, nós catulamos, raspamos o yawo, esse é nosso elo com o sagrado, nascer – renascer e na Umbanda isso não acontece... E minha filha, eu não posso te informar sobre a Umbanda, pois não tenho conhecimento para isso, nunca fui umbandista e nem pretendo ser. Só posso passar aquilo que tenho conhecimento. Posso te falar de minha nação (Ketu), do meu Candomblé.

ORIXÁS E CABOCLOS

Existe uma grande diferença entre os dois. Caboclos são os nossos antepassados indígenas, são os antepassados dos primeiros habitantes da nossa terra – Brasil. Orixás são os antepassados da nossa Mãe África, os reis e rainhas das terras de lá. As energias também são diferentes, a forma como cada um chega é bem diferenciada. O Orixá é preparado, doutrinado. Ele passa por um processo de aprendizagem, ou seja, pelo acolhimento que podemos chamar de recolhimento na nossa fase de yawo, existe a preparação do orixá para chegar até aquela forma. Já o caboclo é índio, não tem dono, não tem domínio, ele é bruto. Pra ele é como se não tivesse nem pai, nem mãe, não tem ninguém.

NOSSO TERREIRO

O OmynKayodé é nação de Ketu, nação temente a Olorum, é uma nação de amor, respeito e carinho. Com todo

meu respeito às outras nações, mas minha nação é tudo. O OmyKayodé tem aproximadamente 400 filhos de santo.

LOGUNEDÉ

LogunEdé é Orixá que rege o meu Ilê, é orixá Ibeji, orixá criança, filho de Odé e Oxum, orixá que tem o amor e respeito de todos os outros Orixás.

DISCRIMINAÇÃO

Não posso dizer que eu sofri, estou aqui há mais de 21 anos. Graças a Deus meus vizinhos, até agora, os que já estavam me respeitam e os que chegaram agora procuram respeitar também. Até mesmo porque comentários sempre existem, falar todo mundo sempre fala. Só poderia dizer que sofri se fosse diretamente comigo, mas se falou por trás eu mesmo não registro que falou pra mim.

UMA MENSAGEM

Eu espero que o leitor, Educador, possa ter o prazer e privilégio de pegar neste livro e procure se aprofundar, observar cada palavra que tem neste livro, é uma forma de ver sua realidade de vida e de ter conhecimento de suas origens. A falta do conhecimento vem acompanhado com a curiosidade, que o educador possa ir além das palavras que estão dentro deste livro, que procure conhecer, respeitar e

se for preciso entrar dentro de um Terreiro para tirar as dúvidas que entre, mas respeitando esta religião.

Que Oxalá que é o Deus Criador, Orunmilá, que Obatalá, que tornem esses educadores mais fortes no desejo de buscar sua raça, sua forma de vida, sua forma religiosa. Nossa história precisa ser e estar viva. Axé de Prosperidade. Oxalá Osifuô! Olorum Modupe! Axé!

IONÁ PEREIRA DA SILVA - MAKOTA YALOMIFÃ



Figura 97 - Ioná (Foto: acervo pessoal).

APRESENTAÇÃO

Sou Ioná Pereira da Silva, tenho 43 anos, natural de Salvador/BA casada com Elson Firmino de Campos, mãe de Maria Laura da Silva Campos, sou a primeira makota (ekede) de Lembarenganga do terreiro Ilê Axé Omi Kaiodé do Babalorixa Odejomim (Erivaldo Rosa), situado no bairro Palmares I, Juazeiro/BA que foi fundado em 1996. Hoje estou coordenadora da ACBANTU no território do Sertão do São Francisco, estou Presidente do Conselho municipal de Segurança Alimentar e Nutricional de Juazeiro/BA, represento a Rede KÔDYA (Comunidades Organizadas da Diáspora) no Conselho Estadual de Segurança Alimentar e

Nutricional como titular na cadeira de Povos de Terreiro, no Conselho Municipal de Promoção de Igualdade Racial estou representante do Fórum de Promoção de Igualdade Racial como titular na Cadeira de entidades que trabalham com as questões negras no município de Juazeiro/BA, Estou Conselheira Tutelar e sou Coordenadora/ Coreografa do núcleo de dança da CIA. de Danças e Teatro Nego D'Água que atua em Juazeiro desde 2008.

INGRESSO NOS TERREIROS



Figura 98 - Confirmação como Makota, Ekede (Foto: acervo pessoal).

Fui criada por minha bisavó Isabel em Salvador no bairro da Ribeira onde nasci. Ela recebia uma cigana e muita gente ia lá em casa para fazer consultas só que minha família tinha preconceito, apesar de morar todo mundo com minha bisavô. Eu não tinha acesso a essa cigana. Quando a Cigana

da minha bisavô ia dar consulta as portas se fechavam, e eu ficava cheia de curiosidade no fundo da casa com meus pais e irmãos, queria muito ver o que era aquilo, o que acontecia com ela e com o povo que buscava a cigana. Minha bisavô foi uma figura que influenciou a minha história, ela foi quem me alfabetizou, ela que me apresentou a questão negra porque lia muito castro Alves, então os meus primeiros livros foram as poesias de Castro Alves.

Chegaram meus 12 anos, e eu digo que nessa época eu me emancipei, pois foi ai que comecei a sair de casa sozinha e conhecer o mundo, isso se deu a partir da minha primeira comunhão que aconteceu na Igreja de N^o. S^a. Da Penha na Ribeira (08.12.1982) comecei a ser liderança de grupos católicos, por motivo de doença grave da minha bisavó (1985) ela teve que ser hospitalizada e meus pais saíram da Ribeira e mudamos então para o subúrbio de Salvador, mais especificamente para o bairro de Fazenda Couto II, lá eu logo me envolvi com os grupos católicos, um dia tinha festa de caboclo em um dos terreiros e meus amigos de igreja me chamaram, eu fui pois queria conhecer aquilo que durante tanto tempo me foi proibido de ver, fui e nunca mais deixei de frequentar, pois a partir desta festa comecei a ir em outras e pude beber da fonte dos fundamentos dos grandes e dos pequenos terreiros de Salvador, isso me levou a participar de muitos debates e atividades que traziam em suas pautas as discussões sobre o povo negro Brasileiro (APNS,UNEGRO, MNU, PJMP, COMUNIDADES ECLESIAS DE BASE, PT...), foi neste tempo também que comecei a me interessar pelas danças de matriz africana e pelo teatro,passei rapidamente pelo bale clássico mas o que falou forte no meu coração, em minha alma e no

meu corpo foram as danças que traziam a herança dos ancestrais africanos, ai eu me reconhecia, eu me identificava, meu corpo vibrava e eu era muito, muito feliz. Tudo isso se deu paralelo à uma atuação dentro da Igreja Católica, pois fui praticante e liderança do catolicismo durante muito tempo (16 anos), cheguei ate a me preparar para ser freira durante 04 anos, porem o envolvimento com as questões, cultura/arte negras e os povos de terreiro falaram mais forte me levando para outros caminhos.

NOS TERREIROS DE JUAZEIRO

Eu e minha família chegamos aqui em 2008, viemos a convite do NAENDA (Núcleo de Arte e Educação Nego D'Água) para fazer um trabalho de debate e articulação do povo negro, pois segundo a coordenação da entidade ainda não havia ninguém trabalhando com isso aqui e eles conheciam bem de perto como era o nosso trabalho de fortalecimento, reconhecimento e valorização do povo negro que naquela época era realizado em Salvador e Camaçari e queriam que isso acontecesse aqui também. Começamos a trabalhar com oficinas de arte educação para crianças e adolescentes Elson meu esposo com teatro e eu com as danças de matriz africana. Buscamos então conversar com a comunidade para saber estavam os terreiros e por incrível que pareça, o bairro que mais tinha terreiro na cidade era o que nós estávamos o bairro Quidé onde moramos ate hoje, no começo as pessoas, lideranças do bairro tinham receio de falar das questões negras e de ir aos terreiros, um exemplo acontecia sempre nas sextas-feiras quando nós usávamos roupa branca e os nosso fios de

conta as pessoas ficavam meio que assustadas. Não foi fácil, pois estávamos acostumados a outro contexto porém desafio sempre foi nosso codinome e aceitamos a missão de mudar radicalmente essa realidade e assim o fizemos.

No primeiro contato com os terreiros de Juazeiro fomos para a festa de Santo Antônio no terreiro de Pai Henrique que já faleceu. Eu fiquei fascinada, mas é lamentável que acabaram com o que ele tinha depois da sua morte, porque o terreiro dele era bem dentro da lógica do sincretismo era como uma igreja de Salvador das mas antigas: com a cerâmica no estilo Europeu, toalhas e panos bordados, a divisão das cadeiras, altar de santos, o sincretismo nesta casa era pulsante ao mesmo tempo que o respeito e a fidelidade aos divindades de matriz africana se mostravam de forma muito bonita, é pena que depois da morte do Pai Henrique a família dele por ser evangélica, despachou as coisas do fundamento nas águas e não sobrou nada da casa, o mesmo aconteceu com o terreiro de mãe filhinha de oxum, sinto muito, pois foram duas grandes perdas históricas e religiosas para o município.

Ainda no processo dos primeiros contatos com os povos de terreiro do município fomos a festa do Caboclo Pai Flexa Dourada que acontece sempre no segundo domingo de agosto (dia dos pais) no terreiro Ilê Axé Omi Kaiodé, quando chagamos lá, sentimos uma energia especial e começamos a nos aproximar daquela casa, fomos ficando, ficando, participando cada vez mais intimamente dos rituais, dos fundamentos ate que em 29 de janeiro de 2011 eu fui confirmada naquele Ilê como a primeira makota (Ekeke) de Lembareganga.

CASA DE CANDOMBLÉ



Figura 99 - Terreiro de seu Pai (Foto: acervo pessoal).

Lá a gente tem uma mistura muito bonita pois o Povo de Terreiro não discrimina ninguém: rico- pobre, negro-branco, de índole boa ou ruim, todos são bem vindos, não se pergunta nada, pois quem chega em nossas casas nunca vem por acaso sempre tem um propósito das divindades ancestrais. Na nossa religião não se vai atrás dos fieis cada um tem seu tempo de chegar, permanecer ou passar. Hoje é muito difícil dizer que uma terreiro é só de uma nação ,meu Pai por exemplo é da nação Ketu e eu sou da nação Angola, na nossa Casa temos pessoas de Angola, Jeje, Ketu, temos uma grande mistura, isso não é ruim pois aprendemos de tudo um pouco, como os mais velhos nos dizem: “ Candomblé é poço fundo!” por isso esta rica mistura só fortalece nosso aprendizado dos fundamentos ancestrais e abre um canal para um respeito maior as diversidades, nós

não escolhemos o terreiro ou a nação tudo é pensado e determinado pela divindade, veja como foi no meu processo eu andei por tantos espaços da herança ancestral em Salvador e em outras partes do país antes de chegar em Juazeiro mas só aqui eu fui iniciada e sou muito feliz por isso, pois não entrei no Candomblé por doença ou por dificuldade lá na adolescência comecei a participar por curiosidade e hoje na maturidade fiquei e me confirmei por amor, amo, tenho orgulho e respeito muito as divindades ancestrais e minha religião.

CANDOMBLÉ E UMBANDA

A diferença é muito simples o Candomblé é uma religião que nasceu a partir dos negros africanos escravizados pelos Portugueses e trazidos para o Brasil no período da colonização (sec. XVI), ele foi se formando e tomando corpo dentro das senzalas e confrarias e sobreviveu escondido no sincretismo usado astutamente pelos ancestrais para preservar os fundamentos que temos até hoje, a Umbanda nasce no século 20 e traz em seus fundamentos um pouco dos negros africano, dos indígenas e dos Europeus, os rituais dentro de cada uma destas religiões tem muita diferença, os tipo de oferenda, os cânticos, as vestimentas. Aqui no município em algumas casas é possível encontrar fundamentos das duas religiões nos momentos de ritual isso se deve a forma como as coisas foram introduzidas aqui, mas não vejo mal nisso como querem impor alguns, pois o que para mim importa é a fé e se naquele espaço a divindade ancestral chega e atua positivamente na vida das pessoas,

então para mim tá tudo certo, pois quem sou eu para medir, questionar ou me intrometer nos fundamentos dos outros.

ORIXÁ, INKIECE E CABOCLO

Os negros que aqui chegaram de África foram das mais variadas regiões, eles trouxeram suas divindades ancestrais na bagagem do corpo e da alma, cada nação tem uma forma diferente e específica de se relacionar com as divindades ancestrais: O Inkice é da nação Angola, o Orixá da nação Ketu e o Vodum da nação Jeje. Já o caboclo é a divindade do indígena Brasileiro que foi misturado nos processos de escravidão onde negro e índio conviveram, bem como a Padilha, o Marujo que tem a origem do Europeu, dos ciganos nada mais justo pois a grande mistura de etnias é que deu na mistura do nosso povo Brasileiro, mistura tão gostosa, tão rica e bela e que ocasionou o que somos hoje.

DISCRIMINAÇÃO

Apesar de começarmos a avançar nas Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial dentro de nosso país, vejo que o preconceito e a discriminação ainda estão muito enraizados dentro de nossos corpos e mentes, a luta é do dia a dia com o mundo e com nós mesmos, pois ainda há muito que mudar e conquistar.

Teve um episódio em Salvador que me marcou muito na época da minha adolescência quando eu tinha uma paixão enorme pelo bloco afro Ilê Aiê, mas eu nunca

pude entrar nem dançar nele porque eles não me consideravam negra por ter a pigmentação da pele bem misturada. Também teve um momento em que fomos tirar uma foto para o movimento negro e fui proibida de participar por causa da pigmentação de minha pele, mais uma vez não me consideraram negra. Isso foi bom porque depois puxei um debate com essa equipe sobre o que é ser negro. Até então, naquele momento no país, ser negro estava relacionado à pigmentação da pele e não a identidade, a ancestralidade como entendemos hoje. É preciso perceber que a discriminação e o preconceito estão em todas as pessoas e até em nós lideranças e na maioria das vezes vem disfarçadas nas mais variadas colocações e ações possíveis, outro dia ouvi de uma liderança negra de Juazeiro/BA que eu não poderia defender as questões negras, nem representar os Povos de Terreiro deste município porque não havia nascido aqui, imagine, fiquei e fico escandalizada até hoje quando me lembro deste episódio, por perceber na pele e na alma que em pleno século 21 ainda há entre nós “lideranças” tantos barrismos e falta de formação e informação que nem percebemos que a causa do Povo negro e de Terreiro extrapola as fronteiras territoriais, municipais ou outras quaisquer, pois onde houver um negro (a) ou um representante dos Povos de Terreiro necessitando de ajuda eu ou qualquer liderança que tenha verdadeira consciência do que é a luta por respeito, igualdade, reconhecimento, reparação racial e ancestralidade tem obrigação de assumir a causa e ir até as últimas consequências.

Aqui em Juazeiro por várias vezes eu e minha família já sofremos discriminação. Dia de sexta-feira é dia de festa.

Certa sexta-feira estava eu de branco num estabelecimento comercial e no meio de tanta gente que comprava ali uma senhora se dirigiu a mim e disse que: “JESUS IA ME SALVAR!”. Eu retribui dizendo: “OXALÁ TAMBÉM VAI TE SALVAR!”, mas ela achou estranho o que eu falei, expliquei então para ela que também achava estranho pois com tanta gente naquele local ela havia escolhido justo a mim para abençoar, por quê? Sabe aprendi no terreiro que quando recebemos a benção de alguém devemos retribuí-la e foi o que eu fiz naquele momento em retribuição a benção dela invoquei Oxalá, meu Pai, também no desejo de abençoá-la.

Outro momento interessante se deu quando iniciei a faculdade de Pedagogia e Teologia tinha acabado de sair da minha Confirmação de Makota e ainda estava de contra-egum, usando os fios de conta, com o cabelo raspado, só usava branco (usei branco durante 1 ano), era visível o processo do terreiro, no começo foi um susto para os colegas e professores, mas consegui abrir a partir deste “susto” na faculdade onde na sua maioria é frequentada por pastores evangélicos e militâncias da igreja católica um debate que gerou respeito sobre minha religião e um diálogo inter-religioso Hoje muitos daqueles pastores e militantes se tornaram meus amigos, de uma forma tão íntima que eles frequentam nossas casas e eu e minha família a casas deles.

Um dia estava eu e meu marido andando pelo comércio de Juazeiro encontrei com uma colega da faculdade que estava com sua irmã que é evangélica radicalíssima. Ao nos encontrarmos a irmã dela se afastou, muitos dias depois já na faculdade a colega me contou que a irmã dela brigou muito porque não queria que ela falasse com “Essa gente”, “Com esses diabos”, disse que: “Com

esse tipo de gente a gente não conversa, a gente nem olha, a gente pula”.

CRIANÇAS NOS TERREIROS

Sobre isso se tem que ter muito cuidado. Existe casos e casos. Quando essa criança já nasce com a manifestação do orixá, não tem para onde correr, mas quando é o desejo só o desejo um capricho dos pais, os sacerdotes e sacerdotisas do culto as Divindades Ancestrais tem que tomar muito cuidado. Conheço um caso em que a criança nasceu doente, a mãe dele é Yalorixá hoje ele esta com sete anos e Omolú se apresentou começou a cobrar, foi então jogado os búzios (IFÁ) para ver o que deveria fazer. Nesse caso, quando se coloca-as, Omulú sempre se apresenta. Essa criança se torna um velho, se curva todo. Aí não tem o que pensar, é a manifestação do orixá.

Já teve caso de uma adolescente que fez obrigação pequena, foi prometida as divindades para satisfazer a vontade/capricho dos pais que são de terreiro, ela cresceu e não queria ser de terreiro, só que chegou o momento em que, ou se fazia a obrigação dela ou ela morreria e ai contra a vontade ela teve que fazer. Fez a obrigação dormindo e quando ela terminou a obrigação e acordou, quando viu seus irmãos com a cabeça raspada, ela ficou desesperada. Que se deixe as divindades fazerem suas escolhas e seus convites, pois eles sabem o que fazem e quando fazem, afinal como nos dizem os nossos sábios mais velhos: “TUDO COM TEMPO TEM TEMPO...” e “CADA UM DE NÓS TEM SEU TEMPO JUNTO AS DIVINDADES ANCESTRAIS.”

Temos uma filha de 12 anos que tem sido criada dentro dos princípios dos Povos de Terreiro, mas até hoje não introduzimos ela em nenhum ritual específico de iniciação isso porque eu e meu marido acreditamos que a vida dela é dela, a gente espera e quando chegar o momento certo ela escolherá. Ela tem esse direito de escolher, se as divindades ancestrais tiverem algum propósito para com ela, em algum momento isso vai se manifestar. Vejo pessoas que foram iniciadas ainda recém-nascidas e hoje elas se queixam por não ter tido o direito de escolher. O Candomblé é uma religião que ao contrário das demais depois que se entra não tem mais volta é algo muito sério, pois envolve a vida das pessoas e por tudo isso é preciso ter muita responsabilidade de como e quando se inicia uma pessoa.

ACBANTU



Figura 100 - Membro da ACBANTU (Foto: acervo pessoal).

A ACBANTU é a Associação Nacional Cultural de Preservação do Patrimônio Bantu, composta por mais de três mil e oitocentos Povos de Terreiro de diversas etnias e quarenta e oito comunidades quilombolas do Estado da Bahia.

Ela nasceu em Salvador em 2000. Foi um momento em que os povos de terreiros precisavam de um espaço que defendessem suas causas. Porque até então a gente existia, mas era invisível. Todo mundo ia aos terreiros, comia, bebia, usufruía e depois virava as costas. O Tata Lubitu Konmannanjy, juntamente com Ana Maria Placidino que são os coordenadores gerais e um grupos de pais e mães de santo, ekedes, ogãs e outras lideranças dos Povos de Terreiro da Bahia, pensaram em dar vida a uma organização que lutasse para a efetivação de políticas públicas para os povos de terreiro e ai nasceu a ACBANTU, primeiramente para Salvador só que depois de algum tempo, foi percebido que se falava no país de todas as comunidades tradicionais, principalmente dos quilombolas e dos indígenas, mas os povos de terreiro pareciam não existir. A ACBANTU então trouxe para a pauta do debate nacional as questões do Povo de Terreiro iniciando ai um processo de reconhecimento, fortalecimento, valorização e discussão sobre as demandas desta comunidade tradicional. Hoje existe no país uma questão sobre a nomenclatura, pois um grupo prefere tratar como “povo tradicional de matriz africana” e outro” povo de terreiro”. O importante para mim não é esse debate, pois acredito que ele se estendera ainda por muito tempo e eu como sou pequenina e respeito os meus queridos mais velhos aceitarei a nomenclatura que eles acharem que melhor nos define, importante mesmo é a visibilidade que temos hoje e o que ainda nos falta conquistar. Aqui em

Juazeiro a ACBANTU veio através de mim e do meu esposo. Eu já tinha ligação com Ana Maria Placidino antes mesmo da ACBANTU nascer, tanto é que nós nos consideramos irmãs, nos conhecemos quando ela trabalhava na CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviços) e eu tinha em Salvador uma companhia de dança afro OMIKAIA (1996), logo que nos conhecemos nos apegamos uma a outra, ela me convidou para dar oficinas de arte educação em vários projetos daquela entidade foi a primeira porta que se abriu nesta área profissional para mim e a partir daí nunca mais esta porta se fechou e quando a gente veio morar em Juazeiro e começamos a conhecer a realidade dos povos de terreiro daqui, pareceu-nos que aqui as coisas sempre chegavam por último, por isso num encontro com Ana e o Tata na II Conferência de Promoção da Igualdade Racial em Salvador/BA (2009) achamos que seria interessante trazer uma coordenação da ACBANTU também para o nosso território, o trabalho tem sido árduo pois o povo daqui por ter ficado a margem durante muito tempo tem grande dificuldade em trabalhar juntos.

TERREIROS EM JUAZEIRO

Estimamos que temos hoje mais de 50 terreiros aqui em Juazeiro entre sede e distritos, mas a maior dificuldade encontrada aqui ainda é a de se assumir como Povo de Terreiro a gente percebe isso pois aqui tem muitas portinhas e janelinhas que são escondidas e só depois de muita conversa é que o povo se assume enquanto terreiro, enquanto casa. Percebo que o nosso trabalho desde 2010 tem começado a dar frutos, alguns passos já foram dados

aqui como a realização em agosto de 2011 do I Encontro Municipal de Povos de Terreiro, no final de 2012, início de 2013, distribuímos 1.000 cestas básicas, realizamos vários momentos de encontro para debater questões relacionadas à participação de representantes em conselhos, conferências entre outras instancias de controle social, hoje já temos Yalorixas e Babalorixas nas faculdades sem vergonha de dizer quem são e o que representam, terreiros começando a se organizar enquanto entidades jurídicas e por fim a proposta de uma lei que foi sonhada e apresentada ao município por Elson Campos (meu esposo), ela já esta tramitando na Câmara de Vereadores a ideia é de instituir o dia 8 de dezembro como dia do Povo de Terreiro do município de Juazeiro/BA. Sei que há muito ainda por fazer, mas me sinto feliz pelas conquistas que já temos ate aqui.



Figura 101 - Com Mãe Maria de Tempo (MARQUES, 2015).

Por fim quero destacar que acho importante a parceria entre os povos de terreiro, as faculdades, poder público e outras entidades. Muito por conta da necessidade que se faz cada vez maior de afirmação de nossa identidade, de conquista e ocupação dos espaços nas diversas áreas da sociedade, acredito que uma forte ferramenta que ajuda muito é a pesquisa, pois por ser um povo de tradição oral e por ter ficado ao longo da história escondido, recolhido nos guetos, muito da nossa tradição, nossos saberes, fazeres e dizeres, nossos fundamentos acabam por se perder, pois o jeito como é feito em cada espaço de culto ao ancestral é diferente e único, o momento não se repete. Hoje ainda é muito difícil, pois por conta de todo o processo de escravidão nosso povo de terreiro foi acostumado a ser desunido e se ver como inimigo uns dos outros, em muitos momentos é cada um por si e Deus por todos. A ferramenta da pesquisa em seus registros quebra isso, pois ela possibilita ver o que nos iguala o que nos diferencia, a se perceber e perceber os outros, a beleza e riqueza de nossas tradições e fundamentos. É bom ver que já temos pessoas de terreiro entendendo que precisam se qualificar e ocupar os espaços que também são nossos e que durante muito tempo nos foram negados, mais infelizmente ainda temos muitos adolescentes e jovens que não querem ir para a escola e adultos que são apenas alfabetizados em nossas casas, acredito que o contato com a academia, com o poder público e com outras entidades das mais variadas possíveis pode ajudar a mudar essas realidades e isso será um ganho imenso para nós.

MENSAGEM

Com certeza: “Atrás da gente tem gente!”

Aos meus ancestrais: meu orgulho, meu respeito e dedicação. A minha família do fundo do meu coração todo meu amor e agradecimento pela presença, força e parceria hoje, sempre e em todos os momentos, e ao meu Povo de Terreiro o desejo que continuemos a caminhada persistindo, resistindo, insistindo ate a vitória tão desejada.

ÊA POVO NEGRO!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!



TERREIRO BANDALECON DE MÃE MARIA DE TEMPO



Figura 102 - Mãe Maria de Tempo (MARQUES, 2015).

Minha Dijina é Lenburacinguê, mais conhecida como Maria de Tempo. O nome do terreiro é Bandalêcongo, *lecongo* quer dizer Angola, então fica Terreiro de Angola. A nação daqui é Angola. O Orixá da minha casa é Tempo.

O terreiro foi fundado em 2000, por mim mesma. O meu primeiro zelador se chamava Emanuel Rosa, conhecido por Manuel de Flora. Quando ele faleceu eu resolvi construir o meu próprio terreiro, fundado em 2000. Em 2003 eu conheci Jorlando, através de um amigo. Como eu precisava de um novo zelador pra me dar o decá, eu escolhi ele e sua irmã Dilzinha, foi a partir de 2004 que me tornei uma Yalorixá.

O terreiro é de Candomblé. A diferença entre Candomblé e Umbanda é bastante. Primeiro porque a Umbanda mistura tudo. Uma hora eles estão cantando pra Exu, outra hora eles estão cantando para orixá. Já no Candomblé, não! No Candomblé o ritmo é diferente. Tem a legenda para cantar direitinho: Exu, depois os orixás, canta para os aborós primeiro. Aborós quer dizer orixás masculinos. Canta para as iabás, orixás femininos. Na Umbanda não tem essa sequência, não. Na Umbanda é tudo misturado: caboclo com erê, com exu, com orixá.

Eu não queria entrar no Candomblé, vou ser franca, eu não queria. Meus pais já frequentavam e quando eu completei 7 anos, eu já comecei a cair do nada. Na escola, brincando com os colegas, eu caía do nada. Meu pai me pegava, levava para Ivo da farmácia Oriente – que hoje é vivo ainda, está aí para contar a história –, ele me atendia, passava um óleo, e meu pai me trazia pra casa. Teve um dia que foi muito forte [o sintoma] e meu pai me levou, e ele falou: - Leve sua filha, que o que ela tem é um orixá, um espírito de luz, quando ela completar 14 anos ele vai procurar o lugar pra poder ele dizer o que ele quer. E foi assim que aconteceu. Meu pai sempre me chamava e eu dizia: - Vou nada, comer aquele caruru. Ele: - Vamos minha filha, o caruru tá gostoso! Eu: - Quero nada, vai o senhor e mãe, porque eu não quero isso não.

Então, um dia eu saí de casa para visitar uns amigos, e nessa saída o som dos atabaques me convidou. Ninguém me chamou nesse dia, o som dos atabaques que me convidou pra eu ir na casa desse homem, e eu fui. Chegando lá, teve um toque para Xangô. E foi aí que começou tudo, e eu não tive mais como sair. Era a casa de Manoel de Flora. Daí então, eu caí na casa dele, ainda corri várias vezes, mas

os orixás não me deixaram sossegada, aí tive que entrar mesmo. Já faz 36 anos que estou no Candomblé, no dia 13 de fevereiro faz 37 anos.



Figura 103 - Terreiro de Mãe Maria de Tempo (MARQUES, 2015).

Eu costumo dizer até hoje, pra meus filhos de santo – eu fui uma adolescente meio que danadinha, que não ouvia pai nem mãe, eu era muito revoltada – que eu aprendi muitas coisas boas com o Candomblé, porque ele me educou. Exemplo: coisas que eu não podia fazer. Meu pai dizia: - Não faça isso!!! Eu fazia, nem que fosse escondido. Já o Candomblé, não. Eu tinha medo do orixá, e também por conta daquela coisa rígida, aquela ordem que tinha. – Você não pode fazer isso, você não pode fazer aquilo. E eu fui seguindo. Cada coisa que eu não podia fazer, mais na frente eu entendia que aquilo ali era bom pra mim. E é isso que eu passo pra meus filhos hoje. Um adolescente chega aqui,

metido com drogas, aí eu vou conversando, conversando, vou contar minha história. Explico: o Candomblé não é isso, essa boniteza, o Candomblé é coisa séria, e aí vou começando a falar de minha história pra eles.

Eu abandonei meus estudos na 5ª série. Meus pais não eram bem de vida financeiramente. Meu pai era um estivador, minha mãe uma dona de casa. Eu tive que parar o estudo pra trabalhar em casa de família e ajudar meus pais. Mas, o Candomblé pra mim foi uma escola, a escola que eu não tive. Hoje eu vivo minha vida trancada aqui, em 10 x 20 [metros], 10 x 40, é tudo que eu tenho aqui, na construção e quero crescer muito mais pra ajudar meu povo do Candomblé, minha família de Candomblé.

ORIXÁS E CABOCLOS

A diferença de um orixá pra um caboclo é que um caboclo são espíritos de índios. Orixá são espíritos de deuses. Cada um tem um dom, são seres iluminados, cada um tem uma história, uma lenda. Oxum é a deusa das águas doces, Iemanjá é das águas salgadas. Orixá é mais natureza e caboclo é mais humano. Aqui toca pros dois. No dia 02 de julho é festa de Sultão das Matas, que é o caboclo.

As principais festas da casa são: 2 de julho para caboclo; no dia 10 de agosto a gente comemora a festa de Tempo; dezembro tem a festa de Iansã e a festa de Oxum, além da lavagem do terreiro que acontece a quatro anos.

Fui a primeira pessoa, mulher, Yalorixá que botou a família de orixá, de santo, na rua; as baianas com a cara na minha comunidade para mostrar às pessoas que Candomblé não é aquela coisa feia que muita gente pinta.

Quanto ao relacionamento com a igreja evangélica, aqui vizinha do terreiro, eu não tenho o que dizer. Eles me respeitam até então, eu respeito eles. Todos os dias eles ficam até mais ou menos 9:30 da noite. Quando eu vou tocar Candomblé eu espero, quando termina lá eu começo o meu e a gente fica numa boa. A vizinhança é boa. Pra você ter uma ideia, era domingo, aqui no terreiro ia ter um caruru e em cima, bem em cima [da hora] faltou o gás. O que aconteceu? O bolo de Cosme e Damião estava por assar. A gente falando, então a irmã [protestante] falou: - Trás o bolo e assa aqui! Sério!



Figura 104 - Jogo dos Búzios (MARQUES, 2015).

Na casa eu tenho 32 filhos, aqui na comunidade. Fora daqui só tenho dois: um em São Paulo e um no Rio de Janeiro.

Os cargos que tem na casa são de *ogan*, *axoguns*⁴²... É assim: *axogun* vem do Ketu. O tata-faca vem do Angola. Tem pessoas que cultuam a nação Angola e não cultuam o Ketu. Ou cultuam o Ketu e não cultuam Angola, só que eu não! Acho que daí já começa o preconceito, e isto é uma opinião minha. Só porque eu sou Angola não vou querer Ketu dentro da minha casa? Se um filho meu chegar em minha casa, eu for olhar no jogo [de búzios] e a nação dele for Ketu, é claro que eu vou fazer, eu sei fazer! Se chegar Angola, maravilha, é minha nação, vou com todo gás [fazer com muita vontade]. Mas, eu não tenho preconceito de dizer eu que não vou fazer Ketu. Aqui tem os cargos de Ketu, porque se uma pessoa chegar aqui e nação dele for Ketu, eu vou dar o cargo de Ketu. Se chegar de Angola, vou dar cargo de Angola. Aqui tem *tata pokó*⁴³ que é tata-faca; tem axogum que é o mesmo. Vou explicar: um axogum é responsável para fazer o sacrifício dos animais, a mesma coisa é o tata pokó no Angola. O ogan é responsável por tudo, pelo som dos atabaques, se está bom para tocar. A ekede no Ketu e a makota no Angola. A ekede é responsável pelas vestes do orixá, na sala ela cuida do orixá. A makota é cargo de Angola, que no Ketu é yagibona. A kota é a mãe criadeira, é ela que cria as pessoas que são iniciadas no Candomblé. Ela cuida do banho, do café da manhã, do almoço, ela troca e lava a roupa de cama para aquelas

⁴² Sacerdote responsável pelo sacrifício dos animais. Dependendo do caso, no ritual de iniciação, este sacerdote pode assumir outro cargo, já que axogun é um ogan. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hierarquia_do_candombl%C3%A9>. Acesso em: 28.Jan.2015.

⁴³ Tata = pai (kimbundu). Consagrado para sacrifícios ou imolações ao Nkisi Nkosi. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/60015742/Funcoes-e-Cargos-no-Candomble#scribd>>. Acesso em: 28.Jan.2015.

pessoas que estão ali, iniciando. E ela ensina sobre uma cadeira, uma faca, ensina como se comportar diante de um pai de santo mais velho, de uma yalorixá, de um babalorixá, é uma educadora.

CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO CANDOMBLÉ

Na casa tenho dois adolescentes e criança tenho meu filho, de 7 anos, que já é preparado, mas foi vontade própria. Ele é meu filho biológico, e eu quis – foi eu que quis – preparar meu filho. Eu só tenho 4 [filhos] e os outros 3 já são preparados. Então, quis preparar meu filho porque hoje eu estou aqui e amanhã posso não tá. Preparei ele para ele ficar preparado, para que os irmãos, que são de dentro do axé, mais tarde cuidar dele e quando ele precisasse – que eu sei que ia precisar –, não entregasse ele a qualquer pessoa. Porque tem muito charlatão, muita gente querendo ser, o que na verdade não é do axé. Então eu fiquei com medo de não tá mais aqui e meu filho procurar pessoas assim.

Estes dias eu tirei dois adolescentes (tirar da camarinha) e teria tirado três, mas, um deles os pais não consentiram, porque são evangélicos. Desses meninos, um é meu sobrinho e outro veio de fora. Um tem dezesseis anos e o outro tem quinze. Quando vieram me procurar, esse de dezesseis e o de quinze que não fez, um disse: - A minha mãe, minha vó que me criou é evangélica, ela não vai vim aqui. Eu falei: - Ah! Meu filho, então você tem que procurar o Conselho Tutelar, vim com o Conselho aqui, pra gente resolver, porque se não tiver a opinião do Conselho Tutelar eu não vou botar [colocar] vocês.



Figura 105 - Maria de Tempo e seu filho iniciado como Ogan (MARQUES, 2015).

Os adolescentes que estão aqui frequentam a escola, se não frequentar a escola não serve pro Candomblé. Como eu não tive a oportunidade de estudar e frequentar o Candomblé, eu não quero isso pra meus filhos de santo. Eu acho que a escola tá em primeiro lugar. Se você não tem estudo eu acho que você não tem nada, porque a maior herança que um pai, uma mãe pode deixar pra um filho é o estudo.

DISCRIMINAÇÃO

Já sofri discriminação por ser do Candomblé. Não pelas pessoas da igreja [protestante] que é minha vizinha, mas, pessoas que são de outra igreja, evangélicos mesmo. Assim: quando eu me visto pra sair para a casa de alguma pessoa do axé, pra outra casa, que às vezes é perto e tem como ir andando, junto com meus filhos, então quando eu

passo, gritam: - Macumbeira! E não sei o quê. Eu acho que esse não é o nome ideal pra uma pessoa que seja do axé.

ORGANIZAÇÃO DOS TERREIROS



Figura 106 - Maria de Tempo e suas Irmãs de Santo (MARQUES, 2015).

Quanto à organização dos terreiros na cidade, até que tentam! Tanto é que já veio pessoas aqui tentando unir os terreiros. Mas, acho que não tem, não [organização]. Tá começando agora, tentando um trabalho, saber o que as pessoas fazem no terreiro, mostrar trabalho. Mas, tirando isso, não tem, não. Em Petrolina, eu ouvi falar que existe uma organização, mas, não chega até aqui. Para as pessoas se organizarem, eu acho que falta uma pessoa “cabeça”, que enfrente aqui. Na verdade, eu não seria uma pessoa ideal porque eu não sei falar muito bem, não estudei muito.

Então, eu acho que pra isso que ter um enfrentante de porte, que possa falar.

OUTROS TERREIROS DE JUAZEIRO

Os outros terreiros da comunidade que eu conheço: conhecia muito o do finado Enrique, que já passou [faleceu]; do falecido Manoel de Flora, que foi um homem muito respeitado; e tinha o de Orlando também. Mas, depois desses tem o de Pai Raimundinho; tem o Mutalemin, que é de Marilene de Oxossi; tem o diaguinã de Iansã; tem o de Zé de Lourdes do Obaluê, que fica bem próximo; tem Erivaldo também. Tem Ezinho, que o pai faleceu, mas ele é o enfrentante agora.

MENSAGEM

Eu queria a união, é todo o desejo que eu tenho. Hoje eu vivo pro Candomblé, pra minha religião, meus orixás, tudo pra mim abaixo de Deus, que Deus existe em todo lugar, em tudo que a gente pede, em tudo que a gente faz, primeiro Deus! Deus tá acima de tudo. Depois de Deus, os orixás pra mim é tudo. Então, eu peço em nome de Deus, em nome dos orixás – é tudo que eu quero – é que as pessoas do axé, os irmãos de axé, que a gente se dê as mãos e levante a autoestima do Candomblé, da nossa religião, porque, ao menos em nossa comunidade, eu acho que tá muito baixa porque falta união. Exemplo: por eu ter 35 anos de axé, e você tem 5, eu acho que se você tem 5 e eu 36, eu sou antiga, venho de lá, conheço coisas, tenho 36 anos

daquele arrastado, você tem 5 mas está no meio, agora, a tecnologia tá aí, no auge. Então você aprendeu um pouco mais do que eu. Porque eu tenho 36, não é querer se engrandecer em cima de mim se você disser assim: - Mãe! Olhe! Eu sei isso, isso e isso, e se a senhora for por aqui, esse caminho é maravilhoso. Então, eu tenho dois olhos que Deus e meu orixá me deu pra eu enxergar, eu tenho convivência e vou aquilo ali, se tá certo ou se tá errado, a questão é minha de querer ou não. Vou não está querendo ser mais do que eu. Aquilo ali vale a gente trocar ideia, a gente vê o que tá certo e o que tá errado.

Aqui ninguém quer se dá as mãos, não falando de todos, mas, a maioria. Se eu disser: - Você botou essa quartinha⁴⁴ aí, desse jeito, mas isso aí não é assim. Vamos fazer assim que fica melhor. Ele [o filho/filha] não vai entender, ele vai achar que eu tô mandando tirar aquela quartinha dali porque eu quero ser maior, eu quero me amostrar. Falta respeito com o aprendizado um do outro. Acho que se a gente se der as mãos e entender uns aos outros, a coisa vai.

Para você ter uma ideia do que eu falo. Eu faço a lavagem, as pessoas se admiram. Observam: - Lavagem!? Uma banda tocando na rua! A primeira mulher de Candomblé que faz isso aqui no bairro. As pessoas podem até acharem que eu tô fazendo aquilo ali na intenção de angariar fundos pra mim, mas é que eu tenho um sonho muito grande, que está lá no Facebook do terreiro, que é

⁴⁴ O termo quartinha se refere a um recipiente de barro, usado para acondicionar líquidos com capacidade de 250 ml a meio litro. É um dos utensílios indispensáveis nos cultos afro-brasileiros, sendo usado na maioria dos assentamentos e na obtenção dos axés.

pra todo mundo ver. Eu gostaria que meu terreiro tivesse espaço e que eu pudesse pegar pessoas da rua que tivesse precisando de comida, e eu pudesse fazer comida e dar àquelas pessoas, e tivesse espaço para ter dormida para as pessoas que tivessem na rua e não tivessem onde dormir. Que eu tivesse espaço pra aqueles meninos que tá na rua e não estudam, que tão no meio da droga, e eu ter um professor ali, para ensinar música, para ensinar capoeira, para ensinar tudo que pudesse ter dentro de um terreiro, é isso que eu penso.

Eu queria que Deus e meu orixá me dessem muitos anos de vida, e sempre quando estou em alguma reunião com meus filhos aqui eu falo sempre: - Pelo amor de Deus! Não deixe isso morrer. Se eu morrer e não conseguir esse sonho, pelo amor de Deus, vocês toquem isso pra frente. Porque o pouquinho que eu faço e o pouquinho que você faz, já vale muito, já tira muita gente da miséria. Eu penso assim, não tenho estudo, mas eu penso. Queria muito ter estudado!

Muita gente por aí tem a casa cheia, mas na minha casa de Candomblé eu não quero quantidade, eu quero qualidade. Quando eu falo qualidade não quero só pegar pessoas do meio social que esteja dentro da minha casa, não. Porque a porta do Candomblé é aberta igual à porta de uma igreja católica, evangélica, é aberta pra todo mundo. Só que eu acho assim, se você tiver que viver com um drogado, você tem que transformar ele, para que ele seja uma boa pessoa, de boa índole, que ele possa conviver no meio da sociedade. Não que você vai pegar um drogado e colocar pra dentro e vai cruzar as pernas achando que o que ele tá fazendo é bonito. Eu não quero casa cheia que eu não possa ajudar.

No resto de vida que eu tenho, tudo o que eu quero é isso aí, eu quero construir coisa boa dentro da minha religião, porque ela me permite fazer isso, ela me permite crescer, expandir. Já pensou se a gente se unisse e tivesse um mesmo pensamento? Angariar fundos para construir coisa boa. As pessoas pedem: - Dona Maria joga um jogo de búzio pra mim? Eu vou jogar, mas não é pra mim [o dinheiro] porque eu tenho meu marido que me sustenta e sustenta meus filhos. Então, aquilo ali vai servir para eu pagar uma luz, uma água, serve para a manutenção do terreiro e ajudar alguém que chega e esteja precisando.

Para se ter uma ideia, eu construí no outro terreno, quatro quartos. E se chegar alguém e disser que não tem onde ficar, eu abro as portas e pode ficar. Tudo ficou junto. Não existe casa. Meu espaço, que eu tenho íntimo, é só o meu quarto e o de meu filho pequeno. Minha casa, tudo eu transformei no terreiro. Porque eu acho bonito, chegar uma pessoa precisando e eu ter pra ajudar! Acho que é minha missão.

Meu orixá disse um dia a meu pai – eu era bem novinha e ele me pegou e disse a meu pai – que eu ia ser uma mulher muito respeitada pelo nome dele, e hoje eu sou mais conhecida como Maria de Tempo. Todo mundo já sabe. Aqui em Juazeiro existem pessoas filhas do mesmo orixá, mas em Petrolina e Juazeiro, casa aberta só tem a minha.



ILÊ TIMIM IGUIBALI TÔ AXÉ



Figura 107 - Pai Raimundo (MARQUES, 2014).

Meu nome é Pai Raimundo Júnior. Sou do Ilê Timim Iguibali Tô, que significa: Casa da Espiritualidade da Força de Logunedé. Geralmente as casas de Candomblé tem uma referência do nome.

FORMAÇÃO DA UMBANDA, DO CANDOMBLÉ E O SINCRETISMO

Esse terreiro já foi de segunda pessoa de família de santo. A primeira proprietária por força espiritual teve que abrir um terreiro na cidade de Barreiras. Como eu também sou do Candomblé eu fiquei aqui assumindo a casa. Eu sou amigo

do antigo proprietário, eu fui iniciado, recebi o deká que seria a autoridade do Candomblé para fazer Candomblé e eu agora estou construindo o meu. Mas, é como se eu fosse da família porque ela me viu criança, era amiga da minha família, como se fosse coisa de família. Para não ficar a casa aqui abandonada e fechada então eu assumi. Esse terreiro é de Candomblé, a diferença entre Candomblé e Umbanda está no seguinte, veja bem: quando os negros vieram para o Brasil trouxeram a religião africana que era o Candomblé, vieram da cidade de Ketu, Angola, de línguas Ioruba. Quando vieram já vieram com a injeção da Igreja Católica, isso vem da época dos Jesuítas aqui colonizando, porque queriam implantar o cristianismo a todo custo nas religiões africanas. Então eu acho que foi uma mistura, os negros para louvar sua religião tiveram que mesclar, então Umbanda é uma mesclagem de religião africana com o espiritismo, com o culto das Igrejas. É uma mistura, então a Umbanda é a verdadeira religião brasileira, aí teve um pouco da cultura indígena, um pouco da cultura africana e tem também, muitos negros que não souberam a religião africana porque foram arrancados de seu lugar e aí foram fazendo, cultuando da maneira como achavam que era. Hoje, o Candomblé já adota a cultura indígena, que é o culto aos Caboclos. Adota também o espiritismo de Alan Kardec, que é o espiritismo de oração. Então foi formado essa mistura que criou a Umbanda. Porque o Candomblé puro mesmo só existe na África. Por exemplo, minha tataravó era Africana, ela sabia cultuar. Sem misturas de santos abasileirados, europeus, essa mistura né?! Mas, na educação cultural dela ela sabia que era católica, já vinha de escravo imposto por Jesuítas. Por exemplo, vamos orar pra Santa Barbara, ela é uma santa europeia, é branca de olhos azuis, devido a história dela, que um raio pegou na espada, e como lança mexe como fogo, aí o negro

com sua sabedoria começou a cultuar. Então, essa mistura maior é Umbanda. Quer dizer começou a existir uma subdivisão, eu acho, então cultuam pessoas que já foram, cultuam, caboclos, por exemplo, cultuam Jeronimo que é um boiadeiro, Manoel Rosa, Zé do Coco, cultuam entidades brasileiras que nada tem a ver com a África. Hoje taí o Candomblé um pouco de cada coisa.

A ENTRADA NO CANDOMBLÉ: UMA QUESTÃO DE TRADIÇÃO



Figura 108 - Pai Raimundo (MARQUES, 2014).

Antigamente, é tudo uma coisa de tradição, de família, como minha vó e minha tataravó era africana e foi quem introduziu minha vó no candomblé, então era uma coisa lógica, quando o pai e a mãe são de uma religião eles

puxam os filhos para aquele lugar. E foi a tradição. Hoje sabe que tem Candomblé na Itália, em Portugal, nos Estados Unidos, em Carolina do Norte tem Candomblé, possuem templos religiosos, então é coisa passada de família, daí quem me introduziu foi minha vó, e tudo foi uma questão de Orixá, porque eles é quem escolhe a gente pra entrar no candomblé, então ela viu que eu tinha tendência e que eu nasci pra ter Orixá. Veja que meus tios, são todos testemunhas de Jeová, então dentro daquela família tem pessoas que tem tendência pra cultuar o Candomblé escolhido pelos Orixás da família. Eu fui introduzido com oito anos de idade. Então é coisa de sina que é a religião que a gente vai seguir. O Candomblé disciplina muito, o candomblé impõe como uma escolha, eu particularmente, não é contrariando o Candomblé, mas, quando chega na adolescência cada um escolhe o que quer aí entra em choque, eu não tive oportunidade de não aceita, eu lutei, resisti, mas, não tive como não resistir, na minha adolescência eu tive que seguir em frente, senti a necessidade de seguir, fazer os cultos, hoje eu tenho 43 anos, e não me arrependo.

A DEPRECIAÇÃO DO CANDOMBLÉ E SUAS CURAS

O que mudou na minha vida foi a positividade, o retorno dos atos espirituais que ajuda as pessoas. No início, eu convivendo com minha avó, via ela fazendo coisas boas, ela sempre me orientou, o candomblé trabalho diretamente com a natureza, trabalha com os quatro elementos, então, se você trabalha com esses elementos tem um certo poder, mas, ela sempre me ensinou que não pode usar isso para o

mau, para fazer mal ao seu próximo, só que isso não é divulgado, o candomblé que é divulgado é o que faz o mau, o que cultua o diabo, e o que mata. Isso acontece, porque quando teve a Lei Áurea, que os negros sentiram um pouco de liberdade, o negro não tinha nada, não tinha língua cultural, não tinha escola, a sobrevivência era a mão de obra, e aqueles que sabiam curar, sabiam usar os Orixás para fazer cura e conheciam a natureza, despertou também que essa mesma energia poderia fazer o mal. Aí o que acontece, as pessoas de dinheiro, de poder aquisitivo procuravam os pais de Santo, os feiticeiros, para se vingar de alguém. Se a filha de um coronel, general, de um doutor fosse mexida por alguém era mais fácil mandar matar com feitiço do que com uma facada, tiro ou coisa parecida e correr risco de ser preso, muitos filhos de ricos, frequentava a casa de minha avó naquela época, pra tirar rapariga de seu homem, porque se mandasse o capataz dar uma surra, corria o risco de ser punido. Então, a procura da sociedade financeira alta, foi quem fez muitos da sociedade do candomblé trabalhar para o mal e manipular a natureza, trabalhar com os orixás, os exus para fazer o mau. Aí em muitos lugares virou fonte de dinheiro. Chega alguém e diz, para tirar essa rapariga do meu marido, você quer quanto? Daí tudo vira um negócio. Então, a própria necessidade do escravo ou do negro pobre fez isso. Então, terminaram colocando esse rótulo no Candomblé. Olhe minha, avó fazia limpeza de corpo para abrir os caminhos, para tirar espíritos de mortos, enfim, minha avó durou até os 86 anos e teve uma boa morte. Mas, no candomblé é lugar de curas boas e isso não é divulgado. As vezes existe até na própria sociedade do Candomblé coisas assim, como ao invés de se referir a festa de Exu, se

refere a festa do diabo. E não pode ser assim, não foi pra isso que existe a natureza do candomblé. Quando chega na minha casa um entidade eu digo, “louvado, louvado seja nossos Senhor Jesus Cristo, para sempre seja louvado aqui também”, e digo isso no nosso dialeto ioruba e então afasta esse mau que tá aí, essa negatividade. Então, os benefícios que eu tenho aqui é quando, uma pessoa chega aqui que não está conseguindo trabalho e eu faço um sacudimento, ou uma limpeza e a pessoa consegue um emprego, isso me satisfaz. São os benefícios que eu tenho, chega um alcoólatra aí eu tenho que ver se é algum espírito obsessor, ou se é vício da carne. Toda religião faz isso, no catolicismo faz exorcismo, a Universal faz descarrego, então, todas fazem algo, eu vejo também se é problema de médico ou de espírito obsessor, e faço um trabalho e resolve, então essa é minha compensação, esses são os benefícios ajudar outras pessoas. Essa sociedade candomblecista aqui no Nordeste, é muito riquíssimo o candomblé, e portanto, precisa repassar a parte positiva do candomblé para que as pessoas conheçam e não fique julgando. Ver que o candomblé ajuda as pessoas e faz caridade também.

OS QUE SÃO OS ORIXÁS

Antes mesmo da introdução do cristianismo, na África, assim, como os Astecas, os Índios têm uma cota de deuses e cultuavam esses deuses. Se for ver na Bíblia lá nos primórdios também tinha culto aos deuses. Os Maias, os Astecas, Constantino colocou até todo mundo junto, Maomé também, então Orixá, traduzindo para o português quer dizer deus. Não é o Deus supremo, é um semideus, esses

estão voltados para a natureza, assim como os indígenas, que acredita nas forças da natureza. O Homem é natureza, então a chuva é um deus, os ventos é um deus, então eu posso dizer, que tem orixá da chuva, tem orixá da terra, tem orixá das águas salgadas, tem orixá do fogo, então, toda essa energia que serve ao homem. Nos primórdios os homens canalizaram essa energia e deram um nome. Por exemplo, Iemanjá ela rege o mar, rege os peixes, a fartura, rege tudo que é voltado para o mar. Então toda essa energia possui um nome só que é Iemanjá. As Imagens dela é branca mas, em Ioruba, ela é negra. Daí os europeus e jesuítas não aceitaram os deuses africanos. A rejeição aos Orixás é uma rejeição a cultura negra. Era muita discriminação, se tivesse um negro com nome africano era mudado pra um nome europeu. No candomblé quando uma pessoa se inicia logo recebe um nome africano, isso é um reencontro com as origens africanas. O candomblé é uma religião aberta, aceita branco, negro, amarelo que possui linhagens africanas. Todo mundo tem um pouco de africanidade.

PRINCIPAIS FESTAS E MISSÃO

As mais tradicionais é a de Olubagé que é no mês de agosto, a do mês de Janeiro que é a feijoada de Ogum, que é o Orixá da guerra, mas, não uma guerra de destruição é guerra de abrir caminhos. E aí tem outras festas de obrigação de filhos de santos. Acontece na festa de Orubagé de alguém cair, a palavra é bolar que é quando o Orixá dar aquela energia como uma forma de dizer que aquela pessoa é da linhagem africana e portanto, tem que se iniciar. Isso

até cria lenda, do tipo se entrar não sai mais, pode morrer, só que isso não existe. Só precisa saber como sair. Orixá não obriga ninguém. Tem amigas minhas que não estão no candomblé e nem são obrigadas, tem que saber entra tem que saber sair é tudo uma missão. Bom com, os estudos que tem agora sobre a história da África pode ser que esse povo novo vá limpando o Candomblé desses preconceitos.

FILHOS E CARGOS: RESGATE DE UMA LEMBRANÇA

Eu tenho cerca de vinte filhos iniciados aqui em Juazeiro, mas, eu tenho filhos em Salvador, em São Paulo. Eu tenho mais cargos e Yaô eu só tenho um. Porque no candomblé possui muitas leis e esse povo novo não aceita, então eu prefiro não fazer ninguém pra ninguém se arrepender e ficar sofrendo. E aí eu prefiro os cargos porque não se manifesta. Aqui eu tenho o axogun na casa, tenho adagan, tenho alabê.

O axogun da casa está voltado para o corte dos animais. A questão do candomblé é porque é uma religião das cavernas, é uma religião antigüíssima, antes mesmo do cristianismo, e antes do catolicismo no Brasil, então o que fazemos é tentar resgatar uma lembrança. Nós não estamos idolatrando o animal, nós estamos oferecendo-o para o santo, devolvendo para a natureza, nós não bebemos sangue. Isso é essência do candomblé. Quando pegamos um animal vivo pra cortar, não estamos sacrificando como uma coisa macabra, quantos animais são mortos com choque elétrico nos matadouros? Quando vamos fazer uma matança fazemos um ritual sagrado, nós lavamos o animal, defumamos ele, nós oramos na nossa língua, nós pedimos

licença ao animal, nós mirramos ele, nós se purificamos com as folhas para oferecer o sangue e a carne para nos alimentar e alimentar o povo da festa, nós nos purificamos, não fazemos sexo quando vai ter a matança, tudo é um ritual sagrado. Ninguém divulga isso. Então, o axogun é preparado para isso. Cada animal possui uma música de agradecimento e a carne é a confraternização entre o povo.

O Alabé ele toca o atabaque pra chamar a energia que são os Orixás. Ele tem que saber cantar e tocar. Cada Orixá tem um toque. O Assobá é dedicado ao Obaluayê, ajuda a receber as pessoas. O candomblé puxa muito pelos anciões, quanto mais velho mais puxa. Se houver uma visita é papel do pejigan receber as pessoas, se tiver pessoas mais velhas procurar uma cadeira, orientar se entrar com o boné ou de short. Organizar o barracão para que ali tenha respeito. A Ekede é a que cuida dos Orixás, cuida da roupa dos Santo, ela que arruma o Santo, enxuga seu suor. Esses cargos quem denomina são os Orixás da casa, ele que coloca na cadeira e dar o comando dentro da casa. Não é o pai de santo que escolhe, quem escolha é o Orixá. Quem comanda aqui é o Orixá, na minha casa mando eu, mas, na casa do Orixá ele é quem comanda o candomblé, por mais que eu tenha inimidade com alguém, eu não posso colocar pra fora, eu não posso colocar você num cargo, quem pode é apenas o Orixá. Eu não tenho essa autonomia não.

CRIANÇAS E JOVENS NO CANDOMBLÉ E A LEI DE SANTO

Na época de minha vó ela ensinava. Por exemplo, se eu tiver uma filha de santo e ela estiver grávida e ela for dar

obrigação, é por obrigação fazer a criança, a criança já pega a metade daquela energia. Ela já pega uma parte deste feitorio. Então, antigamente devido o candomblé ser muito fechado, diferente de hoje que você ver pela internet de tudo que você imaginar verdades e mentiras, então, geralmente as crianças já eram educadas no candomblé. Hoje aqui em casa eu não gosto muito de fazer criança e faço se for caso de grande necessidade se Orixá estiver exigindo e tiver que ser feita mesmo. Orixá não maltrata ninguém, mas, é uma energia muito forte que as vezes maltrata o corpo da gente e faço a criança com a autorização do pai e da mãe. E se tiver sofrendo eu prefiro ver logo o lado medico se tem haver com o lado medico ou se tem haver com a espiritualidade ou se é coisa psicológica, depois é quem vem pra cá e ainda vou ver se se rata de algum espírito obsessivo, se foi mandado pra família ou se é exigência do Orixá mesmo. As crianças precisam ter o aprendizado dos pais, porque quando chegar naquela adolescência vem a revolta, e candomblé exige muito da pessoa, se tem candombe aquela pessoa não pode ter relação sexual, não pode namorar, e adolescente gosta disso. Se tiver uma obrigação hoje tem um período de três meses, um mês com vinte um dia precisa ficar de resguardo, mas, aí tem a festinha, tem o carnaval e então eles quebram aquilo ali e aí desobedece a Lei do Santo, aí o santo vai punir. O candomblé é coisa arcaica, pune mesmo. Aí eu não gosto de fazer adolescente. Os Orixás, são deuses, foram Reis Africanos, então eles punem não quer saber se é criança. Aí eu só faço uma criança quando é realmente Orixá que está querendo.

DISCRIMINAÇÃO NO CANDOMBLÉ

Nunca me senti discriminado, muito dizem oh ele é macumbeiro! Mas, eu não me sinto discriminado. EM 82 minha vó Glória foi quem abriu em Petrolina o presente de lemanjá, porque não se fazia oferenda, fazia escondido nas noites, por causa que a vidade era muito preconceituosa porque era muito católica em Petrolina, aí minha vó fez aquela procissão de mistura de candomblé com catolicismo, fez parada em frente a Igreja, nesta época Geraldo Coelho aplaudiu e homenageou. Lembro como hoje, foi em fevereiro de 1982, aí ela abriu aquilo e quebrou o preconceito e avergonha que existia de ser candomblé. Então, todo ano o povo começou a ir, alugou barco, foi uma festa, minha vó era muito avançada pra época dela. Agora se você me pergunta se eu sofri preconceito religioso não, eu estudava no colégio de melhor de Petrolina, eu dancei afro e nunca sofri intolerância ou preconceito. Eu acho que tudo depende de como agente passe a mensagem do candomblé. Eu não posso me fantasiar e não saber falar, eu tenho que saber passar o lado conhecido da minha religião. Eu soube passar na época para o corpo docente da escola, fiz bons trabalhos. Então tudo depende, veja que hoje tem muito homossexuais que usam o candomblé pra fazer imitação. O candomblé é humildade, é simplicidade. Se você não tem dez reais pra comprar uma vela, eu lhe dou um banho de ervas, eu faço muita caridade na minha casa. Candomblé é isso lidar a natureza e cultivar o bem. Tem muitos candomblés por aí que avacalham, aí as pessoas vêm com discriminação. Aí tudo muda. Se o pai de santo é homossexual ele não precisa se vestir de mulher pra mostrar

a religião, não ele pode ser simples e ser muito respeitado. Tem que ter postura, estudar pra passar a mensagem.

ORGANIZAÇÃO DE TERREIRO

Aqui ainda tem em Petrolina, mas, é pouco, eu acho assim, que assim como tem em Salvador apoio de prefeitura, aqui no interior não tem oportunidades, a prefeitura se quer olha, não dar oportunidade de palestras, aberturas, etc. A Festa aqui de Iemanjá, eles nem estão aí, eu acho que deveria ter um palanque, uma valorização do poder público, mas, não tem. Venha que toda Igreja tem um Papa, uma pessoa que transmite aquela mensagem, no candomblé isso não tem, cada um é por si. Aqui em Juazeiro não tem uma associação que agregue não. Em Salvador tem o Centro Cultural, tem a Federação, mas, aqui não. O candomblé de Juazeiro e Petrolina estão doentes. Aqui tem candomblé de Angola e de Caboclo, que ele é quem manda, é voltado pra ciência indígena, porque o candomblé mesmo quem manda é o Orixá. Aqui o candomblé é de Ketu aqui quem manda é o Orixá. Veja bem, Araketu só muda o dialeto, a linguagem do ketu pra Angola, só muda o dialeto mas, é tudo parecido, o Orixá é quem manda também. Por exemplo, Oxum é o Ketu, quando ela chega em Angola na região de Moçambique também, ela é Dandalunga, mas é a mesma energia, é o Orixá das águas doces. Aqui chega caboclo, mas, o chefe da casa é Logunedé que é meu Orixá de cabeça. Aqui em Juazeiro e Petrolina tem muita Umbanda, que cutuam os preto velhos, os boiadeiros, o Zé Pilintra que nasceu nos anos 30 e aprontou muito e alguém começou a cultuar, então existe muita coisa. O foco da Umbanda é Rio e São

Paulo, os Umbandistas estão todos aderindo ao Candomblé, muitos umbandistas não tiveram oportunidade de se desenvolver no candomblé e aí foram pra Umbanda, mas quando tem oportunidade de conhecer muitos tem suas correntes de candomblé. Muitos vem pra o Candomblé mas, não esquece a Umbanda tira o dia 13 de maio pra cultuar os Pretos Velhos por exemplo, e termina se misturando né.



Figura 109 - Pai Raimundo (MARQUES, 2014).

OS TERREIROS DE JUAZEIRO

Na época de minha vó, aqui tem muitos terreiros, que eram misturados, ou era umbanda e estão aderindo ao candomblé puro, está vindo pai de santo de salvador e está iniciando no candomblé puro, eu fui iniciado em Salvador e convivi com minha vó, fui criando com pessoas antigas, hoje

em dia, muitos veem a internet mas, o fundamento estão nos antigos. Hoje em dia os novos não querem saber da liturgia ou de guardar um resguardo.

A MENSAGEM FINAL

Minha mensagem é que aprendam sobre o candomblé e vejam o lado bom, que pesquise o lado bom da religião, existem livros antigos bons, vejam eles. Não julguem as oferendas que a gente faz, não associe ao demônio porque aqui é energia do bem. É da vida ver o lado bom e o lado ruim, mas, não alimentem o lado ruim. Aqui se toma banhos de folha, fica sensível as coisas da natureza se não ficar sensível, você pode procurar as coisas ruins. Eu autorizo anunciar essa entrevista porque é a contribuição minha para mostrar o lado bom. Todos que passam pelo candomblé tem uma história bonita pra contar e essa é a oportunidade porque se eu pudesse tirava essa mancha ruim que tem sobre o candomblé.

YLÊ AXÉ AIRAN ONIDANCÔ



Figura 110 - Pai Edson (MARQUES, 2014).

O ylê foi fundado em 1966, ano em que foi colocada a primeira pedra fundamental. Meu pai, na época, ele sentou o orixá Exú. E daí, teve modificações de acordo com a necessidade do tempo. O tempo vai andando e a gente também vai modificando algumas coisas, por obrigação e não por mudança de luxo, e sim por necessidade e ordem de orixá.

O ylê é de Candomblé. A diferença da Umbanda para o Candomblé é que a Umbanda lida com espíritos mestiços e o Candomblé com ancestrais, com os orixás em si. A Umbanda lida com o culto de espíritos desencarnados, a linha de pretos velhos, várias linhas de caboclos.

Eu entrei no Candomblé, acho que pelo chamado dos orixás, destino da vida. E graças a Deus eu tenho que

agradecer, porque só a gente mesmo que passa, que sabe. Teve também problemas de doença que a gente não encontrou cura na medicina, e vim me achar aqui no Candomblé, como eu e muitos outros, não desfazendo, que a medicina é em primeiro lugar. É tanto que a gente acredita assim: passe na medicina, como diz as entidades de caboclos, passe nos homens de branco, se você lá não achou a sua cura, aí você vêm para nós do Candomblé.

Eu fui iniciado em 1980. Na época eu tinha 16 anos, pra entrar com axé mesmo. Mas, muito antes, meu pai e meus familiares já estavam me dando algumas coisas, pra que as coisas não piorassem. Mas, desde a idade de 10, 11, 12 anos, eu já tive uma vida de criança turbulenta. Vendo muitas alucinações, vendo muitas coisas, era muito assustado, não confiava. Sempre, para mim, estava existindo muita gente ao meu redor.

MUDANÇA

A mudança que o Candomblé trouxe na vida foi de tranquilidade e paz, confiança, respeito ao próximo, humildade.

ORIXÁ E CABOCLO

Orixá, ele vem dos ventos da natureza, quando há a regência da vida pelas águas, pelo tempo, pelo fogo, todos esses pontos elementares da Terra, a força natural. E o caboclo é o mato, é índio, desencarnados antigos e todas as famílias de tribos. O orixá é mais natureza e o caboclo é mais humano.



Figura 111 - Pai Edson incorporado com Oxalá com a presença da Yakekerê Edna Rosa (MARQUES, 2014).

PRINCIPAIS FESTAS DO YLÊ

Em julho acontece a festa de Xangô Airá, é a principal, que é o dono da cumeeira. A festa de Oxossi, que é da minha vivência, que eu sou o sucessor, e a gente faz mais no mês de abril. E a festa de caboclo boiadeiro que é dia 17 de novembro.

DOS FILHOS DA CASA

Já passou muita gente por aqui, fora aqueles que meu Pai cuidou, que ele tratou. A gente só prepara filhos de santo conforme a necessidade. Eu não sou dessa situação de querer juntar muita gente por juntar. Por exemplo, você vem aqui, à minha casa tratar de um assunto. Se foi possível, você tratou,

de tirar ebó e tudo, você andou e tá tudo bem, tá tudo bem, ficou aí. Se teve mais algo já é questão de seu próprio orixá. Porque na minha religião, eu digo com todas as letras, com todas as palavras: quem trás o filho de santo pra o ylê de Candomblé é seu próprio orixá, e não o zelador. O sacerdote não tem esse direito, de tá convidando, de tá chamando pra você ser filho de santo da casa dele. Por isso na casa tem poucos filhos de santo, porque não acredito muito nesta prática, acho uma lavagem cerebral. Eu não desfaço de nenhuma religião, até porque eu sou batizado, fui crismado também, sei o fundamento da igreja católica também, graças a Deus estudei num educandário católico, então eu concentro, a minha função justamente deve ser de um zelador, justamente por força mesmo do destino, um convite, um chamado. E graças a Deus estamos aqui. O Cristo é um só e cobre todos. Então eu digo assim: acho que não é procedência eu sentar numa cadeira dessas e esquecer que o Homem maior que o mundo sabe é Nosso Senhor Jesus Cristo.



Figura 112 - Festa de Oxalá no seu Ylê (MARQUES, 2014).

DOS CARGOS

Aqui temos vários cargos. O ogan de é aquele que cuida do atabaque, que cuida de toda a situação. O axogun é aquele que cuida de sacrifícios e tudo de orixá é com a presença dele. A yakekerê é a segunda pessoa do zelador, é a mãe pequena que chamam, aquela dona que organiza os filhos, que dá conselho, que faz tudo por eles. E a ekede é aquela pessoa escolhida, porque ela não entra em transe, ela não vira em santo, ela não dá santo, mas ela tem todo o fundamento e ensino que tem o filho de santo ou mesmo o zelador. Da mesma forma o ogan não roda. Aquele ogan que roda não tá certo, ele não dá santo. Da mesma forma é a ekede. A ekede é aquela que cuida. Ela vai cuidar daquele orixá e de toda a situação, de tudo dele ali, da vestimenta, da arrumação, dança ao lado dele, tá sempre ali, e conduz as coisas.

SOBRE AS CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Não tem crianças nem adolescentes iniciados no ylê. Preparamos a criança e o adolescente passando coisas leves, conversamos, fazemos algumas limpezas e tiramos algumas coisas, porque o adolescente é vulnerável. Aquela idade é como se fosse um para-raios. Se ele estiver naquele meio, desequilibrado, ele vai capturar aquela energia. Se ele estiver num meio em situação de equilíbrio, de andamento, de ensino, ele vai ter comportamento dessa forma. Por isso que eu digo que com o adolescente, aqui nesta casa tem o cuidado, até ele chegar no senso dele de querer, dele mesmo. Porque nem família, nós não podemos dizer o que

tem que ser. É tanto que eu tenho um irmão que é adventista, se criou e cresceu aqui dentro do ylê. Então a nossa filosofia é essa: aquele que tem que ser, ele tem todo o direito e respeito de escolher o que é de bom pra ele, ou seja, não é uma prática se iniciar crianças e adolescentes aqui, a não ser que seja, no último, último, último caso.

A não iniciação de adolescentes não tem uma relação com a escola, a gente deixa a critério da força do orixá. Até pelo fato também que, quando eu fui iniciado eu era estudante, na época que era colegial e já trabalhava, já ganhava meu salário. E na minha época, o regime era mais difícil, mais rígido.

Quando eu fui feito eu cumpri todos os períodos da camarinha, que é 21 dias e após 21 dias nós temos 3 meses de resguardo. O resguardo pode ser feito indo pra escola e fazendo outras atividades, na minha época foi assim. Andava na cidade, estudava, entrei no colégio. Mas foi assim, ninguém nunca me disse nada, nessa época se tinha muito respeito. Eu ia pra fila do banco e as pessoas me davam a vaga, eu de iaô, todo arrumadinho.

SOBRE PRECONCEITO E VIOLÊNCIA

Na minha comunidade nunca sofri preconceito ou violência por causa do Candomblé. Eu nunca fui detido, nunca ninguém atravessou na minha frente, pra dizer isso ou aquilo. Às vezes a pessoa até falava o assunto assim, e eu pensava na minha mente: Oh! Senhor perdoa quem tenta falar sobre o que não conhece. Eu acho que você tem que discutir um assunto quando tem fundamento.

Graças a Deus eu mesmo nunca sofri nada de discriminação, ninguém nunca atravessou na minha frente, e eu não tenho nenhum minuto de arrependimento. Existe uma frase que eu gosto muito dela: “nação desenvolvida é de um povo que lê”. Então eu acho que você tem que ler, tem que ter conhecimento, se você não tem conhecimento não tem condições de entrar num debate. Se você vai assistir uma palestra hoje, assisti outras depois, você vai aprendendo e percebe como é ignorante da situação.

Nossa nação é isso, a história tá aí, tem um lado verídico, nosso Brasil tem a fonte em Salvador, tá tudo na história, quem veio e quem trouxe. Então, é história verídica. E graças a Deus também tive a oportunidade de ver o outro lado, de fazer minhas viagens e conhecer, e sentir a verdade, onde outros lá me explicavam a mesma história, que tem em Salvador. Aqui, do outro lado do oceano para onde trouxeram os negros. A gente tem muita, muita ligação com a África. E se você for lá, que você vai vivendo, vai mostrando, e você vai vendo que a verdade é a verdade. Existiu. Então nós estamos aqui só conservando o que é nosso mesmo, das nossas raízes, da África.

O YLÊ E SUAS VINCULAÇÕES

Já houve vários pontos de tentativas por partes das pessoas. Como Juazeiro fica muito distante da sede, já houve vários contatos. Mas, é uma questão de tentar entender o próximo, falta entendimento. Seu direito termina onde o do outro começa. Foi pra entendimento, foi pra crescimento, foi pra coisa verdadeira, então tá com a casa de Xangô. Por

mais que me logre, mas graças a Deus, meu pai não me deixa eu entrar em certas coisas.

Não sei os demais porque eu não posso saber, mas eu sou consciente que no Brasil eu tenho minha fatia, pra me manter, eu sei que eu tenho meus direitos. Mas, eu sozinho vou atrás desses direitos? As casas hoje não estão organizadas através de associações, nem de federação. Tem que se ir buscar informações fora para se munir. Nós temos várias organizações aí, organizações sérias, bonitas. Temos que buscá-las e apoiá-las.



Figura 113 - Flores de Oxalá (MARQUES, 2014).

Um pai de santo não precisa apenas de preparação espiritual, tem que ter mais que essa preparação. Hoje eu digo que tem, porque o estudo é tudo. Ninguém venha me dizer que o bem a gente já nasce. Dizem que escola não muda. Muda! Não me diga um ato desse, porque se eu for

botar hoje, se eu fosse um presidente e me perguntasse qual o maior cargo que devia ser mais remunerado, seria o Professor. Gente, não é fácil. Tem horas que eu fico assim, veja! Todo mundo passa pelas mãos dele, e é uma nação sofrida. Por isso eu digo assim: um sacerdote tem que ler, ele tem que entender de tudo. Você não vai mais a escola, adote uns livros, e assim faça dez a vinte minutos de leitura.

UMA MENSAGEM

Eu não saio da comunidade que é a casa de meu orixá, minha casa onde eu me criei, onde eu pisei, dê o que der sempre vai ser minha comunidade, por mais que eu fosse morar onde fosse. Para minha comunidade eu digo assim: procurar entender e sempre procurar a casa de santo com boa visão, como uma riqueza do seu bairro, da sua comunidade, sem diferença, sem mistério, sem preconceito. As portas daqui estão abertas; tá aqui o ylê, um espaço para qualquer eventualidade, desde que não seja profana. Não tem auditório? Coloca as cadeiras no ylê e vamos fazer a palestra! Esse terreiro é a casa de todos!





REZADEIRAS E REZADORES
PRÁTICAS TRADICIONAIS DE
REZADEIRAS E REZADORES NO
SEMIÁRIDO BRASILEIRO

Artigo apresentado no II Seminário Internacional de Ecologia Humana, realizado em Paulo Afonso em 2014.



Auselita Brito

Graduada em História pela
Faculdade de Formação de
Professores de Petrolina.

Saulo Oliveira

Graduado em Geografia pela
Universidade do Estado da
Bahia.

RESUMO: O artigo apresenta as práticas tradicionais de rezadeiras e rezadores no tratamento de cura de patologias. A pesquisa aconteceu nos Municípios de Afrânio/PE, Petrolina/PE, Juazeiro/BA e Serrinha/BA e contou com a participação de dois rezadores e cinco rezadeiras. Dentre elas uma “rezadeira evangélica”. Os demais se denominavam como sendo católicos. As semelhanças entre eles eram visíveis, em relação ao processo de aprendizagem. Os serviços de curas oferecidos pelos rezadores vão desde os problemas relacionados ao corpo físico até desequilíbrios de ordem espiritual. Dentre os males que são “curados” estão: o mau-olhado, osso quebrado, engasgo, espinhela caída, verruga de pessoas e animais, entre outras. Atendem uma clientela sem distinção. Por meio da análise dos dados coletados, detectou-se que os rezadores atendem uma clientela sem distinção. Portanto, apesar do avanço científico, os saberes tradicionais sobrevivem.

PALAVRAS-CHAVE: Rezadeiras, Cura, Práticas Religiosas.

ABSTRACT: The article presents the traditional practices of mourners and chanters in the treatment of curing diseases. The research took place in the cities of Afrânio/PE, Petrolina/PE, Juazeiro/BA and Serrinha/BA and counted with the participation of two chanters five mourners. Among them an "evangelical rezadeira". Others called themselves as

Catholics. The similarities between them were visible in relation to the learning process. The services offered by the chanters of cures ranging from problems related to the physical body to the spiritual order imbalances. Among the evils that are "cured" are: the evil eye, broken bone, choking, fallen stickleback, wart of people and animals, among others. Serve a clientele without distinction. Through the analysis of the data collected, it was found that the chanters serve a clientele without distinction. Therefore, despite scientific advances, traditional knowledge survive.

KEYWORDS: Mourners, Healing, Religious Practices.

1. INTRODUÇÃO

É sempre importante lembrar que nenhuma pesquisa dará conta de expressar fielmente a realidade. Deste modo, reconhecendo essa limitação, este trabalho é apenas uma tentativa de apresentação e interpretação da realidade e da manifestação espontânea do objeto de estudo, do conhecimento popular sobre cura e tratamento de pessoas. A relação, o processo de construção do conhecimento, ocorreu e ocorre no contato do pesquisador com o objeto de pesquisa. O que trazemos aqui são fragmentos deste saber interpretados sob a luz de conceitos científicos.

Ao longo do tempo, e motivados pela escassez e inacessibilidade dos serviços médicos, muitos povos recorreram as práticas religiosas na busca pela saúde. É o caso dos povos dos sertões nordestino. Porém nossa sociedade atual perdeu de vista a imensa contribuição das práticas tradicionais religiosas que ainda hoje, oferecem

para a vida de muitas pessoas a amenização de suas dores materiais e espirituais.

Os rezadores prestam serviços à comunidade de uma forma gratuita, os conhecimentos são repassados de geração em geração, mas não basta apenas ensinar, é necessário que a pessoa tenha o dom para aprender. Os rezadores conseguem alcançar a confiança das pessoas, pois promovem a cura de doenças, desse modo, a prática das rezadeiras e rezadores concretiza-se e decorre de uma linguagem que lhe é própria. Os gestos empregados são revestidos de uma forma simbólica, transformadora. É importante salientar que os grandes avanços científicos, sobretudo no campo da medicina, não foram suficientes para acabar com as práticas populares religiosas que são transmitidas de geração a geração. Elas sobrevivem silenciosamente no seio das comunidades sertanejas. Os conhecimentos tradicionais devem-se, prioritariamente, aos nativos do Brasil o largo uso de tais práticas pelo conhecimento que dispunham de ervas e de rituais ligados à medicina natural. Misturando elementos indígenas, de matrizes africanas e do cristianismo católico a rezadeira conhece rezas, remédios e simpatias. Através destes mecanismos trabalham no sentido de promover a cura em pessoas que sofrem de alguma patologia.

Neste campo de pesquisa busca-se uma análise da cultura tradicional e o uso de recursos naturais dos saberes das rezadeiras e rezadores. Nossos questionamentos partiram de perguntas bases delimitados da seguinte forma: Onde estão as rezadeiras e rezadores do semiárido brasileiro? Quais as suas práticas de cura? Com quem aprendeu? Como realiza essas práticas? Como está

acontecendo o repasse desses conhecimentos. Nesse sentido, longe de fazer julgamento de valor ou analisar objetivamente a eficácia desses tratamentos, buscamos compreender o fenômeno e suas expressões nas comunidades pesquisadas.

2. MÉTODOS E MATERIAL

Na pesquisa, optamos prioritariamente pela metodologia de base qualitativa, devido aos objetivos que pretendíamos alcançar, pois considera-se nesta, um melhor potencial para auxiliar o pesquisador na captura da realidade a partir dos processos e da dinâmica que o fenômeno a ser estudado apresenta, os quais escapam a outros métodos de abordagem. Assim sendo, julga-se esta metodologia como a mais adequada para compreensão do nosso objeto de estudo, uma vez que,

As características principais da pesquisa qualitativa centralizam-se no reconhecimento dos atores sociais como sujeitos que produzem conhecimentos e práticas; na imersão do pesquisador nas circunstâncias e no contexto das pesquisas; nos resultados como fruto de um trabalho coletivo resultante da dinâmica entre pesquisador e pesquisado; e na aceitação de todos os fenômenos como importantes ou preciosos. (MATOS; PESSÔA, 2009, p. 281)

O presente trabalho propôs-se a perpassar as fronteiras metodológicas geralmente comuns à pesquisa científica devido à própria dinâmica da apresentação do fenômeno estudado. Entretanto, entendemos como importante a definição dos aspectos mais recorrentes neste trabalho, trazendo deste modo, a caracterização desta pesquisa.

Neste contexto, e considerando que a pesquisa está voltada para o tratamento popular de patologias sob vias religiosas, entende-se que a proposta que melhor contempla uma coleta de dados foi a das entrevistas, acompanhada do registro fiel das escutas acerca do que estes sujeitos pensam sobre cura e o tratamento de pessoas, suas aplicações e influências na organização das comunidades, acreditando ser esta a melhor forma de captar narrativas advindas das histórias orais contadas pelos sujeitos entrevistados.

É nisso que consiste a riqueza de detalhes das entrevistas abertas frente a questionários, o que se perde em quantidade ganha-se em qualidade. Tanto o entrevistado quanto o pesquisador crescem se perpassarem as barreiras que se fizerem presentes ao longo da convivência da pesquisa, pois

Narrador e ouvinte irão participar de uma aventura comum e provarão, no final, um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: o ouvinte, pelo que aprendeu, o narrador, pelo justo orgulho de ter um passado tão digno de rememorar quanto o das pessoas ditas importantes. Ambos sairão transformados pela convivência, dotada de uma qualidade única de atenção. Ambos sofrem o peso de estereótipos, de uma consciência possível de classe e precisam saber lidar com esses fatores no curso da entrevista (BOSI, 1987, p. 184)

Desse modo, posteriormente à realização das entrevistas, dos registros videográficos, da coleta dos dados, buscamos a análise, comparação e seleção desses materiais, seguidos da revisão do trabalho para posterior divulgação dos resultados parciais.

Nesse sentido, utilizou-se para a pesquisa, procedimentos como questionamentos por meio de

entrevistas, e levantamento bibliográfico. Nos municípios de Afrânio/PE, Petrolina/PE, Juazeiro/BA e Serrinha/BA, a pesquisa tem seu campo de estudo, como foco principal: as práticas tradicionais religiosas das rezadeiras e rezadores. Estes (Figura 114), indicados pelas comunidades pesquisadas, tornaram-se os sujeitos colaboradores do presente trabalho.



D. Joana
Petrolina-PE



Sr. Ferreira
Juazeiro-BA



Sr. José do Vira Beiju
Petrolina-PE



D. Armezina
Serrinha-BA



D. Maria
Afrânio-PE



D. Carmelita
Juazeiro-BA



D. Maria do Socorro
Juazeiro-BA

Figura 114 - Rezadeiras e rezadores entrevistados. Fonte: Pesquisa de campo, 2014. Elaboração: Auselita Coelho; Saulo Silva.

Partimos então da análise da prática da cura, situada tempo-espacialmente, tendo como referências o cotidiano e o lugar. A escolha dessa delimitação deu-se a partir da própria dinâmica em que esta prática utiliza-se para acontecer.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do campo podemos chegar a alguns denominadores comuns nas entrevistas realizadas. Questionados sobre a motivação da procura pelo tratamento de enfermidades sob alternativas religiosas, é unânime o fator primordial da ineficiência dos métodos comuns da medicina para algumas doenças. Outro fato importante citado é a acessibilidade. Enquanto os hospitais e enfermarias não dão conta do acolhimento de todos os enfermos, as rezadeiras acolhem aqueles os quais lhe procuram.

Entendemos a importância do tratamento de pessoas a partir da medicina científica e não pretendemos fazer juízos de valores, tampouco comparar os métodos e eficiência seja objetiva ou subjetiva, de ambas as formas de combate a patologias, seja na medicina acadêmica ou na popular. Porém entendemos e trazemos a necessidade prioritária dos tratamentos ditos alternativos. Num ambiente aonde a ciência com seus “doutores”, historicamente não se aproximaram dos povos dos sertões nordestinos, seja por questões geográficas ou questões outras, os tratamentos feitos pelas rezadeiras, povos de terreiros, chás aprendidos pelos antepassados, eram as únicas vias possíveis para amenizar algumas (Quadro 2) das dores destes mesmos povos.

Quadro 2 - Principais doenças e respectivos materiais usados nas rezas. Fonte: Pesquisa de campo, 2014. Elaboração: Auselita Coelho.

Doenças	Material Utilizado	Rezadores
Engasgo	Oração	02
Espinhela Caída / Vento Caído	Cordão/Pano	04

Males Espirituais	Banhos com Ervas	01
Mau Olhado	Galhos de Plantas	05
Oso Quebrado	Oração	01
Verruga	Pedra de Fogo	01

Por ser um conhecimento originário de relações subjetivas, do sagrado dos povos, e transmitido e reproduzido espontaneamente de forma oral através de gerações ocorre que existe uma dificuldade na manutenção deste conhecimento. No caso de algumas rezas e rezadeiras nem todos podem receber os conhecimentos. Não existe material palpável que possa reter esse tipo de conhecimento, e por muitas vezes serem de cunho “oculto”, e estarem relacionados com o campo místico, não é permitido a todas as pessoas aprende-los. O que representa o silêncio do sagrado, das relações subjetivas, pode representar o perigo do silenciamento da sua cultura e de suas liturgias.

3.1. Mau-olhado: Sintomas e Tratamento

Ao estudar as crenças populares religiosas, percebe-se que em todas as religiões existe a demonstração da fé de um determinado povo. O trabalho dos rezadores consiste em usar palavras e gestos como agentes de cura, tanto dos males que afligem o corpo quanto a alma. Assim, é fundamental preservar a memória da história do dia a dia de um determinado povo, nesse contexto as rezadeiras exercem o seu papel com a transmissão de saberes de uma herança cultural. Nesse sentido, observou-se que a doença mais comum entre as rezadeiras é o mau olhado ou quebranto.

Mas o que é o Mau-olhado? Segundo a rezadeira D. Maria dos Santos, “É um olho invejoso, um olho gordo, que bota de bonito, de feio, de magro. A pessoa com quebranto, não tem vontade de comer, fica muito triste, e o corpo mole” (Informação verbal, Dona Maria dos Santos, Julho 2014). Já para D. Armesina, natural de Serrinha-BA, que aprendeu a rezar com a sua mãe ainda menina, o mau olhado é: “o olhado, diz o povo assim, que é a pessoa que tem os olhos um pouco ruim. Diz o povo assim, mas velho que eu né? Aprendi com minha mãe”. (Informação verbal, D. Armesina, julho 2014).

Já benzer é abençoar o outro com o poder da oração, eliminando toda a energia negativa. Desse modo, a forma de benzimento varia de acordo com a localidade e a rezadeira, para essa prática popular de combater o mau olhado, é usado três galhos retirados de plantas espinhosas, por exemplo: o mussambé (*CleomespinosaJacq.*). “Depois que a pessoa passar três sextas-feiras com o quebranto, só galhos de uma planta de laranja ou limão para tirar”. (Informação verbal, Dona Maria dos Santos, Julho 2014).

Em alguns casos as orações são silenciosas, para não enfraquecer a reza. Os conhecimentos são adquiridos dos mais velhos, e só podem passar os ensinamentos até três pessoas, para não enfraquecer a mesma. É o caso da rezadeira D. Maria dos Santos, 71 anos, natural e residente em Afrânio/PE, que aprendeu os ensinamentos com o seu avô aos 15 anos de idade, mas só iniciou esse trabalho a partir dos 30 anos. Ela usa o tratamento em todas as etapas da vida como: infância, adolescência, em adultos e idosos, aos vizinhos, família e a comunidade. Diferentemente de

algumas rezadeiras entrevistadas, D. Maria do Socorro reza em voz alta da seguinte forma:

Que botaram olhar em você... Te botaram olhado, na sua boniteza, na sua gordura, na sua feiúra, na sua boniteza, no seu comer, no seu andar, na tua vida. Com dois te botaram, e com três Deus é quem tira. Pelas graças de Deus Pai e do Espírito Santo. Vai-te olhado, quebrante e maior admiração. Da pele pros osso, dos ossos pra carne, da carne pra veia, da veia pro sangue, do sangue pras unhas do mar sagrado, lugar que o gallo nunca cantou.” Isso ripite três vezes, aí oferece ao bom Jesus morto, pá levar aquele olhado, pras onda do mar sagrado, lugar que o gallo nunca cantou. (Informação verbal, D. Maria do Socorro, julho 2014)

Segundo a mesma, após rezar, joga os ramos em uma encruzilhada, principalmente se tiver um pouco de água, pois o mau olhado não retorna mais. E se a pessoa souber quem botou, só precisa pega um dente de alho e dizer: “tome esse alho de presente” Não bota mais.

A procura das rezadeiras ocorre tanto no meio rural quanto na cidade, às vezes tem pessoas que a fé e a esperança é tão grande que o poder da cura é rápido, alivia a dor e anima a alma. Esse fato mostra o trabalho realizado na cidade de Juazeiro/BA, onde pudemos coletar dados de D. Carmelita, natural de Triunfo, residente em Juazeiro/BA. Aprendeu as rezas ainda na infância, com seu pai, hoje com 85 anos, evangélica, mas continua rezando em pessoas de diversas localidades. Conforme D. Carmelita “A pessoa que tem mau-olhado, se sente doente, vai ficando esmorecido. Tem gente que tem o olho tão, tão desgraçado que apaixonona pelas coisas e bota olhado, só a reza tira”. (Informação verbal, Dona Carmelita, Julho 2014)

Para D. Maria do Socorro, natural de Juazeiro do Norte/CE, residente em Juazeiro/BA, aprendeu as rezas aos 13 anos com a sua avó, começando a rezar com a mesma idade, esses saberes tradicionais já foram transmitidas oralmente, para muitas pessoas. Segundo ela o médico não cura, e nem acredita em mau olhado, deu exemplo de crianças que foram curadas, através dessas palavras de fé. Hoje com 70 anos, de religião Católica, é devota de Padre Cícero. Segundo ela o mau olhado origina-se a partir do olhar admirador de uma pessoa, que sendo ruim, pode adoecer

Uma pessoa olha pra outro [...]diz: ‘ih, você come muito.’ Então se tiver uns olhos mau, e o sangue ruim já vai pegar. Se não rezar. Mata. Principalmente a criança, porque o adulto sabe se defender. E a criança não. Vai pas tripa, ai não tem jeito. Se tiver nove rezador, pra rezar, um sem saber, outro sem saber, fazer uma cura... mas se não tiver, mata. (Informação verbal, D. Maria do Socorro, julho 2014)

O mau-olhado acontece tanto em pessoas quanto em animais como explica D. Maria do socorro que ainda aponta como acontece a cura.

Tem, o pessoal bota olhado nos animais. [...] teve uma senhora entrou aqui, achou ele muito bonito, ele no outro dia, o cachorro, manheceu deitado, sem comer. Não comeu nada, só gemendo. E eu pegue a vassoura e rezei nele, e ele se levantou logo e começou a comer. É o olhado... A reza do cachorro é assim: Pega a vassoura bota na cabeça dele pro rabo, aí diz: “Nossa senhora criou seu oito filhos pra beijar, eu quero esse bichinho pra eu criar.” Três vez, passa assim e assim, em cruz. É a reza dele, dos animais, tanto em cachorro quanto em gato, em qualquer animal. (Informação verbal, D. Maria do Socorro, julho 2014)

De acordo com entrevista concedida por D. Joana, natural de Entre Rios/BA, residente na cidade de Petrolina/PE, os seus conhecimentos vêm de um dom, religião católica e devota de Santo Antonio, começou a rezar na adolescência, hoje com 56 anos, reza silenciosamente, ainda não passou esses conhecimentos, mas passará para a neta quando chegar o momento certo. Para D. Joana o mau olhado é:

É, às vezes é bonito, às vezes é feio. Aí tem aquela pessoa que tem o olho ruim aí a criança adoce, assim que gosta de colocar quebranto até nas plantas, pra matar as plantas. Reza com cinco galhos, se o quebranto tiver muito forte tem que aumentar pra sete até nove galhos. Reza só uma vez, caso não melhore reza novamente nos horários: Sempre pela manhã ou a tarde. (Informação verbal, D. Joana, julho 2014)

Dentre os ramos mais citados na entrevista está o pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia*), a arruda (*Rutagraveolens*) (Figura 115). Os ramos utilizados normalmente murcham após a reza. A reza é feita silenciosamente ou em voz alta, de acordo com cada rezadeira e localidade.

			
Sete-Dores	Tipi	Abre Caminho	Pinhão Roxo
Nome Científico: <i>Plectranthus</i> <i>barbatulus</i> Andrews Família: <i>Lamiaceae</i> (<i>Labiatae</i>)	Nome Científico: <i>Petiveria</i> <i>alliacea</i> Família: <i>Phytolacaceae</i>	Nome Científico: <i>Lygodium</i> <i>volubile</i> Família: <i>Schizaeaceae</i>	Nome Científico: <i>Jatropha</i> <i>gossypifolia</i> Família: <i>Euphorbiaceae</i>
			
Arruda	Mussambê	Manjericão	Mastruz
Nome Científico: <i>Ruta</i> <i>graveolens</i> Família: <i>Rutaceae</i>	Nome Científico: <i>Cleome</i> <i>hassleriana</i> Família: <i>Cleomaceae</i>	Nome Científico: <i>Ocimum</i> <i>basilicum</i> Família: <i>Lamiaceae</i> (<i>Labiatae</i>)	Nome Científico: <i>Chenopodium</i> <i>ambrosioides</i> <i>Lineu</i> Família: <i>Chenopodiaceae</i>

Figura 115 - Principais ervas utilizadas no tratamento de doenças. Fonte: Pesquisa de campo/Internet, 2014. Elaboração: Auselita Coelho.

Portanto preservar a memória das rezadeiras, dos recursos naturais usados no tratamento das doenças é uma construção de relações de solidariedade, afeto com a população, é uma riqueza singular. Segundo os rezadores para o paciente obter a cura, é preciso que o doente a deseje, com a força que habita no seu ser, a sua fé.

3.2. Outras Curas: Verrugas, Ossos Quebrados, Espinhela Caída e Engasgo

Em relação ao aparecimento de verruga tanto em animais quanto em seres humanos, a verruga é uma lesão arredondada ou irregular, endurecidas e ásperas. As verrugas, mais comuns, aparecem especialmente nas áreas expostas a maior atrito, como mãos, dedos, cotovelos, joelhos, isoladamente ou em placas. Para combater esta

lesão, buscando uma solução para o problema, além da medicina convencional, é possível um tratamento sem o uso de medicamentos. É o que pode-se concluir a partir das falas de um rezador que utiliza-se de uma pedra na sua oração.

Com uma pedra do lado direito. Pega uma pedra e bate três vez. Uma, duas, três. A parte que bate, bota pra cima. Agora o tempo de caí num sabe, ela vai caindo devagar e pode até cair logo. E pode até demorar. Depende do sangue da pessoa né em seguida diz as palavras ‘tá curado em nome de Deus. Em nome do Pai, do Espírito Santo. Amém.’ (Informação verbal, Sr. Ferreira, julho 2014)

Segundo o rezador Josué Ferreira da Silva, conhecido como Sr. Ferreira, natural de Curaçá/BA, residente em Juazeiro/BA, aposentado, pai de sete filhos, netos, bisnetos e um tataraneto, 90 anos de idade, católico, aprendeu a rezar de cura de verrugas com um amigo seu por volta do ano de 1976. Continua rezando, a sua oração só pode ser repassada para duas pessoas, e isso já fez. Assim, reza também em bicheira de animais, através do rastro do animal, usa uma pedra de fogo para sanar as verrugas.

Neste campo de pesquisa constatou-se que os rezadores além de verruga, rezam também de engasgo, conforme D. Carmelita, relatou um exemplo que o filho dela estava engasgado com um pedaço de osso de uma ave e ao pronunciar algumas palavras obteve sua dura.

‘Vai pás ondas do mar sagrado onde tu não veja o galo cantar.’ E disse que o galo deu um canto perto dele, ele disse que deu uma torcida e o osso saltou, ele trouxe o osso todo melado de sangue, a garganta tava muito inchada ele foi lá benzemo a garganta dele. Eu rezo até pelo meus filhos graças a Deus. (Informação verbal, D. Carmelita, julho 2014)

Em relação a osso quebrado, D. Maria dos Santos, informa que a rezadeira reza com a mão direita em forma de cruz, com a seguinte oração:

Benze-se primeiro, 'São Furtuoso quer que eu coso?' diz o nome do paciente, 'Carne machucada, nervo torto, osso quebrado,' São Furtuoso foi embora, mais assim mesmo eu coso com o poder de Deus e de São Furtuoso. Amém".
(Informação verbal, D. Maria dos Santos, julho 2014)

Geralmente as pessoas com vento caído sente dores nas costas, e apresenta uma tosse, D. Joana busca a cura através da reza:

É o pessoal chama de peito aberto, agente faz a medição, aí coloca de um ombro a outro. Depende o que passar é o que ta aberto. E se medir daqui da testa até chegar na ponta do nariz e medir daqui praquí no meio, tanto faz na mulher como do homem. Medir daqui pra cá e passar um pouco ta com vento virado, é espinhela caída. É a mesma coisa.
(Informação verbal, D. Joana Darc, julho 2014)

As orações têm poderes muito forte, aliada a fé, verificou-se que o dom é nato e não podemos passar para outro ser humano, conforme entrevista com o Sr. José Silvestre, conhecido como Seu José do Vira Beju, natural de Serrita/PE, tem nove filhos, netos e bisnetos, residente hoje no município de Petrolina/PE, com 84 anos, tem o poder da cura de doenças como: gripe, dor de cabeça, gastrite e problemas espirituais, usando as ervas da natureza, como Tipi (*Petiveriaalliacea*), mastruz (*Chenopodiumambrosioides Lineu*), arruda (*Rutagraveolens*), pinhão roxo (*Jatrophagossypiifolia*) entre outras e orações atende pessoas de várias cidades.

Eu tenho uma força que me ajuda de Norte a Sul. Já teve gente que chegou em cadeira de roda e depois das rezas saiu andando. Eu não entendo, é uma visão de uma força

interior. Quando vou rezar, coloco as mãos na cabeça da pessoa e me apego com Deus firme, sendo doenças espiritual ou outra doença. (Informação verbal, Seu José do Vira Beju, julho 2014)

Portanto, por meio desta pesquisa percebe-se que a fé está presente no processo de tratamento da cura das enfermidades do ser humano.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa foi possível constatar que mesmo com o amplo acesso ao sistema formal de saúde, as comunidades continuam buscando sua própria forma de resolver suas questões de saúde-doença. Assim, as práticas populares religiosas presentes no dia a dia do ser humano, contribuem de forma positiva no processo terapêutico, pois a pesquisa de campo apresentou uma relação muito forte entre a cura e a fé.

Vale ressaltar que por meios dos dados coletados nas entrevistas realizadas, verificou-se que nem todas as doenças podem ser curadas com os rezadores, existem casos que necessitam de um acompanhamento médico para tratar a patologia. O tratamento complementar ou substituto dos médicos é recomendado pelas rezadeiras que conhecem os campos de atuação de suas práticas e das práticas médicas. Este estudo abriu um leque para uma pesquisa futura mais profunda sobre práticas religiosas populares, como também buscar investigar no campo de outras religiões.

Levando-se em consideração o conhecimento dos entrevistados, nota-se que a maioria desses saberes foram

transmitidos de geração a geração, em alguns casos com limite quantitativo de pessoas que podem aprender, outros não. Porém, detectamos que o repasse desses conhecimentos está sendo transmitido para uma minoria, pois as entrevistas apontam que existe uma falta de interesse por parte dos jovens em continuar com essas práticas e também a falta de conhecimentos das plantas medicinais.

Com relação às enfermidades, as mais comuns são: dor de cabeça, gripe, mau-olhado, doenças espirituais. O estudo trouxe conhecimentos no campo do saber popular e a ciência e indica que a crença religiosa, e por consequência a cura, é determinada por uma opção individual que isso varia de acordo com a visão de mundo e cultura de cada ser humano.

A partir da coleta de dados através de entrevistas concedidas, chegamos ao conhecimento da existência e a atuação de rezadeiras e rezadores no Semiárido brasileiro. Saberes que ajudaram e ajudam muitas pessoas física e espiritualmente, no seio comunitário. Conhecimentos estes, acumulados há muitos anos são transmitidos de geração em geração em benefício da sociedade e, em defesa da vida.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Gilberto. As benzedeadas do Rio de Contas e os desafios às Ciências Sociais. **Revista Nures**, São Paulo, n. 13 – Setembro/Dezembro 2009. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nures/Revista13/aguiar.pdf>> Acesso em: 02 maio. 2014.

ALMEIDA, Wagner; SANTOS, Juracy (Coord). **Candomblé e Umbanda no sertão**: Cartografia Social dos Terreiros de Paulo Afonso. Paulo Afonso: Povos de Terreiros de Paulo Afonso, 2009. Disponível em: <<https://docs.google.com/file/d/0B9IbiBITbJNsNGVkoGUxM2QtZWQwZi00ZWnkLWI4OTktMTcxYmRhNDZjMzM4/edit?pli=1>> Acesso em: 19 jun. 2014.

BOSI, Alfredo (Org.). **Cultura brasileira**: temas e situações. São Paulo: Ática, 1987.

CARDOSO, Ítala Lopes. **O saber/ fazer das parteiras populares do entorno do Distrito Federal**. Brasília: UNB, 2012. Disponível em: <http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/4442/1/2012_ItalaLopesCardoso.pdf> Acesso em: 01 maio. 2014.

CAVALCANTE, Joel; WALDECI, Ferreira. As mulheres benzedoras: entre o sagrado, saúde e a política. In: Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais: Culturas, leituras e representações, 2., 2009, João Pessoa. Anais... João Pessoa: UEPB, 2009. Disponível em: <<http://itaporanga.net/genero/gt1/3.pdf> > Acesso em: 02 maio. 2014.

INOCÊNCIO, Doralice. Entre a ciência e a crença: A postura médica frente à “cura religiosa”. **Âncora**. São Paulo, ano 2, v. 3, Nov. 2007. Disponível em: <http://www.revistaancora.com.br/revista_3/03.pdf>. Acesso em: 02 maio. 2014.

MARQUES, Juracy. **Ecologia da Alma**, Petrolina: Franciscana, 2012.

MATOS, P. F; PESSÔA, V. L. S. Observação e entrevista: construção de dados para a pesquisa qualitativa em Geografia. In RAMIRIS, J. C. L; PESSÔA, V. L. S. (Org.). **Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação.** Uberlândia: Assis, 2009, p.279-291.

NASCIMENTO, Genivaldo. **Registros de Cultura Popular do Vale do São Francisco.** Secretaria Municipal de Educação de Petrolina-PE, Petrolina: Franciscana, 2007.

SERRANO, Carlos. WLADMAN, Maurício. **Memórias D'África: a temática africana em sala de aula,** 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

Boletim Informativo Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil - **conhecimentos tradicionais e mobilizações políticas: o direito de afirmação da identidade de benzedeiras e benzedores, municípios de Rebouças e São João do Triunfo, Paraná.** Ano 1, n.1 (Abril. 2012) / Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, Coordenação: Alfredo Wagner Berno de Almeida... [et al]. – Manaus: Editora da Universidade do Estado do Amazonas, 2012. 16 p.: il. Disponível em: <<http://novacartografiasocial.com/?wpdmact=process&did=MTcuaG90bGluaw==>> Acesso em: 30 junho. 2014.



ENTREVISTA COM O SR. JOSÉ SILVESTRE SOBRINHO (ZÉ DO VIRA BEIJÚ)



Figura 116 - Seo Zé do Vira Beijú (AUSELITA, 2013).

Meu nome é José Silvestre Sobrinho, conhecido como Zé do Vira Beijú. Tenho esse nome por que quando vim morar aqui, morava num local chamado Vira Beijú. Tenho 84 anos. Nasci em Parnamirim, cheguei em Petrolina, vi um sítio e tô aqui até hoje, já tive neto, bisneto. Hoje moro no Sítio Poço

da Onça, município de Petrolina/PE. Tenho 9 filhos, tem uns que são crente e não gostam do que eu faço.

Não estudei, sou analfabeto. Meu dom desenvolvi sozinho, não aprendi com ninguém. Um dia eu ia com a minha mãe, visitar um compadre dela que tava muito doente e comecei a rezar. Rezo para qualquer doença eu rezo. Rezo através das orações e também busco auxílio dos remédios depende da doença, e eu uso os dois tipos. Geralmente trabalho na quarta-feira.

Quando eu tinha 10 anos, eu dizia pra minha mãe esse aí vai ficar bom e aí ele ficava bom, esse aí não vai ficar bom e não ficava. Eu tenho 84 anos comecei a trabalhar a partir dos 16 anos, eu trabalhei no Paraná, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Paraguai, Bolívia, São Paulo, Minas Gerais.

Tem coisas que a medicina não dava jeito e eu dei. Curei uma mulher que tinha 15 anos em cima de uma cama, e eu curei ela com a reza.

Nos processos de cura uso algumas plantas como mastruz, arruda, tipi entre outros, é uma força interior que me diz o que fazer, eu coloco a mão na cabeça da pessoa e a força interior me diz o que a pessoa deve fazer. Uso essas plantas porque a gente só usa aqueles paus contra os espíritos. A mata é uma medicina grande. Rezo e curo de mau olhado, quebrante e diversas doenças espirituais. Eu passo os banhos com as plantas e você faz e aí fica boa.

Tem deles que chega aqui aleijado e sai bom, tem gente que chega numa cadeira de roda e sai caminhando, tendo fé em Deus sai caminhando. Para isso tem que ter fé. Se o problema for espiritual se manifesta na hora, vários casos já aconteceram.

ALBERTINA MARIA DA SILVA (FILHA DO SEO ZÉ)

Ele começou pela minha madrinha que ela vivia doente, ela tinha um problema no olho, aí eles brincavam muito aí ele falou assim pra ela: comadre você quer me dar quanto pra eu te deixar boa aí ela respondeu: “que nada tu sabe de nada”. Ela num sabia de nada né, aí ele disse “comadre se eu te deixar boa você num fala pra ninguém”. Aí ela disse: “não”. Aí ele foi passou uma receita pra ela, aí ela foi na farmácia comprou o remédio e ficou boa; aí ela tinha uma amiga comadre dela que estava com 10 anos que estava doente, já estava desenganada dos médicos, ela foi e falou pra ela aí ela veio na casa de pai e pai teve que rezar nela, rezou nela passou o remédio e ela ficou boa, aí começou. A notícia se espalhou que ele sabia rezar e curar; aí não teve mais sossego de caminhão a pau de arara, teve um dia que ele disse: “eu não vou atender ninguém”. Se desesperou e saiu e o povo saiu tudo atrás dele e nós “volta, volta, volta!” Todo mundo ajudou ele e ele voltou e atendeu o povo. Então a história dele é assim. Lá no Paraná ele começou que ele conta pra nós, que logo assim que começou aquelas roça, no deserto, ele foi pra roça e encontrou uma mulher com uma criança doente 4h da manhã, aí a mulher disse: “Seo Zé, reza no meu filho que o meu filho vai ficar curado”. Ele disse: “eu não sei rezar”. Ele tinha apenas 22 anos lá no Paraná. Aí ela disse: |eu tive um sonho que o senhor rezava no meu filho e ele ficava bom”. Então ele foi e rezou no menino e o menino ficou curado. Aí a mulher também lá no Paraná espalhou a notícia do mesmo jeito que essa daqui fez assim com ele aí pronto, não faltava mais gente lá no Paraná. Ele atendia era todo dia. Aí era gente demais, aí ele disse: “vou embora pra

Parnamirim”. porque em Araripina não atendia ninguém né?!
Aí veio atender aqui no Bebedor.

Ele nasceu em Parnamerim. Aí ele conta que quando tinha 10 anos que ia pra casa das pessoas que estavam doentes aí a mãe dele perguntava: “e aí Zé ele vai morrer ou não vai?” Quando era pra morrer ele dizia: “morre”. Ou não: “esse vai ficar bom”. Ficava, aí começou ali de criança a saber as coisas. E ele é de um jeito que se rezar em você e se disser duas palavras você pode acreditar que pode passar 10 anos mais acontece, ele fala pouco, mais o que fala pode escrever. Ele tratou de uma mulher que vivia num canto jogada 10 anos. Ela colocava um lenço em cada buraco do nariz ele passou a tarde todinha insistiu até quando ela tirou, quando tirou disse que não tinha quem aguentasse ficar na sala, aí o compadre dele pelejou pra ele ir nessa casa, porque ele não anda na casa de ninguém, ele foi nessa casa, porque o compadre dele insistiu e levou ele na casa dessa mulher, aí ela ficou boa, ela era todo embolada, ela só ficou com defeito nos dois dedos da mão, aí um dia ela perguntou pra ele: “compadre eu fiquei boa de tudo menos dos dois dedos dessa mão”. Aí ele disse: “comadre aí você não vai ficar boa nunca porque aí vai ficar na lembrança o tempo que tu passou jogada em cima de uma cama”.

Ela foi morar em Lagoa grande, chegou lá se juntou mais a dona do cinema colocando chifre no marido. Quando foi um dia ele veio de bicicleta e ela veio de carro fretado por ele, os dois sentaram no banco na sala e ela falando com ele: “sai dai nojento, fedorento”. E seu Zé no quarto. Aí quando ele saiu do quarto foi pra sala sentou de frente a ela e disse: “comadre como é que você diz isso a um homem que cuidou de tu 10 anos, tua família te abandonou e tu fazer uma coisa dessa com teu marido”. Aí ele disse: “comadre tu lembra

daquela resposta que eu te dei que você não ia ficar boa nunca da tua mão? Agora eu vou te dá a resposta era pra tu não se esquecer nunca o que tu passou pra não abandonar este homem”. Ela abaixou a cabeça e chorou mais num teve jeito, deixou ele, e tem gente que tem a cabeça dura que não reconhece o que passou, não agradece, aí deixou ele e é muitas historias minha fia que já aconteceu aqui.



Figura 117 - Altar de Seo Zé do Vira Beijú (AUSELITA, 2013).

É muito grande, olha teve uma mulher de Petrolina, era uma ricaça daqui de Petrolina, ela vinha pra cá com o motorista dela né, chegou aqui sentou no banco ele rezou, passou um remédio pra ela assim, ele disse: “olha eu num te dou 6 meses pra você num ficar numa cadeira de roda”. Ela chegou lá na frente pegou a receita e jogou fora, disse: “oxe remédio de marca não me deixou boa isso aqui vai me deixar?”. Jogou fora. Aí nesse tempo ele ia fazer feira em

Petrolina, aí lá o cara atrás dele pra levar ele pra casa dela, aí ele disse: “vou não, se ela quiser ir lá ela vai”. “Mais ela tá de cadeira de roda”. “Leve assim mesmo na cadeira de roda”. Quando chegou aqui, rezou nela passou remédio, o mesmo remédio e ele ainda disse a ela: “eu num disse a você que você ia ficar de cadeira de roda”. “Seo Zé, pelo amor de Deus, passe um remédio pra mim”. Ele passou o remédio, ela tomou e ficou boinha. É muita história, se for contar um dia não dá. Outra: um dia vinha um caminhão de gente, tinha um jumento do lado, aí o caminhão cheio né, aí o cara disse assim: “vamos levar aquele jumento pra Seo Zé rezar”. Quando chegou aqui que sentou, todo mundo rezou na cabeça do povo aí falou assim: “mais ainda tá faltando alguém, tá faltando gente?” Aí ele disse: “não Seo Zé, tudo aqui”. Aí ele disse: “não, tá faltando o jumento”, que o cara ficou com a cara no chão.



ICONOGRAFIA























































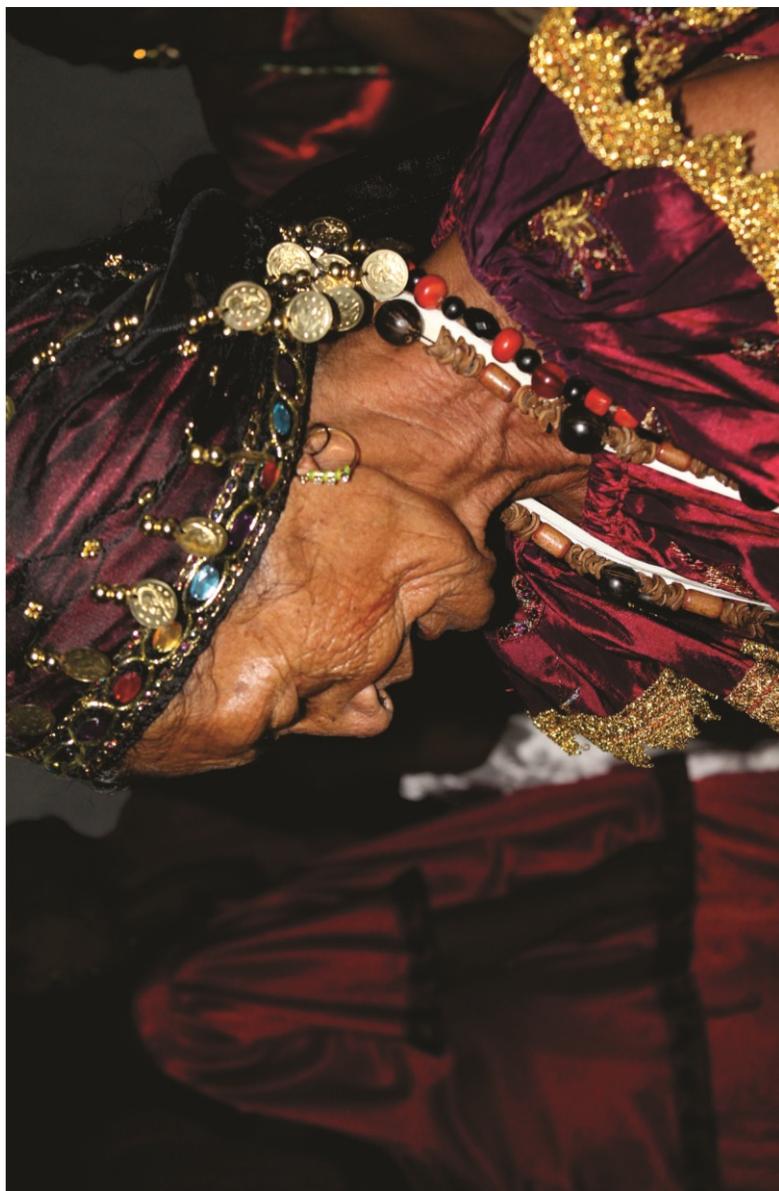












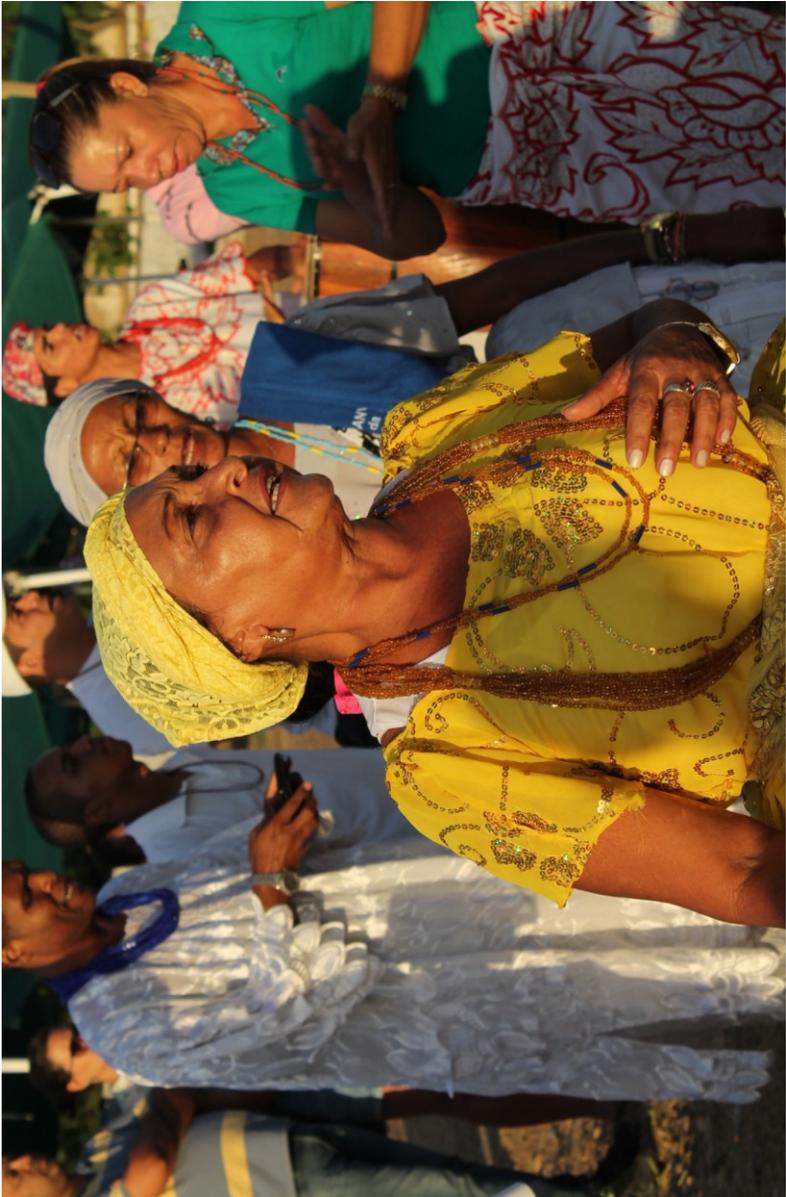


























UNEB

UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA

Campus III
Juazeiro/BA



Sociedade Brasileira
de Ecologia Humana



PETROLINA - PE